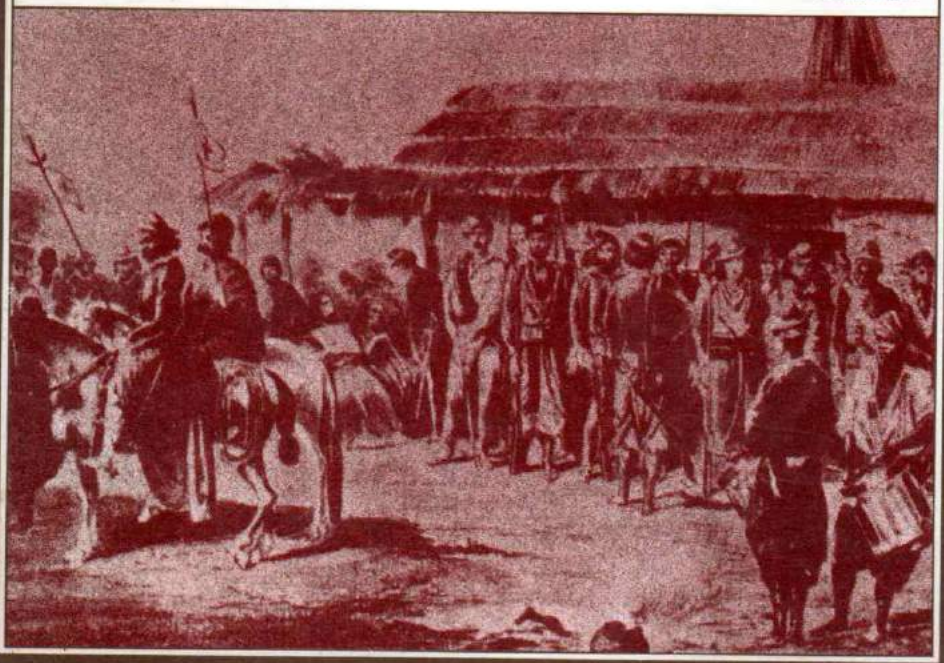
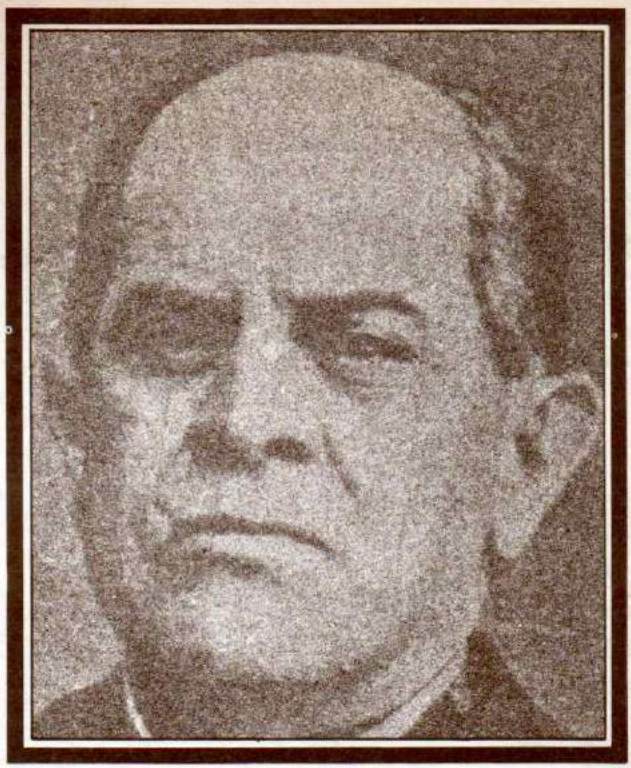
Sarmiento

Organizador: León Pomer
Coordenador: Florestan Fernandes

POLÍTICA





GRANDES CIENTISTAS SOCIAIS

Textos básicos de Ciências Sociais, selecionados com a supervisão geral do Prof. Florestan Fernandes. Abrangendo seis disciplinas fundamentais da ciência social - Sociologia, História, Economia, Psicologia, Política e Antropologia - a coleção apresenta os autores modernos e contemporâneos de maior destaque mundial, focalizados através de introdução crítica e biobibliográfica, assinada por especialistas da universidade brasileira. A essa introdução crítica segue-se uma coletânea dos textos mais representativos de cada autor.

SARMIENTO (1811-1888) O autor da radical dicotomia civilização/barbárie exibe, em sua prática e em suas idéias, um permanente e tenso amálgama entre os extremos que, ao seu ver, se excluem. Esse Sarmiento que tomou partido pela civilização ou, se preferirmos, pela lição européia e norte-americana, foi intensamente "bárbaro" pela hispanidade crioula que o impregna, pelo exercício dos próprios arrebatamentos brutais com que censurou os caudilhos e por essa admiração nem sempre oculta que professou por aqueles aos quais declarou inaptos para a civilização. Dotado de um superlativo talento literário capaz de produzir genialidades, Sarmiento é a paixão, freqüentemente desbordada, de construir uma pátria.

GRANDES
CIENTISTAS SOCIAIS

Coleção coordenada por
Florestan Fernandes

1. **DURKHEIM**
José Albertino Rodrigues
2. **FEBVRE**
Carlos Guilherme Mota
3. **RADCLIFFE-BROWN**
Julio Cezar Melatti
4. **W. KÖHLER**
Arno Engelmann
5. **LENIN**
Florestan Fernandes
6. **KEYNES**
Tamás Szmrecsányi
7. **COMTE**
Evaristo de Moraes Filho
8. **L. von RANKE**
Sérgio B. de Holanda
9. **VARNHAGEN**
Nilo Odália
10. **MARX** (Sociologia)
Octavio Ianni
11. **MAUSS**
Roberto C. de Oliveira
12. **PAVLOV**
Isaías Pessotti
13. **MAX WEBER**
Gabriel Cohn
14. **DELLA VOLPE**
Wilcon J. Pereira
15. **HABERMAS**
Barbara Freitag e
Sérgio Paulo Rouanet
16. **KALECKI**
Jorge Miglioli
17. **ENGELS**
José Paulo Netto
18. **OSKAR LANGE**
Lenina Pomeranz
19. **CHE GUEVARA**
Eder Sader
20. **LUKÁCS**
José Paulo Netto
21. **GODELIER**
Edgard de Assis Carvalho
22. **TROTSKI**
Orlando Miranda
23. **JOAQUIM NABUCO**
Paula Beiguelman

Cr$ 24,00

Siciliano

D.F. Sarmiento

Organizador: León Pomer

POLÍTICA

ática

TEXTO
Consultoria geral
Florestan Fernandes
Coordenação editorial
Maria Carolina de A. Boschi
Tradução
Vicente Cechelero
Copidesque
Danilo A. Q. Morales
ARTE
Coordenação
Antônio do Amaral Rocha
Layout da capa
Elifas Andreato
Arte-final
René Etiene Ardanuy
Produção gráfica
Elaine Regina de Oliveira

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

S256d Sarmiento, Domingo Faustino, 1811-1888.
D. F. Sarmiento : política / organizador |da coletânea| León Pomer ; |tradução Vicente Cechelero|. — São Paulo : Ática, 1983. (Grandes cientistas sociais ; 35)

Inclui introdução sobre Sarmiento por León Pomer.

1. Argentina — Condições sociais 2. Argentina — História 3. Argentina — Política e governo 4. Sarmiento, Domingo Faustino, 1811-1888 I. Pomer, León, 1928- II. Título.

CDD—320.982
—309.182
—320.092
—982
83-0367

Índices para catálogo sistemático:

1. Argentina : Condições sociais 309.182
2. Argentina : História 982
3. Argentina : História política 320.982
4. Argentina : Política 320.982
5. Estadistas : Biografia e obra 320.092

1983

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
R. Barão de Iguape, 110 — Tel.: PABX 278-9322
C. Postal 8656 — End. Telegráfico "Bomlivro" — S. Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Sarmiento ou a invenção de uma pátria (por León Pomer), 7

TEXTOS DE SARMIENTO

1. A Argentina na primeira metade do século XIX, 36
2. O projeto renovador, 56
3. Os perigos, 94
4. Questões americanas, 105
5. As idéias, as instituições, 132
6. A herança colonial, 137
7. Educar o povo, 186

ÍNDICE ANALÍTICO E ONOMÁSTICO, 204

Textos para esta edição extraídos de:

SARMIENTO, D. F. *Facundo*; *Obras completas*, t. VI, VII, X, XVII, XXIV, XXV, XXVI, XXXIV, XXXVIII, XXXIX, XL, LI, LII; *Campanha en el ejército grande*; *Recuerdos de provincia*; *Viajes*; *Educación popular*; *Comentarios a la Constitución*; *Polémica literaria*, *Argirópolis*; *Mensaje del Presidente de la Nación Argentina al Congreso*, 1869; *Correspondencia entre Sarmiento y Lastarría*; *Conflictos y armonías de las razas de América*. TAMAGNO, Roberto. *Sarmiento, los liberales y el imperialismo inglés*; PEÑA, Milcíades. *Alberdi, Sarmiento, el 90*.

INTRODUÇÃO

León Pomer

Professor e Vice-coordenador de Pós-graduação
de História da PUC-SP
Professor no Departamento de História
do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da UNICAMP

SARMIENTO OU A INVENÇÃO DE UMA PÁTRIA [1]

Gênio e figura

Este Sarmiento extravagante e desmedido, contraditório, impaciente, estupendo ególatra de estudos e leituras desordenados, nunca pareceu duvidar de seu gênio: na distância do tempo avistamo-lo agitando punhos e inteligência em gesto de absoluta autoconfiança.

Acreditava-se tocado pelo Destino para civilizar? Sentia-se grande homem destinado a domesticar as leis da História, talvez a criá-las. É possível. Entretanto suas grandezas e misérias — umas e outras ocasionalmente tremendas, as últimas não fáceis de desculpar — provêm de uma autêntica e sincera paixão: civilizar.

Nascido em uma sombria aldeia provinciana aletargada de sonolência colonial, embebida de hábitos muito antigos, hierarquizada socialmente pela linhagem; filho de lar humilde vindo ao mundo numa casa que sua mãe construiu quase com as próprias mãos, este homem que soube letras e "latins" aprendidos com um tio sacerdote atingiu a presidência da república, projetou poderosamente sua personalidade por meio século de vida argentina e escreveu uma das prosas castelhanas mais notáveis da centúria passada. Diga-se que o impressionante em sua literatura não foi sua perfeição, que não a teve, mas a vibração sem par, a veemência inaudita, o desembaraço, a insolência polêmica, a agudeza brilhante.

---

[1] Texto traduzido do original espanhol por Vicente Cechelero.

Recebeu apenas educação primária; o restante o fez devorando volumes que eram — ou ao menos aparentavam ser — portadores de um pensamento inovador, e portanto herético na pacata aldeia ou na Santiago de Chile mais mundana, porém não menos presa à tradição e à regra. É difícil deixar de imaginá-lo em suas longas jornadas, nas prolongadas vigílias fascinadas pelo livro doutrinário recém-chegado da Europa, ou explorando o dicionário, que contém os segredos de uma língua estranha, rabiscando febrilmente com a pena de ganso sob a luz débil e vacilante de uma vela.

Na Argentina ele é lembrado como o educador por antonomásia; e em verdade quis sê-lo. Mas quando lhe deram um generalato não ganho em nenhum campo de batalha preferiu que o chamassem "general Sarmiento". Quisera explicar e persuadir; mas pressionado para construir uma nação à semelhança do modelo que o obsediava não vacilou em administrar a pedagogia da violência. Personalista, arbitrário, com desplantes de caudilho irascível, escreveu sua obra mais duradoura para execrar a arbitrariedade e o personalismo que atribuiu ao maior dos caudilhos. Seu *Facundo* é uma diatribe — em longos trechos genial — contra o indivíduo que a seus olhos simbolizava a Argentina roída pela colônia, barbarizada pelo atraso. Sob pretexto de acabar com o sonho de Rosas fazendo a biografia de outro grande caudilho, Juan Facundo Quiroga, Sarmiento lançou como num voleio idéias prenhes de riqueza e de necessidades supremas, sem esquecer — ele mesmo haverá de confessá-lo — as mentiras premeditadas. Tudo misturado, sem ordem nem ajuste, com um plano inventado às pressas. Alguma vez declarou, com uma ponta de orgulho, que por suas veias corria o sangue daquele Quiroga tempestuoso que impiedosamente crucificou.

No Chile e com trinta anos, José Victoriano Lastarría encontrou nele "o talento de embelezar com a palavra suas formas quase de gaúcho". Três décadas e meia mais tarde (em 1876) o mesmo Lastarría escreve: "Vós com uma alma de vulcão e uma força de pampeiro". Sempre o mesmo Sarmiento!

Já nos anos da velhice — tendo feito sessenta e seis e já tendo sido presidente — declara sem rodeios sentir-se mais perto de Sancho Panza que do heróico e idealista Don Quixote. Do célebre escudeiro cervantino diz que é

> "no fundo um velhaco, porque só assim pode viver, retouçando o riso quando cita algum adágio, não porque é hipócrita, mas porque tem malícia suficiente para medir a distância entre os fatos e a fórmula moral".

A distância entre os fatos e a fórmula moral! Este velho estava reconhecendo, meio a contragosto, talvez com um ricto de amargura mas sem auto-recriminações que não era próprio dele fazê-las, que os sonhos do adolescente provinciano não se haviam realizado e que ele, Sarmiento, também se sentia no fundo um velhaco como o Sancho, a quem se aparentava. Na idade dramática em que o futuro já não existe — e é portanto chegado o tempo de justificar-se — Don Domingo sentiu-se seguramente mortificado por uma dura lição: um povo não se modela simplesmente com idéias, uma nação não se constrói pela imitação de um modelo; a realidade social vai-se fazendo sem se importar muito com o ideólogo. Sabia igualmente, a essa altura de sua vida, que a presidência da república e seu poderoso autoritarismo de pouca coisa lhe haviam servido para derrotar o inimigo, a colônia acaçapada.

Sem fazer parte da oligarquia que dominou o país — e a cujo serviço esteve durante anos, talvez sem sabê-lo — nos dias do ocaso soube claramente que não era oligarquia, mas tampouco povo. A posteridade o transformou em estátua a que se rende homenagem não pelo que foi, mas pelo que se lhe atribui. Sobre seu túmulo derramaram elogios os que menos o quiseram, aqueles a quem mais ferozmente enfrentou. Deram-lhe o passaporte rumo ao Parnaso dos santos leigos. Hoje tem seu rincão em um santoral a que não quisera pertencer. A oligarquia o assassinou depois de morto: fez dele um de seus valores.

A herança colonial

O antigo Vice-Reinado do Rio da Prata constituiu uma diversidade sem unidade. Vínculos administrativos, laços mercantis — às vezes tênues — estavam longe de unificar solidamente regiões separadas por enormes distâncias quase que desertas. Se aceitamos o Vice-Reinado como uma formação social — gigantesca em superfície, escassa em seres humanos — deveríamos admitir de imediato que cada região constituía um tipo de subformação social com expressões próprias, diferenciadas. Assim, por exemplo, os princípios sociais hierarquizadores não eram homogêneos. Nas praças comerciais de Buenos Aires e Montevidéu — únicos portos marítimos do Vice-Reinado — desde cedo se estabeleceu a hierarquia do dinheiro. Antepassados ilustres, ainda que fossem mitológicos conquistadores, não valiam grande coisa se uma bolsa bem nutrida, enriquecida no tráfico mercantil, não sustentasse essa herança. Algo parecido ocorria em cidades do interior, mas nunca com a importância das cidades portuárias. Pelo contrário, a uma maior distância destas — e portanto do tráfico intenso de mercadorias e de idéias — encontraremos

sociedades fortemente cristalizadas, com uma rigorosa estratificação social que excluía — não de maneira absoluta — as possibilidades de ascensão. O mercador encontrará o ensejo para ascender socialmente, sem por isso converter-se em figura dominante como nos portos. A superioridade social — denomine-se aristocracia ou pratriciado, se se quiser — fundada na linhagem não poucas vezes adquirida com grossas onças de ouro, dominará associada a uma fortuna que os privilégios de linhagem procuravam facilmente. É significativo que Sarmiento, quando se crê vilipendiado por seus inimigos e vê seu nome arrastado pela lama, sinta a obrigação de defender-se reluzindo os ouropéis de sua família: em *Mi Defensa* em em seguida *Recuerdos de provincia* mal dissimula o propósito — ou antes, colaca-se em relevo — de mostrar a pureza de origem; de declarar que embora pobre — e nisso não há dissimulação — por suas veias também corre sangue de conquistadores, de clérigos ilustres, de doutores sábios. Nosso homem teme que se o tenha como um filho mais da ralé, da massa obscura procriada fora das famílias legalmente constituídas. Ao mesmo tempo deverá confessar que não lhe foi dado adquirir as graduações doutorais em Córdoba ou Buenos Aires.

À desigualdade assinalada entre regiões acrescente-se esta outra de todo fundamental: só algumas haviam conseguido instrumentar produções para serem exportadas a outras terras do continente ou a ultramar. No que hoje é a Argentina não houve plantações tropicais nem mineração; esta existiu no Alto Peru (hoje Bolívia); mas logo após a sobrevinda da guerra da Independência cortaram-se os vínculos com a alta montanha que produzia a prata potosina e que deslumbrou a Cândido de Voltaire, quando, tendo chegado a uma cidade cujos edifícios tinham os telhados cobertos com lâminas de ouro e as fontes lançavam borbulhões de pedras preciosas e não água, sua admiração não teve limites; era Eldorado!

A Argentina interessou à Europa pelos couros de seus gados — prodigiosos, segundo certos viajantes imaginativos — e eles prosperaram melhor perto do porto do que nas planícies e nos vales mais distantes. Entretanto, no interior, os produtos da criação de gado e os agrícolas, como também os artesanais, buscaram seus mercados no Brasil, Chile, Peru e Bolívia. Houve regiões que tiveram que se limitar a subsistir, a encapsular-se em si mesmas e a exercer, às vezes, um comércio ocasional. Pelos portos entravam legal e clandestinamente mercadorias de ultramar que circuitos mercantis bem delineados distribuíam pelo Vice-Reinado e países vizinhos. Saía dos portos para o mundo o grosso da produção exportável e não pouca prata potosina, cujo roteiro, desde a mina fabulosa até a boca de saída, ia assinalando marcas de prosperidade mercantil. O Alto Peru e a mineração chilena representaram até sua

decadência um mercado considerável para alimentos e artesanatos do interior argentino. A guerra da Independência agravou uma situação já marcada pelo estancamento, ou na maioria das vezes pelo retrocesso daquelas produções regionais.

A heterogeneidade das estruturas produtivas e dos tipos de produção associaram-se obrigatoriamente a estruturas sociais, e particularmente a relações sociais de produção que em cada região assumiram um perfil singular. No noroeste e centro-oeste a presença maciça de mão-de-obra indígena, habituada a atividades produtivas organizadas dentro de um esquema relativamente complexo de divisão de trabalho (complexidade referente, é claro, a sociedades nativas itinerantes ou semi-itinerantes dedicadas à colheita, caça, pesca e a uma agricultura esporádica), permitiu aos espanhóis criar uma estrutura produtiva de importância considerável (alimentos, roupas e tecidos) com destino certo: a mineração alto-peruana. O declínio desta equivaleu ao estancamento e retrocesso dos *obrajes* [2] e das plantações que a tinham como objetivo. A sociedade retrocedeu — ao menos parcialmente — de uma economia monetária a uma natural; não foram poucos os latifúndios que se reestruturaram para se autobastarem, à margem de toda possibilidade de produção mercantil; a mão-de-obra indígena foi vendida ou alugada aos mineiros chilenos e bolivianos que dela precisavam, e os nativos que ficaram nas grandes propriedades tiveram que pagar tributo em trabalho e espécie, e, quando possível, também em dinheiro.

A Argentina recostada sobre a cordilheira dos Andes, último elo do império incaico rumo ao sul do continente, foi aquela porção do país onde a colônia se fixou mais solidamente. E se não reiterou os rigores da servidão no Peru, Bolívia e outras áreas do império espanhol na América, foi porque a população nativa diminuiu rapidamente, e porque o exercício da atividade de criação de gado não se compatibilizava com uma violência excessivamente predatória sobre a mão-de-obra, já por si — fique enfatizado — bastante escassa.

Nas planícies próximas ao porto de Buenos Aires, incluindo regiões limitadas das atuais províncias de Entre Rios e Santa Fé, praticou-se a criação extensiva de gado, com pouca necessidade de força de trabalho e, por extensão, de trabalhadores livres. Era inimaginável colocar ao cuidado de um servo ou um escravo rebanhos que pastavam em meio de gigantescas soledades, onde a possibilidade de escapar à férula do patrão era permanente. O tipo de produção de criação de gado, o meio geográ-

[2] *Obrajes*: oficinas artesanais.

fico e a ausência de povoação geraram um trabalhador livre cujo salário consistia em alimentos, couros, alojamento e ocasionalmente dinheiro. É esta a sociedade desagregada que descreve Sarmiento, com seres humanos relativamente escassos espalhados sobre imensas extensões, afastados entre si e com núcleos de sociabilidade limitados aos armazéns de campanha chamados *pulperías* [3]. Obviamente a luta contra a hostilidade do meio e a própria natureza das atividades de criação de gado fizeram com que aqueles homens desenvolvessem habilidades das quais o manejo da faca, a destreza com a cavalgadura e o domínio do laço e das boleadeiras foram as principais. Ainda mais: o tipo de guerra que os caudilhos interioranos levaram a cabo, quer fosse contra os exércitos do rei da Espanha como no transcurso das guerras civis, surgiu espontaneamente das habilidades citadas. A célebre *montonera* argentina não tem outra explicação. Por outro lado, os caudilhos, fosse qual fosse a causa que defendessem, apareciam diante dos paisanos a cavalo como um tipo de benévolo protetor. Os favores que dispensavam eram correspondidos com a lealdade dos beneficiários. Sarmiento chega a advertir em seu *Facundo* que isso que chama barbárie, e que contrapõe radicalmente a seu conceito de civilização, é na verdade um produto da criação extensiva de gado, praticada em latifúndios tão grandes como condados. Entretanto, a fórmula "civilização e barbárie" o seduz ao ponto de inibi-lo de continuar submergindo o escalpelo nas entranhas da sociedade, decifrando seus enigmas. Acrescentem-se sua descrença sobre as "virtudes" industriais dos espanhóis e seus descendentes (ele mesmo um deles), sua convicção de que a indolência constituía um tipo de mal metafísico pouco menos que insuperável, e se terão as razões de suas duras palavras — e em ocasiões alguns atos mais duros — sobre os filhos do país. A primeira convicção do sanjuanino foi que a Argentina devia ser povoada de imigrantes qualificados que ensinassem os nativos, ou que acabassem por neutralizar seus "vícios". Passados os anos, com intensos trabalhos e vastas experiências avaliadas, Sarmiento compreendeu que a imigração por si mesma não haveria de solucionar grande coisa; que o câncer que corroía o país era o latifúndio. Como presidente — numa de suas Mensagens anuais às câmaras — fez justiça aos deserdados, quando assinalou com sua franqueza característica que, estando as terras divididas entre uma pequena oligarquia, o restante dos habitantes do campo não tinha outra alternativa senão exercer a vadiagem, sendo que lhes estava

[3] *Pulpería*: é o armazém de campanha e ao mesmo tempo o lugar onde o gaúcho faz sua vida social.

vedado o acesso a toda propriedade. Por extensão, sabe-se bem que as possibilidades de emprego nas condições da criação extensiva de gado eram limitadas; em conseqüência, era inevitável que milhares de indivíduos — às vezes famílias inteiras — se marginalizassem da organização social, vagando pelos desertos, afrontando as penalidades que a lei impunha à vadiagem e matando gado alheio para comer. Foi talvez no exercício da presidência que Sarmiento acabou por reafirmar convicções que, se existiam nele, agora adquiririam uma força muito maior. Sua concepção voluntarista do poder esbarrou-se contra uma oligarquia que não aceitou dobrar-se ante sua vontade. E nos cumes do poder — onde talvez esteve mais só do que nunca — viu antigos camaradas de luta contra Rosas, companheiros de exílio, co-participantes com ele de sonhos e ilusões, darem-lhe as costas e fazerem uma feroz oposição. Compreendeu que civilização — essa palavra tão vaga — tinha para outros um sentido muito diferente que para ele; que a herança colonial com certeza podia passear pomposamente pelas ruas centrais de Buenos Aires vestida de fraque e com sombreiro de copa. Sua idéia de civilização se fez mais rica: já não se tratava apenas de incorporar usos e costumes europeus ou norte-americanos, bons modos, livros importados e habilidades que ele não encontrava na pátria. Foi sabendo que a civilização que concebia — à imagem e semelhança da sociedade norte-americana — era impossível em um país governado pelos donos da terra e das vacas, faustosos em seus luxos parisienses, mas asperamente inibidores de um desenvolvimento social mais igualitário, de uma sociedade política mais democrática.

Sarmiento viu na cidade — particularmente nas obras de sua mocidade — o refúgio da civilização, o seu centro irradiador. Mas não deixou de advertir que esta convicção não devia ser excessivamente categórica. Pensou que, se Buenos Aires constituía inquestionavelmente um tentáculo da Europa no Prata, com Córdoba não acontecia o mesmo. A cidade dos campanários e da mais antiga universidade em território argentino era uma verdadeira cidadela de hipocrisia santarrã, de espírito inquisitorial, de intolerância para com as idéias que não fossem as consagradas pelo pó dos séculos, pelo caruncho da antigüidade. Sarmiento, que queria ser um Tocqueville — em seu *Facundo* o confessa — para entender melhor a sociedade argentina, enalteceu o papel civilizador das cidades, mas enfrentou perplexo este fato: a melhor de todas elas, a mais européia e adiantada, a Buenos Aires de homens cultos e de fraque, acolheu em seu seio e aceitou durante muitos anos seu odiado Juan Manuel de Rosas. Como explicá-lo? Em seu *Facundo* observou que as

campanhas bárbaras haviam-se imposto à cidade civilizada; quando velho, aguçou notavelmente o juízo: Rosas havia sido o representante de um grupo econômico-social dominante, os grandes latifundiários criadores de gado transformadoi em fabricantes de charque. Rosas não era o bárbaro que seu *Facundo* havia retratado; a barbárie vinha da organização social.

A herança colonial se prolongou depois de iniciada a luta pela emancipação (1810) e de proclamada formalmente a Independência (1816). Em verdade, prolongou-se até os dias atuais. Destruída a autoridade colonial, começou uma nova luta entre supostos irmãos: os caudilhos das diferentes regiões (pouco importa se caudilhos de modos destemperados e rudezas camponesas, ou trajados com o fraque na moda e perfumados com colônia inglesa).

A Independência não trouxe a felicidade nem irmanou os homens em um propósito comum; pelo contrário, extraiu recursos de onde pôde, e fez, dos deserdados, soldados à força para lutar contra os realistas ou os caudilhos da região vizinha. A Independência foi a obra, a convicção e a conveniência de um certo número de indivíduos de Buenos Aires, para os quais, definitivamente, representava a substituição de uma dominação estranha pela sua própria: o povo dominado continuava sendo o mesmo. Os interesses mercantis vinculados ao comércio ultramarino, preponderantes na insurreição contra a Espanha, observaram em 1810 que era chegado o momento de monopolizar em suas mãos um tráfico mercantil que continuava em poder dos espanhóis. A Espanha estava ocupada por Napoleão, sob dois reis — pai e filho — presos em prisões de luxo do Pequeno Caporal: era o momento adequado para dar o golpe e este se deu com sucesso. Nos planos dos grupos mercantis que se apoderaram do poder por si mesmos, ou através de terceiros; nos planos dos senhores de terra e de gados que se lhes agregaram, não existia o menor vislumbre de revolucionar nada do existente. E se algum pensador atormentado por Rousseau e Montesquieu quis avançar mais longe, propondo entregar a terra aos desamparados, logo soube da hostilidade e do vazio, da inanidade de suas propostas. Também o soube Artigas, o grande caudilho oriental que se entregou sem mais nem menos a repartir a terra entre índios e mestiços, entre viúvas pobres e gaúchos miseráveis. Soube na própria carne e sangue ter sido declarado bandido insigne pela autoridade de Buenos Aires e pelos senhores do Império do Brasil. Seu mau exemplo terminou rapidamente esmagado. A Argentina que Sarmiento execrou não era simplesmente a que a Espanha construiu durante quase três séculos de dominação colonial; era também a Argentina que os homens que fizeram a Independência quiseram.

Construir uma nação

Como fazê-lo? Com quê? Imitando algum modelo de êxito comprovado ou inventando algo totalmente novo? Que fazer com o existente?

Sarmiento pertenceu a uma geração conhecida como de 1837, ano em que seus principais guias se mostram plenamente à luz. Dela fizeram parte homens como Juan Bautista Alberdi, Juan María Gutierrez, Vicente Fidel Lopez, Esteban Echeverría e outros cuja preocupação comum se resumiu em torno das interrogações acima formuladas. Todos acreditaram nos poderes supremos da razão: mais que sangue, corria-lhes pelas veias o Iluminismo francês. O racional legitimava os sonhos, as esperanças; a razão devia reger as sociedades humanas e portanto eles, os portadores da razão nesse rincão remoto que era o Prata naquele tempo, acreditavam-se chamados a ajustar a sociedade à razão. Frente às massas incultas, irracionais, condutoras inconscientes do vírus colonial, a elite intelectual devia empunhar as armas da razão e repartir as cutiladas correspondentes.

A geração de 37 viveu convicta de que a natureza humana e a própria sociedade são infinitamente perfectíveis. A lei da humanidade é o progresso constante, afirmaram. O futuro do homem deve ser contemplado com otimismo: aperfeiçoando a sociedade o ser humano será melhor. Entretanto, como melhorar o homem para que por sua vez aperfeiçoe a sociedade? Uma espécie de círculo fechado. Propor uma democracia sem limitações — Sarmiento o fez freqüentemente — era arriscar a que prevalecessem os hábitos retrógados, os preconceitos irracionais, os fanatismos enlouquecedores. Dar a todo mundo o direito de eleger — pensavam nossos homens — era sancionar o atraso. Daqui depreenderá forçosamente — se bem que nem sempre de modo explícito — a teoria do grupo de escolhidos, a aristocracia do espírito. Esteban Echeverría o disse claramente e os demais não discordaram. Alberdi quis romper o círculo fechado e cunhou a fórmula: governar é povoar. Sarmiento redundou: governar é povoar e educar.

A geração de 37 se apaixonou pelos românticos europeus; Echeverría retornou da França com uma boa dose de artilharia libertária, e no terreno da poesia — o seu preferido — decididamente de artilharia anticlássica. E assim como os deuses do Olimpo — ressuscitados pela Revolução Francesa de 1789 — deviam regressar definitivamente a suas tumbas e não se moverem mais, assim também era necessário ajudar a enterrar as hierarquias espúrias. Com os românticos franceses entraram sombrios alemães exaltadores de um passado mistificado, e entrou Herder. Mariano José de Larra, crítico muito talentoso da sociedade

espanhola contemporânea, foi bem acolhido e, Alberdi, em sua juventude, quis ser o Figarillo do Prata (Larra assinava seus artigos satíricos com o nome de Fígaro). Algum Saint-Simon e algum Fourier andaram em mãos daqueles jovens, e Sarmiento, em particular, sem guias nem mestres na aldeia provinciana, devorou o teólogo anglicano Paley, o filósofo francês Victor Cousin e a Fenimoore Cooper, o famoso novelista norte-americano que o impressionaria notavelmente. De Cooper teria tomado a idéia-força de seu *Facundo*: civilização e barbárie; de Cousin, a teoria sobre a função social do homem representativo que certamente expõe no *Facundo*. Mas o deslumbramento, para Sarmiento e para todo o grupo, foi Tocqueville, ou, melhor dizendo, a sociedade norte-americana que o francês descreve. Quando Sarmiento elogia a vida comunitária do país do norte segundo a versão de Tocqueville e segundo a viram seus próprios olhos, não é difícil perceber o eco de antigas utopias em que o povo organizado em comunas provê tudo o que é necessário sem a presença tutelar e dominante de um Estado. A América do Norte aparece como a terra da pantisocracia (governo igualitário para todos) e do aspheterismo (generalização da propriedade individual); o Estado é uma sombra quase imperceptível. Nessa sociedade Sarmiento vê realizada a afirmação — ou, no pior dos casos, em vias de realização — "a cada um conforme seus trabalhos", na qual não se oculta uma ressonância saint-simoniana. Sarmiento gosta disso; acredita que o mérito pessoal deve ser incentivado e obter seu prêmio. Frente ao homem-massa, o indivíduo. Frente ao antigo princípio hierarquizador da linhagem, a igualdade de oportunidades. Os Estados Unidos eram o exemplo e o próprio Saint-Simon, em 1817, já o havia assinalado adiantando-se a Tocqueville.

Em seu exílio chileno Sarmiento proclamou-se socialista, em contraposição aos românticos e clássicos que balbuciavam nas letras transandinas. Os ventos que haviam começado a soprar na Europa depois de 1830 chegaram rapidamente a seus ouvidos. Soube de ideologias políticas que levavam em conta a existência de classes sociais e de suas lutas. Tomou conhecimento de uma novelística voltada ao estudo da realidade social e dos mecanismos psicológicos sociais. Acreditou na arte social que começou a propagar-se na Europa ocidental a partir de 30 e que fez furor até 1848. A literatura se politizava. Na França — sempre o farol inspirador — os escritores se tornavam políticos e os políticos escritores, filósofos, historiadores. Ali estão Thiers, Guizot, Thierry, Michelet e Victor Cousin, para exemplificar. Por outro lado, o romantismo já não existe mais como estranho ao mundo, místico e mentiroso (Gautier, Nerval); agora se torna anticlerical e antilegitimista. Hugo, Lamartine, George Sand e outros se empenham em colocar-se a serviço da arte "popular". A palavra *socialista* está na moda. São socialistas — ou dizem sê-lo —, Eúgène Sue, Scribe, Dumas, Musset. Mas, é claro, não há de durar muito: depois de 48 muitas fogosidades verbais se moderaram; ter piedade pelo povo faminto não é o mesmo que aparecer na janela e observar a classe operária parisiense clamando pelo socialismo, punhos para o alto e às vezes esgrimindo armas de fogo...

Sarmiento se disse socialista, e, por tal entendeu o seguinte:

> "A necessidade de fazer a ciência, a arte e a política contribuírem para o único fim de melhorar a sorte dos povos, de favorecer as tendências liberais, de combater as preocupações retrógradas, de reabilitar o povo, o mulato e todos os que sofrem".

A preocupação social se associa à ideológica: reabilitar o povo caminha paralelamente ao combate às preocupações retrógradas.

Agora, onde deverá se situar o intelectual iluminado, o lúcido cérebro com capacidade de objetivar o projeto renovador? Na Argentina inexistem os "poderes secundários" que tanto assombro causaram a Sarmiento nos Estados Unidos; faltam as associações de povo que o representem frente ao Estado e assumam para si funções de administração regional, de polícia e viação, de educação e saúde. Permanecem pois dois espaços: entre a massa obscura e desunida ou no Estado. O primeiro é rejeitado sem maior exame: que fazer entre ignorantes e fanáticos, dispostos a escutar o grito convocador do primeiro caudilho que apareça? O Estado aparece como a única alternativa válida e os intelectuais iluminados iniciam a luta para ingressar nas esferas do poder. Primeiro a travam contra Rosas; em seguida alguns deles contra o general Urquiza. E então no palco se representa um espetáculo estranho: a oligarquia mais rançosa e o intelectual progressista jogam na mesma equipe. Unidade de opostos, pareceria, se bem que freqüentemente menos opostos do que se pudesse imaginar. Unidade na diversidade, sem dúvida, em que acaba por se impor o poder do mercador de produtos ultramarinos, do latifundiário criador de gado, do financista que intermedeia entre o tesouro nacional e os prestamistas europeus.

No pensamento sarmientino há uma forte dose de democracia plebéia, que talvez em 89 tivesse sido jacobina. Mas existe também uma concepção elitista, messiânica. Em termos de política prática, o democrata que critica acerbamente a "democracia" censitária francesa e se desfaz em elogios pela norte-americana, terá que buscar seu espaço no aparato de dominação e fazer-se cúmplice, ainda que lhe pese — se na verdade lhe pesa —, dos procedimentos políticos da república oligár-

quica. Recorde-se: Sarmiento se sente Sancho Panza, nunca Don Quixote.

No pensamento sarmientino a Revolução de 1789 foi um fracasso claro; a de 1848 lhe inspira temor. Embora reconhecendo a legitimidade do protesto em que se empenham as multidões proletárias da França, teme o caos e a desordem, o atentado à propriedade. Seu paradigma são os Estados Unidos. A velha Europa o impressiona por suas pedras antigas e monumentos veneráveis; as multidões de mortos de fome nas sociedades européias o aborrecem. O exemplo, o modelo, é a América do Norte de fala inglesa. Depois de estudá-la através de Tocqueville vai observá-la pessoalmente; anos mais tarde, nas vésperas de ascender à presidência da república, exercerá o cargo de embaixador em Washington.

O problema de Sarmiento e seus companheiros da geração de 37 — e não somente deles, é claro — é construir uma nação moderna a partir de uma realidade social existente originada na colônia, com o auxílio de um complexo de idéias, de um conjunto de imagens. Supõe-se que as idéias, transformadas em guia de ação e prática política, permitirão afirmar o leme e alinhar o objetivo, não sem tropeços, não sem vacilações e erros, mas caminhando definitivamente rumo à nação que como imagem está fixada em um tempo pouco distante. As idéias prescrevem um arsenal de instrumentos que se chamam: povoar de imigrantes tecnicamente qualificados, levantar milhares de escolas e alfabetizar maciçamente, estender estradas de ferro que unifiquem o espaço interior, unir fios de telégrafos em direção a todas as latitudes, distribuir a terra entre os imigrantes em frações suscetíveis de proporcionar uma renda razoável e a preços não-especulativos, aceitar por longo tempo nossa condição de produtores de matérias-primas e alimentos, abrir as portas ao capital e às manufaturas estrangeiras, incorporar as tecnologias mais avançadas às práticas agropecuárias do país. Este é, mais ou menos, o programa sarmientino.

Voltemos ao princípio: que fazer com a Argentina velha, herdada da colônia, carcomida pelo atraso, povoada mais de vacas que de seres humanos? Em teoria, já o sabemos: educar, educar, educar. Na prática de governo — e Sarmiento será primeiro magistrado de sua província e primeiro magistrado da república — o educar pode se transformar em reprimir, reprimir, reprimir.

Como governador de San Juan, deve enfrentar um fato extremamente grave: a *montonera* encabeçada pelo general Angel Vicente Peñaloza, chamado popularmente El Chacho, constitui uma ameaça. Sarmiento está meio perplexo e, claro, atemorizado. As populações camponesas de várias províncias respondem maciçamente ao cincerro convocador de Peñaloza. Decorre 1863 e dom Domingo — o coronel Sarmiento, como gosta de se chamar e que o chamem — escreve a 12 de agosto ao ministro da Guerra do presidente Mitre: "Faz seis meses que San Juan está bloqueada". O que acontece? Saindo de San Juan ao norte — explica — há em todas as direções um deserto sem água, que tem umas quarenta léguas.

> "Todos os habitantes do deserto intermediário e os de Mogna pegaram armas em favor de Peñaloza, e depois de Lomas Blancas (uma derrota do caudilho nas mãos das tropas nacionais), os de Valle Fértil e Chucuma se agitaram até compor com os *llanistas* [4], dispersos a *montonera*..."

Que tipo de sedução misteriosa — de carisma — tem El Chacho, gaúcho de modos mansos, talhe ereto e olhos de azul intenso? Que vêem nele aqueles que o seguem? Por que levantou armas contra o governo?

Em realidade o carisma, se é que El Chacho o tem, não explica grande coisa. Sarmiento não o ignora. Logo, quando o presidente Mitre o nomeia embaixador nos Estados Unidos, encontra tempo em meio a suas lidas diplomáticas para escrever uma *Vida del Chacho*. Trata de justificar: Peñaloza foi assassinado miseravelmente e todos lhe atribuem a culpa. Alijado do campo dos fatos se põe a refletir; desta vez trata de não ser panfletário, superficial, gratuitamente agressivo.

> "Na Rioja (terra natal de Chacho), sendo escassa a água, escreve, os indígenas vivam à margem das escassas correntes e foram reduzidos ao que hoje se chamam os *pueblos*, aldeolas sobre terreno estéril, cujos habitantes se mantêm minguadamente do produto de algumas cabras que pastam ramas espinhosas; estão sempre dispostos a se amotinar para suprir com o saque e o roubo suas necessidades."

Repitamos: para suprir com o saque e o roubo suas necessidades! Mas estas são a conseqüência do fato de, primeiro, os espanhóis e, depois, seus herdeiros crioulos terem reservado exclusivamente para si os leitos de água, os mananciais e as fontes, as melhores terras. É conseqüência da estruturação colonial. A violência da fome, pois, engendra fatalmente a fome da violência. E esses em grande medida são os homens que seguem Peñaloza.

Sarmiento acrescenta que a ilustre família riojana Del Moral "faz meio século que vem condenada a perecer vítima do surdo ressentimento *dos despojados*" (o grifo é nosso). Mas o ressentimento nasceu e foi se

---

[4] *Llanistas*: habitantes das planícies da província de La Rioja. (N. do T.)

alimentando porque "para irrigar uns terrenos os avós (dos Del Moral) desviaram um arroio, e deixaram os índios sem água, já há muito submetidos". Sarmiento acrescenta mais adiante que nos tempos de Juan Facundo Quiroga (seu execrado Facundo da obra homônima) tanto os Del Moral como os Ocampo e Doria seriam o alvo preferido dos *montoneros*. A conclusão é a seguinte:

> "Como se explicaria sem estes antecedentes a parte especial e espontânea que na revolta do Chacho tomaram não só os *llanos* e os *pueblos* de La Rioja, mas os laguneiros de Guanacache, os habitantes de Mogna e Valle Fértil, e todos os habitantes de San Juan, espalhados no deserto que se estende a leste e norte da cidade, e até os pés das montanhas pela parte do sul...?"

Sarmiento dá mostras de compreender as raízes e razões profundas deste tipo de insurreição camponesa que é a *montonera*; compreende que é a feroz injustiça engendrada na colônia e prolongada na Independência a que mobiliza esses seres famintos e sedentos. Por que se limita então, em função de governo, simplesmente a reprimir e mandar assassinar o chefe desses homens? Não é que ele está disposto a terminar com os estorvos coloniais? Por que o governador de San Juan não enfrentou esse problema de modo muito diferente, lutando para que os despojados recuperassem suas águas e suas terras? A verdade pode ser esta: Sarmiento teme o povo, teme a desordem das massas armadas, teme o atentado contra as propriedades daqueles que definitivamente podem ser em San Juan seu sustento político. Reconhece as injustiças que validam e legitimam o levante popular; mas sua resposta prática é a da oligarquia. Teoricamente sua fórmula continuará sendo: povoar de estrangeiros e educar, educar. Talvez na velhice, quando confessa a seu amigo José Posse que ele não era nem povo nem oligarquia, chegou a compreender plenamente seu drama: o drama do temor e da impotência.

A Argentina se organizou como Estado nacional deixando quase intatas as estruturas coloniais; sobre elas traçou o mapa da modernidade: as ferrovias, os bancos, os télegrafos. O "deixar passar" com absoluta liberdade as manufaturas importadas liquidou os artesanatos nativos; o "deixar fazer" a política dos grupos dominantes impediu a construção de uma indústria nacional. Tudo se voltou para fora. As vacas e as colheitas tiveram um destino certo: a exportação. Os benefícios ficaram exclusivamente em proveito dos donos do poder, esses mesmos cuja brutalidade e luxos de nababos tantas vezes fustigaram Sarmiento.

A destruição de certas estruturas coloniais — sobretudo no que diz respeito à pequena produção camponesa de subsistência, agropecuária ou artesanal — gerou massas de desocupados que a lei declarou vadios e

sancionou com a prisão ou a permanência forçada no exército durante muitos anos. A oligarquia não precisou desses homens como força de trabalho; os quis para proteger dos índios as vacas e os campos. Já se disse e repita-se: a criação extensiva de gado utilizava poucos trabalhadores; sua maior demanda era de carne de canhão. Logo no início dos anos 80 seria "solucionado" o problema do índio.

A Argentina foi agregada a um sistema mundial do trabalho organizado pelas grandes potências capitalistas a partir do início da segunda metade do século XIX; seu "destino" foi traçado de fora e aceito com prazer por criadores de gado e mercadores: devia produzir alimentos.

Não vieram as fábricas, que empregariam a mão-de-obra disponível; não foram transformados em proletários os pequenos camponeses, os artesãos, os peões das minas, despojados de seu trabalho. Essas pessoas foram compulsivamente transformadas em vadios. Não houve mais lugar para elas na terra. O latifúndio envolveu a tudo com seus tentáculos; e ali onde prosperou a colonização dos imigrantes os filhos da terra ficaram excluídos: eram ignorantes e indolentes — dizia a lenda —, estavam despreparados. Em um paradoxo mais aparente que real, os homens humildes sentiam saudades dos tempos idos. A colônia lhes havia sido mais benévola, não porque fora mais justa para com eles, mas porque fora menos brutal.

O processo de constituição do Estado nacional argentino de que Sarmiento participou esteve assinalado por guerras civis, muito mais dolorosas que a guerra da Independência. Essas guerras não se explicam sem mais nem menos — como Sarmiento pretendeu no *Facundo* — pela reação bárbara das massas camponesas frente ao progresso; pelo apego à rotina, às preocupações retrógadas. As gentes pobres do campo reagiram — e à frente delas caudilhos, ocasionalmente com importante poder econômico — porque o capitalismo que estava penetrando começava a desestabilizar as economias e as dominações aldeãs e regionais. E se os pobres viram ameaçada sua subsistência e enfrentaram a morte por fome, os caudilhos sentiram que seu poder começava a vacilar pela introdução de fatores estranhos que vinham disputá-lo. Por isso nas *montoneras* encontramos caudilhos ricos, comerciantes prósperos, proprietários de minas e os estratos mais submersos da sociedade. Todos, de uma maneira ou de outra, interessados em sustentar e manter uma ordem de coisas tradicional.

A formação do Estado nacional argentino que tem como início a batalha de Caseros foi uma conquista. Os exércitos que em Buenos Aires armaram a oligarquia portuária — confiscadora em seu proveito exclusivo das rendas nacionais prodigalizadas pela alfândega — avança-

ram a partir de 1861 sobre o resto do país. Tanto como governador de San Juan, quanto como ideólogo, Sarmiento foi um soldado dessa conquista. Sem dúvida, não plenamente consciente de seu significado, sua convicção era outra: na ponta das baionetas de Buenos Aires abria caminho o progresso. Talvez mais tarde compreendesse a verdade: o bloco dominante na capital do Prata, associado a grupos sociais do interior, estava estendendo sua dominação a todo o espaço interno. Industriais açucareiros do norte, vinhateiros de San Juan e Mendoza, mercadores dependentes dos grandes comerciantes com o ultramar, alguns personagens letrados das províncias constituíam no interior os aliados da dominação portenha. Diga-se de passagem que o ministro da Educação de Sarmiento presidente será um rebento conspícuo dos açucareiros de Tucumán; sucedê-lo-á na presidência. É certo que a paixão civilizadora de Sarmiento correspondeu — ao menos em aparência — a aspectos essenciais do projeto oligárquico. É claro que a grande divergência — absolutamente capital — residiu na questão da terra. Nosso homem gastou sua pena e suas cordas vocais vociferando contra a grande propriedade territorial, em favor dos despojados da terra. Quis transportar para a Argentina o visto e aprendido nos Estados Unidos. Mas só a vontade não foi o suficiente. Faltou-lhe a força social capaz de sustentá-lo; os famintos de terra, dispersos, desunidos, eram incapazes de fazer valer sua exigência. E na concepção de Sarmiento a justiça devia vir de cima, das altas esferas do poder: um povo sublevando, reclamando, era de se temer. Revolução francesa, jacobinismo, não eram fórmulas que o seduzissem; antes pareciam-lhe sinônimos de desordem, de ilusões frustradas, de governos despóticos. O seu era o caminho norte-americano. Mas como fazer para entrar nele? Como sair ao encalço desses latifundiários de mentalidade medieval que fazendo-se capitalistas estavam sancionando um tipo de caminho prussiano? Dom Domingo carecia de respostas. Entretanto um prussianismo *sui generis* estava se instrumentando. Não para construir uma grande indústria; não para desenvolver um poderoso mercado interno; não para implantar plenamente o modo de produção capitalista; mas sim para conquistar o próprio povo, para exterminá-lo sem misericórdia ao menor sinal de descontentamento; para reestruturar, a partir do Estado, o espaço interno em função da produção agropecuária voltada à exportação.

Nada disso viu Sarmiento — nem podia vê-lo — e no entanto estava ocorrendo. Em sua visão, estender uma ferrovia representava um progresso absoluto; o eram as escolas, o conforto, os modos e as modas europeus.

Na qualidade de presidente, coube-lhe dar fim à guerra do Paraguai e suprimir uma das maiores insurreições armadas jamais acontecidas na Argentina. Isto merece ser visto com algum detalhe.

Desde os anos cinqüenta e em reiterados artigos publicados no *El Nacional* de Buenos Aires, Sarmiento atacou repetidamente o regime de governo paraguaio. Por fora, uma ditadura das muitas que conheceu na América hispano-índia no século XIX; por dentro algo diferente, bem singular. Seu entusiasmo livre-cambista, o conhecimento pessoal de Cobden na Catalunha, as leituras sobre um Estado liberal que devia limitar-se a administrar justiça, policiar a sociedade e franquear todos os caminhos à deusa mercadoria, deixando nas mãos da iniciativa privada tudo o que se fosse vender e fabricar, haviam-no convencido de que o que discordava destas idéias não era outra coisa senão ranços de barbárie ou barbárie sem ranços. No país guarani, a partir do ditador supremo e perpétuo José Gaspar Rodríguez de Francia, o Estado havia assumido tarefas que na opinião de Sarmiento o faziam passível de severas críticas, e ainda mais que isso. O comércio exterior e o grosso do comércio interno eram monopólio do Estado; a propriedade da principal riqueza — erva-mate, madeira etc. — lhe pertencia; a população camponesa — produtores pequenos e médios —, com larga margem a maioria absoluta dos habitantes, possuía terras em propriedade ou cedidas pelo Estado em usufruto gratuito. Além disso haviam-se criado umas exóticas "estâncias da pátria", latifúndios do Estado cuja produção agregava fundos ao tesouro público e fornecia ferramentas de trabalho aos camponeses. No Paraguai quase não havia latifúndios privados e em conseqüência era inexistente a classe ou grupo social — tão habitual no resto da América luso-espanhola — de grandes proprietários territoriais com influência decisiva nos negócios públicos. Por outro lado, sendo o comércio ocupação do Estado (à exceção de pequenos mercadores de aldeia), obviamente faltava o poderoso grupo mercantil geralmente vinculado aos negócios com o ultramar.

Estes singularíssimos fenômenos, cuja gênese e permanência não é o caso de se estudar aqui, fizeram do Paraguai uma exceção à regra. E o fato de ter sido a ditadura o sistema de governo desde a ruptura com a Espanha até 1870 não é difícil de explicar: uma sociedade composta por pequenos e médios camponeses com raros contatos entre si, com poucas vinculações entre as diversas regiões, praticando uma economia de subsistência na maior parte dos casos e na menor parte limitadamente mercantil, não constituía precisamente a base mais adequada para uma democracia. Talvez o difícil de explicar para Sarmiento e outros que pensavam como ele é que as sucessivas ditaduras (Francia foi sucedido por

Carlos Antonio López, e este por seu filho Francisco Solano) não se dedicaram a espoliar o povo sistematicamente. Não havia produção para o mercado mundial e a única exportável, erva-mate, madeira, tabaco e arroz ia em quantidades muito pequenas ao Brasil, norte da Argentina e Buenos Aires. O mercado interno era praticamente inexistente; as transações eram a nível de feiras locais ou regionais com pouquíssimo uso da moeda. A importação suntuária, item principal nas listas de importação dos demais países de língua espanhola e portuguesa, era absolutamente inconsistente. As poucas famílias com fortuna que haviam permanecido como presença dos tempos coloniais, quando não esmagadas por Francia haviam-se retirado a suas propriedades de campo ou moravam silenciosamente nos velhos casarões de Assunção.

Esta sociedade não havia sido produzida pela ação voluntarista de nenhum ditador monstruoso, como foram tidos Francia e seus sucessores no Prata e na corte brasileira. A ditadura não era obra de um grupo de ambiciosos encarapitados no poder sobre o sabre e o fuzil. E mais, nem Francia e Carlos Antonio López haviam sido militares, nem tampouco Francisco Solano. Desde sua ruptura com o poder espanhol o Paraguai havia desconhecido absolutamente os golpes, os motins, as guerras civis e as lutas entre caudilhos. A ação do exército — que até meados do século XIX era pequeno e mal armado — limitava-se à guarda das fronteiras espreitadas pelo Império do Brasil ou ameaçadas pelas guerras civis argentinas.

Sarmiento atacou violentamente o Paraguai por tudo o que tinha de singular e estranho: nada dele entrava nos moldes que prescreviam o liberalismo econômico e a democracia política (esta última, por outra parte uma ficção, na Argentina e em todos os Estados da América luso-espanhola). Não só considerou que o país guarani era o mais vivo representante da barbárie, como na década de sessenta se uniu a uma campanha política e ideológica que constituiu a preparação da Guerra do Paraguai, esse grande genocídio americano como o qualificou recentemente um escritor brasileiro.

A guerra estourou sendo Bartolomé Mitre presidente da República; a Sarmiento, seu sucessor, coube terminá-la. Tendo Mitre ocupado a presidência logo após ter derrotado o exército da Confederação Argentina — o outro Estado que coexistiu litigiosamente com Buenos Aires durante nove anos — teve que vencer inúmeras resistências no interior do país. Enquanto representante dos grupos sociais dominantes em Buenos Aires, a Mitre coube iniciar a conquista das províncias que haviam sido parte da Confederação fundada pelo general Urquiza depois de Caseros e da qual foi seu primeiro presidente. Foi sob a presidência de

seu sucessor, o Dr. Santiago Derqui, que se deu o confronto definitivo entre os dois Estados argentinos. A decisão se deu na batalha de Pavón em 1861.

Sarmiento tomou parte da referida conquista, mas quem manejou os fios e elaborou as táticas foi Bartolomé Mitre. Alguns dos caudilhos provinciais que resistiram aos exércitos de Buenos Aires viram no Paraguai um possível aliado para sua causa. Vários consideraram que o partido "blanco" do Uruguai (grandes latifundiários vinculados à indústria do charque) também podia sê-lo. O mitrismo percebeu no partido "blanco" e no regime paraguaio dois poderosos inimigos, e se em momentos de apuro precisou cortejá-los, passados estes se manifestou francamente hostil. Das várias "leituras" que se pode fazer da guerra do Paraguai, uma delas é a seguinte: respondeu a um imperativo político dos que estavam impondo sua dominação sobre o espaço interno argentino. O prólogo da guerra foi liquidar o governo *blanco* oriental, intervenção por meio do exército brasileiro. Por outro lado, num mundo em que a deusa mercadoria ia abrindo caminho em todas as latitudes, um Paraguai fechado às especulações mercantis fazia-se presa mais cobiçada. A guerra foi feita pela Argentina e Brasil, e um Uruguai governado por um ditador imposto pelos exércitos imperiais. Os fundos para pagá-la saíram dos cofres britânicos. O Império e a República governada por Mitre obtiveram os empréstimos pertinentes.

Sarmiento, nomeado embaixador nos Estados Unidos, desenvolveu uma intensa campanha para favorecer a opinião e o governo norte-americanos, decididamente contrários. Redigiu cem documentos, falou largamente com os ministros e com o próprio presidente dos Estados Unidos, tratou de convencer, por meio da imprensa do país do norte, sobre a justiça e validade da causa que defendiam os três aliados. Não conseguiu grandes êxitos porque em Washington sabiam que o resultado da guerra seria fortificar a influência inglesa na área. Por outro lado as relações com o Brasil não eram das melhores porque os norte-americanos desejavam obter a livre navegação do Amazonas, não gostavam do Império como forma de governo e os escravistas do Sul não desdenhavam a possibilidade de apoderar-se de uma porção do Brasil para plantar algodão e outras culturas tropicais.

A guerra terminou numa catástrofe que horrorizou a muitos vencedores. Talvez o próprio Sarmiento — em que pesem suas violências verbais contra o povo paraguaio — em algum momento sentiu um pouco de vergonha, um certo remorso. Durante cinco anos os aliados exterminaram quase todo o povo paraguaio e certamente dezenas de milhares de seus próprios homens. Quando a guerra terminou e chegada a hora

de pedir ao vencido o pagamento dos gastos incorridos pelos aliados na guerra, Sarmiento se perguntou dramaticamente: a quem pedir, se só ficou vivo um punhado de crianças, de mulheres velhas e de inválidos?

Mas definitivamente a guerra foi esquecida. O Paraguai havia sido incorporado ao sistema mundial do livre comércio e à livre intromissão do capital estrangeiro, e a Inglaterra, obviamente, fez o empréstimo pertinente ao governo títere colocado pelos vencedores. Surgiram os latifúndios de ervas e madeiras, e porções do país guarani passaram à soberania do Brasil e Argentina. As ferrovias e telégrafos que o Estado paraguaio havia construído com seu próprio pecúlio, empregando engenheiros ingleses, foram entregues a mãos estrangeiras. A fundição de ferro de Ibicuy, que havia produzido armas durante a guerra e antes dela ferramentas para o trabalho do campo, foi destruída por ordem de Gastão de Orléans, genro do Imperador do Brasil e comandante-chefe do exército imperial. O Paraguai de hoje é o resultado daquela guerra que Sarmiento aprovou porque se fez em nome do comércio livre e da liberdade do povo paraguaio.

O outro episódio crítico do governo de Sarmiento foi a repressão da rebelião liderada pelo general Ricardo López Jordán, na província de Entre Ríos. O levante foi dirigido contra o general Justo José de Urquiza. O vencedor de Caseros e ex-presidente da Confederação Argentina havia sido o senhor indiscutível de Entre Ríos durante várias décadas. A guerra do Paraguai havia deteriorado gravemente sua autoridade: dois exércitos por ele convocados para marchar aos campos de batalha desertaram em massa. A repressão que exerceu Urquiza foi impiedosa. Acrescente-se um infeliz contrato firmado com um particular para o recebimento dos impostos provinciais, que outorgava a este um verdadeiro poder de polícia para com os contribuintes negligentes. A autoridade de Urquiza tornou-se insuportável e o levante se deu. O primeiro episódio, o mais espetacular, foi o assassínio de Urquiza e a designação de López Jordán para governador da província. O governo nacional não era contestado nem havia propósito algum de alterar a ordem pública em outras províncias. Sarmiento, recém-saído da Guerra do Paraguai (estamos em 1870), com as finanças públicas debilitadas e seu veemente interesse de realizar as obras que se agitavam em seu cérebro, não se mostrou inicialmente inclinado a intervir na província que havia terminado com seu senhor de muitas décadas. Mas decidido a não resolver por si só a atitude a tomar, convocará uma reunião de "notáveis" na casa de governo para escutar opiniões abalizadas. Sarmiento e vários dos presentes se pronunciaram pela não-intervenção. Não havia autoridade alguma para restituir, e

ainda que Urquiza estivesse com vida a origem de seu poder não estava precisamente no voto popular. Entre os que exigiram decididamente a intervenção armada para dar uma lição ao caudilho López Jordán contava-se o ex-presidente Mitre. A opinião deste não podia ser indiferente a Sarmiento porque Mitre era seu opositor mais tenaz e por sua importante influência no exército. Dom Domingo acreditou ter chegado a hora de fazer de seu opositor um amigo e acabou por ceder. Entre Ríos foi invadida pelos exércitos nacionais e a guerra se prolongou, com interrupções, durante anos. O mitrismo, a mais cruel manifestação do autoritarismo da oligarquia argentina, havia vencido mais uma vez. Estava se desenrolando um dos últimos atos de um drama que havia começado com a batalha de Caseros em 1582: a constituição de um Estado nacional dominado por criadores de gado, mercadores e financistas fraudulentos.

A dor de Sarmiento

Logo após sua experiência presidencial, compreendeu melhor os rumos que o país estava tomando. Seus sonhos de juventude, suas ilusões de homem maduro, seus planos de construir uma sociedade à imagem e semelhança da norte-americana jaziam no desvão dos objetos inúteis. Frente a ele a república oligárquica, as negociatas e as fraudes, os caudilhos de fraque e sombreiro de copa, o capital estrangeiro transformando sua pátria em uma mercadoria, a massa de imigrantes transformada num vasto exército de párias. Essa não era a Argentina que havia sonhado. Entretanto, no fundo de sua alma, conhecia perfeitamente a contribuição que havia dado para que a república oligárquica se configurasse como tal. É verdade que havia protestado contra o latifúndio; mas aí estava triunfante. É certo, também, que havia anunciado que a Argentina durante séculos seria incapaz de fabricar algo; que devia limitar-se a produzir alimentos e vendê-los ao exterior. E agora, frente a uma balança de pagamentos que obrigava o Estado a endividar-se cada vez mais até chegar a extremos insuportáveis, Sarmiento elevava sua voz e compreendia que essa dívida externa era uma cadeia — outra — que atava o país ao Império Britânico. Uma cadeia que políticos corruptos reforçavam animadamente porque dela obtinham seus lucros de intermediários, e de que um dos elos essenciais era a dependência quase total de manufaturas importadas. A lã que a Argentina enviava maciçamente à Inglaterra retornava transformada em excelentes casimiras. O algodão que o país estava em perfeitas condições de produzir era importado sob a forma de roupas de amplo consumo popular. Entretanto, o Banco da Província de Buenos Aires, o grande e pode-

roso banco dos interesses dominantes, havia-se transformado no financista dos especuladores menos escrupulosos.

Para atacar a oligarquia, atacá-la sem cansaço com as poderosas forças intelectuais que ainda possuía esse velho homem, Sarmiento fundou *El Censor*, grande diário de combate. Em 1886 pôde escrever ali:

> "A criação de gado é nossa verdadeira e única indústria nacional, fundada sobre bases coloniais e desenvolvida pela parte principal da massa argentina. Todo o restante é importado após 1850".

Conclusão desoladora para quem havia lutado ferozmente contra Juan Manuel de Rosas acreditando ver nele a personificação da barbárie vacum, estancieira e saladeirista. Síntese dramática de trinta anos de história recente, feita pelo homem que havia lutado bravamente pela mais absoluta liberdade de comércio, pelo ingresso do capital europeu, pela civilização que o comércio e o capital haviam de trazer consigo.

Nas noites de insônia, visitadas por grotescos pesadelos, o Sarmiento dos anos crepusculares recordava penosamente seu discurso de Chivilcoy, um lugarejo no Pampa, no qual anunciou a um grupo de colonos sua aspiração mais forte: que essa faustosa planície fosse eximida definitivamente da tarefa exclusiva de dar pasto às vacas. E que ele, o presidente Sarmiento, ambicionava ser

> "o caudilho dos gaúchos transformados em pacíficos vizinhos". "Temos terra — pronunciará em outra oportunidade — para dar lugar aos que nada possuem; melhoraremos as condições sociais da grande maioria e entraremos na realidade da república através da educação e do bem-estar, a fim de que os hereditariamente desamparados comecem a ver o governo e a pátria como seus".

Palavras as últimas, muito impressionantes. Um homem de prestígio intelectual sem igual, que havia passado pelas mais altas funções públicas, reconhecia que os "hereditariamente desamparados", os pobres, aqueles a quem a lei qualificava de vadios e que o patrão e a polícia se encarregavam de "educar" convenientemente para o exercício dos "bons costumes", não podiam reconhecer-se filhos de uma terra que os maltratava até a exasperação. Se algo preocupou Sarmiento durante toda sua vida, foi construir uma nação. Certa vez chegou a afirmar que na América as nações construíam-se por decreto. Agora, no último lance de sua existência, compreendia que a nação deveria ser constituída por homens que se reconhecessem unificados por uma certa identidade livremente aceita. Uma identidade que excedesse os limites de classe, os transpassasse. Mas por outro lado havia aprendido que o feroz egoísmo dos donos da terra constituía-se no grande obstáculo para formar o sentimento nacional. E que tinha mil provas, como não lembrar? Por acaso a guerra do Paraguai não se havia convertido em uma guerra civil argentina, com um povo negando-se a lutar por uma causa que não reconhecia como própria, desertando em massa dos exércitos, ocultando-se nos bosques diante mesmo do anúncio do recrutador? E essas massas enterrianas, que haviam destruído dois exércitos de Urquiza, negando-se a morrer nos pântanos guaranis, não se haviam juntado fervorosamente a López Jordán reivindicando para si o direito a um pedaço de terra, a uma porção de liberdade?

Nas prolongadas vigílias de sua senilidade, rouco de gritar verdades, este velho estava compreendendo — antes que Renan — que entre muitas outras coisas uma nação é um tipo de plebiscito diário, e que o interesse miserável de uma classe dominante bem podia impedir que a maioria dos argentinos se sentissem dentro da nação que os oligarcas construíram para si.

Em uma carta a seu amigo José Posse exasperava-se contra Buenos Aires, "província de estancieiros satisfeitos da segurança de seus gados, de estrangeiros indiferentes a tudo o que não seja esgotar o país". Poderia ter acrescentado: de estancieiros nativos e estrangeiros para quem a função dos crioulos despossuídos não podia ser outra senão trabalhar sob coação física nas grandes propriedades territoriais, ou proteger as mesmas na qualidade de soldados, coagidos pela violência a servir como tais.

Quando fez setenta e cinco anos, mencionou em um discurso entrecortado por soluços as decepções e desencanto; e ajuntou:

> "Podeis crer-me se vos digo que este é o pior pedaço de vida que tenho atravessado em tão longos tempos e lugares tão variados, mais triste com a degeneração das idéias de liberdade e pátria em que então nos criamos".

"O pior pedaço de vida", dizia Sarmiento, aludindo aos anos posteriores a Caseros. Quanto mais felizes haviam sido os dias anteriores à queda de Rosas, quando as ilusões e os projetos não se haviam confrontado com a realidade! Agora, uma "aristocracia com cheiro de estrume" marcava os rumos, e ela mesma inexoravelmente recorria ao caminho da estância a Paris para luzir sua vaidosa arrogância de novos-ricos. Em carta ao presidente Avellaneda, seu sucessor e seu antigo ministro de educação, dirá Dom Domingo:

> "Estou há tempo divorciado das oligarquias, das aristocracias, da gente decente, a cujo número e corporação tenho a honra de pertencer, salvo que não tenho estância".

Está aí o resumo de seu drama: nem povo nem oligarquia, mas definitivamente fazendo parte daqueles que haviam construído essa república

oligárquica sem dignidade, cujos prepostos se apertavam continuamente nas ante-salas dos banqueiros europeus.

Domingo Faustino Sarmiento passou seus últimos dias mais irascível que nunca. Dizia-se por aí que caduva, que os anos haviam-lhe estragado o cérebro. Foi morrer no Paraguai, na terra que havia contribuído para arrasar. Viveu ativíssimo até o último minuto. Impediu que em seu leito de morte houvesse um sacerdote. Cristão anticlerical que era, preferiu ir ao inferno, antes que ao céu. Afinal de contas, ter-se-ia dito, havia sido um grande pecador.

Os textos

Que critérios seguiu o organizador para selecionar os textos? Em primeiro lugar, tentou dar o panorama mais amplo possível das idéias políticas de Sarmiento a partir de escritos circunstanciais e de obras de peso decisivo em sua produção. Quis mostrar não só o pensamento sarmientino sobre um grande número de assuntos, mas também as mudanças, os retrocessos, às vezes as contradições, a evolução. O jovem deslumbrado pela república democrática dos Estados Unidos terminará seus dias vivendo a amargura da república oligárquica que ele mesmo contribuiu para construir. O velho Sarmiento que enrouquece de gritar verdades é, em grande medida, a negação daquele que na juventude foi ao Chile para lutar contra Rosas.

O organizador quis mostrar alguns trechos da melhor prosa sarmientina, daí as transcrições do *Facundo* sobre certos tipos humanos. Entretanto, e na medida em que esses tipos fazem parte de uma espécie de sociologia da planície dos pampas, o leitor poderá ingressar um pouco mais e melhor nos segredos daquela estranha sociedade (se assim pode-se chamar) em que poucos seres humanos se estendem e se espalham sobre um imenso oceano de terra. Por outro lado, o organizador também transcreveu capítulos de *Recuerdos de provincia*, magistral recriação do passado colonial.

Finalmente, e levando-se em conta que o livro está dirigido ao público brasileiro, foram transcritos trechos sobre o Brasil que Sarmiento estampou em uma de suas obras mais fascinantes: *Viajes*.

A produção sarmientina foi apresentada como pensamento e práxis da construção de um Estado nacional nas condições de uma Argentina (se se quiser, uma América Latina) comandada em suas grandes linhas de desenvolvimento pelos impulsos emitidos a partir da metrópole ultramarina. O leitor atento descobrirá que a grande dor de Sarmiento foi a de tê-lo percebido demasiadamente tarde.

Biografia sucinta

15.2.1811: nasce na cidade de San Juan (Argentina), capital da província do mesmo nome.

1816: recebe a primeira educação com o professor Ignacio Rodríguez.

1826: impedido de continuar seus estudos em Córdoba ou Buenos Aires, translada-se para San Francisco del Monte (província de San Luis), junto a seu tio, o presbítero José de Oro, e ali estuda e ensina.

1827: em San Juan trabalha como empregado em armazém.

1829: alista-se nas forças que combatem os caudilhos José Felix Aldao e Juan Facundo Quiroga; participa dos combates.

1831: emigra para o Chile, onde sucessivamente trabalha como empregado no comércio, mordomo de uma mina, taberneiro e mestre.

1836: regressa a San Juan, dedicando-se ao ensino.

1839: durante seis semanas publica o jornal *El Zonda*.

1840: emigra para o Chile. Pratica jornalismo, redige *El Mercurio* e funda *El Nacional*. Dirige a Escola Normal.

1843: publica *Mi Defensa*.

1845: publica em *El Progreso* de Santiago do Chile sua biografia de Aldao e o mais tarde célebre *Facundo*. Em outubro parte para Montevidéu.

1846: após permanecer dois meses no Rio de Janeiro segue viagem à Europa, África e Estados Unidos.

1848: de regresso ao Chile, contrai matrimônio com Benita Martínez Pastoriza. Seria uma união efêmera.

1849: publica *Educación popular* e o primeiro volume de *Viajes*, ambos resultado de sua viagem.

1850: publica *Argirópolis* e *Recuerdos de provincia*.

1852: viaja a Montevidéu; incorpora-se ao exército do general Urquiza e participa da batalha de Caseros que derrota Juan Manuel de Rosas. Regressa ao Chile. Publica *Campaña en el ejército grande*.

1853: publica *Comentarios a la Constitución de la Confederación Argentina*.

1855: arriba a Buenos Aires e imediatamente ingressa na redação de *El Nacional*, na qual permanecerá durantes longos anos.

1857: é eleito senador provincial.

1862: é eleito governador da província de San Juan; em tal cargo dirige a repressão contra o caudilho Angel Vicente Peñaloza.

1864: é enviado aos Estados Unidos na qualidade de embaixador.

1868: a Universidade de Michigan nomeia-o Doutor Honoris Causa. Estando nos Estados Unidos, é eleito presidente da Nação, cargo em que permanecerá até 1874. Durante sua gestão coube-lhe pôr fim à guerra do Paraguai e reprimir os levantes do caudilho entrerriano Ricardo López Jordán.

1874: é eleito senador pela província de San Juan.

1879: durante breve tempo desempenha as funções de ministro do Interior e das Relações Exteriores.

1880: publica *Vida de Dominguito*.

1883: publica *Conflictos y armonías de las razas de América*.

1885: funda o diário *El Censor* e desenvolve intensíssimas campanhas contra o presidente Julio A. Roca.

11.9.1888: morre em Assunção do Paraguai, aonde fora à procura de um clima mais propício à sua quebrantada saúde.

Bibliografia sobre o autor

GALVEZ, Manuel. *Vida de Sarmiento*. Buenos Aires, Editorial Tor, 1952.

ALBERDI, Juan Bautista. *Proceso a Sarmiento*. Buenos Aires, Editorial Calden, 1967.

LUGONES, Leopoldo. *Historia de Sarmiento*. Buenos Aires, Conselho Nacional de Educação, sem data.

PEÑA, Milcíades. *Alberdi, Sarmiento, el 90*. Buenos Aires, Ediciones Fichas, 1970.

ROJAS, Ricardo. *El profeta de la Pampa*. Buenos Aires, Editorial Losada, 1948.

PALCOS, Alberto. *Sarmiento*. Buenos Aires, Editorial Jackson, 1938.

MANTOVANI, Juan. *La pasión civilizadora de Sarmiento*. Santa Fé, Ministério de Instrução Pública e Fomento, 1938.

PONCE, Anibal. *Sarmiento, constructor de la Nueva Argentina*. Madri, Editorial Espasa-Calpe, 1932.

PEÑA, David. *Juan Facundo Quiroga*. Buenos Aires, Editorial Americana, 1953.

GARCÍA MELLID, Atilio. *Proceso al liberalismo argentino*. Buenos Aires, Ediciones Theoria, 1964.

BUNKLEY, Allison William. *Vida de Sarmiento*. Buenos Aires, Eudeba, 1966.

Obras das quais foram extraídos os textos

Facundo. Santa Fé, Editorial Castellví, 1966.

Obras completas. Buenos Aires, Editorial Luz del Día, 1950, t. VI, VII, X, XVII e XXIV; 1951, t. XXV e XXVI; 1952, t. XXXVIII; 1953, t. XXXIV e XXXIX; 1954, t. XL; 1956, t. LI; 1956, t. LII.

Campaña en el ejército grande. Buenos Aires, Editorial Kraft, 1957.

Viajes. Buenos Aires, Editorial Hachette, 1955, v. I; 1957, v. II; 1959, v. III.

Educación popular. Buenos Aires, Editorial Lautaro, 1948.

Comentarios a la Constitución. Buenos Aires, Editorial Rosso, sem data.

TAMAGNO, Roberto. *Sarmiento, los liberales y el imperialismo inglés*. Buenos Aires, Peña Lillo Editor, 1963.

Polémica literaria. Buenos Aires, Editorial Cartago, 1955.

Argirópolis. Buenos Aires, Editorial La Cultura Argentina, sem data.

Mensaje del Presidente de la Nación Argentina al Congreso. 1869. Buenos Aires, Imprensa *La Tribuna*, 1869.

PEÑA, Milcíades. *Alberdi, Sarmiento, el 90*. Buenos Aires, Ediciones Fichas, 1970.

Correspondencia entre Sarmiento y Lastarría. 1844-1888. Anotada por María del Pino de Carbone. Buenos Aires, 1954.

Conflictos y armonías de las razas de América. In: *Obras completas*. 1952, t. XXXVIII.

TEXTOS DE SARMIENTO

Seleção e Revisão técnica da tradução: León Pomer
Tradução: Vicente Cechelero

1. A ARGENTINA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Deserto, distância e solidão

"O mal que aflige a República Argentina é a extensão: o deserto cerca-a por toda parte e se insinua em suas entranhas; a solidão, o despovoado sem uma habitação humana, são, em geral, os limites inquestionáveis entre umas e outras províncias. Ali a imensidão por todas as partes: imensa a planície, imensos os bosques, imensos os rios, o horizonte sempre incerto, sempre se confundindo com a terra entre celagens e vapores tênues que não deixam, na longínqua perspectiva, assinalar o ponto em que o mundo acaba e principia o céu. Ao sul e ao norte espreitam os selvagens que aguardam as noites de lua para cair, qual enxame de hienas, sobre os rebanhos que pascem nos campos e sobre as indefesas populações. Na solitária caravana de carretas que atravessa pesadamente os pampas e que se detém a repousar por momentos, a tripulação, reunida em torno do escasso fogo, volve maquinalmente a vista para o sul ao mais leve sussurro do vento que agita as ervas secas, para mergulhar seus olhares nas trevas profundas da noite em busca de vultos sinistros da horda selvagem que pode de um momento para outro surpreendê-la desapercebida."

"Quando não é a proximidade do selvagem o que inquieta o homem do campo, é o temor de um tigre que o espreita, de uma víbora que pode pisar. Esta insegurança da vida, que é habitual e permanente nos campos, imprime, a meu ver, no caráter argentino, certa resignação estóica para a morte violenta, que faz dela um dos percalços inseparáveis da vida, uma maneira de morrer como qualquer outra, e pode, quiçá,

explicar, em parte, a indiferença com que dão e recebem a morte, sem deixar, nos que sobrevivem, impressões profundas e duradouras." [1]

• • •

"Nossas carretas de viagem são uma espécie de esquadra de pequenos baixéis, cuja gente tem costumes, idioma e trajes peculiares, que a distinguem dos outros habitantes, como o marinheiro se distingue dos homens de terra. É o capataz um caudilho, como na Ásia o chefe da caravana; para esse destino, é preciso uma vontade de ferro, um caráter arrojado até a temeridade, para conter a audácia e turbulência dos flibusteiros de terra, que ele tem de controlar e dominar sozinho no desamparo do deserto. Ao menor sinal de insubordinação, o capataz brande seu chicote de "fierro" e descarrega sobre o insolente golpes que causam contusões e feridas; se a resistência se prolonga, antes de apelar para as pistolas, cujo auxílio geralmente desdenha, salta do cavalo com o formidável punhal à mão e reivindica rapidamente sua autoridade pela superior destreza com que sabe manejá-lo. Aquele que morre nessas execuções do capataz não deixa direito a nenhuma reclamação, considerando-se legítima a autoridade que o assassinou. É assim como na vida argentina começa a se estabelecer por tais peculiaridades o predomínio da força brutal, a preponderância do mais forte, a autoridade sem limites e sem responsabilidade dos que mandam, a justiça, administrada sem formas e sem debate." [2]

A sociedade desagregada

"Nas planícies argentinas não existe a tribo nômade; o pastor possui o solo com títulos de propriedade, está fixado num ponto que lhe pertence; mas para ocupá-lo foi necessário dissolver a associação e espalhar as famílias sobre uma imensa superfície. Imagine-se uma extensão de duas mil léguas quadradas, toda coberta de população, porém colocadas as habitações a quatro léguas de distância umas das outras, oito às vezes, ou duas as mais próximas. O desenvolvimento da propriedade mobiliária não é impossível, os prazeres do luxo não são incompatíveis com esse isolamento; a fortuna pode levantar um soberbo edifício no deserto, mas falta o estímulo, o exemplo desaparece, a necessidade de se manifestar com dignidade, que se sente nas cidades, não se faz sentir ali no isolamento e na solidão. As privações indispensáveis justificam a

---

[1] *Facundo*, p. 35-6.

[2] Idem, p. 40-1.

preguiça natural, e a frugalidade nos prazeres traz consecutivamente as exterioridades da barbárie.

A sociedade desapareceu completamente; resta somente a família feudal, isolada, reconcentrada; e, não havendo sociedade reunida, qualquer espécie de governo se torna impossível; a municipalidade não existe, a polícia não pode ser exercida e a justiça civil não possui meios de alcançar os delinqüentes." [3]

"... a função inumana do antigo hilota é desempenhada pelo gado. A procriação espontânea forma e aumenta indefinidamente a fortuna; a mão do homem é inútil; seu trabalho, sua inteligência, seu tempo, não são necessários para a conservação e aumento dos meios de vida. Mas se nada disto ele necessita para o material da vida, as forças que economiza não pode empregá-las como o romano; falta-lhe a cidade, o município, a associação íntima, e, portanto, falta-lhe a base de todo desenvolvimento social; os estancieiros, não estando reunidos, não têm necessidades públicas que satisfazer; em uma palavra, não há república.

O progresso moral, a cultura da inteligência — descuidado na tribo árabe ou tártara — é aqui não apenas descuidado, mas impossível. Onde colocar a escola para que a freqüentem e recebam lições as crianças disseminadas a dez léguas de distância em todas as direções? Assim, pois, a civilização é de todo irrealizável, a barbárie é normal, e graças que os costumes domésticos conservem uma pequena reserva de moral. A religião sofre as conseqüências da dissolução da sociedade; o curato é nominal, o púlpito não tem auditório, o sacerdote foge da capela solitária ou se desmoraliza na inércia e na solidão; os vícios, a simonia, a barbárie normal penetram em sua cela e convertem sua superioridade moral em elementos de fortuna e de ambição, razão pela qual acaba tornando-se caudilho de partido."

"Esse hábito de triunfar das resistências, de mostrar-se sempre superior à natureza, desafiá-la e vencê-la, desenvolve prodigiosamente o sentimento da importância individual e da superioridade..."

"... se nessa dissolução da sociedade radica profundamente a barbárie pela impossibilidade e inutilidade da educação moral e intelectual, não deixa, por outro lado, de ter seus atrativos. O gaúcho não trabalha; o alimento e a roupa, ele os encontra preparados em sua casa; um e outro lhe são proporcionados pelo gado, quando é proprietário; a casa, do patrão ou parente, quando nada possui. As atenções que o gado exige se limitam a correrias e partidas de lazer..." [4]

[3] Idem, p. 47.

[4] Idem, p. 49, 51-3.

Latifúndio e vacância

"Acredita-se que a terra é para ser distribuída em propriedade secular às vacas, matando o Estado, a nação, e criando, para o futuro, o inquilinato e a vacância, e é preciso destruir erro tão funesto."

"Acredita-se que o vago é, por este simples fato, um criminoso, e, em lugar de ir à fonte da vacância, termina-se por declarar prisão perpétua àquele que viaja ou se move sem permissão da autoridade." [5]

• • •

"No Estado de Buenos Aires, o território inteiro pertence a mil ou duas mil famílias, salvo pedaços de terra arrendada ou doada, em que vivem outras tantas. O resto dos habitantes da campanha é propriamente classificado, pela lei, como vagos, isto é, gente sem habitação própria." [6]

"... o gado é uma indústria que ocupa terra e exclui população." [7]

Latifúndio e caudilhos

"As vacas dirigem a política argentina! Que são Rosas, Quiroga e Urquiza? [8] Apascentadores de vacas, nada mais. Todos esses títulos de governador, general, restaurador, diretor são conseqüência da maneira estúpida, pobre, prejudicial de criar vacas, inutilizando o terreno, impedindo o povoamento e a indústria, que tornará impossível que se reúnam a chusma e atravessem o pampa com um vaqueano, para irem surpreender outros criadores de vacas, que estão por aí, e nos façam usar chiripá vermelho." [9] "A criação do gado, tal como se pratica hoje, produz governos que degolam quadrúpedes e bípedes indiferentemente." [10]

[5] *Obras completas*, t. XXV, p. 325. Artigo: Doctrina popular de *El Orden*. *El Nacional*, 8 jul. 1857.

[6] Idem, t. XXVI, p. 240. Artigo: Los Estados de Yowa y de Buenos Aires en ambas Américas. *El Nacional*, 10 jun. 1857.

[7] Idem, p. 288. Artigo: Invasiones de indios. *El Nacional*, 23 jul. 1855.

[8] Juan Manuel de Rosas, governador de Buenos Aires e encarregado das relações exteriores da Confederação Argentina durante longos anos, foi derrubado em 1852 por uma coalização armada na qual interveio o Brasil. Justo José de Urquiza, governador da província de Entre Ríos, comandou o exército que derrotou Rosas. Após a efêmera presidência de Bernardino Rivadavia em 1826, Urquiza governou a Confederação na qualidade de primeiro magistrado; seu governo não foi aceito pela província de Buenos Aires, que se declarou Estado. Juan Facundo Quiroga, célebre caudilho da província de La Rioja, constituiu-se no inspirador do não menos célebre *Facundo*, de Sarmiento. (N. do Org.)

[9] *Campaña en el ejército grande*, p. 298-9.

[10] Idem, p. 373.

"Acreditei explicar a revolução argentina com a biografia de Juan Facundo Quiroga, porque creio que ele explica suficientemente uma das tendências, uma das duas facetas diversas que lutam no seio daquela sociedade singular."

"... em Facundo Quiroga não vejo simplesmente um caudilho, mas uma manifestação da vida argentina tal como a fizeram a colonização e as peculiaridades do terreno, ao qual creio necessário consagrar uma séria atenção, pois sem isto a vida e os feitos de Facundo Quiroga são vulgaridades que não mereceriam entrar no domínio da História. Mas Facundo, em relação à fisionomia grandiosamente selvagem que prevalece na imensa extensão da República Argentina; Facundo, expressão fiel de um modo de ser de um povo, de suas preocupações e instintos; Facundo, enfim, sendo o que foi, não por um acidente de seu caráter, mas por antecedentes inevitáveis e alheios à sua vontade, é a personagem histórica mais singular, mais notável, que se pode apresentar à contemplação dos homens que compreendem que um caudilho que encabeça um grande movimento social não é mais que o espelho em que se refletem, em dimensões colossais, as crenças, as necessidades, preocupações e hábitos de uma nação em uma dada época de sua história." [11]

Tipos humanos

"O mais conspícuo de todos, o mais extraordinário, é o rastreador. Todos os gaúchos do interior são rastreadores. Em planícies tão dilatadas, onde os atalhos e caminhos se cruzam em todas as direções, e os campos em que pascem ou transitam as bestas são abertos, é preciso saber seguir as pegadas de um animal e distingui-los dentre mil, conhecer se ele vai devagar ou ligeiro, solto ou conduzido, carregado ou livre. Esta é uma ciência caseira e popular."

"O rastreador é uma personagem grave, circunspecta, cujas asseverações fazem fé nos tribunais inferiores. A consciência do saber que possui lhe dá certa dignidade reservada e misteriosa. Todos o tratam com consideração: o pobre, porque pode fazer-lhe mal, caluniando-o ou denunciando-o; o proprietário, porque seu testemunho pode ser-lhe decisivo. Um roubo é realizado durante a noite; logo que percebido, correm a procurar a pisada do ladrão, e, encontrada, cobre-se com algo para que o vento não a dissipe. Chama-se em seguida o rastreador, que vê o rastro e o segue sem olhar senão de quando em quando o chão, como se seus olhos vissem em relevo essa pisada que para outro é imperceptível. Segue o curso das ruas, atravessa os hortos, entra em uma casa e,

[11] *Facundo*, p. 30-1.

apontando um homem que encontra, diz friamente: 'É este!' O delito está provado, e raro é o delinqüente que resiste a essa acusação. Para ele, mais que para o juiz, o depoimento do rastreador é a própria evidência; negá-la seria ridículo, absurdo. Submete-se, pois, a essa testemunha, que considera como o dedo de Deus que o aponta." [12]

• • •

"Depois do rastreador vem o vaqueano, personagem eminente e que tem em suas mãos a sorte dos particulares e a das províncias. O vaqueano é um gaúcho grave e reservado que conhece detalhadamente vinte mil léguas quadradas de planícies, bosques e montanhas. É o topógrafo mais completo, é o único mapa que leva um general para dirigir os movimentos de sua campanha. O vaqueano vai sempre a seu lado. Modesto e reservado como uma parede, possui todos os segredos da campanha; a sorte do exército, o êxito de uma batalha, a conquista de uma província, tudo depende dele."

"Na maior escuridão da noite, no meio dos bosques ou nas planícies sem limites, perdidos seus companheiros, extraviados, dá uma volta circundando-os, observa as árvores; se não há árvores, apeia-se, inclina-se para a terra, examina alguns matorrais e se orienta da altura em que se acha, monta em seguida, e lhes diz, para tranqüilizá-los: 'Estamos na direção certa de tal lugar, a tantas léguas das habitações; o caminho deve ir ao sul'; e se dirige para o rumo que aponta, tranqüilo, sem pressa de encontrá-lo e sem responder às objeções que o temor ou a fascinação suscita nos outros.

Se isso ainda não é suficiente, ou se se encontra no pampa e a escuridão é impenetrável, então arranca pastos de vários pontos, cheira a raiz e a terra, masca-as, e, após repetir tal procedimento várias vezes, certifica-se da proximidade de algum lago, ou arroio salgado, ou de água doce, e sai à sua procura para orientar-se firmemente."

"O vaqueano conhece a distância que há de um lugar a outro, os dias e as horas necessários para chegar a ele, e mais, um atalho extraviado e ignorado por onde se pode chegar de surpresa e na metade do tempo..." [13]

• • •

"Chamam-no o gaúcho mau, sem que este epíteto lhe desfavoreça de todo. A justiça o persegue desde muitos anos; seu nome é temido,

[12] Idem, p. 61-2.

[13] Idem, p. 64-6.

pronunciado em voz baixa, porém sem ódio, e quase com respeito. É uma personagem misteriosa; mora no pampa; são seu albergue os cardais; vive de perdizes e mulitas; e, se alguma vez quer deleitar-se com uma língua, laça uma vaca, derruba-a sozinho, mata-a, extrai seu bocado predileto e abandona o resto aos abutres. De repente se apresenta o gaúcho mau num povoado de onde a patrulha acaba de sair, conversa pacificamente com os bons gaúchos, que o rodeiam e admiram; provê-se dos vícios [14]; e, se divisa a patrulha, monta tranqüilamente em seu cavalo e aponta-o para o deserto, sem pressa, sem ostentação, desdenhando volver a cabeça. A patrulha raramente o segue; mataria inutilmente seus cavalos, porque o que monta o gaúcho mau é um parelheiro pangaré tão célebre como o amor. Se o acaso alguma vez o atira de improviso entre as garras da justiça, acomete o mais corpulento da patrulha e, mercê de quatro talhos que seu punhal abriu na cara ou no corpo dos soldados, se afasta por entre eles e, deitando-se sobre o lombo de seu cavalo para fugir à ação das balas que o perseguem, encaminha-se para o deserto, até que, deixando espaço conveniente entre ele e seus perseguidores, refreia seu trotão e marcha tranqüilamente." [15]

• • •

"O cantor anda de povoado em povoado, 'de tapera en galpón', cantando seus heróis do pampa perseguidos pela justiça, os prantos da viúva a quem os índios roubaram seus filhos num ataque recente, a derrota e a morte do valente Rauch, a catástrofe de Facundo Quiroga e a sorte que coube a Santos Pérez [16]. O cantor está fazendo candidamente o mesmo trabalho de crônica, costumes, história e biografia que o bardo da Idade Média; e seus versos seriam recolhidos mais tarde como os documentos e dados em que se haveria de apoiar o historiador futuro..."

"O cantor não tem residência fixa; sua morada está onde a noite o surpreende; sua fortuna, em seus versos e em sua voz. Onde quer que o *cielito* [17] enreda seus pares sem termo; onde quer que se esvazie uma taça de vinho, o cantor tem seu lugar preferente, sua parte escolhida no festim. O gaúcho argentino não bebe se a música e os versos não o

[14] Na frugalidade do gaúcho os "vícios" não eram outros que o tabaco, a erva-mate e eventualmente um pouco de sal e açúcar. (N. do Org.)

[15] *Facundo*, p. 67.

[16] Federico Rauch foi um oficial prussiano que lutou no exército argentino; morreu num encontro com os índios. Santos Pérez passou à história como o autor material da morte de Juan Facundo Quiroga. (N. do Org.)

[17] O *cielito* é uma dança popular rio-platense. (N. do Org.)

excitam, e cada *pulpería* [18] tem sua guitarra para pôr nas mãos do cantor a quem o grupo de cavalos estacionados na porta anuncia ao longe onde se necessita do concurso de sua gaia ciência." [19]

Cidade e civilização

"As cidades argentinas têm a fisionomia regular de quase todas as cidades americanas; suas ruas cortadas em ângulos retos, sua população disseminada em uma ampla superfície, se se excetua Córdoba, que, edificada num pequeno e limitado recinto, tem todas as aparências de uma cidade européia, a que dão maior realce a multidão de torres e cúpulas de seus numerosos e magníficos templos. A cidade é o centro da civilização argentina, espanhola, européia; ali estão as oficinas das artes, as lojas do comércio, as escolas e colégios, os juizados, tudo o que caracteriza, enfim, os povos cultos. A elegância dos modos, as comodidades do luxo, os vestuários, o fraque e a sobrecasaca têm ali seu teatro e seu lugar conveniente. Não é sem objetivo que faço esta enumeração trivial. A cidade capital das províncias pastoras existe algumas vezes ela sozinha, sem cidades menores, e não falta alguma em que o terreno inculto chegue até a se ligar com as ruas. O deserto circunda-as mais ou menos a distância, cerca-as, oprime-as; a natureza selvagem redu-las a uns estreitos oásis de civilização encravados numa planície inculta de centenas de milhas quadradas, apenas interrompida por uma que outra vila de importância. Buenos Aires e Córdoba são as que maior número de vilas puderam deitar sobre o campo, como outros tantos focos de civilização e de interesse municipais; isto já é um feito notável. O homem da cidade veste o traje europeu, vive da vida civilizada tal como a conhecemos em todas as partes; ali estão as leis, as idéias de progresso, os meios de instrução, alguma organização municipal, o governo regular, etc. Saindo do recinto da cidade tudo muda de aspecto: o homem do campo leva outro traje, que chamarei americano por ser comum a todos os povos; seus hábitos de vida são diversos, suas necessidades peculiares e limitadas; parecem duas sociedades diferentes, dois povos estranhos um para o outro. Ainda há mais: o homem do campo, longe de aspirar a assemelhar-se ao da cidade, rechaça com desdém seu luxo e seus modos corteses, e o traje do cidadão, o fraque, a cadeira, a capa, nenhum signo europeu pode apresentar-se impunemente no campo. Tudo o que há de civilizado na cidade é bloqueado ali, banido para fora, e aquele que

[18] *Pulpería*: ver nota 3 da Introdução.

[19] *Facundo*, p. 69-70.

ousasse exibir-se com sobrecasaca, por exemplo, e montado sobre uma cadeira inglesa, atrairia sobre si o escárnio e as agressões brutais dos camponeses." [20]

• • •

"Córdoba, espanhola por educação literária e religiosa, estacionária e hostil às inovações revolucionárias, e Buenos Aires, toda novidade, toda revolução e movimento, são as duas facetas proeminentes dos partidos que dividiam todas as cidades, em cada uma das quais estavam lutando esses dois elementos diversos que há em todos os povos cultos. Não sei se na América se apresenta um fenômeno igual a esse; ou seja, os dois partidos, retrógrado e revolucionário, conservador e progressista, representados altamente cada qual por uma cidade civilizada de modo diverso, cada uma alimentando-se de idéias extraídas de fontes distintas: Córdoba, da Espanha, os Concílios, os comentadores, o Digesto; Buenos Aires, de Bentham, Rousseau, Montesquieu e a literatura francesa inteira." [21]

A herança colonial

"Naquele tempo passou a visitar San Juan o cônego dom Ignácio Castro Barros, e cumpriu sua missão pública, fazendo pregações sucessivamente durante quinze dias nas praças, sob a luz da lua, tendo por auditório quanta gente cabe apinhada numa quadra de terreno. Eu assistia com assiduidade a essas práticas, procurando ganhar com antecipação um lugar favorável. Precedia-lhe a fama de grande predicador, e durante muitos dias me teve em febril excitação. Havia conseguido despertar em minha alma o fanatismo rancoroso que vertia sempre daquela boca espumosa de cólera, contra os ímpios e hereges, a quem ultrajava nos termos mais ignóbeis. Furibundo, frenético, andava de povoado em povoado, acendendo as paixões populares contra Rivadavia e a reforma [22], e abrindo o caminho a bandidos, como Quiroga e outros, a quem chamava de macabeus. Fiz confissão geral com ele, para consultar-me em minhas dúvidas, para aproximar-me mais e mais daquela fonte de luz, que com minha razão de dezesseis anos achei vazia, obscura,

[20] Idem, p. 44-5.

[21] Idem, p. 145.

[22] Bernardino Rivadavia, primeiro presidente dos argentinos, eleito em 1826; pouco depois de um ano de seu mandato teve de renunciar. (N. do Org.)

ignorante e enganosa. Os estragos que aquele iludido fez em San Juan podem-se coligir do decreto de 28 de julho de 1827, expedido pelo governo inimigo de Rivadavia e seus partidários.

> 'Uma funesta experiência, diz, ensinou quanta é a facilidade com que se passa da diferença de opiniões à discórdia, e desta à guerra. Esta mesma experiência é a que tem produzido no governo o convencimento de que, embora se deva assegurar a cada indivíduo a liberdade de manifestar decorosa e legalmente sua opinião, é também necessário impedir que procure estender aquela atacando os que pensam de outro modo, por meios reprováveis e sumamente perigosos. Quando se atingiram esses arbítrios, quando certas instituições santas e veneráveis se pronunciaram em favor do que se chama uma disputa política, acha-se minada a tranqüilidade pública. Em virtude dessas considerações e por se haver chegado a entender que algum ministro do santuário tem falado direta e ainda pessoalmente na Cátedra do Espírito Santo das mesmas questões políticas que já ocasionaram outra vez derramamento de sangue em San Juan, o governo veio em decretar: 1.º) É proibido fazer menção a questões políticas em qualquer discurso público religioso que se pronuncie no templo do Senhor, onde não se deve ouvir senão a moral santa do Evangelho, os preceitos do Redentor do mundo, os consolos da religião divina e os rogos dos fiéis. 2.º) Comunique-se ao venerável clero, e se dê Registro. Fdo. Manuel Gregorio Quiroga e José Antonio de Oro.'

Fez-me duvidar de sua sinceridade o espetáculo de uma dessas farsas que lhe haviam valido a celebridade. Terminava uma prédica dentro da igreja, assanhando-se contra Llorente, a quem chamou de ímpio, viperino, por haver caluniado o santo tribunal da inquisição, assegurando ao auditório que morrera comido de vermes em castigo por suas iniqüidades. Seguia-lhe eu com avidez naquelas imprecações destilando veneno, sangue, maldições e ultrajes contra Rousseau e outra enfiada de nomes, para mim desconhecidos, e sua bílis ia-se exaltando, e a raiva de um possuído assomava aos seus olhos injetados em sangue, e à sua boca, em cujos extremos se recolhiam babas ressecas: quando de repente se levanta, e estendendo os braços e levantando sua voz estentórica, a que respondiam os ecos das abóbadas do templo, invocou o demônio mandando-o apresentar-se diante dele, garantindo, em termos positivos e categóricos, que ele tinha potestade do céu para fazê-lo comparecer, e que ia apresentar-se no ato; e seus olhos buscavam-no e suas mãos crispadas apontavam os lugares escuros da igreja, e as mulheres inquietas se moviam e volviam a cara para fugir, enquanto eu cravava os olhos naquela fisionomia do clérigo decomposta e cárdea, esperando encontrar nela sinais de fascinação, por não atrever-me ainda a crer tudo aquilo

uma patranha. Depois vi Casacuberta [23] fazer com igual paixão papéis mais difíceis, e senti meu sangue ferver de indignação contra aquela prostituição da cátedra.

O padre Castro Barros lançou em meu espírito a primeira dúvida que o atormentou, o primeiro desfavor contra as idéias religiosas em que havia sido criado, ignorando o fanatismo, e desprezando a superstição. Depois soube a história daquele insano. Era seu recurso favorito nos campos, entre as gentes incultas, arrojar lá do púlpito uma plumilha, e dizê-la a alma de um condenado, e assegurar que aquela pessoa em quem assentasse a pluma estava já predestinada aos suplícios eternos; e as infelizes mulheres, a quem havia feito apinhar-se em torno da cátedra, com seus prantos e movimentos agitavam o ar, e a vagarosa plumilha revoluteava e mudava de direção, passeando o espanto e a desolação por sobre as cabeças da multidão, que ao fim se punha de pé, alienada de terror, dando alaridos e debandando pelos campos. Omito mil cenas horríveis desse gênero, e o caso da caveira e o crucifixo, para entabular colóquios risíveis — se não fossem odiosos entre dois objetos tão venerados — e fazer a caveira cantar toadinhas mundanas, e descrever depois seus tormentos no inferno; e divertir-se com eles, recordando-lhes então um a um seus deslizes passados. Dessa escola de predicadores saem nas colônias espanholas os terroristas políticos, de suas blasfêmias contra os ímpios saiu o 'morram os selvagens unitários' [24]. Daí saíram as chispas que apaixonaram a multidão, e a lançaram aos crimes, às matanças de que temos sido vítimas. Da boca de Castro Barros, como da dos puritanos da Inglaterra, saía sempre a Sagrada Escritura empapada em sangue, açulando as paixões brutais da multidão." [25]

• • •

"Há pormenores tão curiosos da vida colonial que não posso prescindir de referi-los. Serviam à família [dos Albarracín] bandadas de negros escravos de ambos os sexos. Na dourada alcova de dona Antonia, dormiam duas escravas jovens para velar-lhe o sono. À hora de comer, uma orquestra de violinos e harpas, composta de seis escravos, tocava sonatas para alegrar o festim de seus amos; e à noite duas escravas, depois de haverem esquentado a cama com aquecedores de prata, e perfumado os aposentos, procediam a desnudar a ama dos ricos fraldelins de brocado, damasco ou melania que usava dentro de casa, calçando

[23] Juan Antonio Casacuberta foi um célebre ator da época. (N. do Org.)

[24] Os unitários eram o partido de Bernardino Rivadavia. (N. do Org.)

[25] *Recuerdos de provincia*, p. 168-70

seu polido pé meia de seda entrecortada de cores, que às cestadas enviava para remendar à casa de seus parentes menos afortunados. Nos grandes dias, os tecidos preciosos recamados de ouro, que hoje se conservam em paramentos em Santa Lucía, davam realce à sua pessoa, que, entre nuvens de rendas de Holanda, abrilhantavam ainda mais brincos enormes de topázios, gargantilhas de coral, e o rosário de aventurinas, pedras preciosas de cor café entremescladas de ouro, e que, divididas de dez em dez por limões de ouro torneados em espiral e grandes como ovos de galinha, iam rematar próximo aos joelhos numa grande cruz de pau tocado nos Lugares Santos de Jerusalém, engastada em ouro e incrustrada de diamantes. Nas antigas testamentarias, ainda existem ricos vestidos e adornos daquela época que assombram os pobres habitantes de hoje, e levam os entendidos a suspeitar que houve uma degeneração. Montava a cavalo com freqüência, precedida e seguida de escravos, para dar uma olhada em suas vinhas, cujos velhos troncos vêem-se ainda nas paróquias de Santa Lucía.

Uma ou duas vezes ao ano tinha lugar na casa uma rara faina. Cerravam-se as grossas portas da rua, engastadas com enormes cravos de bronze, e ficavam incomunicáveis ambos os pátios, para isolar a família plebéia; então, conta-me minha mãe que a negra Rosa, ladina e curiosa como um mico, lhe dizia em noveleiro cochicho: '¡Hoy hay asoleo!' [Hoje vão expor ao sol!] Em seguida, ajustando com tento uma escada de mão a uma janelinha que dava para o pátio, a astuta escrava alçava a minha mãe, ainda pequenina, cuidando que não assomasse muito a cabeça, para espiar o que se passava no grande pátio. Quão grande é, conta-me minha mãe que é a veracidade encarnada, estava coberto de couros em que se estendiam ao sol em grossa cama moedas de prata enegrecidas, para despojá-las do mofo; e dois negros velhos que eram os depositários do tesouro andavam de couro em couro removendo a tento o sonoro grão." [26]

• • •

"Não foi nunca perseguida Na Cleme por suas crenças religiosas a este respeito, ainda que o foram mais tarde e em épocas não muito remotas várias bruxas do bairro de Puyuta, afamado até hoje na crença do vulgo por servir de esconderijo a várias sectárias do maldito. Na realidade, há doze, treze ou catorze anos a polícia — eram os federais os que mandavam — andou investigando um ato de bruxaria, trazendo à tona um enredo de histórias que deixaram perplexas as autoridades.

[26] Idem, p. 42-3.

Falava-se muito no povoado de uma rapariga bruxa, e a polícia quis averiguar a verdade do caso. Com efeito, trouxeram a acusada e ela, em presença de numerosas testemunhas, confessou-se em relação ilícita com o diabo; e como se preparassem para açoitá-la, não diz a história se por seu imprudente descaro ou para corrigi-la de seus maus hábitos, disse chorando: 'É fácil castigar a mim que sou pobre! Com toda a certeza não hão de castigar a dona Teresa Funes (minha tia), a dona Bernarda Bustamante', e outras respeitáveis senhoras anciãs que ia nomeando e que, segundo declarou, freqüentavam aos sábados o campo santo, onde se praticavam os ritos consabidos da bruxaria. Espantados e boquiabertos houveram de ficar ao ouvir nomes tão respeitáveis, deixaram escapar a taimada, deixando em muito má fama, no conceito de muitos, a reputação daquelas matronas." [27]

• • •

"... os Estados sul-americanos pertencem a uma raça que figura na última linha entre os povos civilizados. A Espanha e seus descendentes se apresentam hoje no cenário do mundo moderno destituídos de todos os dotes que a vida de nossa época requer. Carecem de meios de ação, por sua falta radical daqueles conhecimentos nas ciências naturais ou físicas, que nos demais países da Europa criaram uma poderosa indústria que dá ocupação a todos os indivíduos da sociedade; a produção, filha do trabalho, não pode ser feita hoje numa escala proveitosa, a não ser pela introdução dos meios mecânicos que conquistou a indústria de outros países; e se a educação não prepara as vindouras gerações para essa necessária adaptação dos meios de trabalho, o resultado será a pobreza e a obscuridade nacional, em meio ao desenvolvimento das outras nações que marcham com o auxílio combinado de tradições de ciência e indústria há longo tempo lançadas, e o desenvolvimento atual gerado pela instrução pública que lhes promete progressos e desenvolvimento de forças produtivas maiores."

"Nossos esforços devem ser maiores para educar completamente as gerações próximas, se se consideram outras condições desfavoráveis que a colonização espanhola produziu. Não bastasse o legado intelectual e industrial que nos deixou e que a ela, na própria Europa, fez descer à insignificância e nulidade em que hoje jaz sumida, sendo nada mais que uma colônia no seio da própria Europa, onde todas as demais nações exportam seus artefatos para o consumo do povo que, por incapacidade nacional, não pode produzi-los; não bastasse tampouco que nos legasse

[27] Idem, p. 142-3.

a inaptidão civil que ela mesma tem envolta sob o peso de dívidas insolventes no exterior, e da mais espantosa desordem administrativa que se conhece na Europa no interior; era preciso, ademais, que da mesma colonização resultasse um inconveniente com que haveremos de lutar durante séculos. Todas as colonizações, que nestes três últimos séculos fizeram as nações européias, levaram de roldão os selvagens que povoavam a terra que vinham a ocupar. Os ingleses, franceses e holandeses no norte da América não estabeleceram mancomunação nenhuma com os aborígines, e quando com o lapso do tempo seus descendentes foram chamados a formar Estados independentes, acharam-se compostos das raças européias puras, com suas tradições de civilização cristã e européia intactas, com seu afinco de progresso e sua capacidade de desenvolvimento, ainda mais pronunciado se comparado com o de seus pais, ou a pátria-mãe. Devido a esta capacidade geral de todos os indivíduos que compõem a nova nação, uma vez que permaneciam abandonados em si mesmos e donos de seus próprios destinos, os povos descendentes das nações que colonizaram o norte da América têm caminhado de progresso em progresso até serem hoje a admiração dos próprios povos da Europa, a quem deixaram muito atrás na aplicação de todos os princípios, de todos os descobrimentos e de todas as máquinas, como auxiliares do trabalho, que tem revelado ou aplicado a ciência humana em todos os países civilizados.

De modo muito diferente procedeu a colonização espanhola no resto da América. Sem ser mais humana que a do Norte, por aproveitar-se do trabalho das raças indígenas escravizadas, talvez por encontrá-las mais dóceis também, incorporou em seu seio os selvagens; deixando para os tempos futuros uma progênie bastarda, rebelde à cultura, e sem aquelas tradições de ciência, arte e indústria, que fazem com que os deportados à Nova Holanda reproduzam a riqueza, a liberdade e a indústria inglesa num pequeno número de anos. Não é possível dizer como se transmite de pais para filhos a aptidão intelectual, a moralidade e a capacidade industrial, mesmo naqueles homens que carecem de toda instrução ordenadamente adquirida; porém é um fato inevitável que os filhos sigam as tradições de seus pais, e que a mudança de civilização, de instintos e de idéias não se faça a não ser pela mudança de raças. Que porvir aguarda o México, o Peru, a Bolívia e outros Estados sul-americanos que têm ainda vivas em suas entranhas, como alimento não digerido, as raças selvagens ou bárbaras indígenas que a colonização absorveu e que conservam obstinadamente suas tradições dos bosques, seu ódio à civilização, seus idiomas primitivos e seus hábitos de indolência e de repugnância desdenhosa contra o vestuário, o asseio, as comodidades e os usos da vida

civilizada? Quantos anos, senão séculos, para levantar aqueles espíritos degradados à altura de homens cultos e dotados do sentimento de sua própria dignidade?

E esse mal, que naquelas regiões americanas é aparente e tangível, não é menos real nas outras partes onde a obra de fusão de ambas as raças está já realizada; mas que nem por isso opõe menores dificuldades ao desenvolvimento do conjunto de povos semicivilizados da Europa e de selvagens da América. Quem quer que estude determinadamente os instintos, a capacidade industrial e intelectual das massas na República Argentina, Chile, Venezuela e outros pontos tem ocasião de sentir os efeitos daquele inevitável porém danoso amálgama de raças incapazes ou inadequadas para a civilização. Que hábitos de incúria, que limitação de aspirações, que incapacidade absoluta de indústria, que rebeldia contra tudo o que pode conduzi-las a seu bem-estar; que endurecimento, enfim, na ignorância voluntária, na escassez e nas privações de que poderiam, se quisessem, se livrar; que falta tão completa de todos os estímulos que servem de aguilhão às ações humanas!

Se me proponho fazer sentir fundamente a enormidade do mal, não é sem dúvida que nos desesperemos de achar-lhe remédio. Por fundo que o abismo seja, não havemos de precipitar-nos nele a sabendas. Rude é sem dúvida nossa tarefa, posto que nos cumpre preencher o déficit de suficiência que deixou a Espanha no limite duvidoso que separa os povos civilizados dos bárbaros e o aumento da barbárie que nos trouxe a colonização e nos conservaram os indígenas. Porém o movimento que hoje precipita as nações cristãs a uma organização social cujas bases, amplas e grandes, não nos é dado nem alcançar a medir com a vista, nem tampouco abarcar em seus detalhes, nos impõe, sob pena de perecermos sob os escombros das já usadas formas sociais, o dever de prepararmo-nos para a nova experiência que assumirão rapidamente e de maneira uniforme todas as sociedades cristãs; que não será outra que o maior desenvolvimento possível de todos os indivíduos que compõem a nação, superando as dificuldades que a organização atual opõe ao livre desenvolvimento das faculdades intelectuais e ativas do homem; protegendo o Estado, ou a força da nação, reunidas todas as deficiências individuais até conseguir tornar partícipes das vantagens da associação a todos os associados, sem deixar excluídos, como tem sido até hoje, os que não podem bastar-se a si mesmos. Todos os grandes acontecimentos do mundo hão de ser de hoje em diante preparados pela inteligência, e a grandeza das nações há de estribar menos nas forças materiais que nas intelectuais e produtivas de que possam dispor.

Isto suposto, qual dos Estados sul-americanos poderá dizer que tem feito o bastante para preparar-se à vida inteligente e ativa que, como republicanos e como membros da família cristã, devem levar a cabo? Há tradições de raça que influem todavia poderosamente sobre nós e perpetuam os males de que críamos haver-nos livrado só pelo ato de nos desligarmos da Espanha. Todos os governos americanos têm propendido desde os princípios de sua existência a ostentar sua força e seu brilho no número de soldados de que podem dispor. Houve Estado que organizou pela primeira vez exércitos superiores às suas forças, quando não existiam nem presumíveis nem possíveis inimigos que combater. Grande necessidade é, por certo, a existência dos exércitos para povos habituados a não sentir outros estímulos de ordem que a coerção; a infância dos governos talvez requeira também essa ostentação de força, que agrada ainda àqueles mesmos sobre os quais sua existência gravita." [28]

• • •

"O erro fatal da colonização espanhola na América do Sul, a chaga profunda que condenou as gerações atuais à imobilidade e ao atraso, vem da maneira de distribuir as terras."

"O prurido de ocupar terras em nome do rei fez apoderar-se de comarcas inteiras, distanciando-se os proprietários, que em três séculos não conseguiram desbravar a terra intermediária. A cidade, portanto, ficava neste vasto plano suprimida, e as poucas aldeias de nova criação depois da conquista foram decretadas pelos presidentes..." [29]

Minorias cultas e massas bárbaras

"Todos os homens obscuros que se levantam nas revoluções sociais, não se sentindo capazes de elevarem-se ao verdadeiro mérito, perseguem-no nos que o possuem, e as massas populares quando chegam ao poder estabelecem a igualdade pelas patas, o cordel nivelador se põe à altura da plebe e ai das cabeças que o ultrapassem de uma linha!" [30]

• • •

"Uma Constituição pública não é uma regra de conduta para todos os homens. A Constituição das massas populares são as leis ordinárias, os juízes que as aplicam e a polícia de segurança. São as classes educa-

[28] *Educación popular*, p. 27-30.
[29] *Viajes*, v. III, p. 78.
[30] *Obras completas*, t. VII, p. 270.

das as que necessitam de uma Constituição que assegure as liberdades de ação e de pensamento, a imprensa, tribuna, a propriedade etc." [31]

• • •

"Os povos, em sua infância, são umas crianças que nada prevêem, que nada conhecem e é preciso que os homens de alta previsão e de alta compreensão lhes sirvam de pai." [32]

• • •

"A aplicação do novo sistema de Rosas havia trazido um resultado singular, a saber: que a população de Buenos Aires fugira e se reunira em Montevidéu. Restavam, é verdade, na margem esquerda do Prata, as mulheres, os homens materiais, aqueles que roem seu pão sob a férula de qualquer tirano; os homens, enfim, para os quais o interesse da liberdade, a civilização e a dignidade da pátria, é posterior ao de comer e dormir; porém toda aquela escassa porção de nossas sociedades e de todas as sociedades humanas, para a qual entra por algum motivo nos negócios da vida o viver sob um governo racional e preparar seus destinos futuros, acha-se reunida em Montevidéu, para onde, por outra parte, com o bloqueio e a falta de segurança individual, havia-se transladado o comércio de Buenos Aires e as principais casas estrangeiras.

Achavam-se, pois, em Montevidéu, os antigos unitários, com todo o pessoal da administração de Rivadavia, seus mantenedores, dezoito generais da República, seus escritores, os ex-congressistas, etc.; além disso, estavam ali os federais da cidade, emigrados de 1833 em diante, isto é, todos os notáveis hostis à Constituição de 1826, expulsos por Rosas com o apelido de lombos negros. Vinham depois os fautores de Rosas que não puderam ver sem horror a obra de suas mãos, ou que, sentindo aproximar-se a eles o punhal exterminador, haviam, como Tallien e os terminadorianos, intentado salvar suas vidas e a pátria destruindo o mesmo que eles haviam criado.

Ultimamente chegou a reunir-se em Montevidéu um quarto elemento que não era nem unitário, nem federal, nem ex-rosista, e que nenhuma afinidade tinha com aqueles, composto da nova geração que chegara à idade adulta em meio à destruição da ordem antiga e a implantação da nova. Como Rosas teve tão bom cuidado e tanta firmeza de fazer o

[31] *Comentarios a la Constitución*, p. 30.
[32] *Facundo*, p. 167.

mundo crer que seus inimigos são hoje os unitários do ano 26, creio oportuno entrar em alguns detalhes sobre esta última faceta das idéias que têm agitado a República.

A numerosa juventude que o Colégio de Ciências Morais, fundado por Rivadavia, reunira de todas as províncias — a que a Universidade, o Seminário e muitos estabelecimentos de educação, que pululavam naquela cidade que teve um dia o candor de se chamar a Atenas americana, haviam preparado para a vida pública — encontrava-se sem foro, sem imprensa, sem tribuna, sem essa vida pública, sem teatro, enfim, onde ensaiar as forças de uma inteligência juvenil e cheia de atividade. Por outra parte, o contato imediato que com a Europa haviam estabelecido a revolução da Independência, o comércio e a administração de Rivadavia, tão eminentemente européia, lançara a juventude argentina ao estudo do movimento político e literário da Europa e, sobretudo, da França. O romantismo, o ecletismo, o socialismo, todos aqueles diversos sistemas de idéias, tinham acalorados adeptos, e o estudo das teorias sociais se fazia à sombra do despotismo mais hostil a todo desenvolvimento de idéias."

"Afinal, essa juventude que se esconde com seus livros europeus a estudar em segredo, com seu Sismondi, seu Lerminier, seu Tocqueville, suas revistas *Britânica*, *Dos Dois Mundos*, *Enciclopédia*, seu Jouffroy, seu Cousin, seu Guizot, etc., se interroga, se agita, se comunica, e finalmente se associa indeliberadamente, sem saber exatamente para quê, levada por um impulso que crê puramente literário, como se as letras corressem perigo de perder-se naquele mundo bárbaro, ou como se a boa doutrina perseguida na superfície necessitasse ir esconder-se no asilo subterrâneo das catacumbas para sair dali, compacta e robustecida, para lutar com o poder.

O Salão Literário de Buenos Aires foi a primeira manifestação desse espírito novo. Algumas publicações periódicas, alguns opúsculos em que as doutrinas européias apareciam mal digeridas ainda, foram seus primeiros ensaios. Até então, nada de política, nada de partidos; ainda havia jovens que, preocupados com as doutrinas históricas francesas, creram que Rosas, seu governo, seu sistema original, sua reação contra a Europa, eram uma manifestação nacional americana, uma civilização, enfim, com seus caracteres e formas peculiares."

"Do seio do Salão Literário se desprendeu um grupo de cabeças inteligentes que, associando-se secretamente, propunha-se formar um carbonarismo que devia lançar em toda a República as bases de uma reação civilizada contra o governo bárbaro que havia triunfado."

"Quase todos os que sobrevivem são hoje literatos notáveis, e, se um dia os poderes intelectuais farão parte da direção dos negócios da República Argentina, muitos e bastante completos instrumentos encontrarão nessa plêiade escolhida, longamente preparada pelo talento, o estudo, as viagens, a desgraça e o espetáculo dos erros e desacertos que eles mesmos têm presenciado ou cometido." [33]

• • •

"Democracia, como a entendo, é fazer com que a maioria, egoísta ou desorientada, ou falta de antecedentes, receba a palavra, adote-a e vivifique-a, daqueles que têm de Deus o dom dela e trabalham e estudam para torná-la útil..." [34]

• • •

"Os homens que dirigem a política têm mais que ninguém o dever de dirigir a opinião, segundo os progressos que vão fazendo a razão pública e a experiência das nações mais adiantadas, para não manter os povos pequenos e separados do movimento do mundo obstinados em seus velhos erros." [35]

• • •

"... é dever dos homens que pensam, daqueles poucos que o espetáculo do mundo fortificou contra as aberrações locais, preveni-los [os povos] do abismo a que se vão encaminhando. Por trás de toda anarquia — *an*, falta, de *arquia*, governo — está uma autocracia, o governo de um só, a soma do poder, o arbitrário que cura o mal presente e envenena ou anuvia o porvir."

"... Rosas não era tão criminoso como seus feitos o representam. A geração a que pertencia havia perdido a noção da justiça, das conveniências sociais, dos interesses comuns a todos, e, o que é pior, a idéia da gradação das penas, ou da diferença de situações e de posição dos delinqüentes. Rosas, mal que nos repugna, era o senso comum do povo sem tradições de governo regular, sem estudo do direito público ou da culpabilidade respectiva nos atentados contra a segurança pública..."

[33] Idem, p. 295-8.

[34] Carta de Sarmiento a Alberdi, de 18 de agosto de 1852, citada por TAMAGNO, Roberto. *Sarmiento, los liberales y el imperialismo inglés*, p. 143.

[35] *Obras completas*, t. XL. Artigo: La Moral de *La Nación*. *El Nacional*, 17 jan. 1879.

"... atrevemo-nos a dizer que a sociedade presente é em seus erros teóricos, ainda que com objetivos diferentes, a mesma que preparou o caminho a Rosas, por aquela confusão de idéias que assinalamos antes." [36]

• • •

"Ao ler estas tristes invenções, ao ver dia a dia o fanatismo do crime político, na eterna prédica de revoluções, de violências em nome da moral, do patriotismo, da justiça e da liberdade que se invocam, insistimos em crer que nos falta a educação política, que constitui a base das instituições que temos criado, e que, se as massas populares são menos aptas por ignorância, as classes cultas são piores ainda, pela má direção de suas falsas idéias." [37]

[36] Idem, t. XXXIX. Artigo: "Cuestiones de actualidad. *La Tribuna*, 23 abr. 1875 e edições seguintes.

[37] Idem, t. XL. Artigo: La fascinación. *El Nacional*, 20 mar. 1879.

2. O PROJETO RENOVADOR

A Independência: suas idéias

"Examinemos agora Buenos Aires. Durante muito tempo luta com os indígenas que a varrem da face da terra; volta a levantar-se, cai em seguida, até que pelos anos de 1620 se levanta já no mapa dos domínios espanhóis o suficiente para ser elevada a Capitania Geral, separando-se do Paraguai a que até então estava submetida. Em 1777 era Buenos Aires já muito visível, tanto que foi necessário refazer a geografia administrativa das colônias para pô-la à frente de um vice-reinado criado *ex-professo* para ela.

Em 1806 o olho especulador da Inglaterra percorre o mapa americano e só vê Buenos Aires, seu rio, seu porvir. Em 1810 Buenos Aires pulula de revolucionários avezados em todas as doutrinas antiespanholas, francesas, européias. Que movimento de ascensão esteve operando na margem ocidental do Rio da Prata? A Espanha colonizadora não era nem comerciante nem navegante; o Rio da Prata era para ela pouca coisa; a Espanha oficial olhou com desdém uma praia e um rio. Passado o tempo, o rio havia depositado seu sedimento de riquezas sobre essa praia, porém muito pouco do espírito espanhol do governo da Espanha. A atividade do comércio trouxera o espírito e as idéias gerais da Europa; os barcos que freqüentavam suas águas traziam livros de todas as partes e notícias de todos os acontecimentos políticos do mundo. Note-se que a Espanha não tinha outra cidade comerciante no Atlântico. A guerra com os ingleses acelerou o movimento dos ânimos para a emancipação e despertou o sentimento da auto-importância. Buenos Aires é uma criança que vence um gigante, se enfatua, se crê herói e se aventura em coisas maiores. Levada por esse sentimento de auto-suficiência, inicia a revolução com uma audácia sem exemplo, leva-a por todas as partes, se crê encarregada pelo Alto para a realização de uma grande obra. O *Contrato social* voa de mão em mão; Mably e Raynal são os oráculos da imprensa; Robespierre e a Convenção, os modelos. Buenos Aires se crê uma continuação da Europa e, se não confessa francamente que é francesa e norte-americana em seu espírito e tendências, nega sua origem espanhola, porque o governo espanhol, diz, a recolheu depois de adulta. Com a revolução vêm os exércitos e a glória, os triunfos e os reveses, as revoltas e as sedições. Mas Buenos Aires, em meio a todos esses vai-véns, mostra a força revolucionária de que está dotada. Bolívar é tudo; a Venezuela é a peanha daquela colossal figura; Buenos Aires é uma cidade inteira de revolucionários; Belgrano, Rondeau, San Martín, Alvear e os cem generais que mandam em seus exércitos são seus instrumentos, seus braços, não sua cabeça nem seu corpo. Na República Argentina não se pode dizer: o general tal libertou o país, mas a Junta, o Diretório, o Congresso, o Governo de tal ou tal época mandou o general tal fazer tal coisa, etc. O contato com os europeus de todas as nações é maior ainda desde os princípios que em nenhuma parte do continente hispano-americano; a desespanholização e a europeização se efetuam em dez anos de um modo radical apenas em Buenos Aires, entenda-se.

Não é preciso mais que tomar uma lista de vizinhos de Buenos Aires para ver como abundam nos filhos do país os sobrenomes ingleses, franceses, alemães, italianos. No ano de 1820 começa-se a organizar a sociedade segundo as novas idéias de que está impregnada, e o movimento continua até que Rivadavia se coloque à cabeça do governo. Até esse momento Rodríguez e Las Heras [1] estiveram deitando os alicerces ordinários dos governos livres. Lei da anistia, segurança individual, respeito da propriedade, responsabilidade da autoridade, equilíbrio nos poderes, educação pública; tudo, enfim, se alicerça e se constitui pacificamente. Rivadavia vem da Europa, traz consigo a Europa; mas mesmo assim, despreza a Europa; Buenos Aires e certamente, diziam, a República Argentina, realizará o que a França republicana não pôde, o que a aristocracia inglesa não quer, o que a Europa despotizada previne. Esta não era uma ilusão de Rivadavia, era o pensamento geral da cidade, era seu espírito e sua tendência.

[1] Martín Rodríguez e Juan Gregorio Las Heras, dois governadores de Buenos Aires que precederam a presidência de Bernardino Ravadavia. (N. do Org.)

O mais ou o menos das pretensões dividia os partidos, porém não as idéias antagonistas no fundo. E que outra coisa havia de suceder num povo que em apenas catorze anos havia escarmentado a Inglaterra [2], vasculhado a metade do continente, equipado dez exércitos, travado cem batalhas campais, vencido em todas as partes, ligando-se a todos os acontecimentos, violado todas as tradições, experimentado todas as teorias, aventurando-se a tudo e se saindo bem em tudo que vivia, se enriquecia, se civilizava? Que havia de suceder quando as teorias de governo, a fé política que lhe dera a Europa estavam infestadas de erros, de teorias absurdas e enganosas, de maus princípios; porque seus homens políticos não tinham obrigação de saber mais que os grandes homens da Europa, que até então não sabiam nada de definitivo em matéria de organização política? Este é um fato grave que quero fazer notar. Hoje os estudos sobre as Constituições, as raças, as crenças, a história, enfim, tornaram vulgares certos conhecimentos práticos que nos adestram contra os brilhos das teorias concebidas *a priori*; porém antes de 1820 nada disso fora revelado pelo mundo europeu. Com os paradoxos do *Contrato social* se sublevou a França. Buenos Aires fez o mesmo; Montesquieu distinguiu três poderes, e prontamente nós tivemos três poderes; Benjamin Constant e Bentham anulavam o executivo, que, nulo de nascimento, foi estabelecido ali; Say e Smith predicavam o comércio livre, comércio livre se repetiu. Buenos Aires confessava e acreditava no que o mundo sábio da Europa acreditava e confessava. Somente depois da revolução de 1830 na França, e de seus resultados incompletos, as ciências sociais tomam nova direção e começam a se desvanecer as ilusões. Desde então começam a chegar livros europeus que nos demonstram que Voltaire não tinha muita razão, que Rousseau era um sofista, que Mably e Raynal uns anarquistas, que não há três poderes, nem contrato social, etc. Desde então sabemos algo de raças, de tendências, de hábitos nacionais, de antecedentes históricos. Tocqueville nos revela pela primeira vez o segredo da América do Norte; Sismondi descobre-nos o vazio das Constituições; Thierry, Michelet e Guizot, o espírito da História; a revolução de 1830, toda a decepção do constitucionalismo de Benjamin Constant; a revolução espanhola, tudo o que há de incompleto e atrasado em nossa raça. De que culpam, pois, a Rivadavia e a Buenos Aires? De não terem mais saber que os sábios europeus que os desencaminhavam? Por outro lado, como não abraçar com ardor as idéias gerais do povo que havia contribuído tanto e com tão bom sucesso para generalizar a revolução? Como

[2] Sarmiento se refere às invasões inglesas de 1806 e 1807, rechaçadas pelo povo de Buenos Aires. (N. do Org.)

reter o vôo da fantasia do habitante de uma planície sem limites, dando frente a um rio sem margem oposta, a um passo da Europa, sem consciência de suas próprias tradições, sem tê-las na realidade, povo novo improvisado, ao qual desde o berço se ouve saudar como grande povo? Assim educado, mimado até então pela fortuna, Buenos Aires se entregou à obra de construir a si e à República, como se havia entregado à de libertar a si e à América, com decisão, sem meios-termos, e sem contemporização com os obstáculos. Rivadavia era a encarnação viva desse espírito poético, grandioso, que dominava a sociedade inteira. Rivadavia, pois, continuava a obra de Las Heras no amplo molde em que devia fundir-se um grande Estado americano, uma República. Trazia sábios europeus para a imprensa e as cátedras, colônias para os desertos, naves para os rios, interesse e liberdade para todas as crenças, crédito e banco nacional para impulsionar a indústria; todas as grandes teorias sociais da época para modelar seu governo; a Europa, enfim, para moldá-la em seguida na América e realizar em dez anos a obra que antes necessitara o transcurso de séculos. Era quimérico esse projeto? Protesto que não." [3]

• • •

"A crítica dos costumes tem uma alta missão: depurar a linguagem, corrigir os abusos, perseguir os vícios, difundir as boas idéias, atacar as preocupações que lhes interrompem o passo e, destruindo todos os escombros que o passado nos deixou, preparar o porvir. O Chile criou instituições: seu esqueleto governativo está formado, existe tranqüilidade, os princípios fundamentais em que repousa seu governo estão reconhecidos; que falta, pois, para chegar à felicidade social que tais instituições intentam estabelecer? Levar tudo à prática. Nossa época é, portanto, crítica, tem que se ocupar com tornar efetiva a liberdade, o progresso e as instituições. O olho da imprensa precisa ver todos os abusos, indicar todos os escolhos; e não sendo os menores os que nascem dos costumes, da apatia ou dos preconceitos deve encaminhar-se a desacreditar esses inimigos de todo progresso. Tão alta missão social atribuímos à crítica, que desejaríamos que nossos jovens dedicassem a ela seus gênios nascentes, sem se amedrontarem com o insucesso de seus ensaios e o desacerto de seus primeiros passos. Nada cremos que possa remover a indolente apatia de nossa imprensa atual, se não é a crítica, às vezes amarga, dos desvios de nossa sociedade, à qual é preciso ferir para que desperte

[3] *Facundo*, p. 138-42.

de seu letargo, para que entre na vida inteligente, na vida democrática a que é chamada.

Muito mal fazem os que, aspirando a uma perfeição extemporânea e prematura, se esquivam de arrojar suas idéias ao público por temor de incorrer na desaprovação dos inteligentes que, postos num ponto mais elevado de nossa sociedade, não necessitam dos escritos da imprensa, a qual em nosso país deve ser sempre incorreta e defeituosa, se se quer que seja popular e democrática. É quimérica a pretensão de sermos perfeitos quando estamos na infância, e prestar uma atenção pueril às formas e à correção, quando o povo em geral não é idôneo para sentir também essas belezas de detalhe, esse luxo e essas exterioridades que tanto apreciam os povos desde antigamente civilizados.

O escritor americano deve sacrificar o autor em benefício do avanço de seu país, o amor-próprio nos altares do patriotismo; fazer brilhar a boa intenção sem cuidar-se da fama de bom literato." [4]

• • •

"... não é culpa sua se a antiga pureza do castelhano se vê empanada desde que ele consentiu em deixar de ser o intérprete das idéias de que vivem hoje os mesmos povos espanhóis. Quando queremos adquirir conhecimento sobre a literatura, estudamos Blair, o inglês, ou Villemain, o francês, ou Schlegel, o alemão; quando queremos compreender a História, vamos consultar Victo, o italiano, Herder, o alemão, Guizot, o gaulês, Thiers, o francês; se queremos escutar os acentos elevados das musas, buscamo-los na lira de Byron ou Lamartine ou de Hugo, ou de qualquer outro estrangeiro; se vamos ao teatro, ali nos aguarda o mesmo Victor Hugo e Dumas e Delavigne e Scribe e até Ducange, e em política e em legislação e em ciências e em tudo, sem excluir um só ramo que tenha relação com o pensamento, temos que ir mendigar às portas do estrangeiro as luzes que nosso próprio idioma nos nega. Parecia que em religião, em história e costumes nacionais, houvéssemos de contentar-nos com o que a católica Espanha nos desse de seu próprio caudal; porém desgraçadamente não é assim. Os espanhóis de hoje traduzem os escritos estrangeiros que falam de seu próprio país, e nunca tiveram em religião um Bossuet, nem um Chateaubriand, nem um Lamennais."

"Um idioma é a expressão das idéias de um povo; e quando um povo não vive de seu próprio pensamento, quando tem que importar de fontes alheias a água que há de saciar sua sede, então está condenado

[4] *Polémica literaria.* Artigo: La crítica teatral. *El Mercurio*, Chile, 8 nov. 1841.

a recebê-la com o limo e as areias que arrasta em seu curso (...) Essa é a posição do idioma espanhol que deixou de ser mestre para tomar o humilde posto de aprendiz e, na Espanha como na América, se vê forçado a sofrer a influência dos idiomas estranhos que o instruem e o adestram."

"Luta-se, na Espanha como no Chile, pela aquisição das luzes que os estranhos possuem, e, na Espanha como no Chile, se levantam clamores insensatos contra um mal inevitável. O pensamento está fortemente atado ao idioma em que se verte, e raríssimos são os hábeis dissectores que sabem separar o osso sem que consigo levem tal qual resto da parte fibrosa que o envolvia. Quando o pensamento espanhol se levantar, quando o tardio renascimento de nossa literatura se haja consumado, quando a língua espanhola produzir como a alemã ou a francesa 4 000 obras originais ao ano, então desafiará as outras estranhas que vierem degradá-la e injetar-lhe seus modismos e seus vocábulos."

"No comércio das letras, como no dos artefatos, temos comércio livre, e, como os espanhóis, importaremos de primeira mão; advindo dessa mesma liberdade e de outras concausas — que assinalaremos em artigo separado — o fato de que, por mais que Garcilaso se aborreça, bastará na América que os escritores, seguindo o conselho de Boileau, aprendam a pensar antes de escrever, para que se lancem a escrever segundo a versão que mais hajam lido..." [5]

• • •

"Recusamos, pois, o que entre nós se chama hoje em dia literatura; não queremos essa literatura reduzida às galas do dizer, que concede tudo à expressão e nada à idéia, mas uma literatura filha da experiência e da História, pensando tudo, dizendo tudo em prosa, em verso ao alcance da multidão ainda ignorante; literatura nova, e expressão da sociedade nova que constituímos; toda de verdade, como é de verdade nossa sociedade; sem mais regras que essa mesma verdade, sem mais mestre que a própria natureza; jovem, enfim, como o Estado que constituímos. Liberdade em literatura como nas artes, como na indústria, como no comércio, como na consciência." [6]

• • •

"... a civilização de um povo só pode ser caracterizada pela mais extensa apropriação de todos os produtos da terra, pelo uso de todos os

[5] Idem. Artigo: Contestación a un quídam. *El Mercurio*, Chile, 19 maio 1842.
[6] Idem. Artigo: La cuestión literaria. *El Mercurio*, Chile, 25 jun. 1842.

poderes inteligentes e de todas as forças materiais, para a comodidade, prazer e elevação moral do maior número de indivíduos." [7]

• • •

"Não é, sem dúvida, belo e consolador imaginar que um dia não muito distante todos os povos cristãos não serão senão um mesmo povo, unido por estradas de ferro ou vapores, com uma linha de postas encadeada de um extremo a outro da terra, com o mesmo vestuário, as mesmas idéias, as mesmas leis e constituições, os mesmos livros, os mesmos objetos de arte? Isso pode não estar muito próximo; porém isso caminha e chegará a ser um alvo, a despeito não do caráter dos povos, no qual não creio, mas do diferente grau de cultura em que a espécie se encontra, em certos pontos da terra." [8]

• • •

"Quando se faz dominar nos ânimos a idéia política de que o progresso tem de ser lento, por exemplo, se está matando todos os germes do progresso que poderiam se desenvolver e que necessitam de energia, entusiasmo, fé cega no porvir."

"Quando se declama contra as utopias, as teorias, os projetos, aniquila-se o manancial de todos os progressos modernos, que está nesse espírito de tudo se tentar."

"A humanidade será civilizada pelo vapor em cinqüenta anos." [9]

• • •

"Fomos sempre e seremos eternamente socialistas, isto é, fazendo concorrer a arte, a ciência e a política, ou, o que é o mesmo, os sentimentos do coração, as luzes da inteligência e a eficácia da ação, para o estabelecimento de um governo democrático fundado em bases sólidas, no triunfo da liberdade e de todas as doutrinas liberais, na realização, enfim, dos sagrados objetivos de nossa revolução." [10]

• • •

[7] *Viajes*, v. II, p. 254.

[8] Idem, v. I, p. 246.

[9] *Obras completas*, t. XXVI, p. 155-6. Artigo: Acá como allá. *El Nacional*, 14 ago. 1855.

[10] *Polémica literaria*, p. 119. Artigo: Concluye el análisis del romanticismo. *El Mercurio*, Chile, 29 jul. 1842.

"Sob a aparência de uma questão literária têm-se desenvolvido princípios sociais que importa à juventude estudiosa não perder nunca de vista; e têm-se despertado essas duas tendências que se fazem guerra em todas as sociedades, e que na nossa pareciam estar adormecidas, a saber: a do progresso e a do *status quo*." [11]

• • •

"Quando o povo entra em revolução, dois interesses opostos lutam no princípio: o revolucionário e o conservador; entre nós denominaram-se os partidos que os sustinham: patriotas e realistas. É natural que, depois do triunfo, o partido vencedor se subdividia em frações de moderados e exaltados; uns que queriam levar a revolução em todas as suas conseqüências; outros, que queriam mantê-la dentro de certos limites. Também é do caráter das revoluções que o partido vencido primitivamente volte a se reorganizar e triunfar, graças à divisão dos vencedores." [12]

Nação e nacionalidade

"... a organização do próprio Vice-Reinado que a Independência surpreendeu em estado de formação, sem que trinta anos que mediaram entre a formação do Vice-Reinado e a revolução houvessem bastado para amalgamar suas partes e criar entre seus membros componentes sentimentos de adesão, é o que constitui as nacionalidades.

Quando a revolução sobreveio, as populações estavam a distâncias muito longas umas das outras para se ouvirem, socorrerem-se e ajudarem-se. Nunca pôde existir vida geral. Até o idioma foi afetado com as distâncias, há toada cordobesa, sotaque correntino, e cada província se distingue até na fisionomia dos habitantes por seu isolamento.

O desapego de raças por uma nacionalidade se mostrou o mesmo na indiferença pela independência da Metrópole. Os povos guaranis, Paraguai, Corrientes e por afinidade Entre Ríos, não tomaram parte na guerra da Independência; os Aimará ou o Alto Peru não fizeram esforço algum para adquiri-la. O povo que fala quíchua absteve-se logo de qualquer participação, com Ibarra [13].

[11] Idem, p. 127. Artigo: Segunda correspondencia de un imparcial. *El Mercurio*, Chile, 7 ago. 1842.

[12] *Facundo*, p. 83.

[13] Felipe Ibarra, caudilho que, durante longos anos, até sua morte, governou a província argentina de Santiago del Estero. (N. do Org.)

A Independência, conquistaram-na povos puramente espanhóis: Buenos Aires, Cuyo e Tucumán; Córdoba foi neutralizada para esse propósito no ano de 1820.

O mesmo fenômeno se apresenta nas classes da população. Os filhos dos espanhóis, a parcela educada das cidades, as classes cultas propenderam sempre em todas as partes para a nacionalidade. A parte grosseira, ou os instintos grosseiros das massas, tenderam à dissolução. O que se chamava federação se apoiou sempre nos campos incultos. . ."[14]

"Buenos Aires é no interior, hoje como sempre, a nacionalidade argentina, o sentimento que nos faz propender para termos um nome como povo, para ocuparmos uma categoria no mundo como nação.

Esse sentimento está menos desenvolvido nos homens ignorantes que nos mais evoluídos."

"O vulgo não se inquieta pela nacionalidade, porque suas vantagens lhe são ocultadas a partir do lugar em que está agrupado."

"As nações são conjuntos de situações geográficas, de fatos passados e previsões do futuro, que só têm em conta os homens públicos ou os povos com uma longa história."[15]

• • •

"O espírito da época e as necessidades das nações modernas militam em favor da fusão dos três Estados do Prata[16] num só corpo. A espécie humana caminha para reunir-se em grandes grupos, por raças, por línguas, por civilizações idênticas e análogas. A Itália, desde princípios deste século, luta paar reunir-se numa só nação, e as últimas revoltas da Lombardia e Veneza tiveram por instigador o espírito italiano.

A Alemanha pela Assembléia de Frankfurt, à política da Prússia ou da Áustria, aspira ao mesmo fim. Os Estados Unidos do Norte se engrandecem com a criação de novos Estados e a anexação dos vizinhos. Texas, o Novo México e a Califórnia cederam já a essa atração, e o alto e o baixo Canadá continuam cada vez mais atormentados pelo desejo de aderir a um grande centro de união. Essa propensão para aglomerar-se as populações se explica facilmente pelas necessidades da época. A ciência econômica mostra, desde o mecanismo das fábricas até a administra-

[14] Sarmiento identifica "federación" com os caudilhos, para ele sinônimo de barbárie. (N. do Org.)

[15] *Obras completas*, t. XVII p. 25-7. Artigo: Hechos y repulsiones que han preparado la federación argentina. *El Nacional*, 13 dez. 1856.

[16] Refere-se à Argentina, Uruguai e Paraguai. (N. do Org.)

ção dos Estados, que grandes massas de capitais e braços suportam com menos gasto o pessoal que reclamam."

"As repúblicas sul-americanas passaram todas mais ou menos pela propensão de se decomporem em pequenas frações, solicitadas por uma anárquica e irrefletida aspiração a uma independência ruinosa, obscura, sem representação na escala das nações. A América Central fez de cada aldeia um Estado soberano; a antiga Colômbia se repartiu em três repúblicas; as Províncias Unidas do Rio da Prata se decompuseram em Bolívia, Paraguai, Uruguai e Confederação Argentina. . ."[17]

• • •

"A República Argentina, por exemplo, é um país despovoado desde o estreito de Magalhães até mais além do Chaco. No interior há uma população reduzida em número e nula quanto à capacidade industrial, pois não herdou de seus pais nem as artes mecânicas, nem as máquinas que as auxiliam, nem o conhecimento das ciências que as dirigem e diversificam. Os governos americanos nascidos da Independência deviam, pois, ocupar-se exclusivamente em fazer dessa imensa extensão do país um Estado; dos rios, meios de comunicação e exportação; da população tão reduzida, uma nação.

Mas se um governo tivesse de esperar que o tempo lhe trouxesse esses resultados, para que a população atual, reproduzindo-se, pudesse chegar a compor uma nação de milhões de homens, dois seriam os resultados: primeiro, que se necessitaria de quinhentos anos para obtê-lo e, segundo, que se reproduziriam os mesmos homens com sua atual escassez de conhecimentos, sua falta de noções industriais etc."

"Que se faça da República Argentina a pátria dos homens que venham da Europa; que lhes seja dada a liberdade de trabalhar e mesclar-se com nossa população, tomando parte em nossos trabalhos, desfrutando nossas vantagens."[18]

• • •

"As nações não são apenas aglomerações de vontades unidas pelo território, pelas tradições, língua, instituições, etc.; outras condições exteriores devem preencher para poderem subsistir tranqüilas e respeitadas pelas demais nações da Terra. Essas agregações ou sociedades de homens necessitam dispor de um grau de força para não serem dominadas pelos poderes exteriores, toda vez que seus interesses os ponham em divergên-

[17] *Argirópolis*, p. 138-40.

[18] Idem, p. 182-3.

cia. É um fato novo, recente na história do mundo, que toda proteção moral do direito das gentes tenha cessado para os Estados pequenos; e todas as nações estão montando, digamos assim, sobre um pé de trinta milhões de habitantes para cima. Apenas sob essa condição podem suportar os gastos de segurança externa em marinhas couraçadas, em exércitos de meio milhão de soldados." [19]

• • •

"Que nos falta para transformarmos o Pampa em uma nação? Terra, temos; e o mundo lança meio milhão de homens para ocupá-la. Uma lei e uma estrada de ferro para fazê-la efetiva realizariam à nossa vista maiores prodígios que os que apresentamos onde essa lei e essas estradas existem. Hoje, na América, as nações são criadas por decreto." [20]

• • •

"Mas não se vá acreditar que Rosas não conseguiu fazer progredir a República que se despedaça, não; é um grande e poderoso instrumento da Providência, que realiza tudo o que interessa ao futuro da pátria. Vedes como. Existia, antes dele e de Quiroga, o espírito federal nas províncias, nas cidades, nos próprios federais e unitários; ele o extingue, e organiza em seu benefício o sistema unitário que Rivadavia queria em benefício de todos. Hoje todos esses caudilhotes do interior, degradados, envilecidos, tremem ante o fato de desagradá-lo e não respiram sem o seu consentimento. A idéia dos unitários está realizada; só resta o tirano; no dia que um bom governo se estabelecer, encontrará as resistências locais vencidas e tudo disposto para a união.

A guerra civil levou os portenhos ao interior, e os provincianos de umas províncias para outras. Os povos se conheceram, se estudaram e se aproximaram mais daquilo que o tirano queria; daí seu cuidado em tirar-lhes os correios, em violar a correspondência e vigiar todos. A união é íntima."

"A questão da livre navegação dos rios que desembocam no Prata é hoje uma questão européia, americana e argentina ao mesmo tempo, e Rosas, por causa dela, enfrenta guerra interna e externa até que caia e os rios sejam navegados livremente. Assim, o que não se conseguiu

[19] *Obras completas*, t. XXXIV, p. 244-5. Artigo: La guerra del Paraguai con relación a los EE.UU. Jornal Nova York, 22 nov. 1866.

[20] Idem, t. XXVI, p. 151. Artigo: Chivilcoy y el camino de hierro. *El Nacional*, 26 jul. 1855.

pela importância que os unitários davam à navegação dos rios, se consegue hoje pela torpeza do gaúcho do Pampa.

Rosas perseguiu a educação, hostilizou e fechou os colégios, a Universidade, e expulsou os jesuítas?

Não importa; centenas de alunos argentinos contam em seu seio com colégios da França, Chile, América do Norte, Inglaterra e ainda Espanha. Eles voltarão logo a realizar em sua pátria as instituições que vêem brilhar em todos esses Estados livres, e contribuirão para derrubar o tirano semibárbaro. Existe uma antipatia moral pelos poderes europeus. Pois bem: os poderes europeus necessitam estar bem armados, bem fortes no Rio da Prata; e, enquanto o Chile e os demais Estados livres da América não têm senão um cônsul e um barco de guerra estrangeiro em suas costas, Buenos Aires tem que hospedar enviados de segunda ordem e esquadras estrangeiras, que estão na mira de seus interesses e para conter as demasias do potro indômito e sem freio que está na cabeça do Estado."

"Os jovens estudiosos que Rosas perseguiu se esparramaram por toda a América, examinaram os diversos costumes, penetraram na vida íntima dos povos, estudaram seus governos e viram os recursos que em umas partes mantêm a ordem sem detrimento da liberdade e do progresso, notando em outros os obstáculos que se opõem a uma boa organização."

"Quantos resultados não vão, pois, colher esses povos argentinos, a partir do dia, já não muito remoto, em que o sangue derramado afogar o tirano! Quantas lições! Quanta experiência adquirida! Nossa educação política já está consumada. Todas as questões sociais, ventiladas; federação, unidade, liberdade de cultos, imigração, navegação dos rios, poderes políticos, liberdade, tirania, tudo foi dito entre nós, tudo nos tem custado torrentes de sangue. O sentimento da autoridade está em todos os corações, ao mesmo tempo que a necessidade de conter a arbitrariedade dos poderes, Rosas a inculcou profundamente com suas atrocidades. Agora não nos resta fazer senão o que ele não fez, e reparar o que ele destruiu.

Porque ele, durante quinze anos, não tomou uma medida administrativa para favorecer o comércio interno e a nascente indústria de nossas províncias, os povos se entregarão com afinco para desenvolver seus meios de riqueza, suas vias de comunicação, e o Novo Governo se consagrará a restabelecer os correios e assegurar os caminhos que a natureza abriu por toda a extensão da República.

Porque em quinze anos não quis assegurar as fronteiras do sul e do norte por meio de uma linha de fortes, pois esse trabalho e esse bem

feito à República não lhe davam vantagem nenhuma contra seus inimigos, o Novo Governo situará o exército permanente ao sul e assegurará territórios e rios para estabelecer colônias militares que em cinqüenta anos serão cidades e províncias florescentes.

Porque ele perseguiu o nome europeu e hostilizou a imigração de estrangeiros, o Novo Governo estabelecerá grandes associações para introduzir população e distribuí-la em territórios férteis às margens dos imensos rios, e em vinte anos sucederá o que na América do Norte sucedeu em igual tempo: levantaram-se como por encanto cidades, províncias e Estados nos desertos onde pouco antes pastavam manadas de bisões selvagens; porque a República Argentina se acha hoje na situação do Senado romano que, por um decreto, mandava levantar de uma vez quinhentas cidades, e as cidades se levantavam sob sua voz.

Porque ele impôs aos nossos rios interiores uma barreira insuperável para que não fossem livremente navegados, o Novo Governo fomentará de preferência a navegação fluvial; milhares de naves remontarão os rios e irão extrair as riquezas que hoje não têm saída nem valor até a Bolívia e o Paraguai, enriquecendo em seu trânsito Jujuy, Tucumán e Salta, Corrientes, Entre Ríos e Santa Fé, que se tornarão ricas e formosas cidades, como Montevidéu, como Buenos Aires. Porque ele malbaratou as pingues rendas do porto de Buenos Aires e gastou em quinze anos quarenta milhões de pesos em moedas de prata que produziu, ao levar adiante suas loucuras, seus crimes e suas vinganças horríveis, e o porto será declarado propriedade nacional, para que suas rendas sejam consagradas para promover o bem em toda a República, que tem direito a esse corpo de que é tributária.

Porque ele destruiu os colégios e retirou as verbas das escolas, o Novo Governo organizará a educação pública em toda a República com rendas adequadas e com ministério especial como na Europa, como no Chile, Bolívia e todos os países civilizados; pois o saber é riqueza, e um povo que vegeta na ignorância é pobre e bárbaro, como o são os da costa da África e os selvagens de nossos pampas.

Porque ele algemou a imprensa, não permitindo que haja outros diários que os que tem destinado para vomitar sangue, ameaças e morras, o Novo Governo estenderá por toda a República o benefício da imprensa, e veremos pulularem livros instrutivos e publicações que se consagram à indústria, às artes e a todos os trabalhos da inteligência.

Porque ele perseguiu de morte a todos os homens ilustres, não admitindo para governarem senão seu capricho, sua loucura e sua sede de sangue, o Novo Governo se rodeará de todos os grandes homens que a República possui e que hoje andam esparramados por toda a terra, e, com o concurso e as luzes de todos, fará o bem de todos em geral. A inteligência, o talento e o saber serão chamados de novo para dirigir os destinos públicos como em todos os países civilizados.

Porque ele destruiu as garantias que nos povos cristãos asseguram a vida e a propriedade dos cidadãos, o Novo Governo restabelecerá as formas representativas e assegurará para sempre os direitos que todo homem tem de não ser perturbado no livre exercício de suas faculdades intelectuais e de sua atividade.

Porque ele fez do crime, do assassínio, da castração e da degola um sistema de governo; porque ele desenvolveu todos os maus instintos da natureza humana para criar cúmplices e partidários, o Novo Governo fará da justiça, das formas recebidas dos povos civilizados, o meio de corrigir os delitos públicos. . ."

"Porque ele esteve continuamente suscitando querelas aos governos vizinhos e aos europeus; porque ele nos privou do comércio com o Chile, ensangüentou o Uruguai, malquistando-se com o Brasil, atraiu um bloqueio da França, os vexames da marinha norte-americana, as hostilidades com a inglesa, meteu-se num labirinto de guerras intermináveis e de reclamações que não acabarão senão com a despovoação da República e a morte de todos os seus partidários, o Novo Governo, amigo dos poderes europeus, desatará de um golpe esse enredo de relações estrangeiras e estabelecerá a tranqüilidade no exterior e no interior, dando a cada um seu direito e caminhando pelas mesmas vias de reconciliação e ordem em que caminham todos os povos cultos.

Tal é a obra que nos resta por realizar na República Argentina. Pode ser que tantos bens não se obtenham rapidamente e que, depois de uma subversão tão radical como a que Rosas realizou, custe ainda um ano ou mais de oscilação para fazer a sociedade entrar em seus verdadeiros eixos. Porém, com a queda desse monstro, entraremos pelo menos no caminho que conduz a tão belo porvir. . ." [21]

A função do Estado

"As funções normais do Estado devem reduzir-se a duas coisas: pôr todos os pontos do território em rápido contato entre si e com os grandes centros comerciais, e preparar a vida pública às gerações nascentes por meio da generalização do ensino. Que melhor Constituição se pode dar a um Estado do que cruzá-lo de estradas de ferro e responder de forma que todos os seus habitantes conheçam o que ao Estado convém?"

---

[21] *Facundo*, p. 312-21.

"Nada deve proteger o Estado, e não é proteção o que deve às ferrovias. Porém, o Estado deve dotar o país de vias de comunicação e, se empresas particulares se encarregam de supri-lo, ele deve assegurar-lhes o produto do capital que investem, sem o qual não fariam mais que malograr." [22]

Povoar com imigrantes

"A América está colocada numa condição que se torna para ela um elemento de prosperidade e engrandecimento atrair para seu seio o maior número de estrangeiros. A colonização espanhola, dilatando-se sobre uma imensa extensão de país, deixou-o quase despovoado. A Confederação Argentina tem país para 100 milhões de habitantes, e não conta com um milhão de filhos. Em nossa época não é possível esperar o lento progresso da população natural, sem condenar-se à nulidade por séculos inteiros.

A emigração do excesso de população de umas nações velhas para as novas produz o efeito do vapor aplicado à indústria: centuplicar as forças e produzir num dia o trabalho de um século."

"Necessitamos mesclar-nos à população de países mais adiantados que o nosso, para que nos comuniquem suas artes, suas indústrias, sua atividade e sua aptidão para o trabalho. Um europeu que vem estabelecer-se entre nós, se faz uma grande fortuna, essa fortuna não existia antes, ele a criou, acrescentou-a à riqueza do país. A terra que lavra, a casa que constrói, o estabelecimento que levanta são aquisições e progressos para o país."

"A habilidade política de um governo americano estaria, pois, em mostrar-se não somente disposto a receber esses milhões de hóspedes, mas em solicitá-los, seduzi-los, oferecer-lhes vantagens, abrir-lhes caminhos e meios de se estabelecerem e fixarem-se no país."

"Não há dúvida de que temos o direito de empregar nossa independência em degolar-nos uns aos outros, em um partido proclamar o extermínio de outro, em fazer a guerra civil passear de um extremo a outro da República, em confiscar as propriedades e não reconhecer outra lei de governo, outro princípio de ordem nem outra constituição que a vontade do que manda..."

"Que em lugar de canais, estradas, cais, vapores, telégrafos, tenhamos em atividade canhões, minas, contraminas, exércitos e frotas; nada mais legítimo. Mas ao menos reconheçamos que a população estrangeira,

[22] *Obras completas*, t. XXVI, p. 194. Artigo sem título. *El Nacional*, 10 jul. 1857.

que vem buscando a paz e a liberdade necessárias para fazer progredir sua indústria, não deve ver com olhos indiferentes o fato de que um exército venha sitiar a cidade que habitam, paralisar o comércio e destruir num dia o trabalho de anos de atividades e esforços.

O comércio da América é feito pelos europeus em Valparaíso como em Buenos Aires e Montevidéu; e todas as perturbações a que esses países estão sujeitos, os triunfos e reveses dos partidos, as perseguições e confiscos a que estão expostos os cidadãos argentinos ou uruguaios vão necessariamente influir no curso dos negócios, interromper as relações. Hoje fecha-se o comércio do Paraguai, amanhã se interrompe o de Montevidéu, um decreto paralisa o do Chile, uma esquadra bloqueia Buenos Aires, uma província se subleva, o papel sobe ou baixa mercê das oscilações dos negócios públicos, e ninguém conta com o dia de amanhã, ameaçado de uma quebra cujas causas fogem aos limites da previsão humana."

"Sobre o total de cinqüenta e três casas de consignação [estabelecidas em Buenos Aires], apenas cinco presididas por nomes argentinos; as demais são européias. Arruinais Montevidéu, perseguis os unitários? O comércio e a indústria européia sentem conseqüentemente o golpe, porque cada um desses acontecimentos vai influir sobre seus interesses e suas especulações. Não é estranho, pois, que as potências estrangeiras com direito ou sem ele, porém compelidas a isso pelas nossas desordens, queiram a todo transe que Montevidéu não caia em nossas mãos, crendo com sua intervenção tolher a propagação do mal."

"Há na Confederação Argentina uma constituição federal, federalíssima, que deslinde os poderes dos governantes, reconheça os direitos dos governados e aponte-lhes suas obrigações? Não, essa constituição não existe."

"Quem é o chefe desta República sem cabeça, sem lei, sem forma, desta Confederação que não está federada por vínculo nenhum e que apenas reconhece por representação, por lei, a vontade onipotente, irresponsável, de um simples encarregado provisório das Relações Exteriores?

Esse estado de coisas deve ter um término..."

"A França e a Inglaterra têm interesse em que se legisle a navegação dos rios, o que só o congresso o pode fazer, como não pode haver tratado celebrado pelo encarregado das Relações Exteriores sem que seja ratificado pelo congresso, única autoridade competente para isso."

"O mal não está nos homens, mas na falta de instituições." [23]

• • •

[23] *Argirópolis*, p. 169-79.

"O pastoreio deu com a produção das lãs, gorduras e pelarias tudo o que tinha que dar, pois se nós enviamos 130 milhões de libras de lã ao mercado mundial, toda a Terra envia dez vezes mais, com o que a oferta excedeu a demanda de tecidos de lã para a restrita parte da humanidade que os consome, havendo assim perdido seu valor antes tão recompensador. Resta-nos experimentar outros meios, e as florescentes colônias de Santa Fé, Entre Ríos, Córdoba e outros pontos, ainda que em pequena escala, estão mostrando o fácil caminho, que é dotar com mais braços menor extensão de terra, sem cuidarmo-nos de saber o que o proprietário engendrará para fazê-la produzir riqueza.

Desgraçadamente, devido ao mais improvisado sistema de colonização que nenhum povo provou, a parte mal povoada da República já está possuída, sem que o imigrante encontre um palmo de superfície isento dos entraves que a propriedade particular impõe à sua aquisição. Com 900 mil milhas quadradas de área e com uma população de milhão e meio de habitantes, os dois terços não sabem contudo onde fixar seu lar, e o imigrante aonde dirigir-se para estabelecer seus penates.

Na expectativa de cem mil imigrantes por ano, devemos desde agora acometer-nos à tarefa de preparar-lhes terra de fácil aquisição e regida sua distribuição por leis que impeçam que um indivíduo se apodere do território que na Europa é bastante para suster um reino, ou que a geração atual despoje as futuras de seu direito de ter um lar e um pedaço de solo que possam chamar seu patrimônio." [24]

• • •

"... o imigrante substitui o crioulo e vai deixando este sem ocupação, se não é instruído, ativo ou apto."

"As artes manuais passam às mãos dos imigrantes: o pulpeiro, o carvoeiro, o vendedor de fruta são estrangeiros. Nossos crioulos se mantêm contudo nas tendas e mercearias, nas profissões liberais de advogados e médicos, nos empregos públicos e na criação de gado, porém o grande comércio está em mãos mais competentes, de estrangeiros." [25]

• • •

"... o elemento principal de ordem e moralização com que a República Argentina conta hoje é a imigração européia, que, naturalmente e a despeito da falta de segurança que lhe é oferecida, amontoa-se dia a dia no Prata..."

[24] Mensagem presidencial de 1869, p. 10-1.

[25] *Obras completas*, t. XXXIV, p. 214.

"No ano de 1835 emigraram para a América do Norte quinhentos mil e seiscentos e cinqüenta almas; por que não emigraram para a República cem mil por ano se a horrível fama de Rosas não os amedrontasse? Pois bem: cem mil por ano fariam em dez anos um milhão de europeus industriosos disseminados por toda a República [...]; e com um milhão de homens civilizados, a guerra civil é impossível, porque seriam menos os que se achariam em condição de desejá-la." [26]

Câmbio livre e indústria

"... examinemos agora quais são os interesses da França e da Inglaterra na América do Sul, pondo-nos por um momento de seu lado, para nossos interesses não substituírem os seus. Dois grandes móbeis levam a Europa a interessar-se por nossas questões americanas. Sem dúvida, a Europa deseja vender na América o maior número de mercadorias possível e exportar a maior quantidade possível de produtos americanos.

Para conseguir isso, a Inglaterra e a França tenderão sempre a obter tratados que lhes assegurem todas as facilidades de vender muito e comprar muito e os meios de penetrar por todo o país com suas mercadorias, subir os rios até Mato Grosso, se possível, e ali o comércio encontra probabilidade de fazer trocas vantajosas. Esse interesse europeu por nosso país estará completamente de acordo com o nosso, na condição de prover à segurança de nosso território e à cobrança dos direitos de importação e exportação que as necessidades do Estado façam necessário impor; porque também nosso interesse está em vender a maior soma possível de produtos e comprar a maior quantidade de artefatos europeus. Não é rico aquele que tem prata, mas aquele que produz e sabe gozar do fruto de seu trabalho. Nós não seremos fabricantes a não ser num lapso de século e com a aglomeração dos milhões de habitantes; nosso singelo meio de riqueza está na exportação das matérias-primas de que a fabricação européia necessita." [27]

• • •

"... a livre navegação dos rios será por longo tempo infecunda em resultados se não se centuplicar e melhorar rapidamente a população

[26] *Facundo*, p. 324 e 326.

[27] *Argirópolis*, p. 165-7.

necessária para consumir muitos artefatos europeus e produzir muitas matérias exportáveis que dêem vida e atividade ao comércio." [28]

• • •

"A riqueza das nações e, por conseqüência, seu poder, provêm da facilidade de suas comunicações internas, da multidão de portos em contato com o comércio das outras nações."

"O comércio estrangeiro acumula, nos pontos que freqüenta, população e riqueza; e a população e a riqueza de uma cidade acumulam poder, recursos, inteligência e influência, que mais tarde vão agir sobre os outros povos colocados em situações menos avantajadas." [29]

• • •

"Por que causa oculta, então, Santa Fé se desmorona e Buenos Aires e Montevidéu se expandem, se povoam e se enriquecem? Não estão as três cidades sobre as margens do mesmo rio? Eis aqui, pois, explicado o fenômeno: Buenos Aires e Montevidéu são portos abertos ao comércio europeu, aos barcos de todas as nações, enquanto que Santa Fé somente podia admitir em seu porto os barcos de cabotagem; Buenos Aires e Montevidéu eram centros comerciais, e Santa Fé, embora porto, não o era nem podia sê-lo pela interdição do comércio europeu em que estão as cidades litorâneas do Paraná." [30]

• • •

". . . o comércio é como o ouro, ou seja, não há ouro nem comércio maus. . ." [31]

• • •

"Há certas leis que não estão escritas, mas que pelo consentimento de todos os povos, pelas doutrinas recebidas e pela marcha geral dos acontecimentos adquirem a força das leis escritas e obrigam povos e governos. Uma delas é a liberdade comercial, em maior ou menor escala; porém sempre tendo por base a liberdade das transações, a eqüidade dos direitos, a igualdade entre as nações."

---

[28] *Campaña en el ejército grande*, p. 364.

[29] *Argirópolis*, p. 95 e 97.

[30] Idem, p. 121.

[31] *Viajes*, v. II, p. 249.

"A tendência do mundo em matéria de leis comerciais é hoje tão oposta a qualquer restrição, que os governos que ainda conservam direitos protetores em favor de sua indústria têm que eludir eles mesmos as leis vigentes, por decretos de exceção, como sucede na França de dois anos para cá, com que se concedeu livre entrada aos cereais e gados de outras nações."

"A legislação que contrariasse essa tendência geral do mundo, além de piorar sua situação econômica, pois consultando seu próprio bem é que todas as nações andam no sentido oposto, atrairia para si a reprovação de todos os outros Estados comerciantes, dando-lhes o direito de propender para destruir as práticas bárbaras dos tempos obscuros do comércio e da economia política." [32]

• • •

"Faz tempo que os economistas estão convencidos de que a ação da lei deve deter-se ali onde a ação industrial começa. Dê-nos o governo tranqüilidade interna e paz externa; dê-nos segurança, liberdade, correios, estradas, canais, portos, tudo o que ativa as comunicações e deixe ao capital a incumbência de discorrer sobre o que mais lhe convém para multiplicar-se, sem se transformar em vinha, tabaco, roupa, açúcar. Deixe-o seguir seus instintos de produção, seus cálculos de lucro e ele irá onde o proveito o chamar; porém pretender abrir-lhe caminhozinhos artificiais, forjando indústrias lucrativas com direitos protetores, impor ao consumidor uma contribuição pela qual é obrigado a pagar mais caro o que havia pago mais barato, é meio que mais cedo ou mais tarde se paga caro." [33]

• • •

"Os homens viverão na Europa, e a América meridional se reserva a estância para criar o gado que, por falta de espaço, eles não podem criar lá." [34]

• • •

---

[32] *Obras completas*, t. XVII, p. 195-6. Artigo: Bloqueo continental o derechos diferenciales. *El Nacional*, 11 jul. 1856.

[33] *Obras completas*, t. X, p. 319 e 389.

[34] Idem, t. XXVI, p. 234. Artigo: Los ganados en América y los hombres en Europa. *El Nacional*, 25 jun. 1856.

"... um Estado americano tem de viver necessariamente da exportação de suas matérias-primas, seus cereais e pelarias..." [35]

• • •

"Não é menos inquestionável que os direitos de introdução são pagos exclusivamente por quem compra e quem consome a mercadoria; e que, portanto, todo imposto que tenha por objetivo proteger uma indústria nacional não faz mais que meter a mão no bolso dos consumidores que são a Nação e tirar-lhes o valor total do imposto, sem deixar por outro lado um meio no bolso dos produtores, que são poucos. Sir Robert Peel, como sabem nossos leitores, foi o primeiro estadista do mundo que compreendeu e pôs em prática essas verdades que encabeçam a maior revolução que se efetuou na política comercial dos governos."

"A Inglaterra deu o exemplo ao retirar a proteção ao açúcar de suas colônias e ao abrir seus portos à produção dos açúcares de todo o mundo, contando com que a presença da massa de produtos no mercado daria o valor real à espécie, sem que, à maneira de súdito inglês, nenhum industrial fizesse pagar à nação inglesa preços fictícios às coisas que consome, sem que um fretador de barcos cobrasse mais caro que os outros cobrariam se lhes fosse permitido concorrer, nem que o povo gastasse mais em pão e carne para viver do que necessitaria se o pão e a carne do mundo inteiro viessem se oferecer às portas de sua casa.

A Europa ficou na expectativa meio atônita e incrédula esperando ver o resultado da aplicação que de tão liberais princípios ia-se fazer, e os resultados vieram a confirmar a teoria, ampliando o comércio, melhorando a condição de todos e dobrando a riqueza, e, posto que sejam estas as verdades conhecidas de todos, devemos apregoá-las para que se convertam em senso comum e para evitar sua não-aplicação às nossas pequenas coisas, o quanto antes à reforma de nossa legislação comercial." [36]

• • •

"O consumo que cada Estado faz dos produtos da indústria francesa é um meio infalível para avaliar o estado da respectiva civilização. O Rio da Prata, sem o Uruguai, consome mais mercadorias francesas que qualquer dos outros povos americanos de fala espanhola." [37]

• • •

[35] *Viajes*, v. III, p. 40.
[36] *Obras completas*, t. VI, p. 364.
[37] Idem, t. XXIV, p. 48.

"O paisano lucrou em comodidade, luxo, bem-vestir. Em 1845 um comerciante vendeu 9 300 ponchos, em 1855 vendeu 3 200, e contudo desta cifra a maior parte foi ocupada em enxergões para os cavalos, que poucos paisanos usam. O poncho de pano substituiu os tecidos do país, e muito mal-vestido andará o paisano que não conte com dois ou três ponchos de pano, se é que já não o substituiu por japona e calça, de onde se conclui que não há povo no mundo que consuma igual quantidade de pano [inglês, obviamente], porque mesmo o norte-americano é parco no vestir, não tendo senão um traje completo." [38]

Cobden: o deslumbramento [39]

"A propósito de proteção, tive aqui a felicidade de ser apresentado a Cobden, o grande agitador inglês, e vos asseguro que, depois de Napoleão, homem algum eu desejara ver de preferência. Conheceis a longa luta da Liga contra os cereais na Inglaterra, luta gloriosa do raciocínio, da discussão, da palavra e da vontade, que derrocou a aristocracia inglesa, sapando seu poder na base, na terra que possui por direito de primogenitura, e deixando-a viva, para que se dessangre pouco a pouco, se faça povo e ceda sem violência o poder, quando suas mãos debilitadas não puderem manejá-lo. Desde os tempos de Jesus Cristo não se havia posto em prática esse singelo método de propagar uma doutrina, apenas pelo uso da palavra. Os católicos posteriores continuaram predicando, é verdade; mas queimavam de quando em quando os seus oponentes, e as guerras religiosas inundaram de sangue a terra. Os princípios de liberdade não haviam saído até hoje desse triste terreno, a liberdade e a guilhotina, a emancipação dos povos e a conquista. Cobden reabilitou a predicação antiga, o apostolado sem o martírio. Alguns milhões de libras esterlinas reunidas por subscrição alimentaram durante oito anos aquela guerra de palavras. Nove milhões de opúsculos arrojaram, somente em 1843, aquelas baterias de lógica e de convencimento; e uns dois mil comícios, quais combates parciais, e dezesseis comícios-monstros, batalhas campais que obscurecem, pelo brilho dos resultados,

[38] Idem, t. XXVI, p. 252.
[39] Richard Cobden nasceu no condado de Sussex, Inglaterra, em 1804; faleceu em 1865. Foi empregado do comércio em Londres e industrial em Manchester. Publicou dois panfletos intitulados "England, Ireland and America by a Manchester Manufacturer" e "Russia". Criou uma sociedade destinada a difundir o pensamento de Adam Smith, a quem considerou "a mais alta luminária deste século". Atacou violentamente as leis que protegiam o cultivo de cereais na Grã-Bretanha e logo se dedicou a defender o desarmamento universal. (N. do Org.)

as inúteis batalhas de Iena, Austerlitz e Marengo, concluíram por entregar a Cobden as chaves do parlamento inglês, a aristocracia ditando daquele Kremlin a capitulação que lhe permitia permanecer com bagagens, apetrechos, bandeiras e posições, a troco de que deixasse entrar na Inglaterra tanto trigo quanto o povo necessitasse para se fartar de pão.

Com Cobden principia uma nova era para o mundo; a palavra, o verbo, volta a fazer-se carne, produzindo por si só os maiores feitos; e mais adiante, quando os homens quiserem saber se é possível destruir um abuso protegido pelo poder, defendido pela riqueza, pela hierarquia, pela corrupção; quando se perguntarem se há esperança de deitar abaixo semelhante abuso de poder por meio de esforços perseverantes e de sacrifícios, ser-lhes-á lembrado o nome de Cobden, e empreenderão a obra."

"Amigos há duas horas de conhecer-nos, Cobden, que na ocasião estava em Barcelona, teve as honras de um chá, durante o qual eu devia ser-lhe apresentado."

"Falamos os dois quase a sós durante toda a noite; contou-me algumas de suas aventuras, de suas lutas; mostrou-me seus meios de ação, a estratégia de sua palavra, as historietas com que era preciso entreter o povo para que não dormisse escutando-o. Lamentou-se da quase insuperável dificuldade que opunham as massas, por sua incapacidade de compreender, por suas preocupações."

"Antes de começar sua obra, Cobden destruíra ou atacara todos os grandes princípios em que repousava a ciência governativa. O Equilíbrio Europeu declarou-o maníaco por intrometer-se em assuntos alheios, desabonando os ministros. As Colônias eram apenas um meio de proporcionar emprego aos filhos menores dos lordes. A Balança Comercial, o resumo da ignorância em economia. A Política, com todas as suas pretensões de ciência, um charlatanismo de truões e velhacos. A Proteção às indústrias nacionais, um meio inocente de roubar dinheiro com rapidez, arruinando o consumidor e deixando na rua o fabricante protegido. Em lugar de todas essas verdades fundamentais, ele colocava o bom senso, o senso comum de todos os homens, mais apto para julgar que a interessada ciência de lordes e ministros." [40]

O capital estrangeiro

"Três quartos dos canais e estradas de ferro dos Estados Unidos foram construídos com capitais ingleses. Na Europa o dinheiro não tem juro maior que três por cento, e mesmo dois; o capital calcula os riscos,

[40] *Viajes*, v. II, p. 97-100.

e não há empresa, por alheia e problemática que seja, à qual um bom negócio não proporcione capitais. Quando nos acostumarmos a trabalhar, quando desaparecerem esses governos voluntariosos e essas guerras obstinadas, os capitais, os braços, a indústria européia virão espontaneamente procurar, sob a salvaguarda de nossas leis, ocupação lucrativa. Dois alinhamentos de populações fortes ao Sul e ao Norte da República aumentam em milhões o valor dos milhares de léguas garantidos para elas. Eis aí já um capital adquirido; um sistema de correios, telégrafos e moradias que atravesse o interior em duas ou três direções, para que os imigrantes de todas as idades e sexos possam penetrar para beneficiar terras baldias, constitui por si só valores de milhões; e a importância de um governo constituído, que inspira os ânimos para aventurarem-se em empresas que requerem anos para a sua realização, vale bilhões." [41]

• • •

"O capital europeu, ao empreender grandes trabalhos na América, ganha em segurança e lucro, e, para o país que os recebe, é uma aquisição de valores que se assimila, criando novas construções no país. Atrair capitais europeus é aumentar nossa riqueza, posto que esse capital se converte em construções ligadas ao solo, e é tolice que não merece nem retificação dizer interesses do país, capital do país, homens do país. O gás e a ferrovia estão aí para mostrar as conseqüências desse patriotismo de dinheiro que prefere a ruína do entusiasta e o malogro das empresas, por não dar às coisas seu valor e desenvolvimento ao progresso do país."

"Que façam, que venham, que comerciem." [42]

As ferrovias

"O efeito mais imediato das linhas férreas é aproximar as distâncias, de maneira que uma estrada de ferro que chegue até a Vila de Mercedes transforme em arrabaldes da cidade de Buenos Aires todos os campos e povoados que medeiam entre aquela vila e a cidade. Este fato tão simples interessa a todas as famílias, pobres e ricas, porquanto põe ao alcance do mercado onde provêem as suas necessidades os produtos da indústria, da agricultura, do gado, das hortas e até das galinhas de trinta léguas ao redor."

[41] *Argirópolis*, p. 203-4.

[42] *Obras completas*, t. XXVI, p. 190-1. Artigo: El ferrocarril de San Fernando. *El Nacional*, 16 jun. 1857.

"Todos esses fatos que não fazemos mais que apontar levarão a compreender quais serão as conseqüências imediatas da abertura de estradas de ferro. Os salários baixarão, pois o operário, com menos dinheiro, comerá mais pontualmente. Essa foi a operação que fez Sir Robert Peel com o livre ingresso de cereais da Inglaterra; pois, baixando os preços dos produtos do mercado, o trabalhador economiza mais de seu salário. Com a estrada de ferro as famílias gastarão ao ano a metade para seu sustento, e, portanto, os ganhos do trabalho não serão devorados em comprar pouco, caro e mal, dos artigos do consumo diário." [43]

"Na França existem três categorias de vagões, na Inglaterra quatro; a nobreza é medida pelo dinheiro que cada um pode pagar, e os empresários, para envilecer o homem que paga pouco, têm cumulado comodidades e luxo na primeira classe, e deixado tábuas rasas, estreitas e duras, para os de terceira. Não sei por que não puseram espinhos nos assentos para mais mortificar o pobre. Nos Estados Unidos o vagão é uma sala de vinte varas de comprimento e espaçosa de largura, com assentos de espaldar móvel, de maneira a formarem corrilho de quatro assentos, voltando-se dois para o lado oposto, com uma passagenzinha no meio para facilitar o movimento, e abertos os vagões em ambos os lados, de maneira que o curioso possa transladar-se do primeiro ao último, durante a caminhada, e o ar penetre livremente por todas as partes. As comodidades e os coxins são excelentes e iguais, e portanto o preço da passagem é o mesmo para todos. Mostraram-me a meu lado o governador de um Estado, e as calosidades das mãos de meu outro vizinho me revelavam nele um rude lenhador. Assim se educa o sentimento da igualdade, pelo respeito ao homem. A aristocracia veneziana estabeleceu a igualdade na adusta pobreza das gôndolas por não ferir a inveja dos nobres pobres; a democracia da América do Norte distribuiu o conforto e o luxo igualmente em todos os vagões para alentar e honrar a pobreza." [44]

• • •

"Tendo visto anunciado nos diários de Buenos Aires que Mr. Wheelright, empresário e construtor da Estrada de Ferro Central Argentina, em vias de chegar a Córdoba, propõe continuá-la até Tucumán, contanto que as províncias de seu trajeto concorram com doações iguais de terrenos, como as que fizeram as de Córdoba e Santa Fé, acreditei oportuno um dado deste país [os Estados Unidos] pelo que possa valer. É frequente aqui a doação de terrenos pelo Congresso, para favorecer as empresas ferroviárias; porém, ao fazê-lo, se tem cuidado de não alienar a zona contínua, senão que, alternando a um lado e outro do trajeto lotes com outros retidos, consegue-se que estes adquiram com o tempo o valor que ganham aqueles, ressarcindo-se assim do gravame da doação; e evitando pôr em mãos de uma companhia particular uma grande extensão de país sem interrupção, livrando-a assim dos interesses que nem sempre estarão em harmonia com os gerais." [45]

[43] *Obras completas*, t. XXVI, p. 144 e 146. Artigo: Los primeros ferrocarriles. *El Nacional*, 20 jul. 1855.

[44] *Viajes*, v. III, p. 74-5.

Educar o povo

"Até não faz um ano [1848], se poderia dizer que existiam entre os povos civilizados dois direitos civis diferentes: um que se referia à propriedade, outro à pessoa; aquela como garante da inteligência da outra. Essa diferença, não obstante, vai desaparecer com a última revolução da Europa, que dará por resultado final na prática, como deu já no princípio, o direito de todos os homens de serem reputados suficientemente inteligentes para a gestão dos negócios públicos pelo exercício do direito eleitoral, submetido a todos os varões adultos de uma sociedade, sem distinção de classe, condição nem educação.

E essa igualdade de direitos acordada a todos os homens, inclusive em países regidos por sistemas tutelares, é nas repúblicas um fato que serve de base à organização social..."

"Desse princípio imprescritível hoje nasce a obrigação de todo governo de prover à educação das gerações vindouras, já que não pode compelir todos os indivíduos da presente a receberem a preparação intelectual que pressupõe o exercício dos direitos que lhe estão atribuídos. A condição social dos homens depende muitas vezes de circunstâncias alheias à sua vontade. Um pai pobre não pode ser responsável pela educação de seus filhos; porém a sociedade em conjunto tem interesse vital em assegurar-se de que todos os indivíduos que virão com o tempo a formar parte da nação tenham, pela educação recebida em sua infância, se preparado suficientemente para desempenhar as funções sociais a que serão chamados.

O poder, a riqueza e a força de uma nação dependem da capacidade industrial, moral e intelectual dos indivíduos que a compõem..." [46]

• • •

[45] *Obras completas*, t. XXXIX, p. 268. Carta de Nova York, de 3-9-1865, ao ministro do Interior da Argentina.

[46] *Educación popular*, p. 26-7.

"Se entre nós a sociedade não houvesse de ocupar-se em repartir igualmente a educação entre os dois sexos, um número muito grande de mulheres deveria em todo caso receber uma boa educação, para servirem de mestras para ensinar aos pequeninos os primeiros rudimentos do que constitui o ensino primário. Isso significa economia e aperfeiçoamento, duas vantagens que de maneira alguma devem ser desperdiçadas.

Pode-se julgar o grau de civilização de um povo pela posição social das mulheres [. . .] Nos povos bárbaros da Ásia, as mulheres são vendidas nos mercados para proverem aos gozos dos poderosos. A família propriamente dita não existe senão entre os povos cristãos, e mesmo entre estes se notam diferenças de posição que merecem ser estudadas. Quando falamos de escolas públicas dotadas pelo Estado, entende-se entre nós escolas para homens; e transportando-nos não mais que aos inícios deste século, mesmo nas famílias poderosas, prevalecia o costume de não ensinar a escrever às mulheres, e vivem ainda senhoras a quem os pais negaram o benefício de saber ler e escrever. Os colégios de senhoras datam em toda a América espanhola de uma época recente, muito posterior à Independência. Há cidades onde ainda não existem, e capitais que não puderam sustentar as tentativas para a sua implantação. O único governo americano que tenha provido com igual solicitude à educação de ambos os sexos é o de Rivadavia, presidente da República Argentina de 1824 a 1827 [47], e as instituições então estabelecidas, pelas quais as mulheres de todas as classes gozavam de uma educação regular e sustentada pelo erário, resistiram mais tenazmente ao embate destruidor da reação ocorrida naquele país do que outras aparentemente mais vitais."

"Na península [ibérica], a educação das mulheres em geral está no mesmo grau de atraso que entre nós [Chile], e a consciência pública não lhe dá outra importância que a de um mero adorno nas classes acomodadas. Da educação das mulheres depende, não obstante, a sorte dos Estados; a civilização se detém às portas do lar doméstico quando elas não estão preparadas para recebê-la. Além disso, há mais: as mulheres, em seu caráter de mães, esposas ou serventes, destroem a educação que as crianças recebem nas escolas. Os costumes e os preconceitos se perpetuam através delas, e jamais se poderá alterar a maneira de ser de um povo, sem primeiro mudarem as idéias e hábitos de vida das mulheres."

"Se a educação geral dos varões não fosse contudo um desiderato entre nós, conceber-se-ia com efeito a idéia de dar instrução mesmo ele-

[47] O lapso em que governou Rivadavia está referido em nota anterior; aqui estamos diante de uma errata. (N. do Org.)

mentar às crianças varões e não às mulheres?, ao irmão e não à irmã?, ao que há de ser esposo e pai e não à que há de ser esposa e mãe? Por que perpetuar deliberadamente em um a barbárie que se quer destruir em outro? Por que fazer o contrário do que aconselharia a natureza, que é instruir àquela que será mestra de crianças, posto que está destinada a ser mãe e levar consigo os germes da civilização ao lar doméstico, visto que ela será o viveiro de uma nova família pela união conjugal?" [48]

"Não há espetáculo maior para a civilização da multidão que o que opõe a forma dos vestuários, que em nossos países têm um caráter especial nas classes inferiores da sociedade, de cujo uso resulta, para os que o levam, imobilidades de espírito, limitação de aspirações pelo limitado das necessidades e hábito inalterável de desasseio e perpétuo desalinho. Ora, é um fato observado constantemente nas fábricas norte-americanas e inglesas, no exército francês, e entre nós se poderia fazer a mesma observação, que os indivíduos que sabem ler vestem-se de ordinário com mais primor e asseio, tendem a adotar o traje que pertence às classes superiores que hoje chega a ser o distintivo *sine qua non* dos povos cultos, e adquirem hábitos de limpeza em seus vestuários; seguindo o desenvolvimento dessas qualidades na mesma escala ascendente em que caminha o grau de instrução do indivíduo.

Nota-se esse resultado sobretudo nos Estados Unidos, onde a grande maioria sabe ler, escrever e contar, com pequenas exceções. Aquele espírito de progresso não se limita ao simples vestir que desde o mais ínfimo lenhador até o banqueiro é um mesmo em suas formas diversas de paletó, sobrecasaca, fraque, sobretudo, sem mais diferenças que a qualidade dos tecidos, a não ser que se estendam às formas das habitações, ao mobiliário, apetrechos e aos instrumentos para a lavoura, e outros utensílios domésticos. Quem quer que tenha estudado em nossos campos a forma do *rancho* que habitam nossos paisanos, e mesmo ao redor de nossas cidades como de Santiago [do Chile] e outras os *huangalíes* dos subúrbios, terá podido compreender o abismo que separa os seus moradores de toda idéia, de todo instinto e todo meio civilizador. O *huangalí* nosso é o acampamento da tribo selvagem fixada em torno das cidades espanholas, reservando para elas as mesmas ameaças de depredação e de violência que aqueles [acampamentos] móveis que se cravam temporariamente em nossas fronteiras. À menor comoção da República, à menor oscilação do governo, essas imundas e apertadas guaridas do homem degradado

[48] *Educación popular*, p. 101 e 104.

pela miséria, pela estupidez e pela falta de interesses e de prazeres, estarão sempre prontas a vomitar hordas de vândalos como aqueles acampamentos teutônicos que ameaçavam a Europa e a saquearam nos séculos que sucederam à queda do Império Romano. Não acontece isso nos Estados Unidos, onde a difusão da leitura assimilou a maneira de viver do rico e do pobre [...] Daí ocorre que, para aqueles Estados, as forças de produção decuplicaram em comparação com a própria Europa, pela razão muito simples de que, sendo todos capazes de ler e tendo o hábito de folhear os jornais, encontram neles os avisos de quanto invento útil se faz, a receita de um novo processo na agricultura ou artes mecânicas, a descrição de uma nova máquina aplicável aos usos domésticos, e os preços menores com que se podem obter e com maior perfeição os utensílios e objetos que já lhes são conhecidos, de onde resulta que os progressos da civilização, e os descobrimentos das ciências, que em outras partes, mesmo na Europa, demoram anos e anos para se tornarem populares e mesmo conhecidos, ali se propagam num só ano e vão até as extremidades longínquas dos bosques para receberem imediata aplicação e produzirem as vantagens em economia de custos e maior quantidade de produtos que se propõem conseguir.

A moralidade se produz nas massas pela facilidade de obter meios de subsistência, pelo asseio que eleva o sentimento da dignidade pessoal e pela cultura do espírito que impede que se entreguem a dissipações ignóbeis e ao vício embrutecedor da embriaguez; e o meio mais seguro, infalível, de chegar a esses resultados, é prover de educação as crianças, já que não nos é dado tornar partícipes dos mesmos benefícios os adultos. A concorrência das crianças à escola traz o efeito moralizador de absorver uma parte de tempo, que sem ela seria dissipado na ociosidade e no abandono; habituar o espírito à idéia de um dever regular, contínuo, proporciona-lhe hábitos de regularidade em suas ações [...] Seria coisa digna de uma estatística precisa e feita expressamente para esse objetivo, a comparação das forças de uma nação, não segundo o número de habitantes que cada uma possui, mas segundo o maior grau de desenvolvimento que a educação recebida proporciona às suas massas." [49]

Distribuir a terra

"Dizem-me que a imprensa urge pela questão de terras motivada pelos intrusos. Recomendo muito tino para tratá-la. São os proprietários os que legislam e, como na Inglaterra, imputarão pena de morte àquele que caçar um coelho em terras particulares." [50]

[49] Idem, p. 38-40.

• • •

"Os Estados Unidos compreenderam que somente a distribuição em proporções determinadas de terra era o único meio eficaz para atrair e fixar a população em condições que assegurassem a prosperidade presente e futura do país.

Nós não temos uma lei de terras que assegure o estabelecimento permanente dos imigrantes." [51]

• • •

"Nossa desastrosa lei colonial abandonou a terra em extensões imensas, qualquer que fosse sua qualidade, a quem quis pedi-la ou tomá-la, de maneira que a geração presente repartiu por herança ou compra a maior parte do território da República, mantendo a despovoação atual e embaraçando toda melhora requerível para torná-la viável e produtora."

"Por uma perversão de idéias sucede geralmente entre nós que o administrador da terra pública tem uma mão pródiga para aliená-la por léguas quando se trata de estâncias e, pelo contrário, uma muito parca quando vai ser destinada ao cultivo, em cujo caso os lotes não passam, se chegam a dez quadras. O lote de chácara que se concedia em Buenos Aires até há pouco era de sete quadras, e o de estância de três quartos de légua de largura por uma e meia de fundo, se é que me lembro bem. Isto suposto, nem sete nem vinte e sete quadras de nossos terrenos são suficiente extensão para dar a uma família os meios de se enriquecer, enquanto que o lote de estância é um enorme prêmio dado para manter a despovoação sistemática; o agricultor é condenado pela lei a legar a seus filhos a pobreza, e o criador de gado, crie ou não crie, é dotado de um imenso capital.

Essa desordem e ilimitação na distribuição da terra não é peculiar unicamente aos pampas pastores da República Argentina, como se poderia crer, e sim é apenas uma feição geral da colonização espanhola visível no México, Venezuela e mesmo San Domingo.

'A maior parte da terra — diz um autor descrevendo a Califórnia — possuída em propriedade particular procede de concessões do governo

[50] *Obras completas*, t. LI p. 139. Carta a Emilio Duportal, de 22-6-1871.

[51] Idem, p. 145. Mensagem presidencial de abertura do Congresso da Nação, julho de 1871.

mexicano-espanhol anteriores a 1846. Destas há 813 que abraçam uma extensão de 9 828 181 acres. Destas, 150 abarcando 3 milhões de acres foram reclamadas — por falta de título — e um número considerável delas ainda está indefinido. As concessões em grande extensão chamadas *ranchos* — estâncias — são destinadas exclusivamente à criação de gado, e medem em média 12 000 acres, ou seja, três léguas quadradas. As concessões foram feitas não por acres nem por milhas, mas por léguas quadradas de 4 438 acres. Cada estância tinha seu nome, pois era uma espécie de principado, e esses nomes foram em muitos casos transferidos a povos e cidades sob o domínio norte-americano.'

"E então, senhor ministro, a Califórnia pastora que encontraram os norte-americanos foi transfigurada em menos de vinte anos, através da subdivisão do terreno, no poderoso Estado eminentemente industrial, agricultor e mineiro que hoje se ostenta majestoso nas margens do Pacífico; vamos nós continuar para sempre o atrasado e ruinoso sistema que, qual funesta herança, nos legou a colonização espanhola, nas subseqüentes concessões de terras que se façam para proteger empresas, atrair a emigração?

Um quarto de seção da concessão norte-americana é quase exatamente a *peonía* [52] das leis da Índia, de trinta e cinco quadras. A lei de terras públicas dos Estados Unidos divide as seções — 140 quadras nossas — em duas e quatro partes, a fim de acomodá-las às possibilidades do pobre; porém permitindo ao comprador adquirir uma seção ou lote inteiro, com o que tem terra para lavrar trinta anos e tornar-se rico proprietário. Àquele que quer tomar posse da terra sem comprá-la — direito de prelação [53] — ou quando a dá gratuitamente em seções alternadas, concede o mínimo." [54]

• • •

"Vê-se na carta cadastral de Buenos Aires que nos distritos de San Vicente, San Pedro, San Antonio de Areco, Morón, Magdalena e talvez em algum outro, que a propriedade está convenientemente subdividida no papel, ainda que meu conhecimento das localidades me faça lembrar que nenhum limite sensível marca sobre o terreno as linhas deduzidas dos títulos que terão servido à formação da carta. Os males de tal situação não devem ser ocultados ao Departamento. A terra, na realidade, está ali possuída em comum pelos proprietários titulares de cada vizinhança sem que a nenhum ou a poucos seja permitido o gozo exclusivo do seu. Se ainda continua em tão exíguas extensões, o pastoreio terá de ser feito em benefício dos que possuem algum capital, com sacrifício dos pobres para os quais virá a ser nominal a terra inculta que possuem."

"Muitas vezes chamei a atenção do público sobre essas questões agrárias que, a meu ver, têm mais influência direta ou indireta no prolongamento e caráter de nossas guerras civis do que as formas de governo e partidos políticos, que são apenas a forma externa que revestem." [55]

• • •

"A criação de gado não pode dilatar-se indefinidamente ocupando extensões do país sem desagregar a sociedade e tornar inteiramente impossível a defesa e guarda do próprio gado. O modo, pois, de dar-lhe incremento é melhorar as criações, de maneira que em igual espaço de terreno dêem maior produto..." [56]

• • •

"Os senhores dos condados desertos chamados estâncias vivem nas cidades e aquele que mais terra acumulou se jactava de não haver pisado nunca e parte considerável do mundo que havia adquirido para solaz de seus rebanhos..."

"O Estado é o guardião da propriedade de cada um; são os filhos de João vizinho [57] os que devem servir de cercas com uma lança para guardar o gado." [58]

"A terra é o assento da propriedade, e o produto da agricultura não pode desprender-se dela senão em grãos e frutas; pois as plantas, os labores, as cercas, os edifícios que constituem a cultura do solo, ao transformarem-se de desertos em campos lavrados, ficam para sempre em favor

• • •

[52] *Peonía*: a menor concessão de terras feita pela Coroa aos soldados de infantaria. (N. do T.)

[53] *Prelação*: outorga ao usufrutuário prioridade para a terra que ocupa. (N. do T.)

[54] *Obras completas*, t. XXXIV, p. 274-6. Nota ao ministro do Interior da Argentina, Nova York, 29-3-1866.

[55] Idem, p. 266-7. Nota ao chefe do Departamento Topográfico de Buenos Aires, Nova York, 22-4-1867.

[56] Idem, t. XXVI, p. 211. Artigo: Estancia modelo. *El Nacional*, 24 abr. 1857.

[57] Sarmiento chama "hijos de Juan vecino" aos crioulos despojados de qualquer propriedade, obrigados pelo Estado a servirem na milícia como protetores dos gados que apascentam nas grandes estâncias. (N. do Org.)

[58] *Obras completas*, t. XXVI, p. 344 e 346. Artigo: Leyes contra los indios. *El Nacional*, 16 maio 1857.

do proprietário. O arrendatário, se é acidental, arruína o solo e conserva em quanto pode o deserto; se é permanente converte-se em servo, e com a casa lega a seus filhos a servidão."

"A cultura da terra requer, pois, título de propriedade, claro e certo."

"É necessário que a terra seja possuída definitivamente e lavrada de antemão para que haja grandes quantidades de produtos. A lei é explícita a esse respeito. Toda vez que a povoação requeira a terra baldia para cultivá-la, o gado deve ser alijado." [59]

Estados Unidos: o exemplo

"Saio dos Estados Unidos, meu estimado amigo, naquele estado de excitação que causa o espetáculo de um drama novo, cheio de peripécias, sem plano, sem unidade, eriçado de crimes que alumbram com sua luz sinistra atos de heroísmo e abnegação, em meio aos esplendores fabulosos de lembranças que imitam bosques seculares, pradarias floridas, montanhas sanhudas, ou habitações humanas em cujo pacífico recinto reinam a virtude e a inocência; quero lhe dizer que saio triste, pensativo, complacente e abismado; a metade de minhas ilusões rotas e maltratadas, enquanto que outras lutam com o raciocínio para lembrar de novo aquele panorama imaginário em que encerramos sempre as idéias quando se referem a objetos que não vimos, como damos uma fisionomia e um timbre de voz ao amigo que apenas conhecemos através de cartas. Os Estados Unidos são uma coisa sem modelo precedente, uma espécie de disparate que choca à primeira vista, e frustra a expectativa lutando contra as idéias recebidas, e não obstante esse disparate inconcebível é grande e nobre, sublime às vezes, regular sempre; e com tais mostras de permanência e de força orgânica se apresenta, que o ridículo resvalaria sobre a sua superfície como a impotente bala sobre as duras escamas do caimão. Esse corpo social não é um ser disforme, monstro das espécies conhecidas, mas é como um animal novo produzido pela criação política, estranho como aqueles megatérios, cujos ossos aparecem ainda sobre a superfície da terra. De modo que para aprender a contemplá-lo é preciso antes educar o próprio juízo, dissimulando aparentes defeitos orgânicos, a fim de apreciá-lo em sua própria índole, não sem risco de, vencida a primeira estranheza, apaixonar-se por ele, achá-lo belo, e proclamar o novo critério das coisas humanas..."

[59] Idem, p. 147-9. Artigo: Chivilcoy y el camino de hierro. *El Nacional*, 26 jul 1855.

"Educados você e eu, meu bom amigo, sob a vara de ferro do mais sublime dos tiranos [60], combatendo-o sem cessar em nome do direito, da justiça, em nome da República, enfim como realização das conclusões a que a consciência e a inteligência humana chegaram, você e eu, como tantos outros, temo-nos envaidecido e alentado ao divisarmos, em meio à noite de chumbo que pesa sobre a América do Sul, a auréola de luz com que o Norte se alumbra. Por fim, temo-nos dito para endurecermo-nos contra os males presentes: a República existe, forte, invencível; a luz se faz; um dia chegará para a justiça, a igualdade, o direito; a luz se irradiará até nós quando o Sul refletir o Norte. E, certo, a República é! Só que, ao contemplá-la de perto, descobre-se que sob muitos aspectos não corresponde à idéia abstrata que tínhamos dela. Ao mesmo tempo que na América do Norte desapareceram as mais feias úlceras da espécie humana, apresentam-se algumas já cicatrizadas entre os povos europeus, e que aqui se convertem em câncer, ao passo que surgem doenças novas, para as quais ainda não se busca nem se conhece remédio. Assim, pois, nossa República, liberdade e força, inteligência e beleza, aquela República de nossos sonhos para quando o temerário tirano caísse, e sobre cuja organização discutíamos candidamente no desterro e sob o duro aguilhão das necessidades do momento, aquela República, meu querido amigo, é ainda um desejo, possível na Terra, se há um Deus que para o bem dirige os lentos destinos humanos..." [61]

• • •

"... passarei diretamente à aldeia, centro da vida política, como a família o é da vida doméstica. Os Estados Unidos estão nela com todos os seus acidentes, coisa que não se pode dizer de nação alguma. A aldeia francesa ou chilena é a negação da França ou do Chile, e ninguém quisera aceitar nem seus costumes, seus trajes, nem suas idéias como manifestação da civilização nacional. A aldeia norte-americana é todo o Estado, é seu governo civil, sua imprensa, suas escolas, seus bancos, sua municipalidade, seu censo, seu espírito e sua aparência. Do seio de um bosque primitivo, a diligência ou os vagões saem a um pequeno espaço desmatado em cujo centro se erguem dez ou doze casas. Estas são de tijolo, construídas com o auxílio de máquinas, o que dá a seus costados a tersura de figuras matemáticas, unindo-os entre si argamassa em filetes finíssimos e retos. Erguem-se elas em dois pisos cober-

[60] Alusão a Juan Manuel de Rosas. (N. do Org.)

[61] *Viajes*, v. III. p. 35-6.

tos de forramentos de madeira pintada. Portas e janelas pintadas de branco [. . .] Fixo-me nesses detalhes porque eles sós bastam para caracterizar um povo e suscitam um acúmulo de reflexões. A primeira que me deixou paralisado ao presenciar essa ostentação de riqueza foi a comparação das forças produtivas das nações. O Chile, por exemplo, e o que é aplicável ao Chile o é a toda a América espanhola, tem um milhão e meio de habitantes. Em que proporção estão as casas, que de tais mereçam o nome, com as famílias que as habitam? Pois nos Estados Unidos todos os homens vivem em casas, tais como as que descrevi acima, rodeados de todos os instrumentos mais adiantados da civilização, salvo os *pioneers* que habitam ainda os bosques, salvo os transeuntes que se albergam em imensos hotéis. Daí resulta um fenômeno econômico que referirei ligeiramente. Suponho que vinte milhões de norte-americanos habitem um milhão de casas. Quanto capital investido para satisfazer só essa necessidade?"

"Minha aldeia, pois, tem vários estabelecimentos públicos, uma fábrica de cerveja, uma padaria, várias tabernas ou baiúcas, todos com o anúncio em letras douradas perfeitamente executadas por algum fabricante de letras."

"Na aldeia deve existir pelo menos dois hotéis para alojamento de viajantes; uma imprensa para um jornal diminuto, um banco e uma capela. A agência do correio recebe diariamente os jornais das vizinhanças ou das grandes cidades, a que estão subscritos os aldeães." [62]

• • •

"Em direção ao Oeste, onde a civilização declina, e no *Far West*, onde quase se extingue pela dispersão da população nos campos, o aspecto muda, sem dúvida: o bem-estar se reduz ao estritamente necessário [. . .]; porém mesmo nessas remotas plantações existe perfeita igualdade de aspecto na população, no vestuário, nas maneiras, e ainda na inteligência; o comerciante, o doutor, o *sheriff*, o cultivador, todos têm o mesmo aspecto. O camponês é pai de família, é proprietário de duzentos acres de terra ou de dois mil, não importa no caso. Seus instrumentos aratórios, seus *engines* são os mesmos, isto é, os melhores conhecidos; e se dá de acontecer na vizinhança um comício religioso, da profundeza dos bosques, descendo das montanhas, assomando por todos os caminhos, se verão os camponeses a cavalo em grandes cavalgadas, com suas calças

[62] Idem, p. 45-7

e seu fraque negro, e as meninas com os seus tipos mais saudáveis e as formas mais graciosas." [63]

• • •

"Os graus de civilização ou de riqueza não estão expressos, como entre nós, através de cortes especiais de roupa. Não há jaqueta, nem poncho, mas um vestuário comum e até uma rudeza de modos que mantém as aparências de igualdade da educação.

Porém ainda não é esta a parte mais característica daquele povo: é sua atitude para apropriar-se, generalizar, vulgarizar, conservar e aperfeiçoar todos os usos, instrumentos, procedimentos e auxílios que a mais adiantada civilização pôs nas mãos dos homens. Nisto os Estados Unidos são únicos na Terra. Não há rotina invencível que retarde por séculos a adoção de um melhoramento conhecido; há, pelo contrário, uma predisposição a adotar tudo."

"Depois das aldeias dos Estados Unidos, chama de preferência a atenção do viajante o movimento dos caminhos que as unem entre si, sejam estradas macadamizadas, ferrovias ou rios navegáveis."

"A concorrência de passageiros permite o barateamento da passagem; e o barateamento da passagem incita a viajar àqueles que não têm objetivo preciso para tanto [. . .] Quando o olho certeiro da indústria descobre um trajeto de ferrovia, uma associação o abre suficientemente para indicar o meio necessário; das árvores derrubadas se fazem as linhas da futura ferrovia, pondo-lhes, sobrepostos, delgados trilhos de ferro." [64]

• • •

"O único povo do mundo que lê em massa, que usa da escrita para todas as suas necessidades, onde 2 000 jornais satisfazem a curiosidade pública, são os Estados Unidos, e onde a educação como o bem-estar estão difundidos por toda parte e ao alcance dos que querem obtê-los. Estão um e outro em igual caso em algum ponto da Terra? A França tem 270 000 eleitores, isto é, entre trinta e seis milhões de indivíduos da mais antiga nação civilizada do mundo, são os únicos que pela lei não são declarados bestas, posto que não se lhes reconhece razão para serem governados.

Nos Estados Unidos todo homem, porque é homem, está habilitado para ter juízo e vontade a respeito dos negócios políticos, e o tem, efetivamente. Ao contrário, a França tem um rei, quatrocentos mil soldados,

[63] Idem, p. 49.

[64] Idem, p. 50-1.

fortificações de Paris que custaram dois bilhões de francos, e um povo que morre de fome. Os norte-americanos vivem sem governo, e seu exército permanente soma apenas nove mil homens, sendo necessário fazer uma viagem a determinados pontos para ver o equipamento e aparência dos soldados norte-americanos, pois existem famílias e aldeias da União que jamais viram um soldado. Os europeus e também os sul-americanos censuram nos ianques muitos vícios de caráter. No que concerne a mim, vejo com veneração esses mesmos defeitos, atribuindo-os à espécie humana, ao século, aos preconceitos herdados e à imperfeição da inteligência. Um povo composto de todos os povos do mundo, livre como a consciência, como o ar, sem tutores, sem exército e sem bastilhas, é o resultado de todos os antecedentes humanos, europeus e cristãos. Seus defeitos devem, pois, ser os da raça humana num dado período de desenvolvimento. Porém como Nação, os Estados Unidos são o último resultado da lógica humana. Não têm reis, nem nobres, nem classes privilegiadas, nem homens nascidos para mandar, nem máquinas humanas nascidas para obedecer. [...] O bem-estar está distribuído com mais generalidade que em qualquer povo; a população aumenta segundo leis até hoje desconhecidas entre as outras nações; a produção segue uma progressão assombrosa. Não entrará nisso, como pretendem os europeus, no mínimo que seja, a liberdade de ação e a falta de governo? Diz-se que a facilidade de ocupar novos terrenos é causa de tanta prosperidade. Mas por que na América do Sul, onde é igualmente ou ainda mais fácil ocupar novas terras, nem a população nem a riqueza aumentam e há cidades e mesmo capitais tão estacionárias que não edificaram cem casas novas em dez anos?" [65]

• • •

"A Europa, com sua antiga ciência e suas riquezas acumuladas de séculos, não pôde abrir a metade das estradas de ferro que facilitam o movimento na América do Norte. O europeu é um menor que está sob a tutela protetora do Estado; seu instinto de conservação não é reputado suficientemente preservador; gradis, portas, vigilantes, sinais preventivos, inspeção, seguros, tudo foi posto em exercício para conservar-lhe a vida; tudo, menos sua razão, seu discernimento, seu arrojo, sua liberdade; tudo, menos seu direito de cuidar de si mesmo, sua intenção e sua vontade. O ianque guarda a si próprio, e quando quiser se matar ninguém o impedirá..."

[65] Idem, p. 67-8.

"A palavra passaporte é desconhecida nos Estados Unidos, e o ianque que chega a ver um desses protocolos europeus em que consta cada movimento que fez o viajante mostra-o aos outros com sinais de horror e de asco [...] Usam de sua liberdade e de seu direito de se mover." [66]

• • •

"Na Inglaterra há liberdades políticas e religiosas para os lordes e os comerciantes; na França, para os que escrevem ou governam; contudo, o povo, a massa bruta, pobre, deserdada, nada opina sobre sua posição enquanto membros de uma sociedade; serão governados monarquicamente, aristocraticamente, teocraticamente, segundo queiram — ou porque não possam a eles resistir — os proprietários, os advogados, os militares, os literatos.

Na América do Norte, o ianque será fatalmente republicano, pela perfeição que adquire seu sentimento político, que já é tão claro e firme como a consciência moral [...] Se uma parte da União defende e mantém a escravidão, é porque nessa parte a consciência moral quanto ao estrangeiro de raça, aprisionado, caçado, débil, ignorante, está na categoria do inimigo, e portanto a moral não lhe favorece."

"Venho de percorrer a Europa, de admirar seus monumentos, de prosternar-me ante sua ciência, assombrado ainda pelos prodígios de suas artes; porém vi seus milhões de camponeses, proletários e artesãos vis, degradados, indignos de serem contados entre os homens; a crosta de sujeira que cobre seus corpos, os farrapos e andrajos que vestem, não revelam o bastante as trevas de seu espírito; e, em matéria de política, de organização social, aquelas trevas chegam a obscurecer a mente dos sábios, dos banqueiros e dos nobres." [67]

• • •

"Eis aí, em minha humilde opinião, a origem da desenfreada paixão norte-americana. Vinte milhões de seres humanos, todos a um tempo, estão fazendo capital, para eles e para seus filhos." [68]

[66] Idem, p. 73.
[67] Idem, p. 94-6.
[68] Idem, p. 102.

3. OS PERIGOS

O militarismo

"Quando no uso ordinário da linguagem política nos chamamos povo, entendemos uma sociedade humana, situada em certa parte do globo, vizinha de outra ou outras nações regidas por leis diferentes, talvez com língua e religião diversas. Esses povos e nações têm, se são civilizados, um sistema interno de governo, baseado no princípio da soberania, regido por leis conformes a certas máximas reconhecidas de justiça; limitada, não obstante, a potestade de legislar, que pertence originalmente ao povo em conjunto, por certas proibições chamadas garantias que são o patrimônio comum à humanidade inteira, por provirem da essência própria da natureza humana, e constituírem através das vicissitudes dos séculos, os direitos naturais cujo uso o homem civilizado foi conquistando."

"Entretanto, essa lei que mantém cada habitante de um país no gozo tranqüilo de seus direitos à vida, à liberdade etc., não obriga o povo vizinho; e este pode invadi-lo, com injustiça mas com força irresistível, e destruir essas liberdades, e acabar com a vida e a propriedade de milhares, e até com sua independência.

Foi conveniente então manter certo número de homens armados, em previsão do perigo; mas como essa força, que assim se chama a massa de gente armada, seria um perigo para a sociedade que permanece desarmada, se pudesse usar contra esta as armas mortíferas que maneja,

foi necessário dar-lhe uma organização tal que o perigo fosse maior para o próprio homem armado, se voltassem contra seu próprio país as armas que puseram em suas mãos apenas para repelir o inimigo externo. Eis a origem e a necessidade das leis militares, que são a salvaguarda das leis civis, fundadas estas na justiça e aquelas na conveniência. Aquele que tem em suas mãos uma arma, por conveniência pública, deve ser despojado de certos direitos, a fim de que a massa chamada exército aja como qualquer outra força material, com o objetivo de triunfar ou vencer resistências.

Essas leis foram criadas pelos romanos, a par das leis civis que asseguravam a cada um o gozo de seus direitos. Os romanos não admitiam em seus exércitos senão os cidadãos livres, de maneira que, havendo guerra, o mesmo cidadão passava de um sistema de legislação fundado na justiça devida a cada um a outro sistema fundado na conveniência de todos."

"Os Estados Unidos, ao ganharem uma Constituição escrita para assegurar os direitos de cada homem ao gozo da vida, à liberdade, à propriedade, cuidaram escrupulosamente de salvar as leis militares e o exercício da força. Todos os habitantes seriam julgados por um júri de seus iguais, disseram, exceto os que estivessem armados. Todos terão direito de saber por que são apreendidos e por que autoridade, exceto quando em caso de insurreição ou invasão a segurança pública requeira prisões militares.

O presidente, além de ser o executor das leis civis, será também o chefe de toda a força armada, sem sujeição a essas leis civis." [1]

• • •

"O bom êxito da guerra e a forma, contra quem e os limites em que ela será feita, são os objetivos das leis militares, que formam um código mais complicado que o que se crê vulgarmente. Para o bom êxito concorrem as leis que têm por objetivo preparar o instrumento de triunfar — as leis de recrutamento, disciplina, deserção e serviço mecânico, digamos, por parte do quartel e os deveres do soldado, etc. As mais importantes são aquelas que regem o direito da guerra; e como estas serão aplicadas em muitos casos ao inimigo e no país estrangeiro, devem ser conformes com o direito das gentes e as práticas das nações civiliza-

[1] *Obras completas*, t. XXXIX, p. 7-10. Artigo: De las sociedades humanas y de sus medios de defensa. *La Tribuna*, 23 abr. 1875.

das. Se nossos exércitos fizessem a guerra no Brasil, ou esta nação em nosso território, os brasileiros não viriam reclamar justiça a um juiz argentino e vice-versa pela infração das leis da guerra cometida pelo habitante do país inimigo em que a guerra é feita. O espião, aquele que conta os soldados quando passam, que se apodera do plano de uma fortaleza, que arrebata a correspondência, o povo que se subleva atrás do exército, o que mata não sendo soldado são justiçados pelo próprio exército cuja segurança comprometem, pois esse exército em país inimigo cuida de sua própria conservação.

Daí resulta que o general-em-chefe em campanha exerce o Poder Executivo, e com o Conselho de Guerra o Judiciário, sem intervenção da justiça civil. Nesta parte o Poder Legislativo de uma nação não pode exercer influência alguma, porque as leis da guerra, procedendo de um acordo tácito ou expresso de todas as nações, não podem ser modificadas por um Congresso; nem um povo pode criar uma Constituição em que outorgue a seus cidadãos o direito de infringi-las. Não pode mandar matar os prisioneiros de guerra, porque todas as nações lhe pediriam conta disso."

"Desses inquestionáveis princípios deduzir-se-á uma série de conseqüências incontrovertíveis.

1.ª) A necessidade de que o poder militar seja confiado a um funcionário reconhecido pelas demais nações, e sua ação independente de qualquer lei e autoridade municipal. O rei, imperador ou presidente, é comandante das forças de mar e terra regidas pelas leis militares, para que dê comissão de fazer guerra a outra nação aos chefes dos exércitos da sua, sem cuja comissão podem ser enforcados como piratas os que fazem guerra a um poder estrangeiro.

2.ª) Que as justiças civis e locais não podem impedir a execução das leis da guerra nem avocar a si os pleitos que durante a guerra podem sobrevir, pois o direito das gentes e os usos da guerra são nela a única regra de conduta.

3.ª) Que não podendo haver leis da guerra para as nações estrangeiras, e leis da guerra civil, nisto se procede através das mesmas regras que nas guerras internacionais, sem que em nada se alterem as relações entre o inimigo e o general-em-chefe, seja aquele estrangeiro ou não. Por esta razão as constituições políticas confundem numa mesma categoria a *insurreição* e a *invasão*. A nossa refere-se a 'caso de comoção ou sedição interna' etc." [2]

[2] *Obras completas*, t. XXXIX, p. 13-5. Artigo: De las leyes militares. *La Tribuna*, 23 abr. 1875 e ed. segs.

"Os que falam de revolução, pois, sob o império da Constituição, dissimulam e encobrem um crime, sob o pretexto de fazerem revoluções que não podem ser feitas legalmente, que o próprio povo não pode fazer, porque está obrigado a proceder de certo modo, sob certas formas e em determinados períodos, em realizar mudanças nas leis e nas pessoas encarregadas de ditá-las, executá-las ou torná-las práticas nos casos que vão ocorrendo. Fazê-lo fora dessas prescrições é sedição, insurreição, motim, e ninguém pode fugir a essas qualificações.

Verdade é que a linguagem vem tão viciada pelas lembranças do passado, que não há movimento subversivo, por pequeno que seja, nem motim de um cabo com quatro soldados, aos quais não chamemos genericamente revolução e, à resistência a entrar nas vias legais, guerra civil." [3]

• • •

"Não foi Napoleão quem o disse, foi Washington: o governo do exército é um despotismo absoluto. Sei que durante a guerra do Paraguai se introduziu, pelo menos na imprensa, a idéia de um exército democrático, diferente do das monarquias. Pobres Repúblicas, se com máquina tão desajustada, com rodas que rangem, com manivela que resiste, com alavancas, sem pontos de apoio, fossem defender-se contra as tropas dos tiranos; porém mil vezes mais infelizes se a cada ato civil do comandante-geral de armas, presidente ou rei, o chefe em comissão a mando de um exército devesse decidir em foro e consciência se os atos governativos são legais e constitucionais.

Um general, em defesa de chefes militares, disse que o militar, por estar em serviço, não deixa de ser cidadão, e deve defender a Constituição quando a crê violada. Chefes sob outros aspectos irrepreensíveis, sem estarem implicados em motins, pensam o mesmo.

Se se compenetrassem do espírito das leis que os regem, sentiriam que, no atual serviço, nem homens permite que sejam, na satisfação dos mais fortes instintos humanos, como o é o da própria conservação. Sua profissão é morrer a qualquer hora, mesmo achando absurda a ordem que o leva a uma morte infalível.

Porém, não se trata disso, e necessitamos de outro tipo de razões para atacar o vício orgânico e de conformação do militar na América do Sul, origem de desastres que seguem seu curso depois de sessenta anos no México, Venezuela, Peru, Bolívia, e que recrudescem entre nós, quando menos era de temê-lo.

[3] Idem, p. 32. Artigo: De la guerra civil. *La Tribuna*, 23 abr. 1875 e ed. segs.

Supomos atos abusivos, ilegais, inconstitucionais no presidente, leis ruinosas no Congresso, sentenças iníquas na Suprema Corte. Supomos mais: que seja ordenado a militares executá-las. Executarão?... Comecemos por fixar os termos. Num tratado de noções constitucionais norte-americano, que se fazia traduzir para as escolas, vinha esta pergunta: devemos obedecer a governos militares? Sim, respondia o livro; e o presidente a quem se consultava aconselhou suprimir a pergunta, em república tão republicana como a nossa. Ter-se-ia dito que o governo ensinava a obediência passiva aos tiranos; pois governos militares quer dizer criados ou impostos por força de armas."

"Nenhum outro poder está mais facultado para decidir sobre a justiça, constitucionalidade dos atos do Poder Executivo, que o Congresso, dentro das formas estabelecidas, porque essas formas são uma garantia, enquanto toca ao humano não abusar de tal poder. Os Tribunais por sua vez podem declarar inconstitucional uma lei, sem por isso atacar a autoridade do Congresso que a ditou; porém não podem pronunciar-se sobre atos do Executivo, que ele mesmo não submeta à sua arbitragem.

Menos ainda pode um chefe de forças a serviço do Estado. Aqueles são poderes constituídos, cada um com funções próprias. Agindo, ordenando ou julgando, desempenham funções públicas; e mesmo em seus erros têm procuradoria, ou seja, podem cometer erros. O chefe do exército não pode, sem desobediência, sem usurpação de funções que não lhe pertencem. A palavra subordinação indica seu papel, e a cadeia de dependência que inicia no soldado, passa pelo cabo, sargento, capitão, general-de-brigada, de divisão, não termina no general-em-chefe de um exército, senão que, subindo mais acima, a subordinação ou a subalternidade termina no chefe de Estado.

Não há um contrato entre este e os subordinados e aquele a quem se subordinam. Se tu cumpres com teu dever, eu cumprirei com o meu.

A razão é que o comando militar é uma simples comissão. Ninguém manda num exército por seu próprio direito, senão por um encargo revogável, *at pleasure* do comandante-geral de armas, segundo a linguagem do Congresso norte-americano ao dar o primeiro despacho de general, não havendo ainda Poder Executivo. Todas as nações antes e depois, a nossa e nossa progenitora, estabeleceram sobre essas bases o comando militar subordinado ao chefe supremo do Estado.

Se a cadeia de subordinações, que não é mais que a obrigação de transmitir e obedecer a ordem que descende do primeiro escalão da hierarquia militar, se detivesse no primeiro, considerando-se seu juízo, não há razão para que este juízo (porque aquele que o tiver, bom ou mau, julga) não deva ser corrigido e endereçado ao segundo escalão subordinado. E no terceiro e em cada grau até o tambor."

"Outra razão que se deduz da comissão é que o exército ou divisão que um chefe comanda não é seu, por seu caráter de simples comissionado para comandá-lo; e portanto ao ordenar-lhe algo que não seja o que seu constituinte prescreve, ou contra esse único proprietário do Exército, comete uma deslealdade que a honra militar rechaça; e não há honra em ser ladrões.

E se o presidente manda, por exemplo, um militar dissolver o Congresso, ele obedecerá?

Esperamos que nunca chegará esse caso, e, como todos os comentadores, não antecipamos soluções que comprometam a Constituição ou a subordinação de um militar.

A um militar que nos fazia essa pergunta, respondemos-lhe sem titubear: se tal desgraça lhe suceder, que leve um tiro; e se livrará das dúvidas. Seu ofício é morrer."

"Se um general sábio, justo e acreditado no comando de força, em comissão, pode aplicar sua razão e usar das armas da nação para executar os preceitos de sua própria razão, o último soldado tem o mesmo direito contra ele, e o exército fica destruído em sua essência e em sua existência." [4]

• • •

"O simples fato de se haver intentado um distúrbio em 1874 [5], encabeçado por homens de alta posição, bastou para abalar profundamente a confiança no futuro de que haverá a tranqüilidade permanente de que necessita a indústria, o capital e o comércio, para embasar suas operações.

Nosso temor, fundado na história de sessenta e cinco anos da América do Sul, é que essa intentona de revolta abriria uma nova era para nosso país e criaria o *militarismo* que tem assolado todas as repúblicas hispano-americanas e continua-se sem esperanças de ver seu fim em grande parte delas.

---

[4] Idem, p. 38-44. Artigo: De la subordinación militar en materias políticas. *La Tribuna*, 23 abr. 1875 e ed. segs.

[5] Ao findar a presidência de Sarmiento, em 1874, realizaram-se eleições e para sucedê-lo foi eleito Nicolás Avellaneda, seu ex-ministro. O general e ex-presidente Bartolomé Mitre impugnou o processo eleitoral e levantou-se em armas: foi derrotado. (N. do Org.)

A verdadeira revolução da Independência deixou militarizadas aquelas diversas seções do continente. O Peru e a Bolívia, que não haviam tomado parte muito ativa naquela nobre luta por permanecerem dominados pelas armas espanholas, criaram exércitos numerosos depois de terminada a guerra. Santa Cruz, na Bolívia, chegou a formar o mais bem equipado e disciplinado. O Peru teve as tropas mais pomposamente equipadas. Na pátria de Bolívar — a pena resiste em escrevê-lo — havia agora há pouco mil e quatrocentos generais. Houve congresso em que não houve um deputado que não portasse espada. Do México nada se pode dizer que não seja a exageração dos aprestos bélicos, quando já nem inimigos se pressentiam. Em nosso próprio país a enfermidade tomou desde o princípio outro caráter.

Muito tinham que fazer os militares, os exércitos do Alto Peru e dos Andes para permanecerem nas cidades argentinas onde não havia inimigos que combater. Por outro lado os desertores, os que não queriam ir à guerra, faziam guerra por sua conta, para não apoiarem a guerra. O fenômeno repetiu-se várias vezes e mesmo recentemente Varela, Videla e outros aproveitaram-se em 1867 da repulsa das gentes em irem engrossar as fileiras do exército do Paraguai para fazer uma guerra interna, sem propósito nem objetivo; oito províncias foram assaltadas por esse espírito de resistência, fazendo ruínas da República, o que não queriam fazer por sua honra e salvação no exterior."

"Tivemos sessenta anos de guerras, desordens, que acreditávamos terminadas na Constituição, e que renascem hoje, ou ameaçam o porvir, com o militarismo, causa de todos os distúrbios da América.

Que é o militarismo? Chama-se assim a ingerência do exército nas questões civis, que dividem os partidos políticos, ou a faculdade que se arrogam os generais de representarem o povo ou uma parte do povo, para dizerem de nulidade, inconstitucionalidade dos atos do governo civil, as eleições ou outros motivos de dissentimento. A seção americana que mais humilhantes exemplos apresenta até hoje é o México. A cada passo duvidoso ou questionável do Governo Nacional, um general em uma província ou Estado faz um pronunciamento em nome do povo, e a guerra começa. Às vezes há três pronunciamentos em três Estados diferentes, por razões diversas. A tal situação haviam chegado as coisas, que três nações européias tiveram de intervir para dar alguma garantia ao comércio e à vida dos súditos. Fundou-se o Império de Maximiliano, e somente na presença da dominação estrangeira e do Império se despertou o patriotismo verdadeiro, os generais uniram seus esforços e o

país foi salvo, não sem que em seguida reaparecesse a antiga enfermidade.

A Bolívia teve que experimentar o mesmo desenvolvimento de um vírus introduzido no próprio germe da nova República. Santa Cruz, general criador do exército, não pôde manter-se em seus limites e invadiu o Peru. O Chile acreditou-se interessado na demanda e Santa Cruz desapareceu da cena. O militarismo ficou no sangue, diremos assim, dos bolivianos. O exército ou o general que o mandava erigia-se logo em juiz de eleições e governos; e a guarnição de La Paz, umas vezes, o exército em campanha, se pronunciavam contra as autoridades. Da revolução passou-se ao assassínio, e Melgarejo assassinou Belzu, e Melgarejo foi assassinado por não sei quem. Dizia-se antes que a Rússia era uma monarquia absoluta, apenas limitada pelo veneno ou o punhal. Da Bolívia pôde-se dizer a mesma coisa." [6]

A República oligárquica

"Verdade é que em nossa República democrática, oligarquica e aristocrática não seria fácil dizer a que partidos pertence o que fala, que às vezes foi de vários partidos..." [7]

• • •

"Mando-te um opusculozinho sobre educação, em cuja confecção tive parte, comparando dados e mostrando como avança, qual maré, a barbárie do povo, ao mesmo tempo que mais ufana se mostra a oligarquia douta, à qual temos a honra de pertencer. É um dos fatos mais notáveis e que venho observando e estudando no Chile e aqui, o desdém, o ódio secreto das gentes cultas à educação geral. Nunca consegui interessar de coração a ninguém, por mais que às vezes fosse de bom tom político prestar atenção."

"O catolicismo indiretamente, o gado, a universidade, as castas, tudo contribui." [8]

• • •

[6] *Obras completas*, t. XXXIX, p. 45-7. Artigo: El militarismo. *La Tribuna*, 23 abr. 1875 e ed. segs.

[7] Idem, t. XXXIX, p. 99. Artigo: Gobierno de hecho. *La Tribuna*, 26 e 27 out. 1874.

[8] Idem, t. LI, p. 225. Carta a José Posse, 5-9-1872.

"Ali [na batalha de Caseros] terminaram os tempos heróicos de nossa pátria. O que segue é vossa própria história, composta de muitas esperanças realizadas, algumas aspirações suplantadas pelo êxito e não poucas decepções e desencantos: com centenas de milhões que pesam sobre nossa consciência, nossa honra e nossos bolsos; com altos salários pagos para servir-nos mal, a guardiães que não nos guardam mas que guardam a si próprios. Podeis crer-me se vos digo que este é o pior pedaço de vida que atravessei em tão longos tempos e lugares tão vários, mais triste com a degeneração das idéias de liberdade e pátria em que nos criamos então." [9]

• • •

"Nossa colônia argentina em Paris é notável pela beleza das damas e senhoritas que a formam, chamando muito a atenção dos parisienses a diferença de sua raça. Os varões distinguem-se pela elegância de seus modos que levam da América, sua afeição à ópera, em cujos cenários encontram os mesmos heróis e primas-donas que aplaudiram no Colón um ano antes, o que lhes dá o direito, tão caro aos parisienses bulevardeiros, de penetrarem por trás dos bastidores no camarim de tal ou qual artista, outrora conhecida em Buenos Aires. Os dândis argentinos tomam assim posse de Paris. O que mais distingue nossa colônia em Paris são as centenas de milhões de francos que representa, levando à França não só o alimento de seus teatros, grandes hotéis, joalherias e modistas, mas verdadeiros capitais que emigram, adultos e barbados, para se estabelecerem e enriquecerem a França. Sob esse aspecto, as colônias americanas em Paris levam vantagem sobre as colônias francesas em Buenos Aires. Estas vêm para fazer seu *magot* [10], enquanto que as nossas levam milhões para lá." [11]

• • •

"Roca [12] faz e fará tudo o que quiser; para isso tem uma República sem cidadãos, corrompida nestes últimos tempos pela grande massa de

[9] Palavras de Sarmiento por ocasião de seu 75.º aniversário, publicadas em *El Censor*, 16 fev. 1886; cit. por PENA, M. In: *Alberdi, Sarmiento, el 90*, p. 62.

[10] *Magot* significa pé-de-meia (dinheiro). (N. do Org.)

[11] Publicado em *El Nacional*, 30 maio 1883, cit. por PEÑA, M. In: *Alberdi, Sarmiento, el 90*, p. 64.

[12] O general Julio Argentino Roca governou a República Argentina entre 1874 e 1880. Foi uma espécie de Porfírio Díaz do Cone Sul. (N. do Org.)

imigração, sem outro propósito que buscar dinheiro por todas as vias, de preferência as piores no sentido da honradez. Que decepção tivemos com a imigração estrangeira! Esses gringos que trouxemos são aliados naturais de todos os governos ladrões mediante a boa comissão que cobram ajudando-os nas empresas rapaces." [13]

• • •

"Estou ensurdecido pelo fragor das instituições que se despenham. Juarez [14] não será mais que o instrumento das forças cegas que estão transformando a República. Já não posso gritar! Estou rouco depois de sessenta anos de prédica estéril." [15]

• • •

"A política européia, que na América não tem princípio fundamental senão interesse material e não mais que especulação mercantil, é saltona, versátil, e inconseqüente em todas as suas operações. É-lhe indiferente a monarquia ou a república unitária ou federal, o despotismo ou a liberdade; e, por isso mesmo, um gabinete manifesta simpatia em favor de uns governos e antipatias por outros, qualquer que seja seu princípio fundamental. É amiga do governo liberal se lhe convém, e ao mesmo tempo do despotismo se a levam em conta [. . .] os mesquinhos governos da América ou os mandatários interessados em conservar um posto do qual são arrojados pela opinião pública e, não havendo ao seu redor apoios nacionais, simpatias populares e força moral, mendigam-nas nos agentes consulares, na opinião dos estranhos, e para se susterem não só sacrificam o princípio político, como também o interesse material americano. Eis o pacto que fazem: eu te entregarei, diz o governo, o princípio econômico e tu me ajudas a sufocar o político. Pactuada e firmada essa convenção, é fácil dizer as conseqüências nocivas que advêm contra a América e a organização de seus governos." [16]

• • •

[13] Carta a José Posse, cit. por PEÑA, M. In: *Alberdi, Sarmiento, el 90*, p. 67.

[14] Miguel Juarez Celman sucedeu na presidência a Julio A. Roca. Em 1890, frente a um movimento armado, viu-se obrigado a renunciar. (N. do Org.)

[15] Cit. por PEÑA, M. In: *Alberdi, Sarmiento, el 90*, p. 68.

[16] Idem, p. 68-9.

"A indústria mecânica e manufatureira está ainda nas primeiras lutas. Talvez seja essa a razão pela qual neste mercado de lãs não temos ainda uma fábrica têxtil, sendo enorme o consumo de panos e tendo, salvo a maquinaria, todos os elementos do ramo no país. Vão à Inglaterra milhões de arrobas de lã sobrecarregadas com fretes enormes pela condição em que são exportadas e essa matéria-prima, de volta daquelas longínquas fábricas, pagamo-la a preços tão elevados que aumentam consideravelmente nossa conta de importações na balança de comércio."[17]

A falta de nacionalismo

"Afirmamos que toda a República Argentina, numas partes mais que em outras, padece dos mesmos defeitos, e que o único que lhe é privativo, e o mais ruinoso de todos, é a falta de nacionalismo, desse sentimento que na felicidade e na desgraça une a todos os habitantes de um país, fazendo com que seus males e seus bens sejam iguais."[18]

[17] Idem, p. 78; publicado em *El Censor*, 9 fev. 1886.

[18] *Obras completas*, t. XL, p. 256. Artigo: Abajo la liga. *El Nacional*, 14 abr. 1879.

4. QUESTÕES AMERICANAS

A escravidão no Brasil

"... esta manhã [...], um desconhecido rumor de soalhas metálicas e de vozes humanas, porque decididamente embora estranhas pertenciam às modulações de nossa espécie, vinha a confundir-se naquele caos do espírito que se chama sono. Inclino o corpo pesadamente, e os ruídos assumem a forma límpida e viva da realidade; assomo-me à janela que domina a praça, e a escravidão se mostra em toda a sua deformidade. Longa récua de negros, encurvados sob o peso da carga, seguiam a trote o guia que na dianteira agitava soalhas de cascavéis e campainhas. Negros arrieiros cerravam a procissão, estalando seus látegos sonoros para avivar o passo das mulas humanas, e aquela besta de dois pés, longe de gemer sob o peso, canta para animar-se com o compasso de sua voz; ao ouvi-la em coro com a dos que o precedem e o seguem, não obstante sente-se homem e prevê que há um término próximo para a sua fadiga, o cais onde as naves carregam, e um fim distante, a morte que cura todas as dores.

Parece-me que todas as injustiças humanas vieram do sentimento da debilidade. A raça negra resta hoje tão-só escravizada pelos últimos na escala dos povos civilizados, os portugueses e os espanhóis. A escravidão é como que a infância da indústria. Até os romanos, a guerra era feita como meio de obter provisões; não mais que até ontem a indústria que nascia trazia um escravo para atá-lo à atafona, ou jungi-lo ao jugo. [...] Há escravos onde não existem poderes dinâmicos, onde o indivíduo

se reconhece débil em presença das resistências físicas; existem escravos no Brasil, em Cuba e no extremo sul dos Estados Unidos. Mas pagam muito caro por essa injustiça! A raça branca no Rio de Janeiro está infestada de enfermidades africanas, que participam do caráter odioso e deforme das degenerações dos trópicos, onde o que não consegue ser belo é monstruoso e repugnante: borboletas douradas ou sevandijas espantosas. A raça escrava serve de segurança ao despotismo, e o amo não ousa ser livre, porque sente removerem-se sob os seus pés as vítimas que ele por sua vez oprime. A família, esse último refúgio do egoísmo, dissolve-se também, e o câncer da escravidão leva a degradação ao lar doméstico, a suja libertinagem às vezes, e a relaxação de todos os vínculos sociais. O refúgio doméstico é um limitado e velado santuário entre os povos lusitanos. O escravo faz parte obrigatória da família: o amo, com seu olho negreiro, descobre atrativos raros em sua jovem escrava que lhe fazem esquecer os deveres conjugais; e naquelas casas, quase sempre cerradas aos estranhos, se arrastam, como essas feias alimárias que se aprazem na escuridão e na lama, torpe guerra entre marido e mulher, orgias de adolescentes que fazem sob o teto doméstico a aprendizagem do vício. . ."

"O mulato levanta-se já no Brasil, ameaçando vingar rapidamente as injúrias feitas à sua tostada mãe. Raça viril que conserva o sangue ardente do africano, temperado para agitar-se sob os raios verticais do sol, ao mesmo tempo que a organização de seu crânio liga-o à família européia. Dumas, Heredia, Pétion, Barcala, esses nobres mulatos, vivem aqui em todos os homens notáveis que brilham pelas artes, a música, a poesia e as ciências médicas. A raça pura portuguesa cai visivelmente na decrepitude e na inanição; nas câmaras e na imprensa diária — aqui [no Brasil], mais fecunda em injúrias do que entre nós — tudo se dizem os contendores, até sodomitas, menos mulatos; porque cada qual, na reprimenda, sente-se implicado em seus filhos, em seus parentes ou em si mesmo. Há uma lei que proíbe o uso desse epíteto, medida segura para pesar a gravidade do mal.

Detenho-me sem querer sobre as brilhantes qualidades morais dessa raça intermediária entre o branco, que se debilita nos climas equatoriais, e o negro, incapaz de elevar-se às mais altas regiões da civilização. Outra vez notava-se a predisposição constante do mulato a enobrecer-se, e seu delicado sentimento pela arte, que o torna instintivamente músico. [. . .] O negro canta e seus nervos se robustecem e cobram alentos, quando haviam tocado já o último limite possível da ação humana. Se um negro vai pelas ruas do Rio de Janeiro oprimido sob o peso da carga, e outro observa que as pernas fraquejam e sua espinha estremece, exaustos já os poderes de tensão, corre rápido em seu auxílio, põe-se a seu lado e canta, acompassando-se com a marcha. O paciente responde com voz dolorida e sepulcral, o auxiliar aviva o canto, e pouco a pouco a voz se aclara, o passo se afirma, e o duo segue alegre e comedido."

"Quando os escravos remadores vogaram duas horas e por sobre suas largas costas o suor corre em mares, e seus olhos submersos brilham com luz taciturna, miram-se entre si e prorrompem num canto com palavras ininteligíveis qual ensalmos dirigidos ao fetiche."

"Não! Os artistas da ópera não me pareceram sentir a música como uma negra requebrada, sem dúvida num canto mandinga ou cafre, entoado por um negro que a detinha na rua. Sua boca, seus olhos, todos os seus nervos acompanhavam por segundos as modulações monótonas do tentador, como se cada nota se assentasse visivelmente em sua fisionomia, animada até a exaltação e o delírio. O entusiasmo é a qualidade predominante no negro. . ."

O café

". . . não faz cinqüenta anos que se introduziu a primeira semente de café no Rio de Janeiro; não faz trinta que se extraiu a primeira saca do aclimatado, e hoje ultrapassam a 800 000 as que enchem todos os mercados do mundo; o açúcar e os diamantes cederam lugar ao café como produção principal, e quatrocentas mil almas formam a província do Rio de Janeiro que explora o café; a capital cobriu-se de riquezas, de edifícios e população: a baía está sempre em movimento, provendo de café as centenas de barcos que o procuram, e o café é, enfim, o anjo salvador do Brasil cujos açúcares perdem dia a dia seu valor em todos os mercados. A província de São Paulo começa a produzir em quantidade regular. . ."

Outras regiões, outros tipos

"Em Minas Gerais, a agricultura é feita sem demarcação de propriedade, passando as lavouras de um lugar a outro, à medida que os matorrais arborescentes do trópico deixam espaço para as plantas cultiváveis. Nas populações do campo, distantes do Rio de Janeiro, existem assassinos profissionais, brigões que ganham a vida exercendo a justiça por incumbência das partes agravadas; o gaúcho aparece em São Paulo e em São Pedro [1], com seus hábitos negligentes e seus surpreendentes

[1] Sarmiento está-se referindo à Província de São Pedro, designação dada à província do Brasil meridional, que depois se chamou República Rio-Grandense (1837) e por fim Estado do Rio Grande do Sul. (N. do Org.)

poderes de destreza e energia. A decomposição enfim efetua-se nos extremos como no resto da América, se bem que a compensa a vida que principia na capital.

Você, meu bom amigo, já viu como o mulato suplanta o branco; porém há ainda outros movimentos que equilibram essa força, embora sempre em detrimento dos oriundos do país. Acumulam-se dia a dia no Rio de Janeiro os portugueses da península, que já se contam em número de 50 000, conservando sempre sobre os habitantes do independente império aquela superioridade de energia e de forças produtoras que caracterizam o europeu, embora seja português, e arrogando-se, ademais, pretensiosa superioridade como pertencentes à metrópole. Os portugueses de lá vêem os de cá como uma espécie de animais, chamando-os macacos por alusão a uma família de monos. Assim, o ódio dos brasileiros contra aqueles seus godos [2] se aviva cada vez mais pela decidida influência que lhes dão suas riquezas adquiridas e não poucas vezes sua superioridade em inteligência. Seguem-lhes os europeus em geral que ostentam, na rua Direita e na do Ouvidor, todas as magnificências do comércio europeu, expostas com gosto parisiense. O europeu é ali a parte viva da sociedade; dele são as naves, os armazéns, ele entra como parte obrigatória em todas as empresas, e por ele e para ele os negros estão em contínuo movimento. No Rio de Janeiro, procurei em vão o brasileiro, sem poder encontrá-lo senão por raras amostras que me fizeram desconfiar que deve existir em alguma parte. O brasileiro de origem é nobre, embora às vezes mulato, condecorado com cruzes de diamantes, ministro, aduaneiro, empregado ou fazendeiro, em cuja última função tem que ver com o português. O brasileiro bloqueou os empregos; ali não há quarentena para o estrangeiro que não pode ser nem engenheiro, razão pela qual não existe ainda um mapa do Império nem uma carta topográfica da província do Rio de Janeiro. A obscuridade do brasileiro é tanta que a embaixada inglesa manteve por três anos consecutivos uma tertúlia de inverno, a cujas reuniões não era permitido aos brasileiros assistirem, embora suas mulheres e suas irmãs formassem o principal ornato dela.

Após esses movimentos espontâneos de raças e povos novos que acodem àquele manancial inesgotável de riqueza, vêm as especulações de imigração que principiaram já em grande escala, se bem que com êxito deplorável. Nos fundos da baía [da Guanabara], há uma colônia

[2] *Godo* significa, pejorativamente, espanhol. (N. do T.)

de suíços; um enxame falansteriano veio da França para dissolver-se, mal tocou o quente solo do Brasil, e três mil alemães, depositados na praia como se deposita o carvão de pedra ou os fardos de algodão, foram dizimados, quintados, aniquilados em poucos dias pela miséria, o calor, a febre e o desencanto. Nada estava preparado para a sua recepção, por essa imperícia que nos é comum a todos os descendentes da península ao recebermos povos estranhos. O alemão, nascido em climas temperados, encontrava, em lugar de cereais, o café e a cana; e em vez de frutas européias, via com assombro cachos que não eram de uvas, mas abacates, bananas, ananás, mangas e quanta outra variedade estranha e desconhecida oferecem os trópicos.

De todo esse conjunto de movimentos de suplantação, e dessa aglomeração de forças ativas civilizadoras que fazem a riqueza e o esplendor do Império, levanta-se um grito uníssono contra o estrangeiro, que é insolente, astuto, avaro, conspirando contra o Brasil, levando-lhe o ouro e os diamantes em troca de suas miudezas e seus avelórios. Que ódio contra a Inglaterra que persegue a escravidão! Que dia de glória aquele, em que o Imperador mandasse afundar as esquadras estacionadas na baía e afogar todo estrangeiro estabelecido ali, e proibir a introdução de artefatos europeus, para que então os próprios brasileiros os fabricassem, bem entendido que trariam da Europa as máquinas, e talvez consentissem em que viessem artesãos para ensinar-lhes a manejá-las! Os jornais e os estadistas mais eminentes propalam a missão do Brasil para assumir a cruzada contra as pretensões européias. Rosas, que se chama o defensor da Independência americana, é um intruso, um bárbaro, e um pobre-diabo, pois o brasileiro afeta ignorar que existe por aí uma coisa que se chama República Argentina, não obstante seus enviados, sua política e suas naves sempre terem sido, como até hoje, o estropalho de seu caudilho.

A política imperial participa dessas preocupações. Ali, mais que em Buenos Aires, é profunda a convicção de que não se deve permitir aos estrangeiros a livre navegação dos rios que os brasileiros não navegam, e ter por limites do Império o Amazonas ao norte, o Prata ao oriente; é o sonho dourado do moderno Império, que se envaidece de ter como Roma sete colinas na capital, escravos que lavram a terra como antigamente e a missão de dominar a América com suas esquadras, sua diplomacia e seu comércio." [3]

[3] *Viajes*, v. I, p. 135-50.

Um Congresso Americano em 1844[4]

"De tanto se ouvir repetir, começamos a nos convencer de que é uma coisa real e positiva a que os governos americanos dão uma alta importância.

A idéia de reunir um Congresso de enviados de todas as repúblicas não é nova, nem pertence a um Estado, nem a um Ministério particular; é uma utopia tão antiga quanto a Independência e que encontrou acalorados defensores em penas tão avantajadas como a de M. de Pradt e outros estadistas.

E, quando chamamos a isso utopia, não é porque duvidemos um moento de que finalmente cheguem a se reunir os diversos agentes no lugar indicado, que se faça a permuta de poderes, abram-se as sessões e sancionem-se alguns pontos de direito internacional americano. Depois de realizadas todas essas coisas de forma pura, não obstante nos parecerá uma utopia o Congresso Americano, uma utopia das muitas que se intentam na América, sem resultado positivo algum.

Necessitamos explicar-nos. A idéia de formar congressos vem acreditada pela prática européia, no famoso Congresso de Viena, as conferências de Londres e outras reuniões diplomáticas que tiveram lugar em diversas épocas recentes, para normalizar questões internacionais européias que turvaram a paz do Velho Mundo. A Santa Aliança pertence a esse gênero, e também a quádrupla da França, Inglaterra, Portugal e Espanha.

Os publicistas modernos pressentem uma época, não muito remota, em que todas as transações européias deverão ser tratadas em congressos, e os fatos começam a confirmar tão alentadas esperanças. Quatorze anos transcorridos desde a Revolução de Julho, que deitou abaixo o governo imposto à França pelo Congresso de Viena, provaram que a guerra é quase impossível na Europa, tão grandes são os interesses industriais que ela comprometeria. Ora, já não se podendo exercer a conquista, e como os novos descobrimentos ameaçam tornar cada dia mais destruidores os meios de guerra, ocorre que esta última *ratio regum* perdeu muito de seu prestígio, suplantando-a a diplomacia, a aliança e patrocínio das grandes potências para produzir um certo resultado.

Não fazemos mais que indicar essa posição da Europa, para passarmos a examinar a da América em suas relações internacionais, que

[4] Proposta inicialmente por Bolívar — e realizada em 1826 — a idéia de um congresso das nações do continente nunca foi esquecida. Em 1844, o ministro do Interior do Chile tornou a propiciá-la, e Sarmiento, por motivos que se lerão, combateu-a. (N. do Org.)

são de dois tipos: umas, entre Estados americanos; outras, entre estes e os europeus. Um Congresso Americano, sem dúvida tem por objetivo fortificar cada uma de suas seções com a força de todas as demais, para resistirem aos avanços europeus e também de cada Estado contra os demais. Vejamos se isso é possível.

Em primeiro lugar, cremos inefetiva qualquer ordem para o primeiro caso. As potências européias têm a cada momento, com os governos americanos, choques certamente muito perigosos para nós, porquanto a força vem muitas vezes em apoio do ultraje imerecido. Porém, para ver essa questão sob um ponto de vista imparcial, poderá um Congresso Americano responder pela moralidade dos diversos governos americanos e pela justiça que lhes assista em suas dissenções com os poderes europeus? A América toda prestará sua cooperação numa luta entre o México e a Inglaterra, por exemplo, sem atender a outra coisa que aos nomes? Situar-se-á sempre ao lado dos americanos? Seria, pois, necessário um juízo prévio para averiguar por parte de qual dos beligerantes houve a provocação; e só com isso já temos uma posição nova, que não faria mais que complicar a luta, sem trazer resultados decisivos; pois queremos supor que, na opinião do Congresso, a razão esteja do lado dos americanos e que por causa deles se decida apoiar o Estado agredido.

Mas essa sentença dada pelo Congresso Americano será vista como competente pela potência européia comprometida? Desistirá de sua ação somente porque o Congresso não a crê justificada? Virá a Lima para defender-se e justificar-se? Suponhamos que isso não suceda; que as coisas tomem o rumo ordinário e que um bloqueio no México, por exemplo, continue a despeito do Congresso Americano. As esquadras americanas irão àquele ponto de reunião impor sua força coletiva às forças bloqueadoras? O resultado seria, em nossa opinião, comprometer toda a América sem objetivo algum e deixar a descoberto seus pontos fracos, tentando as potências européias, com o estado de guerra, ocupar os territórios vazios do continente, tais como as Malvinas, Pará, Mosquitos, etc., pois as potências européias não desejam dominar os pontos ocupados pelas novas repúblicas, mas possuir territórios para colonizações.

Não obstante, levando a efeito a pretendida intervenção americana, restaria ver que Estados se achariam em condição de atender ao chamado, supondo-se que, de todos eles, dois terços estão ocupados sempre com a guerra civil que os lavra internamente e três quartos não têm marinha para cobrir nem sequer as suas costas.

Essas suposições podem encontrar a fácil objeção de que o Congresso não teria por objetivo ocupar-se dessas matérias, ou que em suas sessões estabelecerá as bases do direito internacional que se proporá

defender. Mas se supomos que as potências européias não se deixarão impôr um direito internacional que não tenha seu assentimento, tal como a proibição de fazerem os europeus o comércio de miudezas e outras questões que atualmente se agitam em algum ponto da América [5], resultará sempre que o Congresso, influenciado pelos poderes europeus, somente contribuirá para limitar o poder nacional e discricionário de que se crêem investidos muitos dos governos americanos, sem haverem avançado um passo nas questões que se propunham ventilar.

Cremos que, cumprindo sua devida parte nas questões entre europeus e americanos, na desconsideração dos poderes fortes contra os fracos e nas intenções secretas dos gabinetes europeus, devemos reconhecer também, por parte dos americanos enquanto agentes de freqüentes choques, a inveja que a prosperidade dos europeus geralmente inspira e o ódio das massas aos povos estrangeiros: inveja e ódio que sobem às vezes até as classes superiores, até os comandantes dos portos e mesmo às próprias administrações, e que um Congresso Americano não pode conter em suas manifestações quase indeliberadas.

A melhor garantia que um Estado americano pode buscar contra um bloqueio europeu é a justificação de seus procedimentos, a franqueza em suas relações e a liberalidade de seus fins comerciais, que em geral é o ponto questionável. Onde um Governo com esses meios chegasse a ser impotente para impedi-lo, a intervenção de um Congresso não melhoraria sua posição.

Reiteradamente trataremos do que concerne ao direito internacional americano para com seus próprios Estados e mesmo assim veremos o Congresso igualmente impotente." [6]

A questão das ilhas de Chincha

"O vapor 'Bolívia' chegado hoje a este porto [Valparaíso] traz a notícia de haver tomado posse violentamente das ilhas de Chincha [7] o senhor almirante Pinzón, comandante da esquadra espanhola nessas águas.

O rumor público agravou o escandaloso do fato, com a asserção de aquele ato ser executado a título de simples reconquista de domínio

[5] Sarmiento alude a um conflito entre a Nicarágua e a Grã-Bretanha, pelo território chamado "Costa dos Mosquitos". (N. do Org.)

[6] *Obras completas*, t. XXXIV, p. 7-10. Artigo: Un congreso americano en 1844. *El progreso*, Chile, 10 dez. 1844.

[7] Ilhas peruanas cobertas de guano. (N. do Org.)

espanhol, por não estar reconhecida a independência da antiga colônia pela metrópole.

Justificam essas antecipações — pois o governo do Peru não revela o fato — a insólita representação de comissário real, dada a Mazarredo, e a tomada das ilhas sem prévia declaração de guerra.

Os agentes diplomáticos e consulares acreditados junto ao governo do Peru protestaram contra desmandos tão injustificáveis, notando-se com satisfação na cabeça do corpo diplomático o ministro plenipotenciário dos Estados Unidos, o senhor Robinson.

Menos auspicioso se apresenta o significativo fato de o representante de S. M. o Imperador dos franceses não haver aderido ao protesto coletivo, recordando-se com este motivo que Mazarredo, antes de partir em sua missão ao Peru, manteve conferências em Paris com o Governo francês.

Circulava de antemão que duas fragatas espanholas, uma delas blindada, estavam no caminho de La Habana ao Peru para secundar a operação de Pinzón.

As ilhas de Chincha estão hipotecadas na dívida inglesa."

"A intenção do infra-assinado é aderir ao protesto dos diplomatas do Peru, ou ao que faça o governo do Chile, se tal é o seu pensamento."

"No procedimento de Chincha, não só fica desconhecida a independência dos Estados americanos, mas ameaçada, sem o aviso de uma prévia declaração de guerra, descendo nossas repúblicas, se se tolerasse o fato, à condição inferior à dos povos selvagens da Oceania, cujos territórios são ocupados pelas nações civilizadas. Somente a Nicarágua, Costa Rica, Venezuela, Equador e Chile têm sua independência reconhecida pela Espanha, e as Repúblicas do Prata acham-se em condições idênticas à do Peru, até na influência que poderia exercer a ocupação violenta de uma ilha, mal fortificada hoje contra barcos blindados, como exercerá sem dúvida a de Chincha que por seus produtos constitui a principal fonte de rendas para o Governo peruano. [8]

Temos armamento suficiente para estarmos em condição de fazer frente a uma agressão por parte da Espanha, que tornaria inopinado e fora de qualquer previsão humana o aparecimento de um comissário real? Esta pergunta não é uma intrusão, por parte do infra-assinado, nos cuidados confiados à previsão e cordura do governo de que V. Ex.ª forma tão digna parte, senão a ocasião de fazer observações cujo mérito estaria apenas no fato de serem oportunas.

[8] Antes da aparição dos fertilizantes químicos, o guano era utilizado para adubar a terra. (N. do Org.)

Concluída a guerra dos Estados Unidos com o México, o Governo daquela nação procedeu a vender o armamento de que se servira e os barcos com que cumulara sua esquadra, deplorando o senhor presidente do Chile, dom Manuel Montt, o fato de que o encarregado de negócios chileno não se houvesse aventurado, por falta de instruções, a comprar fuzis em perfeito estado de uso..."

"O abaixo-assinado, deplorando acontecimentos que sobrevêm para pôr à prova nossas virtudes depois de tantos outros que debilitaram as Repúblicas de origem espanhola, propõe-se a não omitir meio, a fim de conjurar na parte que esteja a seu alcance esta nova dificuldade, contando com receber instruções de V. Ex.ª..." [9]

Intervenções européias

"O estabelecimento de uma linha de vapores entre os Estados Unidos e o Brasil, que continuará até o Rio da Prata em virtude da subvenção acordada pelo governo argentino, tornaria conveniente celebrar um tratado postal entre ambas as repúblicas, a fim de evitar os inconvenientes a que sua falta dá lugar. Espero, portanto, a autorização e instruções de V. Ex.ª para proceder a propor a este governo no modo e forma que me indicar.

Essa circunstância proporciona ocasião de submeter respeitosamente à ilustrada consideração de V. Ex.ª a indicação de outro assunto que pode ser também matéria de um acordo entre ambas as repúblicas, pelo que tomo a liberdade de fazer sobre ele algumas reflexões.

Os recentes acontecimentos que perturbaram a paz de vários Estados da América do Sul com guerras provocadas por governos europeus têm uma causa que na época de sua origem foi acidental, e outra que subsistirá sempre para nosso país mais que para nenhum outro por sua posição geográfica.

As questões suscitadas ao México, a reincorporação de Santo Domingo [10] e a intentada ou anunciada reivindicação das ilhas de Chincha partiram de uma tentativa feita pelas potências européias para recolonizar a América do Sul, desde que os Estados Unidos com a guerra civil em que se encontravam haviam perdido boa parte de sua autoridade

[9] *Obras completas*, t. XXXIV, p. 121-3. Nota ao ministro das Relações Exteriores da Argentina. Valparaíso, 3-4-1864.

[10] Alude à intervenção francesa no México e à reincorporação — transitória — de Santo Domingo à Espanha. (N. do Org.)

moral, tanto como poder exterior quanto como República. A propaganda das instituições cesáreas entrou muito na questão do México.

Entretanto a frivolidade dos motivos alegados para impor ao México, Peru e Chile a terrível carga da guerra [11], porquanto os governos que a provocaram com suas exigências não admitiam a direção e exame que só se concedem reciprocamente nações de igual poder, deixou ver claramente que as repúblicas da América do Sul com escasso número de habitantes, e fortes só por meio de imensos e custosos sacrifícios, estarão doravante expostas às extorsões e violência dos grandes poderes, cujos agentes dão-se por únicos intérpretes das disposições e práticas do direito das gentes nas questões que suscitam. Esse caráter assumiu as do Peru e Chile, e poder-se-ia atribuir à do México em sua origem.

Se nenhum vínculo liga as repúblicas americanas entre si, não obstante duas facções correspondentes das causas indicadas lhes são comuns. A primeira é a de estarem em terreno mal-povoado e em estado de colonização; a segunda é encontrarem-se todas elas em condições de força naval normalmente débeis em relação aos grandes poderes marítimos. As nacionalidades européias, quando são essencialmente débeis, são preservadas por tratados que obrigam as outras nações, ou pelo chamado equilíbrio europeu; e, entretanto, a questão dinamarquesa mostrou que a força, mesmo na Europa, pode ser sem oposição aplicada à modificação dos Estados pequenos.

As repúblicas americanas não têm essas garantias, e se as recentes complicações da Espanha no Pacífico e a resistência do México à imposição de um governo não escarmentam os poderes europeus, a situação daquelas será sempre azarada, forçadas a contemporizarem com exigências que menoscabam sua dignidade como Estados soberanos.

Não podendo assegurar dos recursos e povoação, que nosso país desenvolverá em um futuro não distante, a força material que nos falta, conviria enfrentar as ocasiões de discussão com as grandes potências, afastando o maior número possível de questões do interesseiro exame dos fatos que a parte forte faria. Este resultado pode, em minha opinião, ser obtido sujeitando aquelas questões à decisão por arbitragem; e, para conseguir a generalização do princípio, começar por celebrar tratados que assim o estabeleçam, até fazê-lo entrar no direito internacional no que respeita a nós e, por conseguinte, a toda a América." [12]

[11] O Chile fez causa comum com o Peru na questão das ilhas de Chincha, e terminou com seu porto de Valparaíso bombardeado pela frota espanhola. (N. do Org.)

[12] Idem, t. XXXIV, p. 201-2. Nota ao ministro das Relações Exteriores da Argentina. Nova York, 29-1-1866.

Os Estados Unidos e as ilhas Malvinas [13]

"São a meu ver de tal magnitude e importância os encargos que contra os Estados Unidos resultam das poucas peças que tenho à vista, que me permito chamar sobre elas a atenção de V. Ex.ª, insistindo em que me sejam enviadas instruções para entabular a gestão, sejam elas tão amplas e explícitas de forma que me habilitem a iniciá-las com a firmeza e extensão devidas.

Dos documentos oficiais apresentados à Legislatura de Buenos Aires em 1832 resultaria *prima facie*:

1.º) Que um Estado soberano da América do Sul, uma República que a Inglaterra e os Estados Unidos reconheciam como nação independente, ao fazer uso dessa soberania, em território próprio, no ato de proibir a pesca que somente é livre em país despovoado e com licença do Soberano, foi desconhecida em seus direitos por um cônsul norte-americano que lhe negou autoridade disputando seus títulos à posse do território, e fez atropelar e destruir deliberadamente pelo comandante da 'Lexington' a colônia argentina de Malvinas, subtraindo à justiça do país o conhecimento do caso primitivo ao amparar e afastar o capitão Davison da 'Harriett' [14].

2.º) Que o comandante Duncan é responsável: *1*) pelo fato que lhe concerne ocultando ao governo do país o desígnio de perpetrá-lo; *2*) de haver fundado sua violenta ingerência no fato de se declarar juiz, e dar por aprovado ante si um encargo pela simples asseveração dos acusadores contra o teor expresso das leis dos Estados Unidos, que requerem audiência de parte para declarar provada judicialmente uma acusação; *3*) de desconhecer em sua mesma nota uma autoridade da República ao dar ao governador de Malvinas seu simples nome; *4*) de haver consumado atos de guerra contra a República Argentina, declarando levar prisioneiros a bordo do 'Lexington', no regresso de sua expedição.

3.º) Que o encarregado de negócios dos Estados Unidos, depois de sua chegada e de ser devidamente recebido, poderia ser acusado dos seguintes graves encargos: *1*) de haver desconhecido em sua primeira nota a autoridade de Vernet [15], não obstante reconhecer que ela emanava do

[13] Antes da ocupação das ilhas Malvinas pela Inglaterra, de soberania argentina, houve ali uma agressão por naves dos Estados Unidos. (N. do Org.)

[14] "Harriett" é o nome do navio pesqueiro norte-americano que pretendeu pescar nas Malvinas contra a proibição da autoridade argentina. Foi protegido pelo navio de guerra "Lexington", de mesma bandeira. (N. do Org.)

[15] Miguel Vernet, governador das ilhas Malvinas. (N. do Org.)

governo que ditou o decreto de 1829, de que não reclamou, porque não devia, seu antecessor Forbes; *2*) de haver ameaçado o Governo com o poder de sua nação; *3*) de haver, contra as práticas que não deveu ignorar, desaprovado a separação de Slacum; *4*) de haver, depois de intentar a acusação de Vernet, especificando seus encargos, empreendido pôr em dúvida os títulos da República, pretendendo negá-los sem precedentes que o motivassem, e fundando-se em doutrinas do direito das gentes repudiadas por seu próprio governo, e até esse momento pela própria Inglaterra, de cujos direitos se constituía em gratuito defensor e expositor.

Em 1823, nas conferências que se realizaram em Londres entre Mr. Canning e Mr. Rush, ministro dos Estados Unidos, declarou aquele e pediu o concurso deste para declarar ante o mundo o princípio de não-colonização da América do Sul, obrigando-se ambas as nações a não ocuparem para si a menor parte das colônias emancipadas.

A Doutrina Monroe, resultado daquelas conferências, estabeleceu, como um princípio em que os direitos e interesses dos Estados Unidos estavam comprometidos, que:

> 'os Continentes Americanos, pela posição livre e independente que haviam assumido e mantinham, não deviam estar sujeitos a futura colonização por parte de poder algum'.

Esta declaração era reconhecida pela Inglaterra e por todas as nações, criando um princípio de direito das gentes que pôs fim, através de seu direito das gentes, nos vagos pretextos de descobrimento anterior, tanto no continente como em suas adjacências. O ministro norte-americano, em oposição a essa declaração, não só restabeleceu a antiga doutrina em favor da Inglaterra como pôs em questão o direito com que a República Argentina sucedera a Espanha no domínio sobre terrenos no continente, que os Estados Unidos e a Inglaterra haviam conjuntamente garantido.

Havendo o governador Vernet contestado as graves quanto aparentemente infundadas acusações do ministro, este pediu seu passaporte, declarando não ser acusador, embora na realidade o fosse, e livrou Slacum, asilado em sua casa, da ação dos tribunais [16].

Conseqüência da insólita gestão feita por um agente norte-americano dos presumidos direitos da Inglaterra à posse das ilhas Malvinas, foi que esta nação, que as havia espontaneamente abandonado sessenta anos antes, feito de um lado o princípio, e segura já de que os Estados Uni-

[16] Slacum foi um cônsul norte-americano envolvido nos assuntos a que alude Sarmiento. (N. do Org.)

dos, comprometidos pelas doutrinas de Baylies, não incluíam as ilhas adjacentes nos continentes americanos na declaração Monroe, voltasse à doutrina de não-colonização iniciada por Canning e proclamada pelos Estados Unidos, e se apoderasse das ilhas Malvinas, a pretexto de anterior ocupação, e com cumplicidade aparente desta última nação.

Os ultrajes feitos à soberania da República Argentina por um cônsul e um comandante de navio dos Estados Unidos, coonestados por um ministro desta nação, e a negativa final deste em discutir o assunto e oferecer reparação do agravo com indenização dos danos, é o primeiro fato dos que a seu exemplo repetiram mais tarde as nações européias com as nascentes repúblicas, atropelando-as com a força, e alienando-lhes justiça. Mas não seria essa a acusação mais grave que haveria que fazer à diplomacia norte-americana, e pela qual seu Governo devesse dar uma reparação, e sim a da perda das ilhas Malvinas, possuídas em justo título pela Espanha durante quarenta anos, e pela República Argentina durante vinte; posto que foram forças norte-americanas as que as despovoaram, e as doutrinas do ministro Baylies as que induziram a Inglaterra a apoderar-se delas." [17]

Crítica ao regime paraguaio

"O Brasil reclama do Paraguai, como ribeirinho do rio [Paraguai], passagem livre para seus barcos de comércio, e o Paraguai resiste a essa pretensão. Por que resiste a ela? O Brasil tem mais acima possessões valiosas, que produzem erva, madeiras, açúcar, tabaco, que com outras mil, cada qual mais rica, se esterilizam por falta de meios de fazê-las sair aos mercados do Atlântico, não obstante ter um rio tão capaz como o Paraguai. O governo deste último país tem como base de suas rendas o monopólio da erva, madeiras e tradições de fazer o comércio e dar-lhe direção, e a concorrência de iguais produtos do Brasil nos mercados que pagam os artigos monopolizados tornava impossível continuar por longo tempo essse sistema, que põe a fortuna de um país e os produtos do comércio em mãos do governo. Será essa a causa que torna tão tenaz conceder passagem às mercadorias do Mato Grosso, até entrar no Paraná e desalojar os que cortam madeiras em Apipé?

Assim, pois, os monopólios do Paraguai defendendo-se, nos envolverão numa guerra, que ameaça desquiciar tudo; interessa à confederação defender o território argentino agredido, interessa-lhe não se expor

[17] *Obras completas*, t. XXXIV, p. 206-8. Nota ao ministro das Relações Exteriores da Argentina. Nova York, 6-4-1866.

em Corrientes, sacrificando os industriosos trabalhadores que haviam comprometido capitais na exploração de madeiras, já que as entradas de Bermejo haviam sido abandonadas à colonização militar do Paraguai [18]; interessa-lhe sair da atonia a que o tem reduzido a falta de rendas, de organização administrativa e de poder, e bem-vindo seja sempre quem ofereça dinheiro para o sustento de causa que tem simpatias como deve ter no litoral.

Qual será o resultado de todos esses preparativos? O Paraguai está governado por uma família, na qual se encontram jovens que estiveram na França e trouxeram o vírus dos governos fortes, o espírito militar, o amor ao fausto e ao absolutismo brilhante, já que ali encontram um povo inocente de toda idéia de garantias, de formas regulares de governo, e uma tradição de servilismo, da obediência cega, herdada do guarani, da teocracia do jesuíta e o terror de quarenta anos do Dr. Francia [19].

Como os hebreus que morreram todos com Moisés, antes de entrarem na terra prometida, assim os paraguaios que hoje vivem não conheceram nada que não seja terror, submissão, obediência e pupilagem. Aceitam o que lhes dão, e obedecem a quem manda. Para sua emancipação, para começarem a ser homens individuais, de massa coletiva que hoje são, regidos, disciplinados, inspirados pelo governo, seja quem for que o exercer, necessitam de uma longa guerra que os devolva a si mesmos, que crie reputações individuais, e desperte sentimentos de dignidade pessoal. Nessa aprendizagem em que se regenerará aquele povo bom, porém máquina de governo, vão excitar-se sentimentos de orgulho de nação jovem, rivalidades de raça e de fronteira, amor à glória, resistências cegas; e pode ser que os que vão buscá-las tenham muito que entender para fazer-lhes entrar no gozo de seus direitos.

Qui vivra verra.

No que respeita a Buenos Aires, a situação é singular em demasia. Aliar-se-á com o Brasil e a Confederação? [20] Colocar-se-á ao lado do Paraguai? Muito boas razões há em política para um e para outro; e se houvéssemos de decidir a coisa, resolveríamos com os dados, ou com

[18] Sarmiento alude a um incidente ocorrido na ilha de Apipé, no qual forças armadas paraguaias obrigaram argentinos, cortadores de madeira, a abandonarem a ilha. (N. do Org.)

[19] Quando Sarmiento escreve este artigo o Paraguai está governado por Carlos Antonio López, cujo filho Francisco Solano — recentemente retornado da França — será seu sucessor. O dr. José Gaspar Dodríguez de Francia governou o Paraguai com a autodenominação de "Ditador Perpétuo". (N. do Org.)

[20] O leitor deverá recordar que a República Argentina estava dividida em dois Estados: Buenos Aires e a Confederação Argentina. (N. do Org.)

cara ou coroa, jogando uma moeda ao ar. Leve-nos o diabo se entendemos onde está a conveniência dessas guerras americanas, para defender desertos, para vingar canalhices, tapar com sangue e caudais as próprias e alheias faltas e ser envolvidos nas intrigas e planos de quem quer forjá-los." [21]

• • •

"O Dr. Francia deixou tradições administrativas de despotismo, sistemas de repressão que Rosas, semi-selvagem, não pôde usar. O Governo do Paraguai é uma entidade diferente do povo.

O Estado assumiu uma espécie de autoridade religiosa, a infalibilidade do papado, a dogmática solução do antigo concílio.

A verdade não é verdade, se o Governo não a reconhece; a propriedade individual é um empréstimo que o Estado fez a cada um de seus possuidores, e basta que ele declare propriedade pública uma indústria, uma produção, para que desde esse momento a consciência aceite, sem murmurar, a nova disposição.

Desde os tempos de Francia, o Estado possui estâncias povoadas de gados, e casas que foram confiscadas e, hoje, o Estado compra casas como os particulares, e entra como concorrente em todo tipo de negócios.

Para o paraguaio, o Estado é um ser invisível, como Deus; porém mais sensível, mais imediatamente ponderado em todos os seus atos." [22]

• • •

"Meio século de isolamento, de reclusão, de tirania, fizeram do Paraguai, sua pátria, uma curiosidade na América..."

"O Paraguai está encravado como uma ilha em meio a um mar de bosques a quinhentas léguas dos pontos acessíveis ao movimento do mundo. O povo é formado em sua maioria por descendentes de raças indígenas, às quais não é tarefa de um século inocular-lhes a consciência política, direi assim, já que nem os povos mais avançados ainda não a têm perfeita; e os descendentes dos espanhóis orgulham-se de sua independência, ou seja, da solidão e isolamento que os entrega manietados às conseqüências inevitáveis de sua situação.

[21] *Obras completas*, t. XXV, p. 80-1. Artigo: Rumores. Guerras en Perspectiva. *El Nacional*, 27 nov. 1855.

[22] Idem, t. XXV, p. 346. Artigo: Los paraguayos en Buenos Aires. *El Nacional*, 18 dez. 1857.

Nossas simpatias os ofendem, ou como pretensão de superioridade, ou como desejo de dominá-los, ou como inveja de seu valor, e o coração mal-prevenido para esses sentimentos anuvia seu espírito ao ver a verdade."

"Outra característica distintiva do Paraguai me surpreende: é não haver no país um só nome próprio conhecido que se sobressaia ao nível que pesa sobre toda a população. No início da tirania de Francia havia um Yegros [23], entre outros paraguaios notáveis. Hoje não nos chegam outras reputações que as do presidente e seus filhos. Eles são, ao que parece, os únicos sábios, os únicos prudentes, os únicos ricos, os únicos fortes. Que fazer com um país realmente destituído de qualquer elemento de independência? É uma criança no berço."

"Os povos necessitam de quem os conduza. O pensamento popular se concentra em seus tribunos, seus publicistas, seus oradores; o valor, a energia de cada um, se torna espada, coronel, general. Não há resgate possível, quando não existem esses órgãos, que são a cabeça e os braços das nações, quando queiram sacudir um jugo e destroçar grilhões.

Mais poderosa me parece a influência da propriedade no Paraguai. A julgar pelo que todos repetem, no Paraguai o governante, com o assentimento popular, é dono de permitir ou não trabalhar, indicar o ramo em que o capital deve ser investido; as madeiras de Deus são propriedade sua, colhe-se a erva conforme ele a necessita e se vende ao preço que lhe convém; os sentimentos são matéria de fiscalização, como nas missões jesuíticas, e o povo vive, não obstante, sob esse regime que não encontra em sua consciência recusa nem desaprovação moral." [24]

A Guerra do Paraguai

"Em conversa particular com Mr. Seward, a que se achavam presentes outras pessoas notáveis, fez notar o Secretário de Estado, dirigindo-se a um senhor senador, que o ministro argentino lhes havia dito coisas belíssimas em seu discurso ao Presidente, porém que havia omitido dizer algo sobre a guerra contra o Paraguai e a aliança com o Brasil; o que me confirma mais ainda a opinião de que a aliança argentino-brasileira desperta tanto no povo como no governo norte-americano um sentimento repulsivo que somente é contido em suas manifestações pelo

[23] Fulgencio Yegros foi um dos iniciadores da independência do Paraguai. (N. do Org.)

[24] Idem, t. LII, p. 94-6. Artigo: El Paraguay en 1857, carta ao senhor Luciano Recalde. Buenos Aires, 16-5-1857.

injustificado do ataque que nos trouxe o Paraguai, e pelos solenes compromissos contraídos de não atentar contra sua independência." [25]

• • •

"Creio-me no dever de comunicar a V. Ex.ª uma conversa íntima tida com o ministro brasileiro [26], na qual, não obstante não ser mais que uma simples conversa, chegaram a ser consideradas as idéias que emiti, favorável ou adversamente.

Havendo, a seu convite, passado um domingo em sua casa de campo, e esgotados os assuntos ordinários, a conversa recaiu sobre o desenlace próximo da Guerra do Paraguai e suas conseqüências.

Observou, com esse motivo, que não acreditava que as dificuldades que o Paraguai apresentava fossem superadas para o sucessivo. De indicação em indicação, cheguei a expressar a seguinte opinião, como uma que me era pessoal e que não só acreditava que não era aceita por nenhuma das partes interessadas, senão por meu próprio governo.

Disse-lhe que se Sua Majestade, o Imperador, viesse a Nova York, como o ministro o crê, me permitisse falar-lhe, de colegial a colegial, como o fazíamos em Petrópolis. Eu lhe diria: existe remédio radical e definitivo para a situação e este consiste em fazer com que o Paraguai e a Banda Oriental do Uruguai entrem para fazer parte de uma Federação com a República Argentina, a fim de criarem um Estado da língua castelhana que responda ao Brasil pelos seus atos e afaste por sua responsabilidade as ocasiões de guerra.

Qualquer que seja o sentimento de justiça que hoje ou mais tarde inspire a política do Brasil no Rio da Prata, sempre existirão as provocadoras disparidades de força e extensão entre três repúblicas separadas e em atitude de serem hostis, e um Império que já contava com nove milhões e um terço do continente.

Que esse era o único equilíbrio possível e real do Rio da Prata. Que a criação do Estado do Uruguai, como intermediário, fora o mais desastroso fiasco; pois a República e o Império já haviam tido duas guerras sangrentas por causa do Uruguai; e que, por causa do Uruguai, eram agora aliados para derramar seu sangue e seus tesouros nos pântanos do Paraguai. Que as intrigas que haviam provocado tais guerras eram o recurso de todos os débeis e que não seria estranho doravante ver

[25] Idem, p. 198. Nota ao ministro das Relações Exteriores da Argentina. Nova York, 29-11-1865.

[26] O senhor Azambuja, ministro do Império em Washington. (N. do Org.)

alianças do Paraguai, Uruguai e Brasil, ou da República Argentina, Uruguai e Paraguai contra o Brasil.

Que a situação da República Argentina, qualquer que fosse seu desenvolvimento futuro, era muito tensa, tendo um vizinho poderoso, e duas repúblicas débeis, independentes e em posição de formar alianças hostis.

Que sempre havíamos feito frente a essas disparidades, suprindo a inferioridade de recursos com a energia; porém que era uma impolítica manter nações por anos nesse estado de excitação.

Que o Brasil não tinha interesse legítimo algum em propender a se ver rodeado de repúblicas débeis e divididas, porque isso não aumentava sua prosperidade e, ao contrário, sempre o havia envolvido em guerras ruinosas.

Que ninguém pode responder pelo futuro; e que agora que o Império é regido por um homem de Estado prudente e justo, era a ocasião de retirar as dificuldades do caminho. Que o senhor Varnhagen me dissera em Lima, no tocante à Banda Oriental, que havia menos dificuldades que as que se acreditavam, para obter a aquiescência do Brasil.

Além disso, observei-lhe que, na América, o futuro das formas republicanas estava assegurado; não se podendo dizer o mesmo do Império; e que era prudente apartar desde agora a República Argentina, dando-lhe repouso sobre bases sólidas, da propaganda em que a lançaria sua própria insegurança."

"Que nós, a não ser segurança externa, nada ganhávamos com associar-nos ao Uruguai que tem uma dívida de duzentos milhões que não vale seu terreno, nem o Paraguai nos traria senão atraso; porém que o Brasil não podia pretender tomar um palmo de terreno sobre territórios espanhóis e republicanos, sem fazer eclodir a tormenta de rancores, cujas nuvens se vêm acumulando em todas as outras repúblicas." [27]

• • •

"O governo argentino ordenou a publicação dos documentos, planos e papéis arrebatados da carruagem-escritório do marechal Solano López, presidente do Paraguai, no dia 27 de dezembro do ano próximo passado [1868].

Muitos tão importantes como esses se extraviaram na desordem subseqüente ao combate; e muitos mais que os publicados são omitidos por

[27] Idem, t. XXXIV, p. 305-7. Nota ao ministro das Relações Exteriores da Argentina. Nova York (confidencial), s.d.

serem redundantes, não obstante conterem indicações úteis para a História.

As declarações tomadas aos chefes paraguaios, prisioneiros argentinos e vários estrangeiros, são incompletas, embora sejam genuínas e espontâneas, e, portanto, podem servir só como indício e não como prova.

Para provar no caso presente, o declarante necessita reconhecer-se réu, cúmplice ou executor; e deste papel ninguém quer encarregar-se, porque o funcionário de déspotas como López não pode sempre eximir-se de toda responsabilidade.

A publicação desses papéis põe todas as nações que mostraram interesse na guerra do Paraguai em atitude de julgar a moralidade e justiça da guerra que os aliados sustentaram.

A correspondência de Mr. Washburn, ministro norte-americano, surpreendeu o mundo, ouvindo de boca tão digna a revelação do fato de que estivera simpatizando com o mais monstruoso dos tiranos, crendo que López defendia alguma causa honrosa para um povo, se não se reputasse honroso sair a roubar e conquistar os vizinhos, sem prévia declaração de guerra, e resistir heroicamente (por trás de trincheiras em pontos inacessíveis) a dar satisfação aos agravados."

"Desde princípios da guerra, nos Estados Unidos e nos Estados sul-americanos, a opinião pública mostrou-se hostil aos aliados, e rebelde a qualquer demonstração que tendesse a comprovar a injustiça de suas apreciações.

Os menos obstinados concediam à República Argentina, quando muito, que havia tido razão para entrar em guerra, posto que apenas rechaçava uma invasão de seu território, de maneira nenhuma provocada; porém, por um sistema de idéias que afortunadamente não tem exemplo na História, prescrevia-se-lhe a obrigação de abandonar essa guerra, desde que havia reconquistado seu território, sem desculpar-lhe jamais haver feito aliança com o Brasil, outro dos agredidos e despojados.

Não poucas vezes a História apresentou o espetáculo dessa unificação da opinião de todos os povos em favor da injustiça contra os que apenas defendem seus próprios direitos."

"A um sinal, visível, inequívoco para ela, a opinião pública dos Estados Unidos reconhece de que lado a justiça estava. A República do Paraguai se defendia heroicamente contra as agressões do Império do Brasil; e com isso a causa estava julgada, sem audiência nem apelação.

Para todas as nações, o heroísmo da resistência em tão pequena República contra aliados tão poderosos excitava a simpatia que sempre há pelo fraco, pelo que sofre, pelo que defende sua pátria.

Algum heroísmo havia por parte dos aliados também, ao tomarem fortalezas inexpugnáveis, rodeadas de pântanos e bosques primitivos, transportando soldados, víveres, cavalos e petrechos de guerra a quatrocentas ou mil léguas de distância. Há heroísmo ao vencer tudo, após quatro anos de duro e sangrento lutar.

Entretanto, na América do Sul, outro sentimento irritava mais e mais os ânimos.

Deixemos a um lado a preocupação comum contra a forma monárquica do Império, aprofundada pela luta gigantesca do México já conquistado, para salvar a forma republicana comprometida. Não mencionemos a diferença de línguas entre descendentes de portugueses e espanhóis com o acompanhamento de ódios tradicionais transplantados da Península e cultivados com esmero na América, numa luta de três séculos, desde o Orinoco até o Uruguai, com o Império tocado por quase todas as repúblicas americanas.

A verdadeira causa da antipatia pelos aliados, sem distinção de republicanos ou imperiais, veio de que o tratado de aliança fixava limites territoriais ao Paraguai, estreitando, ao que parece, os antigamente reconhecidos, ou pretendidos tais pelo Paraguai, e crendo ver nele, como objetivo e móbil da guerra, a tradicional, persistente política portuguesa, atribuída a seus descendentes, de estender o território brasileiro, que ameaçaria — como o mar que açoita certas praias — ir desmoronando pedaço por pedaço as repúblicas de origem espanhola, até que o mapa brasileiro, por seus passos contados, assome ao Rio da Prata ao sul, ou toque a falda dos Andes ao oeste.

Eis aí a secreta causa da aversão, suscitada desde a Venezuela até o Chile, contra os aliados: eis por que todos se sentiam interessados contra a própria justiça em geral, eis o móbil das manifestações constantes e unânimes da opinião e também dos governos."

"O véu foi retirado, contudo; e em presença de um povo exterminado, um país arrasado, pelo desenlace da guerra mais cruel ocorrida neste século, sem excluir a civil dos Estados Unidos, justo é se deter com espanto para explicar as causas que fortaleceram o tirano, e fizeram morrer os tiranizados, pois não passam de alguns milhares os homens que de dez anos para cima estão vivos hoje no Paraguai, se não forem os prisioneiros tomados pelos exércitos aliados.

No dia seguinte ao combate de 27 de dezembro, não eram os montões de cadáveres em decomposição, dos combatentes, o que perturbava o sono dos vencedores, mas o pranto de centenas de crianças de dez a doze anos que com a voz de sua idade gemiam nos hospitais de sangue.

Cento e cinqüenta mil paraguaios pereceram, de uma população que não contava mais de seiscentos mil habitantes, dos quais há quem acredita (o Dr. Stewart) que não sobrevivem oitenta mil, entre mulheres e crianças, pois as mulheres também foram dizimadas, pelas pestes, os trabalhos forçados da agricultura, a translação de um lugar a outro, tangidas sob escolta de um a outro extremo do território, sem distinção de classe social.

A democracia, se não se excetuam os escravos (a escravidão existe ainda no Paraguai), era muito exigente ali pela inveja do tirano contra as famílias brancas, ou os ricos, ou os inteligentes que poderiam duvidar da justiça de sua causa.

Como pôde-se fazer com que esse horrível prodígio da abnegação e da obediência de um povo, unânime num só sentimento, lutasse até desaparecer? As proclamações de López assim o aconselhavam; e o que em outras partes é simples figura de retórica, aqui foi terrível realidade."

"Assim preparado o espírito público, em hora fatal para o Paraguai e seus vizinhos, Solano López, imberbe, foi enviado, por seu pai ditador, à França como ministro plenipotenciário, e este jovem, criado com as idéias que os príncipes tinham na Europa há dois séculos, antes que as revoluções lhes revelassem que eram da mesma estirpe que a de seus súditos, viu povos civilizados, riquezas, palácios, imperadores, e durante seis anos deleitou-se com a vida culta. Trouxe consigo, ou soube onde pedi-los depois, engenheiros, mecânicos, artífices, e seu pai, que foi o Felipe desse Alexandre, esteve durante dez anos sigilosamente coletando caminhões e levantando fortalezas, enquanto se projetavam e punham em construção trechos de ferrovias e redes de telégrafos.

Uma esquadra de vapores de guerra (doze) fazia o tráfego entre o Paraguai e as cidades mercantis do Rio da Prata, pois o comércio de exportação era monopólio do governo, e a navegação dos rios estava armada em guerra.

Pretendia-se que o Brasil tivesse feito pressões ao governo de López, pai, para impor-lhe um tratado, e desde então (vão nisso doze anos) se prepararam lenta, porém pacificamente, para um dia fazer represália. Fortificado Humaitá, reconhecidas as vantagens da Angostura por engenheiros ingleses, declarado inexpugnável o Paraguai pelo húngaro Wisner [28], um pensamento grandioso brilhou como uma revelação no ânimo de López, filho.

[28] Humaitá e Angostura eram dois pontos fortificados do Paraguai, dos quais o primeiro, para a época, era quase inexpugnável. Wisner de Morgenstern foi um oficial austro-húngaro a serviço do governo guarani. (N. do Org.)

Mato Grosso situa-se atrás do Paraguai e é inacessível para o Brasil se não for passando sob o canhão de Humaitá que os próprios brasileiros haviam aconselhado a construir. Para opor-se à influência do Brasil, uma facção chamava de Montevidéu o autocrata paraguaio em seu apoio.

Duas províncias argentinas, Corrientes e Entre Ríos, estão como que soltas entre território paraguaio, brasileiro e uruguaio. Mato Grosso estava, por sua vez, conquistado, e descendo com uma esquadra rio abaixo, um exército de cinqüenta mil homens já sobre armas, ocupando ao mesmo tempo Corrientes e Entre Ríos, tomava a Uruguaiana brasileira, fazendo flamejar a bandeira paraguaia sobre o cerro que lhe deu seu nome.

Assim, numa campanha de um mês ou dois, estava fundado um império com os despojos do Brasil, da República Argentina e da Banda Oriental. A empresa era tentadora, e o jovem conquistador era digno de acometê-la.

O mundo talvez tivesse visto sem surpresa uma das muitas reconstruções por que passa atualmente o mapa das nações; porém não teria tardado em perceber que pelas mesmas causas, com os mesmos resultados, uma invasão de bárbaros do norte, como a que no século quarto de nossa era destruiu impérios e repúblicas civilizadas, se repetia na América, lançando-se a raça guarani, indígena, forte em submissão, cobiça e valor, sob o comando de um moderno Átila, sobre cidades florescentes pelo comércio e civilização européia, mas fracas pelo fracionamento em pequenos Estados, em províncias desunidas, em partidos sem escrúpulos, em classes e castas ainda não amalgamadas, em estrangeiros indiferentes, em nações sem nacionais.

O perigo foi imenso! Mato Grosso foi tomado; ocupada Corrientes, conquistada Uruguaiana, a esquadra brasileira quase vencida no Riachuelo. Que faltou para a obra se consumar? Inteligência!

Um almirante brasileiro mudou a sorte do dia, acometendo com sua proa as naves paraguaias vitoriosas. O general Paunero com poucos homens deteve um exército paraguaio em Corrientes. O general Flores exterminou um corpo de exército destacado sem reservas nem retirada em Yatay [29].

O Imperador e o presidente Mitre presenciaram a rendição de sete mil paraguaios, que, em cumprimento das estúpidas ordens de López, haviam ocupado a cidade de Uruguaiana quase na retaguarda do exército dos aliados.

[29] O general Wenceslao Paunero foi um militar uruguaio a serviço dos exércitos do presidente Mitre, da Argentina. Venancio Flores, ditador do Uruguai imposto pelo Brasil e Argentina, destacou-se na guerra do Paraguai. (N. do Org.)

Após o abandono precipitado da fácil conquista de Corrientes, o problema ficava reduzido a defenderem-se em Humaitá, a fim de não sofrerem o merecido castigo, já que a ilusão do vasto império se havia dissipado."

"Resta ainda aos aliados uma dura tarefa: é desalojar o tigre de seu último refúgio no seio das cordilheiras para onde arrastou milhares de famílias, que terão de viver das distribuições de rações, sem lar preparado, e as mulheres lavrando a terra para seu sustento, conforme desde antes de tomada Angostura estava ordenado para as novecentas mulheres e crianças que com boa escolta mandava-se transladar de um ponto a outro do território.

López pode cair vivo em mãos dos exércitos aliados. Que se fará com ele? Regem, com esse monstro, as leis que o direito das gentes reconhece entre as nações cristãs e civilizadas? Ninguém tem direito de pedir-lhe conta pela morte dos trezentos chamados traidores? A humanidade não está interessada, em nossos tempos, em castigar os fratricidas? A República Argentina necessita saber como morreram os cento e sessenta que faleceram nas prisões, muitos deles chefes e oficiais de seu exército e esquadra, outros tantos comerciantes pacíficos levados das suas casas para o suplício. Onde estão os prisioneiros de guerra argentinos que deveriam ou poderiam ter sido trocados pelos três mil ou mais que temos em nosso poder, livres e felizes, a metade trabalhando por sua própria conta em Buenos Aires, ou servindo no exército voluntariamente, com ração e soldos iguais aos dos soldados argentinos?

Se é permitido a um horrível malvado exterminar sua própria nação — pois, conforme normalmente se sabe, os filhos de um mesmo pai celeste deixam de ser irmãos desde que recebem o nome de uma fração da superfície da Terra — deverá essa doutrina ser aplicada ao sacrifício feito a milhares de inocentes argentinos, mortos covardemente nos suplícios ou no martírio?" [30]

• • •

"A guerra do Paraguai terminou com a morte de López, a destruição de seu exército e a reconquista dos territórios que o ditador havia tomado da República Argentina e do Brasil.

Entretanto, a guerra trouxe outros resultados imprevistos e que devem ser levados em conta pelos governos imediatamente interessados

[30] *Obras completas*, t. XXXIV, p. 311-27. Introdução a um folheto intitulado "Papeles del tirano del Paraguay tomados por los aliados en el asalto de 27 de diciembre de 1868".

nela. O Tratado de Aliança supunha uma guerra nas condições que a fazem todos os povos civilizados, e de uma duração conforme os dados que então se tinham dos elementos com que contava o tirano do Paraguai. Declarou-se portanto que a guerra era contra o tirano e não contra o povo, não obstante este deveria pagar os gastos da guerra, conservando sua independência.

Cinco anos da mais terrível das guerras modernas deixaram frustradas contudo a apreciação e as avaliações do senso comum, trazendo por resultado a elevação dos gastos dos aliados para centenas de milhões em moedas de prata e a destruição quase completa das propriedades dos habitantes do Paraguai, e ainda o extermínio dos habitantes.

As gerações futuras estarão pois, considerando-se os termos do Tratado de Aliança, obrigadas, com a fortuna que adquirirem, a pagar a enorme dívida que a geração presente deixaria.

Outra das conseqüências do prolongamento da guerra foi chamar vivamente a atenção do mundo sobre os seus imprevistos, e apaixonar a América contra a Aliança. O Governo das nações não é uma vã teoria mas uma ação prática, destinada a conciliar interesses, sem colocar-se, pelo uso de um direito, *au ban* [31] das demais nações. É, pois, matéria de prudência por parte dos Governos aliados não usar dos direitos que lhes pertencem e que foram assegurados pela vitória, se eles lhes atrairão a condenação do mundo. Que independência se deixa a um devedor de trezentos milhões de duros quando sua propriedade pública e particular não representa essa soma? Não lhes fica, por essa enorme dívida superior a toda capacidade concebível hoje, um vínculo que a má vontade chamaria corda, posta ao pescoço?

Ao terminar a guerra, pois, não devemos nem exigir o impossível, nem fundar a guerra das recriminações que nos viriam de fora. Um tratado preliminar de paz é um manifesto que faríamos a todas as nações, e que ante elas pode ser nossa justificação ou nosso processo.

Fazíamos a guerra contra o tirano ao qual vencemos e matamos, e estamos em paz faz oito meses com o Governo paraguaio, criado sob nossos auspícios. Morto o tirano, faremos a paz com quem não estava em guerra conosco, segundo nossa própria declaração, no Tratado de Aliança, e nossa própria sanção, no protocolo, o que deu origem à criação de um Governo provisório?

A cessação da guerra é uma ação material, desde que o inimigo deixa de resistir. Não há guerra no Paraguai. Que espécie de atos ofi-

[31] *Au ban* corresponde à expressão francesa *mettre au ban*, ou seja, excluir, exilar. (N. do Org.)

ciais podem prolongar ou terminar o estado de guerra? A ocupação do território por exércitos que não têm inimigos? Esta seria apenas uma ocupação. Porém as razões que a justificariam escasseiam no Paraguai. A livre navegação dos rios está conquistada. Custa ao Paraguai sua ruína, havê-la embaraçado. O Brasil tem necessidade dela, e o Paraguai não pode impedi-la senão renovando a guerra. Existe direito para pedir-lhe que declare, por um ato seu, que os rios são de livre navegação, como fizeram os Estados argentinos num artigo da Constituição. Impor-lhe que não construa fortalezas que ameacem impedi-la é tolher sua independência; sem utilidade prática, pois tendo toda nação o direito de fazer ou de resistir à guerra quando este caso chegue, seria entregá-lo manietado a seus inimigos, quaisquer que eles fossem. O protocolo que estabeleceu essa cláusula não foi aceito pelo Congresso argentino e não tem valor algum como tratado.

Quando é que o Paraguai se achará em condição de pretender impedir a livre navegação dos rios?

As mesmas objeções encontram o fato de deixar forças auxiliares para manterem a ordem no Paraguai. Todos os protestos que os aliados façam ao não quererem influir nos negócios domésticos do Paraguai serão desmentidos, no conceito dos estranhos, pela presença de suas tropas."

"Um governo provisório não pode obrigar uma Nação de uma maneira válida, quando os pontos em que se obriga, para reconhecer uma enorme dívida e questões de limites, vão ser cumpridos por outra geração que a atual, esta sem vontade pois não está representada em homens válidos à Nação quase exterminada pela guerra.

Um dos inconvenientes que nos trouxe o desastre do Paraguai, causado pela selvagem resistência de López até destruir a propriedade e exterminar a população, é tornar incompleto nosso triunfo pela dificuldade de normalizar satisfatoriamente as questões pendentes.

Não restou Nação, se é que existia antes sob aquele cruel despotismo; porém hoje falta a ação material de um número de homens suficiente para contratar ou serem obrigados à responsabilidade.

Consideremos o fato de que o Paraguai estava, e ficou mil vezes pior, fora das condições de qualquer povo civilizado.

Que as simpatias de todo o mundo serão sempre pelas vítimas de desastre tão grande, e que tudo o que pareça agravá-lo excitará rancores inextinguíveis que não devemos desconsiderar.

A impotência do Paraguai para agir em prejuízo de alguém, em trinta anos, é a melhor garantia de que não o fará; e o terrível castigo que sofreu, como retribuição legítima pelos atentados de seu governo, é

o melhor tratado que se pode celebrar. Será cobrada a dívida da guerra antes de trinta anos? O interesse é tal que, não só as rendas possíveis de um governo, mas também as fortunas particulares, não bastariam para cobri-lo. Bastaria, pois, declarar que os exércitos regressam em virtude de não restarem inimigos armados contra a Aliança, tendo essa reivindicado seus territórios usurpados e liberado a navegação dos rios; deixando, para quando se estabelecer um governo, a tarefa de normalizar o que a ele corresponderia normalizar terminada a guerra.

Suponhamos que o Governo Provisório aceite todas as condições que cremos justas ou de nosso interesse propor-lhe, e que nos retiremos dando com isso por terminada a guerra. O Paraguai fica como nação independente.

As outras nações acreditarão enviados. Se algum deles indicasse a conveniência de protestar contra o estipulado pelo Governo Provisório, com a intenção de criar dificuldades a um ou a todos os aliados, uma troca de notas traria como resultado uma aliança do Paraguai com quem quisesse provocar uma guerra.

Esse não é um caso inventado com todo o prazer.

O próprio Tratado de Aliança forneceria os pretextos. Suponhamos que o 'Governo que deva ser estabelecido' no Paraguai não ratifique as condições de paz preliminares para a sua formação. A situação é a mesma. Para que um governo independente se estabeleça no Paraguai aceitável e aceito, é preciso que sob nenhum pretexto permaneçam forças aliadas em seu território, pois com sua presença continua virtualmente a guerra. As leis argentinas proíbem ter forças fora do território em tempo de paz; e o bom senso não concilia a independência com a presença de exércitos. O Tratado de Aliança somente impõe aos aliados manter a independência do Paraguai por um número de anos; porém não sua ordem interna, à qual são estranhos os aliados."

"Vencemos e matamos López. O Paraguai despovoado, arruinado, venceu-nos pela impossibilidade moral, legal e material de nada responder. Lutamos horrivelmente, e morto um, o vencedor necessita deixar ao tempo o que o tempo traz: esquecimento." [32]

---

[32] Idem, t. XXXIV, p. 331-6. Apontamentos de Sarmiento quando exercia a presidência da Nação.

5. AS IDÉIAS, AS INSTITUIÇÕES

Fourier

"... minhas meditações nas silenciosas horas das mornas tardes tropicais [1] [...] voltavam-se outra vez sobre ela [a doutrina de Fourier] e a fascinação daquele sistema de sociedade que repudia a civilização como imperfeita e opressora; a moral como subversiva da ordem harmônica criada por Deus; o comércio como um assalto de estradas; a ciência de nossos filósofos como a decepção e o erro; e os seis mil anos de História como a prova mais flagrante de que a espécie humana ainda não regressa, contudo, da senda extraviada em que se lançou desde a vida selvagem. Fourier rompe com todos os antecedentes históricos, nega o progresso; e o despotismo, a monarquia ou a república, todas são palavras vãs sem resultado positivo algum."

"Fourier propõe um sistema social em que o trabalho será atraente, em vez de ser repugnante como é agora."

"Fourier é um pensador profundo, um gênio de observação, de estudo, de concentração."

"Os conflitos da concorrência, as revoltas dos operários por falta de trabalho, a opressão e a morte das classes pobres, esmagadas pelas necessidades da indústria, Fourier havia-os exposto *a priori*, antes do parlamento inglês diminuir as horas de trabalho, antes de Cobden criar

[1] Escrito no Rio de Janeiro. (N. do Org.)

sua famosa liga dos cereais, o que prova que há algo de fundamental na doutrina do visionário."

"Entretanto quisera eu que Fourier — e isto é o que objeto a seus discípulos — tivesse baseado seu sistema no progresso natural da consciência humana, nos antecedentes históricos e nas ações cumpridas."

"As sociedades modernas tendem à igualdade; já não existem castas privilegiadas e ociosas; a educação que completa o homem é dada oficialmente a todos sem distinção; a indústria cria necessidades e a ciência abre novos caminhos para satisfazê-las; já existem povos em que todos os homens têm direito de governar através do sufrágio universal; a grande maioria das nações padece; as tradições se debilitam, e chegará um momento em que essas massas que hoje se sublevam por pão pedirão aos parlamentos que discutam as horas que devem trabalhar, uma parte dos lucros que seu suor proporcione aos capitalistas. Então a política, a constituição, a forma de governo ficarão reduzidas a esta simples questão. Como se entenderão os homens iguais entre si para prover a sua subsistência presente e futura, dando sua parte ao capital posto em atividade, à inteligência que o dirige e faz produzir, e ao trabalho manual dos milhares de homens que hoje emprega...?" [2]

Revolução Francesa: idéias e fracassos

"Educado na escola francesa, tenho-a acompanhado por longos anos esperando vê-la produzir ações conseguintes à doutrina.

As ações falharam e a doutrina também. Fazer a história das evoluções parlamentares da Europa é fazer a necrologia de todas as verdades por que temos combatido. Os golpes de Estado, as constituições *par l'armée*, são o fruto daquela escola e a reação que nos invade por todas as partes.

Agora e desde esses últimos anos, tenho-me voltado para outro sol que não se eclipsa, que nenhuma nuvem oculta: os Estados Unidos. Como teoria, como ação prática, como poder, como influência, como futuro, sob todos os aspectos, a democracia ali encontro-a forte, consistente em si mesma e dominante também como fato." [3]

• • •

[2] *Viajes*, v. I. p. 174-82.

[3] *Correspondencia entre Sarmiento y Lastarría*, p. 37. Carta escrita em 1852.

"Há pouco eclodiu a Revolução Francesa, do tipo destrutivo. Nada diremos dela, senão que até esta hora está em efervescência. Todas as grandezas e todas as misérias humanas, todas as glórias e as vinganças, todos os crimes e as virtudes, tiranias populares, tiranias do crime e de extermínio, tiranias militares, a república, o império, a monarquia, a comuna, a conquista, a derrota, duas províncias a menos, e hoje a ditadura, e por fim a esperança da república moderada. Tal é a história dessa revolução." [4]

• • •

"Diz-se que estas repúblicas nada inventaram em matéria de constituições políticas. Na verdade, esta seria sua maior glória, se de vez em quando não pretendessem ser originais. Em matéria de originalidade nada podemos apresentar ao mundo senão a tirania de dom Juan Manuel de Rosas. O erro não está em haver imitado e mesmo plagiado, mas em haver copiado péssimos modelos, e estes são os que nos foram dados pela França, na revolução de 89, no império, na restauração, na república e no socialismo."

"Em nome desse princípio de que não se deve colocar o cidadão na posse de seus direitos, até que saiba usá-los convenientemente, Thiers, Guizot, De Barante, Odilon Barrot limitaram na França, que tinha então trinta e dois milhões de homens, o uso dos direitos políticos a apenas cento e setenta mil pessoas. O resto da França declararam inábil para votar nas eleições. Os despossuídos travaram a luta para adquirir os direitos de que eram privados pelos doutrinários; vieram os banquetes reformistas dirigidos por esse mesmo Barrot, Thiers e demais comparsas. Guizot obstinou-se em manter a ordem, declarando que não haveria mais progresso; e, no dia seguinte, caiu na presença das resistências que havia sublevado, impelido com a iniqüidade de tal princípio; veio a república moderada, e sucedeu-a o socialismo desenfreado, até que o império caiu sobre eles e pôs a todos em paz.

Eis aí os efeitos do princípio de que a vida do cidadão não se aprende no próprio exercício dos direitos do cidadão." [5]

• • •

[4] *Obras completas*, t. XXXIX, p. 24. Artigo: Cuestiones de actualidad. *La Tribuna*, 23 abr. 1875 e ed. segs.

[5] Idem, t. XXV, p. 21-3. Artigo: Teorías. *El Nacional*, 19 jun. 1855.

"A palavra 'independência' não nos seduz se a desejarmos para povos que a obteriam somente para sepultarem-se de novo na espantosa barbárie dos despotismos asiáticos.

Onde quer que o povo inglês tenha hasteado sua bandeira ou estabelecido sua raça, deixou suas belas instituições e sua indústria, podendo-se dizer que a Inglaterra é a única nação européia cujas leis, governo, literatura e artes são conservados pelos povos mesmo depois de se emanciparem de seus domínios.

Qualquer que seja o destino que o futuro reserve ao Império Britânico, à sua raça e à sua língua, lhe será devedor o mundo bárbaro que ela civilizou, por colocar-se em curto tempo, não só lado a lado mas à frente de todos os povos civilizados.

Os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália estão muito mais adiantados em civilização e riqueza que quaisquer das mais antigas colônias européias; e seus estabelecimentos na África, Ásia e Oceania são outros tantos viveiros de futuras nações, que num tempo curtíssimo asseguram a preponderância da liberdade e da civilização na Terra." [6]

• • •

"Criamos em vão Constituições escritas, que pressupõem um povo e um território preparado para torná-las efetivas. Há uma Constituição da Terra, não obstante, e da sociedade, que executa e realiza o pensamento, sem a qual são palavras vãs todas as que copiamos do decálogo dos povos avançados." [7]

• • •

"Todos se perguntam agora, e dez anos depois se perguntarão entre si os mesmos heróis da gloriosa façanha, por que lutamos contra a Inglaterra [8] que nos trazia o comércio livre, a liberdade de imprensa, o escrito de *Habeas-corpus* e uma civilização que abraçava todos os ramos da cultura humana, para manter a mais desprezível das dominações de então, Carlos IV e Fernando VII, o Príncipe da paz e a inquisição? Isso é o que entusiasmava os heróis defensores de Buenos Aires, como o

[6] Idem, t. XXVI, p. 388. Artigo: La insurrección de la India. *El Nacional*, 22 out. 1857.

[7] Mensagem presidencial de 1869, p. 7.

[8] Alusão às invasões inglesas em Buenos Aires, de 1806 a 1807. (N. do Org.)

povo de Madri sublevado porque se queria despojá-los de montanhas de lixo e imundície apinhadas nas praças.

Sendo absurdos os motivos, como se vê, parece ridícula ou pelo menos lastimável a defesa e ruinosa a vitória, porque ruinosa foi, importando pouco ao mundo que esta parte do continente haja realizado, com alguns atos gloriosos, uma série de vergonhosas maldades que principiam com Artigas e não acabam com Rosas, sem que o resto da América console muitos desses desastres." [9]

• • •

"Devemos à raça inglesa as instituições representativas que nos regem. O mundo deve-lhe suas audazes explorações nos mares e as viagens terrestres com que ampliou a geografia penetrando nos países desertos. Quando vi os estudantes de Oxford e Cambridge disputarem os prêmios das famosas regatas, e os jogos virais do *cricket*, os atléticos e outros que a juventude inglesa pratica [...] compreendi como vinte mil dependentes e empregados civis fizeram frente a duzentos mil sipaios sublevados." [10]

[9] *Conflictos y armonías de las razas de América.* In: *Obras completas*, t. XXXVIII, p. 57 e 59.

[10] Cit. por TAMAGNO, Roberto. *Sarmiento, los liberales y el imperialismo inglés*, p. 20.

6. A HERANÇA COLONIAL

Os Huarpe

"Grande e numerosa era sem dúvida a nação dos Huarpe que habitou as ruas de Tulun, Monna, Jachal e as planícies de Huanacache. A terra estava no momento da conquista 'muito povoada de nativos', dizem as provas.

O historiador Ovalle, que visitou Cuyo sessenta anos depois, fala de uma gramática e de um livro de orações cristãs no idioma huarpe, de que não restam entre nós mais vestígios que os nomes citados e Puyuta, nome de um bairro, e Angaco, Vicuña, Villicun, Huanacache e outros poucos. Ai dos povos que não caminham! Se só ficarão para trás! Três séculos bastaram para que os Huarpe fossem apagados do catálogo das nações. Ai de vós, colonos espanhóis atrasados! Não é preciso muito tempo para que desçais de província confederada a aldeia, de aldeia a povoado, de povoado a bosque inabitado. Antes tínheis ricos, como dom Pedro Carril, que possuía terras desde a rua Honda até o Pie-de-Palo; agora são todos pobres! Sábios como o abade dom Manuel Morales, que escreveu a história de sua pátria e as observações sobre a cordilheira e as planícies de Cuyo; teólogos como frei Miguel Albarracín, políticos como Laprida, presidente do congresso de Tucumán, governantes como Ignacio de la Rosa e Salvador M. del Carril; hoje já não tendes nem sequer escolas, e o nível da barbárie passeiam-no à sua altura os mesmos que vos governam. Da ignorância geral, há outro passo, que é a pobreza de todos, e já o haveis dado. O passo que vem em seguida é a obscuri-

dade, e assim desaparecem os povos, sem que se saiba para onde nem quando se foram!

Os Huarpe tinham cidades. Conservam-se suas ruínas nos vales da cordilheira. Perto de Calingasta, numa planície espaçosa, subsistem mais de quinhentas casas de forma circular, com átrios voltados para o oriente, todas disseminadas numa desordem e em seu desenho figurando trompas daquelas que nossos camponeses tocam fazendo vibrar com o dedo uma lingüeta de aço. Em Zonda, no cerro Blanco, vêem-se as pedras pintadas, vestígios rudes de experiências nas belas-artes; perfis de guanacos e outros animais, figuras humanas talhadas na pedra, como se se houvesse estampado o rastro sobre argila mole. As dunas e promontórios de terra costumam soltar de seus flancos pintadas cântaras de barro cheias de milho carbonizado, que as velhas criadas dizem ser ouro encantado para zombar da cobiça dos brancos. Isto não impede que na cidade huarpe de Calingasta se encontrassem dois pratos toscos de ouro maciço que serviram durante longo tempo para passar no fogo os bonitos, até que um viajante deu um peso em moeda de prata por cada um deles, e vendeu-os depois em Santiago a dom Diego Barros, no fiel da balança.

Esses povos viviam da pesca nas lagoas de Huanacache, em cujas margens seus descendentes, os lacustres, permanecem ainda reunidos e sem mesclar-se; do cultivo do milho certamente em Tulun, hoje San Juan, conforme faz suspeitar um canal apagado mas ainda discernível, que sai de Albardón e pode levar as águas do rio até Causete. Ultimamente, perto das cordilheiras, alimentavam-se da caça dos guanacos, que pascem em manadas a grama das faldas. Até hoje se conservam tradicionalmente as leis e formalidades da grande caçada nacional que os Huarpe praticavam todos os anos. Nada se alterou nos costumes huarpes, a não ser a introdução do cavalo.

> 'Um corregedor e capitão-geral que foi da província de Cuyo, diz o padre Ovalle, contou-me que logo que os índios huarpes reconhecem os veados (guanacos), aproximam-se deles, e vão em sua perseguição a pé num meio trote, mantendo-os sempre na mira, sem deixá-los parar nem comer, até que, dentro de um ou dois dias, cansam-se e se rendem, de maneira que com facilidade chegam e os apanham, e voltam carregados com a presa à sua casa, onde fazem festa com suas famílias... fazendo macios e suaves vestidos dos couros, os quais são muito quentes e apreciados no inverno.' [1]

Nos primeiros meses de primavera, quando os guanacos se preparam para internar-se nas cordilheiras, umedecidas e fertilizadas pela água

[1] OVALLE, Alonso de. *Histórica relación del Reino de Chile.* 1646. (N. do A.)

dos degelos, corre-se voz em Jachal, Huandacol, Calingasta e demais paragens habitadas, assinalando o dia e o lugar onde se fará a reunião para a grande caçada. Os jovens e mocetões acodem apressados, trazendo consigo seus melhores cavalos, que de antemão estiveram preparando para aquela festa em que luzirão e na qual serão pagas em reses mortas, a destreza do ginete, o certeiro do pulso para lançar as bolas, e a segurança e a ligeireza do cavalo. No dia designado vêem-se chegar a uma espaçosa planície os grupos de ginetes, os quais, reunidos a cavalo, têm conselho para nomear o juiz da caça, que é o índio mais experimentado, e traçar o plano das operações. À sua ordem divide-se sua dócil e submissa comitiva nos grupos que ele dispõe, os quais se separam em diversas direções, seja para cerrar a entrada de uma quebrada, seja para manguear as manadas de guanacos para a parte da planície onde se fará a correria. Dois dias depois, o pó levantado pelos fugitivos rebanhos indica a aproximação do momento tão desejado. Os caçadores tomam distância, e quatro pares de bolas, ligeiras quanto basta para bolear guanacos, começam com graça e destreza infinita a voltear simultaneamente em torno das cabeças dos ginetes. Fogem os guanacos espavoridos, os cavalos são soltos à perseguição sem se lhes afrouxarem as rédeas, por temor das rodadas, que são mortais às vezes, mas que o gaúcho índio evita, embora conte certamente cair em pé, temendo ficar para trás e quando os mais bem montados conseguiram colocar-se em posição de tiro, quatro pares de boleadeiras partem de uma mesma mão, enlaçando umas após outras tantas reses de montaria. Outros quatro pares de boleadeiras substituem na carreira do cavalo as que já foram empregadas, e o caçador destro pode assegurar assim dez, quinze e ainda mais guanacos na correria. Se a provisão de boleadeiras esgotou-se, salta lesto à terra, ultima sua presa, desembaraça as bolas e, saltando de novo sobre o excitado redomão, lança-se atrás da nuvem de pó, dos gritos dos caçadores e dos relinchos dos cavalos, até lograr se pode tomar posições. Costumam ocorrer uma ou duas desgraças nas quedas; os caçadores voltam a reunir suas reses, que cada um reconhece pelas boleadeiras que as amarram; e se sucede alguma disputa, o que é raro, pois é inviolável a propriedade de cada um, o juiz da caça dirime-a sem apelação. Os grupos voltam a dispersar-se em direção aos seus povoados; as mulheres aguardam com ânsia os couros de guanacos cuja lã sedosa já estão vendo nos ponchos de listas matizadas, sem contar com a saborosa carne que vai encher a despensa, cuidado primordial de toda ama de casa. Os meninos fazem mil festas a um filhote de guanacos que caiu primeiro em poder dos caçadores, e os alegres mocetões contam em interminável história todos os acidentes da caça e as rodadas que deram e as paradas.

Outro costume huarpe sobrevive, filho da antiga e fatigante caça a pé. Repetirei o que observou o historiador Ovalle em seu tempo, e o leitor entendido me poupará o trabalho de explicá-lo.

> 'Não deixarei de dizer uma singularíssima graça que Deus deu a estes índios e é um particularíssimo instinto para rastrear o perdido e o furtado. Contarei um caso que se passou na cidade de Santiago (Chile) à vista de muitos. Havendo faltado a certa pessoa umas laranjas de sua horta, chamou um huarpe, o qual levou-o de uma parte a outra, por esta e outra rua, dobrando esta esquina, e voltando a passar por aquela, até que por fim deu com ele numa casa, e, encontrando a porta fechada, disse-lhe: toca e entra, que aí estão tuas laranjas. Fê-lo assim e achou suas laranjas. Destas coisas fazem todos os dias muitas de grande admiração, seguindo com grande segurança o rastro, ora através de pedras lisas, ora pelas ervas ou pela água.' [2]

Ilustre Calibar, não haveis degenerado um mínimo de teus avós! O célebre rastreador sanjuanino, após haver feito com sua ciência devolver a muitos o furtado, e deixado sair dos cárceres os presos, como sucedeu com meu primo M. Morales, sem acertar interromper-lhe o rastro que prometera não achar, retirou-se para morrer em Mogna, morada de sua tribo, deixando a seus filhos a glória de seu nome, glória que chegou à Europa em folhetim na *Revista*, copiando o parágrafo do *Rastreador* de *Civilización y barbarie*, deixando Calibar mais duradoura recordação na Europa que as barbaridades de Facundo, o branco perverso e indigno de memória.

Vistes porventura umas canastras de formas variadas que contêm os utensílios de costura de nossas meninas, às vezes cerradas de boca, à guisa de cabeça de cebola, ou, pelo contrário, bem abertas, como sino, com bordas brilhantes e curiosamente arrematadas, salpicadas de cotões de lã de diversas cores? Essas canastras são restos da indústria dos Huarpe que ainda permanecem nas lagoas. No tempo de Ovalle serviam-se delas, como copos para beber água, tão espesso era o tecido de uma palha lustrosa, amarela e suave que cresce às margens das lagoas de Huanacache. Pobres lagoas destinadas a servir melhor que as de Veneza, a pôr em contato suas distantes margens, levando e trazendo em barquinhas, ou em goletas de vela latina, os produtos da indústria e os frutos da terra! O huarpe ainda faz flutuar sua balsa de tabua, para lançar suas redes às deliciosas trutas; o branco embrutecido pelo uso do cavalo desfila pelo lado dos lagos com suas mulas, carregadas como as

[2] OVALLE, Alonso de. *Histórica relación del Reino de Chile.* 1646. (N. do A.)

do contrabandista espanhol, e se ides falar-lhe de canais e de vapores como nos Estados Unidos, ele ri de vós, contente de si mesmo, e crendo que vós sois o néscio e o desacordado. E não obstante, em Pie-de-Palo está o carvão-de-pedra, em Mendoza o ferro, e entre ambos os extremos move-se a superfície tranqüila das sinuosas lagoas, que o mergulhador riça com suas patas para desenfadar-se. Tudo está ali, menos o gênio do homem, menos a inteligência e a liberdade. Os brancos se convertem em huarpes, e já é grande título para a consideração pública saber atirar as boleadeiras, portar chiripá, ou rastrear uma mula.

A idéia que o jesuíta Ovalle punha a circular nos reinos espanhóis, sobre as bendições do solo privilegiado de San Juan, é, não obstante duzentos anos depois, um clamor sem ecos, um desejo estéril...

> 'Não há dúvida de que, se começa a acudir *gente de fora*, aquela terra será uma das mais ricas das Índias, pois sua grande fertilidade e fecundidade não necessitam de outra coisa que de gente que a lavre e gaste a grande abundância de seus frutos e colheitas.' [3]

Minha pobre pátria! Pelo contrário, estais em guerra, para rechaçar as *gentes de fora* que acudirem e, além disso, arrojais de vosso seio aqueles de vossos filhos que vos bem aconselham." [4]

Os Sayavedra

"No bairro de Puyuta havia antes um antigo pinheiro, cujo tronco serve hoje de esteio do presbitério na igreja dos Desamparados, o único edifício público construído nestes tempos de barbárie, e um modelo de ignorância das regras da arquitetura, que um dia será visitado com assombro por gerações mais ilustradas. Conheci os dois últimos descendentes do soldado desse sobrenome; um foi sentenciado à morte por assassínio. O outro, chamado índio Saavedra, de compleição gigantesca, de alma torva, foi bandido de profissão em Mendoza e San Juan e por sua fama de desalmado foi chamado ao serviço da federação em 1839, quando do desembarque de Lavalle. Chegou a lancear-me a 18 de novembro de 1840 na praça, chamando-me *selvagem*, e seis anos depois foi justiçado por crime de assassínio. Assim as qualidades guerreiras dos avós degeneram em vandalismo, quando as sociedades decaem e se degradam. Ai dos filhos que se estão educando na escola dos *morras*, e da violência!

[3] Idem, liv. XI, cap. VI. (N. do A.)

[4] *Recuerdos de provincia*, p. 22-7.

Os Albarracín

Em meados do século XII um xeque sarraceno, Al Ben Razin, conquistou e deu nome a uma cidade e a uma família que depois foi cristã [5]. M. Beauvais, o célebre sericicultor francês, ignorando meu sobrenome materno e sem ter-me visto com o albornoz, me fazia notar que tinha a fisionomia completamente árabe; e como eu lhe observasse que os Albarracín tinham, a despeito do sobrenome, os olhos verdes ou azuis, replicava como endosso de sua idéia que, na longa série de retratos dos Montmorency, aparecia a cada quatro ou cinco gerações o tipo normal da família. Em Argel surpreendeu-me a semelhança de fisionomia do gaúcho argentino com o árabe, e meu *chauss* me lisonjeava dizendo-me que, ao me ver, todos me tomariam por um crente. Declinei meu sobrenome materno que soou gracioso aos seus ouvidos, porquanto era comum entre eles esse nome de família; e, digo a verdade, essa genealogia que me torna presumível parente de Maomé me agrada e me faz sorrir. Seja o que for, os velhos Albarracín de San Juan tinham em tão alta estima sua linhagem, que, para eles, o filho da alba teria sido, quanto muito, um qualquer. Uma tia minha quase mendiga costumava chegar em casa das suas terras de Angaco, levando sobre um rocim maltrapilho e ossoso uns grandes alforjes abarrotados de legumes e frangos, rogando pragas contra dom Fulano de Tal, que não a havia saudado, porque ela era pobre, e então se seguia a história dos quatro avoengos do infeliz que não escapava, na segunda ou terceira geração, de ser mulato por um lado e zambo por outro, e, além disso, excomungado. Encontrei os Albarracín, não obstante, ao lado do ossuário comum da multidão obscura e miserável. Além dessa tia, havia outro de seus irmãos idiota que ela sustentava; meu tio Francisco ganhava sua vida curando cavalos, isto é, exercendo a veterinária sem sabê-lo, como M. Jourdain escrevia prosa sem havê-lo desconfiado. Dos outros onze irmãos e irmãs de minha mãe, vários de seus filhos andam já de poncho com o pé no chão, ganhando como peões um real e meio por dia.

E, contudo, essa família ocupou um lugar destacado durante a colônia espanhola, e de seu seio saíram altos e insignes varões que honraram as letras nos claustros, na tribuna dos congressos, e portaram as borlas de doutor ou a mitra. Distinguem-se os Albarracín, mesmo entre a plebe, pelos olhos verdes ou celestes, como disse antes, e o nariz proeminente, afilado e agudo sem ser aquilino. Têm a fama de transmitir de geração em geração atitudes intelectuais que parecem orgânicas, e de que deram mostras quatro ou cinco gerações de frades dominicanos, padres

[5] *Diccionario geográfico histórico.* Art. "Albarracín". (N. do A.)

apresentados, e que terminam em frei Justo de Santa María, bispo de Cuyo. Os chefes dessa família fundaram o convento de São Domingos em San Juan, e até hoje se conserva nela o patronato e a festa do santo, que todos nos habituamos a chamar de Nosso Pai. Há um Domingos em cada um dos ramos em que se subdivide, como houve sempre dois e mesmo três frades dominicanos Albarracín simultaneamente. Foi um irmão de minha mãe, secularizado, dom Juan Pascual, cura de Concepção, excelente teólogo, e obstinado unitário, e, até a clausura do convento em 1825, encontrou-se entre seus coristas um representante da família patrona da ordem. Sabe-se que naquela idade média da colonização da América, as letras estavam asiladas nos conventos, sendo um capuz de frade signo reconhecido de sapiência, talismã que servia para preservar talvez o cérebro contra todo pensamento herético. Não se ocultou de todo, não obstante, a do célebre frei Miguel Albarracín, cuja memória gloriosa se tem conservado até hoje como a gala e alarde do convento.

Há curiosas manias que afligem o espírito humano em certas épocas; curiosidades do pensamento que vêm não se sabe por quê, como se nos fatos presentes estivesse a necessidade de satisfazê-las. À pedra filosofal que produziu na Europa a química, sucedeu na América a famosa questão do milenarismo, em que todo um São Vicente Ferrer ficava chasqueado. Sobre o milenarismo muitos escreveram, notabilizando-se Lacunza, chileno, cuja obra se publicou em Londres não há muito tempo. Muito antes dele, ensaiara sua sagacidade em resolver tão árduo problema o doutor frei Miguel, de quem é tradição conventual que tinha ciência infusa, tanto era seu saber. O infólio que escreveu sobre a matéria foi examinado pela inquisição de Lima, e o autor, citado diante do santo ofício, acusado de heresia; e com ansiedade de seus confrades, foi àquela remota corte para responder a tão temível acusação.

Era a inquisição de Lima um fantasma de terror que a Espanha mandara à América, para que intimidasse os *estrangeiros*, únicos hereges que temia; e na falta de judaizantes e hereges, a inquisição queimava de quando em quando alguma velha beata que se pretendia em santa comunicação com a Virgem Maria, por intermédio de anjos e serafins, ou alguma outra menos delicada que preferia entender-se com o anjo caído. A inquisição fazia-se desentendida por longo tempo, fingia moderação, e quando a fama de santidade ou de endemoninhamento estava madura, caía sobre a infeliz ilusa, levava-a ao santo tribunal e, depois de longo e erudito processo, fazia de seu fraco corpo agradável e vivaz pábulo das chamas, com grande contentamento das comunidades, empregados e alto clero, que aos milhares assistiam à cerimônia.

Existem em Lima vários processos de *autos-de-fé*, entre eles um muito notável contra Ángela Carranza, natural da cidade de Córdoba do Tucumán, que passou à cidade de Lima pelos anos de 1665 e começou a adquirir fama de santidade e de favorecida do céu. Deu em escrever suas revelações oito anos mais tarde, dizendo-se assistida e inspirada pelos doutores da igreja. Esses escritos chegaram a compor mais de 7 500 folhas, em forma de diário, até o mês de dezembro de 1688, época em que caíram em poder do santo ofício de Lima, o qual os qualificou de heréticos e blasfemos. Encerrada nos cárceres da inquisição a 21 de dezembro de 1688, entabularam contra ela um processo que durou o espaço de seis anos, resultando condenada a 'sair em auto-de-fé público em forma de penitente com vela verde, corda à garganta, e a estar encerrada num mosteiro pelo espaço de quatro anos'. A execução dessa sentença teve lugar a 20 de dezembro de 1693, como consta de uma relação publicada em Lima pela Imprensa Real no ano de 1695. O nome dessa mulher se conserva ainda em todos os povoados do Peru e a dita descrição do auto-de-fé, em que se fala dela, é um dos livros mais curiosos de quantos se imprimiram em Lima.

O grande delito dessa beata foi enamorar-se com muito elevado amor místico por duas personagens pacíficas de nossa história cristã: Santa Ana e São Joaquim, aos quais descreve em todos os seus pormenores. Nossa senhora Santa Ana era 'muito formosa, algo abundante em carnes, belfa de lábios, as mãos muito brancas. E São Joaquim, de feições toscas e nariz grande; embora velho, não inspirava asco à sua esposa, pois era asseado e se vestia bem. Da prenhez da senhora Santa Ana, nasceram *Cristo e Maria*, mas Cristo como cabeça de Maria, e quando Cristo nasceu da senhora Santa Ana, renasceram também Joaquim e Ana; e quando Santa Ana alimentou com seu leite a Virgem Santíssima, Jesus Cristo também nela mamava, e dos peitos de Santa Ana somente mamaram Cristo e Maria; porém quem primeiro mamou foi Jesus Cristo'.

Depois das beatas vinham os *estrangeiros*, dos quais entre outros há um Juan Salado, francês, que foi queimado, sem outra causa racional que a novidade de ser francês, então *rara avis* nas colônias e objeto de ódio para os povos espanhóis. Mas como sucede sempre com todos os poderes absolutos e iníquos, em Lima, entre as vítimas da inquisição, caiu uma vez um adepto de Santo Inácio de Loyola, o qual, acusado de judeu judaizante por seus criados que queriam roubá-lo, morreu na prisão e o santo tribunal fez enterrá-lo secretamente. Passando o tempo, contudo, houve de morrer um dos criados e em artigo de morte declarou sua vilania, e a inquisição se propôs reparar o dano com o cadáver

que fez exumar efetivamente. Dos costumes, horrivelmente pueris daquela época, se poderá ter idéia através dos extratos da sentença absolutória que segue:

> 'Dom Juan de Loyola Haro de Molina, natural da cidade de Ica, onde obteve os honrosos empregos de mestre-de-campo do batalhão, e várias vezes o de alcaide ordinário, sendo de primeiro voto em seu ilustre cabido e regimento, de pouco mais de 60 anos de idade, de estado solteiro, que preso por este santo ofício morreu: saiu-se do auto em estátua, e, estando em forma de Inocente com palma nas mãos e vestido de branco, foi lida sua sentença absolutória, dando-lhe como livre dos delitos de *heresia* e *judaísmo*, que por maliciosa conspiração e falsa calúnia lhe imputaram. Restituído, pois, ao bom nome, opinião e fama que antes de sua prisão gozava, mandou-se saísse no acompanhamento entre dois sujeitos ilustres que o santo tribunal indicou para que o apadrinhassem na procissão de réus, e que, em tempo de arrolar-se a função da igreja, se colocasse a estátua em meio aos mais qualificados do concurso; e, removendo-se quaisquer seqüestros e embargos, feitos em suas fazendas e bens, se entregasse tudo, segundo o inventário que deles se fez quando seqüestraram, e que se seus irmãos, sobrinhos e parentes quisessem passear a estátua pelas ruas públicas e habituais, num cavalo branco formosamente ajaezado, o realizassem no dia seguinte ao auto, em que os ministros do santo tribunal fariam cumprir a pena de açoite que se impôs a cada réu; e que em atenção a se haver por ordem do santo tribunal sepultado secretamente seu cadáver numa capela da igreja de Santa Maria Madalena, retiro de São Domingos, pudessem exumá-lo para fazer-lhe públicas exéquias, transladando-o ao lugar que por sua última vontade indicou para seu enterro; e que a seus irmãos e parentes se despachassem testemunhos deste fato, para que em nenhum tempo a padecida calúnia lhes fosse embaraço para obter os mais sobressalentes empregos, assim políticos, como cargos do santo ofício, honrando-lhes o Tribunal com as graças que julgar proporcionadas para comprovar a inocência do referido dom Juan de Loyola, defunto. Foram seus padrinhos dom Fermín de Carbajal, conde do Castillejo, e dom Diego de Hesles Campero, brigadeiro dos reais exércitos de S. M. e secretário de câmara do Excelentíssimo senhor conde de Super-Unda, vice-rei de Lima'.

Descrevendo um autor limenho essa curiosa reabilitação:

> 'na procissão do santo ofício desde sua casa até [a igreja de] São Domingos... dois lacaios vestidos de caro libré, carregavam uma estátua, que trazendo no peito uma inscrição gravada numa lâmina de prata com delicado buril, expressava o nome e sobrenome do inocente dom Juan de Loyola que falsamente caluniado de abomináveis delitos de *herege* e *judeu judaizante*, morreu pelos anos de 1745 preso por este santo tribunal, embora pouco antes de seu falecimento, já se havia começado

a descobrir a iníqua conspiração dos falsos caluniadores. A veste que levava era de *lã branca*, cor que simboliza sua inocência, guarnecido de finíssimos bordados de ouro de *Milão*, com botoaduras de diamantes, e salpicado de várias jóias de quantioso preço, que embelezavam todo o tecido. Numa mão levava a palma, insígnia de seu triunfo, e na outra seu bastão de punho de ouro com riquíssima pedraria, por haver obtido na cidade de Ica, de onde era natural, sendo originário da ilustríssima casa de Loyola, na localidade de Azpeitía da província de Guipúzcoa, as honras e distinguidos cargos de mestre-de-campo da cavalaria, e várias vezes o de alcaide ordinário'[6].

Assim o verdugo da pobre confederação, quando já não encontra algum *selvagem* unitário para entregar ao santo ofício da *mazorca*[7], apreende uma Camila O'Gorman, uma criança de ventre, e um cura em pecado, para fazer matá-los como a cães, a fim de refrescar de quando em quando o terror adormecido pela abjeta submissão dos povos envilecidos. O despotismo brutal nunca inventou nada de novo. Rosas é o discípulo do dr. Francia e de Artigas em suas atrocidades, e o herdeiro da inquisição espanhola em sua perseguição aos homens de saber e aos estrangeiros. Os três embruteceram o Paraguai, a Espanha[8] e a República Argentina, deixando-lhes como herança a nulidade e a vergonha para anos e séculos. La Bruyère, o moralista francês, escrevia há cerca de um século:

> 'para exercer a tirania, não é preciso nem arte nem ciência, e a política que não consiste mais que em derramar sangue é por demais limitada e sem refinamento; ela inspira a matar àqueles cuja vida é um obstáculo à nossa ambição; e um homem que nasceu cruel faz isso sem dificuldade. Esta é a maneira mais horrível e grosseira de se manter ou de se elevar'[9].

Que mais poderemos agora dizer de Rosas, pobre remendão de coisa velha, com algumas brutalidades de sua própria invenção? A fita vermelha mandou-a usar Tibério em seu retrato, e, há cerca de dois mil

---

[6] Relação do auto particular de fé celebrado na igreja de São Domingos, a 19 de outubro de 1749, etc., por dom J. Eusebio del Llano Zapata, literato que escreveu muitas obras interessantes; viajou muito pela Europa e América, e poucos sabem que nasceu e se educou em Lima. (N. do A.)

[7] *Mazorca*: "Chamava-se assim aos bandos de assassinos que estiveram a serviço do tirano Juan Manuel del Rosas" (ALONSO, Martin. *Encic. del Idioma*). (N. do T.)

[8] Por erro ou paixão partidária, a Espanha aparece aqui "embrutecida" por três americanos despojados de qualquer possibilidade de fazê-lo. Além do mais, hoje seria impossível compartilhar o juízo que Sarmiento faz sobre Rosas, Francia e Artigas. (N. do Org.)

[9] *Caracteres de La Bruyère*, t. I, p. 252. (N. do A.)

anos, em Roma os cidadãos eram açoitados nas ruas quando não levavam no peito a efígie do imperador, segundo no-lo informa Tácito. A inquisição tinha suas palavras de proscrição: *hereges*, *judaizantes*, como o *selvagens unitários* de agora; e tão inenarrável é a filiação dessas idéias, que o coronel Ramírez chamou-me de *judeu* para adular o inquisidor argentino. Pobres espanhóis!

Volto a frei Miguel Albarracín. Ante aquele tribunal devia apresentar-se o douto frei Miguel Albarracín, e justificar ousadas doutrinas que sobre o *milenarismo* emitira. Afortunadamente, era, dizem, eloqüente o frade como um Cícero, cujo idioma dominava sem rival, profundo como um Tomás, sutil como um Scott. E com Deus mediando e, ao que eu creio, não entendendo nem ele nem a inquisição uma vírgula de toda aquela farragem de conjeturas sobre uma profecia que anuncia uma mudança nos destinos do mundo, saiu vitorioso da luta, maravilhando os juízes, dominicanos também, com aqueles tesouros de argúcia escolástica de que fez o frei ostentação e alarde. O que é digno de se notar é que poucos anos depois de produzidos os *milenarismos*, apareceu a revolução da independência da América do Sul, como se aquele prurido teológico houvesse sido apenas pressentimentos da próxima comoção.

Meu tio frei Pascual, vendo-me criança entendida e ansiosa de saber, explicava-me a obra de Lacunza, dizendo-me com orgulho indignado: estuda este livro, que esta é a obra do grande frei Miguel, meu tio, e não de Lacunza, que roubou-lhe o nome, tirando o manuscrito dos arquivos da inquisição, onde esteve depositado. E então me mostrava a alusão que Lacunza faz a uma obra sobre o milenarismo de autor americano que não ousou citar. Depois descobri que a vaidade de família tornava meu tio injusto para com o pobre Lacunza.

O mestre-de-campo dom Bernardino Albarracín procedia, dizem, de Esteco, a cidade submersa, em cujos arredores a família possuía centenas de léguas de uma doação real, e que herdou mais tarde uma senhora Balmaceda, sobrenome hoje extinto, que deixou o nome de uma ponte, e deu pela linha materna um governador a San Juan. O filho do mestre-de-campo, dom Cornelio, casou com uma filha de dom José de la Cruz Irarrázabal, oriundo de Santiago do Chile, família extinta lá também, que deixou o templo de Santa Luzia, fundado e mantido pela munificência de dona Antonia Irarrázabal, e a festa do Doce Nome de Maria, cujo patronato se conserva num ramo de nossa família. As casas do Doce Nome, degradadas hoje à força de servirem de quartéis para as tropas, devido à sua dimensão, serviram de habitação suntuosa à rica

e poderosa dona Antonia, à qual, não tendo filhos, iam sucessivamente fazer companhia minha mãe ou outras de suas sobrinhas." [10]

Os Oro

"Dona Elena Albarracín casou-se com dom Miguel de Oro, filho, segundo tradição da família, do capitão dom José de Oro que veio à conquista após terminadas as guerras do Grande Capitão na Itália. Levou-lhe como dote bens de fortuna e o patronato de São Domingos, que se conserva ainda entre seus descendentes; e se dois generais não desmentiram a reputação de sisudos que levava o sangue Albarracín, pela linha de dom Miguel veio aos seus filhos uma imaginação ardente, caracteres ousados, e tal atividade de espírito e de ação que até as mulheres daquela casa se distinguem por qualidades notabilíssimas em que o afã da ambição e a sede de glória correm parelhos. Dom Miguel tinha um irmão clérigo louco, está louca hoje uma de suas filhas, monja, e o presbítero dom José de Oro, meu mestre e mentor, tinha tais raridades de caráter que, às vezes, para desculpar seus atos, atribuía à loucura da família as extravagâncias de sua juventude. Capelão do número 11 do exército dos Andes, ginete de primeira, companheiro de disputas e loucuras do célebre Juan Apóstol Martínez, não lhe estorvando a sotaina ao levar o uniforme de seu batalhão e sabre ao longo dessa época, tinha desembaraço bastante para atravessar seu cavalo com uma boa moça nas ancas, à porta de um baile, e desembainhar seu alfanje e desafiar ao mais hábil, se tinha a rara ocasião de ser levado a mal. Companheiros seus de extravagância asseguraram-me que havia nisso mais malícia e travessura que verdadeira libertinagem.

Minha infância liga-se à casa dos Oro através de todos os vínculos que constituem a criança membro adotivo de uma família. Era minha madrinha, e esposa de dom Ignacio Sarmiento, meu tio, a matrona dona Paula, branda de caráter como uma pomba, grave e afetuosa igual a uma rainha, e um tipo de perfeição de mãe de família entre nós. Dom José, o presbítero, levou-me da escola para junto de si, ensinou-me o latim, acompenhei-o em seu desterro em San Luis, e tanto nos amávamos mestre e discípulo, tantos colóquios tivemos, ele falando e escutando-lhe eu com afinco, que fazer deles um só reputo que daria um discurso que necessitaria dois anos para ser pronunciado. Minha inteligência moldou-se sob a impressão da sua, e a ele devo os instintos para a vida pública, meu amor à liberdade e à pátria, e minha consagração ao estudo

[10] *Recuerdos de provincia*, p. 34-42.

das coisas de meu país, de que nunca puderam distrair-me nem a pobreza, nem o desterro, nem a ausência de longos anos. Saí de suas mãos com a razão formada aos quinze anos, valentão como ele, insolente contra os mandatários absolutos, cavalheiresco e vaidoso, honrado como um anjo, com noções sobre muitas coisas, e sobrecarregado de fatos, de recordações, e de histórias do passado e do então presente, que me habilitaram depois para aprender com facilidade o fio e o espírito dos acontecimentos, apaixonar-me pelo bom, falar e escrever firme e forte, sem que a imprensa periódica me achasse desprovido de fundamentos para o esbanjar de idéias e pensamentos que ela reclama. Salvo a vivacidade turbulenta de sua juventude, que eu fui sempre taimado e pacato, sua alma inteira transmigrou para a minha, e em San Juan minha família, ao ver-me abandonar-me em raptos de entusiasmo, dizia: 'aí está dom José de Oro falando', pois até seus modos e as inflexões de sua voz alta e sonora me haviam contagiado. Acreditei-o, durante o tempo em que vivemos juntos, um santo, e me aprazo com isso, que assim pôde transmitir-me seus sábios conselhos, sem que embotasse sua eficácia a dúvida que traz o exemplo contrário. De homem barbado e através da voz pública soube de outros sua história. Era insigne domador, rivalizando com dom Juan Manuel Rosas, e para a festa do *acequion* [11], descia das montanhas onde tinha sua fazenda de gados *Sombreros*, cavalgando um potro, as pernas protegidas por espessos cintos que lhe permitiam vencer barrancos e esteros, e arremeter contra os altos e densos espinheiros que atrapalham o trânsito em nossos campos. A energia de seu físico o acompanhava até a velhice, e uma vez o vi agarrar um espanhol encorpado e fazê-lo rolar dez varas pelo chão. Era valente e se jactava de sê-lo, gostava das armas, e um jogo de pistolas adornava sempre a cabeceira de sua sela. Vestia-se de paisano com jaqueta, e não rezava o breviário por concessão especial do papa. Gostava com paixão de dançar, e ele e eu fandangueamos todos os domingos de um ano enredando-nos em *pericones* [12] e contradanças em San Francisco del Monte, na Serra de San Luis, em cuja capela, estando ele como cura, reunia pelas noites depois da prática da tarde as camponesinhas brancas ou morenas, pois existem de todo tipo e lindas como umas Dianas, para domesticá-las um pouco, porque nunca nenhum pensamento desonesto se mesclou a esses recreios inocentes. Não digo que não fizesse das suas quando jovem, que isso não me toca. Tinha um profundo desprezo pela

[11] *Acequion*: de acéquia, açude. Sarmiento, mais adiante, refere-se a essa festa na Represa dos Oro. (N. do T.)

[12] *Pericón*: dança popular dos gaúchos argentinos, uruguaios e rio-grandenses-do-sul. (N. do Org.)

sociedade, de que fugia, não sendo visto na cidade senão na festa de São Domingos, ou no púlpito. Disse-me uma vez que contava trinta e seis sermões predicados até 1824; e como eu lhe escrevi três ou quatro deles, posso falar de sua oratória concisa, cheia de sensatez e de idéias elevadas, expressas em linguagem moderna, e sem aquele aparato de citações e palavras bíblicas. 'Senhores', dizia ao começar o sermão, dirigindo-se ao público desde o fundo do púlpito, onde permanecia imóvel, os braços cruzados sobre o peito, para evitar a gesticulação de cerimonial, e pronunciava sua oração em tom de conversa, parecido com o sistema que M. Thiers introduziu com tanto brilho na câmara francesa. Uma vez, ditando-me um sermão de San Ramón, recordou uma cena de infância em que fora soterrado por um muro e foi necessário desmoroná-lo sobre seus ombros, a golpes de enxadão, para libertá-lo. Salvaram-no os ossos de ferro em que estava armado seu corpo, colocado de bruços sobre pés e mãos, e a intercessão de San Ramón, a quem invocava chorando sua mãe, em cujo coração ressoava cada golpe de enxada, temendo que rebentassem o filho de suas entranhas, enquanto que o fornido travesso gritava lá de baixo: 'Não dêem mais, porque não agüento'. Fazia alusão àquele milagre do santo, e o pranto da gratidão começou a umedecer sua voz, à medida que me ia ditando; meus olhos se anuviavam, e caíam sobre o papel grossas lágrimas que punham a perder o escrito e impediam de continuar, até que, soltando ele o pranto a custo, pude eu desabafar, e ouvindo-me ele, chamou-me com seus braços, e soluçamos juntos por longo momento, até que me disse: 'Deixemo-lo para amanhã... somos umas crianças!'

A maneira de transmitir-me as idéias honraria os maiores mestres. Levávamos um caderno, com o título de *Diálogo entre un ciudadano y un campesino*, que sinto haver perdido não faz muito tempo. Era eu o cidadão, e, sabendo a gramática castelhana e comparando com ela a latina, ia-me ensinando as diferenças. Declinações diferentes das de Nebrija serviam de tema, e ao estudo das leis da conjugação seguia-se o dos verbos regulares formados por mim sobre os radicais. De minhas perguntas e de suas respostas, dia a dia ia-se engrossando o diário, e logo após, e sempre estudando os rudimentos, principiei a traduzir, em lugar de Ovídio e Cornélio Nepos, um livro de geografia dos jesuítas. Lia-o quase sempre na sombra de uns olivais e, mais que pelo latim, aficionava-me pela história dos povos, que ele animava com digressões sobre a distorção geográfica da tradução. Assim esqueci e voltei a estudar várias vezes o latim, mas desde criança a geografia foi meu estudo favorito. Passávamos o tempo em práticas variadas, e delas algum dado útil permanecia sempre assentado em minha memória. Todos os acidentes

da vida davam pretexto para alguma observação, e eu sentia dia a dia que o horizonte ampliava-se visivelmente. Uma vez disse-me: 'Passa-me tal livro de sobre a cômoda'. Ao apanhá-lo tive de remover o móvel, e um crucifixo de bela escultura que havia nele estremeceu, escorrendo a coroa de fio entretecido sobre o cabelo de madeira até deter-se sobre os ombros. 'Que aconteceu com o Senhor?', perguntou-me em tom brando. — 'É que eu fui apanhar o livro, e a cômoda...' — 'Não importa, replicou-me, me explica o que aconteceu e por quê'. — Fi-lo, com efeito, e acrescentou: 'No Chile sucedeu num terremoto o mesmo que viste', e contou-me a história do Senhor de Maio, com comentários que ao vulgo dos crentes pareceriam ímpios, citando-me as disposições do Concílio de Trento sobre imagens ignóbeis e sobre a autenticidade dos milagres e os requisitos *legais*, direi assim, para estar no dever de dar-lhes crédito. Não faz muitos anos que, falando de uma peça de teatro, acrescentei sem sabê-lo não sei que frase em que entrava a monja Zañartu. Grande alvoroço em Santiago! Grossas e gordas injúrias choveram-me sobre a calúnia, e até uma personagem da igreja meteu seu bedelho contra o *escândalo*. De que diabos, dizia-me eu confuso, tirei esse maldito conto? Era, conforme pude lembrar, história que me havia contado meu tio José; porém que eu acreditava passada para o domínio de coisa julgada e há cem anos. Guardei para mim mesmo essa minha explicação, mandando em retirada algumas merecidas repreensões a meus adversários.

Dom José cuidava de expurgar meu terno espírito de toda preocupação daninha, e os fogos-fátuos, os duendes e as almas desapareceram após longas dúvidas e mesmo resistências de minha parte. Estávamos uma noite a sós ambos em nossa solitária habitação de San Francisco del Monte, e estava sendo velado na igreja vizinha o cadáver de uma mulher hidrópica. 'Anda, Domingo, e traze-me da sacristia o missal, que necessito ver um *speibus* que há, contra o qual se refere Nebrija.' Eu tinha que entrar pela porta da igreja, deixar para trás o ataúde rodeado de velas, apanhar uma, ou resolver engolfar-me no corredor escuro do edifício e entrar na sacristia. Estive suando abundantemente na porta por um longo momento, avançando um passo e retrocedendo, até que, desenvolvendo-se o medo que estimula a si próprio e multiplica suas forças, renunciei de entrar e voltava com o rabo entre as pernas, para confessar a meu tio que tinha medo dos defuntos; ia resoluto como um fanfarrão posto à prova, para passar pela vergonha de humilhar-me até merecer o desprezo, quando por uma janelinha vi a cara plácida, tranqüila, de meu tio, que deixava deslizar lentamente a fumaça de uma recente tragada do charuto. Ao ver essa fisionomia nobre, julguei-me

um vil, e, retornando aos meus passos, entrei na igreja, deixei para trás o defunto e, tomado de sentimento de honra, que não já do medo, apanhei descautelosamente o livro e saí levantando-o alto, como se dissesse já a meu mestre: 'eis a prova de que não tenho medo'. Porém, ao voltar, parecia-me de longe que não havia espaço suficiente para passar sem expor-me a que o defunto me agarrasse pelas pernas. Esta séria reflexão intranqüilizou-me por um momento e, descrevendo em torno dele um círculo, voltado o corpo e os olhos para ele, roçando as costas contra a parede, andando de lado, depois para trás para não perdê-lo de vista até alcançar a porta, saí daquela aventura são e salvo, e meu tio recebeu o livro, e procurou nele e achou o caso. Porém ele ignorou em toda a sua vida os acidentes que agitaram meu espírito durante seis minutos. Eu havia sido vil, grande, heróico e medroso, e havia passado por um inferno, para não me sentir indigno de seu apreço.

A história de dom José de Oro posso recompor com minhas recordações. Estudou e ordenou-se no Chile e sei quase todos os acidentes de sua vida de colégio. Clérigo jovem, ardente e gaúcho, fazia arreios de mulas para Salta, quando a reconquista do Chile ofereceu à sua ardorosa virilidade campo mais digno. Entrou na batalha de Chacabuco e auxiliou vários moribundos em meio à metralha. Nunca pude fazer San Martín na França entrar em pormenores sobre seus desgostos com o clérigo Oro; mas eles haviam entrado em choque, e os Oro foram presos como partidários dos Carrera, ou melhor, como inimigos de San Martín e de dom Ignacio de la Rosa, seu tenente em San Juan. Conservava-lhes uma profunda inimizade, e me falava sempre de suas desavenças. Não obstante algo de sério deveu ocorrer, posto que, quando nos reunimos, fazia anos que estava sepultado em sua vinha, sem relações e separado de toda ingerência nas coisas públicas. Durante a administração ilustrada de dom Salvador M. del Carril, fui nomeado representante da junta provincial, e sua presença bastou para interromper uma grave questão que se debatia há muito tempo e que trazia alvoroçado o público que acudia às janelas e portas do salão de Jofré, onde tinham lugar as sessões. Tratava-se de abolir o imposto de óleos, aquele pedágio que pagamos para a entrada da vida, e o clérigo Astorga, que fora *godo obstinado* [13] e era então *católico rançoso*, para ser depois *federal declarado*, açulava o fanatismo dos mesmos pobres aos quais se queria aliviar daquele peso, nem mais nem menos como agora os bárbaros chamam *selvagens* e *estrangeiros* aos que se interessam por voltar a contá-los entre os povos civilizados. O presbítero Oro, nem bem prestou juramento, pediu a palavra, apartou a questão de religião do que era puramente financeiro, confundiu Astorga, que arranhava a cadeira com seus dedos crispados, e os óleos foram abolidos e continuam assim até hoje.

[13] *Godo*: conforme já vimos, significa pejorativamente espanhol. (N. do T.)

Mais tarde dom José separou-se do partido dos homens de progresso de então, que eram centenas, e desgostou-se com Carril, não tanto pelas idéias liberais, quanto por algumas suscetibilidades feridas. Ouvi contar um fato da época, que mostra a curiosa mescla de altas qualidades com as mais injustificáveis extravagâncias. Dava-se um festim na Represa dos Oro, represa feita sobre um arroio, a que assistiam Carril e meia San Juan para sondar a opinião sobre a carta de maio; dom José não fora convidado, e como desforra desnudou-se em sua casa como se para entrar no banho, montou em pêlo um cavalo e expôs-se à vista dos convidados ao arrojar-se na represa de água; banhou-se um bom tempo e, saltando com graça no cavalo negro em que ressaltavam suas formas brancas e nervosas como um atleta antigo, tomou o caminho de volta para casa, sem responder aos que o chamavam. Não respondo pela veracidade do fato, pois eu nunca o vi fazer nada de extravagante.

Esses incidentes foram lançados contra o partido federal de então, que contava em seu seio com homens de bem e ilustrados.

Era o doutor dom Salvador María del Carril o maior dos filhos de dom Pedro del Carril, graduado na Universidade de Córdoba, discípulo predileto do célebre deão Funes, cheio do espírito de Rivadavia e transluzindo em seus modos elegantes e altaneiros a cultura da época e a fidalguia de sua família.

Sua palavra era breve, precipitada, como a do chefe que se excusa a se explicar ante seus subalternos, acompanhada de movimentos rápidos e gesticulações desdenhosas e impacientes. Era Carril o generoso aristocrata que, outorgando instituições à multidão, parecia estar de antemão convencido de que não saberiam apreciar o dom, e cuidava-se pouco de torná-lo aceitável. Sede livres, dizia-lhes na carta de maio, porque sois demasiado inábeis para que vos tome por escravos. Tinha razão! Os colonos espanhóis mostraram o mesmo sentimento dos negros velhos emancipados, que preferiram a escravidão na sombra do teto de seus amos, desprezando uma liberdade que teria exigido que lidassem por conta própria. Carril ditava com uma rapidez que mantinha atarefados seus escreventes, dando com isto mostra da clareza e força com que se sucediam suas idéias.

Exerceu em San Juan tal influência que chegava à fascinação. A população em massa tinha fé em seus talentos e saber, e todas as reformas que adotou eram de antemão apoiadas e sustentadas pelo assentimento público. Tal devia ser sua popularidade nos primeiros tempos de

seu governo, que para se opor à sanção da carta de maio correram listas entre as mulheres, tão conhecido era de seus próprios opositores seu escasso número. As altas questões de organização que propôs suscitaram-lhe descontentamentos, e uma guarnição de cinqüenta homens, bastante apenas para cobrir as guardas, sublevou-se contra ele e o depôs do mando. Carril com os seus emigrou para Mendoza, de onde veio uma divisão e sufocou o motim. Teve lugar então um fato que mostra a nobre escola a que pertencia. Na véspera da batalha das Leñas, reuniu em sua tenda de campanha a todos os que o seguiam e expôs-lhes a necessidade de custear de seus bolsos os gastos da expedição, que seriam reembolsados pelo Tesouro Nacional. Mas o triunfo cegou aqueles ânimos bisonhos e o ressentimento pelas injustiças, exações e violências, de que haviam sido vítimas, aconselhou-os a impor multas aos compatrícios implicados no motim de 26 de julho. A imensa maioria de votos sufocou sua voz, e, não querendo se difamar, renunciou o mando. Muito caro pagaram os que, desatendendo-o, deixaram-se arrastar pelas paixões do momento! As medidas de perseguição na época tiveram horrível desforra mais tarde, e todos, com ligeiríssimas exceções, expiaram depois uma primeira falta.

Dom Salvador María foi chamado ao ministério da Fazenda por Rivadavia e naquele destino mostrou poderes à altura de sua situação. Renunciou com Rivadavia, até que com a revolução de 1.º de dezembro foi nomeado novamente ministro pelo governo provisório, seguindo mais tarde a sorte de seu partido. Casou-se em Mercedes, na Banda Oriental, exerceu a profissão do comércio durante algum tempo, reapareceu em 1840 com Lavalle, como comissionado dos argentinos de Montevidéu; assistiu às conferências realizadas em Martín García com os chefes da esquadra francesa; foi nomeado depois intendente do exército, e se Lavalle tivesse seguido seus conselhos, a revolução teria tomado outro rumo. Reside hoje no Brasil, em Santa Catarina, respeitado por quantos o conhecem.

San Juan deve-lhe a criação de sua única imprensa, inutilizada após vinte e quatro anos de rude serviço, a formação do *Registro Oficial*, o plano da cidade, uma alameda e a vã tentativa de criar uma carta fundamental que contivesse e regulamentasse os poderes. Rodeou-se dos homens mais eminentes que a província tinha, e eram muitos, e a época de seu governo foi sem dúvida a mais brilhante de San Juan. Sua memória está hoje esquecida, como a de Laprida, a de Oro e tantos outros homens de gênio de que se devia honrar aquela província.

Cinco famílias Carril, irmãos de dom Salvador María, estão hoje estabelecidas definitivamente em Copiapó, Santa Catarina e Coquimbo,

remontando a cerca de meio milhão de pesos a fortuna que entre eles souberam reunir no desterro; a casa paterna em San Juan tem servido até este ano de palácio episcopal, e os quantiosos bens do antigo chefe da família, o ricaço de San Juan, dom Pedro, foram consumidos e desmoronaram numa partilha, que a imperícia, a preguiça e as más paixões mantêm inconclusa faz já doze anos. Medem sessenta e seis quadras quadradas as vinhas da testamentaria e as terras incultas descrevem uma linha de sete léguas de costas desde a rua Honda até as faldas do Pie-de-Palo.

Após a batalha das Leñas, em que os seus foram vencidos, dom José de Oro emigrou para San Luis, e há pouco reuni-me com ele, abandonando a carreira de engenheiro que principiara. Queríamo-nos como pai e filho, e eu quis segui-lo, e minha mãe por gratidão o aprovava. Algumas marcas de nossa residência devem ter permanecido em San Francisco del Monte. Introduzimos flores e legumes que nós cultivávamos, passando horas inteiras ao redor de um singelo aleli, o primeiro que nos nasceu. Fundamos uma escola, a qual freqüentavam dois pequeninos Camargo, de idade de vinte e dois e vinte e três anos, e outro discípulo foi preciso tirá-lo da escola, porque havia-se obstinado em casar-se com uma moça lindíssima e branca, a quem eu ensinava o soletrar. O mestre era eu, o menor de todos, pois tinha quinze anos; mas fazia dois pelo menos que era homem, pela formação do caráter, e ai do valentão deles que houvesse ousado fugir aos termos de discípulo a mestre, a pretexto de que tinha uma força de dogue! A capela estava isolada em meio ao campo, como acontece nos campos de Córdoba e San Luis. Eu tracei, pois que tinha uns três meses de engenharia, o plano de uma vila, cuja praça fizemos triangular para habilitarmo-nos com o escasso recurso; delineou-se uma rua, em cujo revestimento trabalhou um senhor Maximiliano Gatica, se não me esqueço. Demolimos a frente da igreja que um raio havia pulverizado, e construímos um primeiro pavimento de uma torre e coro, composto de robustos pilares de algarobeiras, coroado por um almocrafe natural, encontrado nos bosques, que descrevia três curvas, a do centro mais elevada que as outras, na qual talhei eu em grandes letras de fôrma esta inscrição: *San Francisco del Monte de Oro, 1826*. Por tal rara combinação de circunstâncias meu primeiro passo na vida era levantar uma escola e projetar um povoado, os mesmos propósitos que revelam hoje meus escritos sobre *Educación popular y colonias*!

Vagava eu pelas tardes na hora de trazer lenha; através dos bosques vizinhos, seguia o curso de um arroio trepando pelas pedras; embrenhava-me nas solidões, prestando ouvido nos ecos da selva, no ruído das palmas, no chio das serpentes, no canto das aves, até chegar a alguma

cabana de paisanos onde, conhecendo-me todos por discípulo do cura e mestre da escolinha do lugar, me prodigavam mil atenções, regressando ao anoitecer à nossa solitária capela, carregado com meu feixinho de lenha, alguns queijos ou ovos de avestruz com que me haviam obsequiado essas boas gentes. Aquelas correrias solitárias, aquela vida selvática em meio a gentes agrestes, ligando-se não obstante à cultura do espírito através da prática e lições de meu mestre, enquanto que meu físico se desenvolvia ao ar livre, em presença da natureza triste daqueles lugares, deixaram uma profunda impressão em meu espírito, voltando-me continuamente a lembrança das fisionomias daquelas pessoas, do aspecto dos campos, e mesmo até o cheiro da vegetação daquelas palmas em leque e da árvore-peixe, tão vistosa e tão aromática. De volta a casa pelas tardes, ouvia na cozinha contos de bruxas de uma Ña Picho, e voltava mais tarde para o lado de meu tio para promover conversas sobre o passado, para ler um livro juntos e preparar as lições do dia seguinte. Uma manhã apareceu um de meus parentes que vinha para levar-me a San Juan, para mandar-me educar em Buenos Aires, por conta do governo. Meu tio deixou-me optar livremente, e escrevi à minha mãe a carta mais indignada e mais repleta de sentimento que haja saído de pena de menino de quinze anos. Tudo o que nela dizia era, contudo, um puro disparate! Meu pai veio logo depois por minha causa, e então não havia o que replicar. Separamo-nos tristes sem dizer nada, estreitando-me ele a mão e volvendo os olhos para que não o visse chorar. Ah! quando nos juntamos após seu regresso da Convenção de Santa Fé, à qual foi nomeado deputado em 1827, era eu... unitário! A razão que ele desenvolvera com tanto esmero havia visto claramente e, uma vez que tocamos no assunto, viu que de minha parte havia convicções profundas, lógicas, razoáveis, que podiam ser respeitadas. Depois víamo-nos como amigos; visitava-o eu depois em sua vinha à noite, e já homem e tenente de linha de batalha, passava as mais gratas horas ao lado de seu leito, em que estava prostrado, ouvindo-o falar e abandonar-se sem reservas nas lembranças do passado. Às vezes o via possuído de tal preocupação, que duvidei pela primeira vez se naquele momento sua razão estava sã. Mais tarde soube que os efeitos do vinho avivavam aquela existência monótona, para elevar sua alma quando o corpo decaía. Enquanto vivemos juntos, nunca vi nele sinal algum de exaltação extraordinária, não obstante usava do vinho em quantidades moderadas, e em San Juan é esta uma enfermidade que leva centenas de compatrícios. No declínio da idade, desencantados da vida, sem esperanças, sem emoções, sem teatros, sem movimento, porque não há nem educação, nem liberdade, acontece de muitos irem cedo às suas vinhas. A

solidão e o vazio do espírito trazem o tédio, este chama o vinho, como antídoto, e acabam por perder-se da sociedade e dar-se à embriaguez misantrópica, solitária e perene.

Morreu dom José de Oro em 1836, como vivera, o filho da natureza, o camponês, como gostava de chamar-se no *Diálogo* comigo. Dormia entre duas portas no inverno, sob o teto celeste no verão. Saltava da cama às três da manhã em todos os tempos, e sua tosse, muito conhecida, se ouvia na solidão da noite, enquanto vagava pelas vizinhanças de sua vinha. Jamais o sol pôde suspeitar que se deitava na cama. Quando seu fim se aproximava, foi às cordilheiras onde ficava sua fazenda, para respirar ares mais puros, e ali morreu rodeado de alguns de seus parentes, bendito por todos, e quase sem senti-lo. A bondade desse homem raríssimo ultrapassava todos os limites conhecidos. Certa vez preveniam-lhe de que seu mordomo lhe roubava, e respondia rindo: 'já sei, mas que diabos querem que faça? Esse canalha tem um cardume de filhos e se o despeço morrem de fome'. Sendo ministro de governo de dom José Tomás Albarracín no ano 30, coube à minha mãe, para meu crédito, uma contribuição de seis bois gordos, a ser feita dentro de três dias. Meu tio José firmara a implacável ordem, e quando minha mãe se desolava não sabendo de onde tirar seis bois, ela que não tinha o que comer, o ministro entrava em sua casa dizendo-lhe: 'Não chore, não seja tola; faz meia hora que partiu um mensageiro para descer dos *Sombreros* oito novilhos gordos que lhe trarão para que pague a contribuição e faça suas provisões de inverno'. Ultimamente Facundo dava-lhe uma contribuição em roupas; e o bom clérigo, sabendo-o, trouxe à sua casa seu guarda-roupa de calças, levitas e mantéis, habilitou-se e desenhou meia dúzia de peças de guarnição.

Frei Justo de Santa María de Oro

Dentre aqueles sevandijas traquinas, turbulentos e travessos dos filhos de dom Miguel, o maior de todos, Justo, contrastava pelo repouso de seu espírito reflexivo, e a brandura de seu caráter. Na infância, era a vítima da malícia inquieta de seus irmãos José e Antonio; atiravam-lhe travesseiros quando dormia, urinavam-lhe nas botas quando ia levantar-se, e a toda hora do dia causavam-lhe atropelos, armavam-lhe ardis; e o acusavam para a sua severa mãe de diabruras que eles faziam de propósito para pô-lo em apertos.

O menino Justo foi assim chamado para perpetuar o nome de frei Justo Albarracín, seu tio, que era, quando ele nasceu, o lume do convento de São Domingos e a glória da família; e naqueles tempos em que as famí-

lias aristocráticas estavam devidamente representadas nos claustros, o primogênito da família Oro foi destinado a seguir, sob o hábito dominicano, a não interrompida cadeia de frades sábios da família. Mostrou-se desde logo digno sucessor de seus antepassados, e em prosseguimento de seus estudos foi enviado a Santiago, então capital das províncias de Cuyo, onde, distinguindo-se por sua capacidade, desempenhava cátedras de teologia na idade de 20 anos; recebeu as ordens sagradas aos 21 anos por dispensa de Pio VI, e passou ao Retiro Dominicano imediatamente para prosseguimento da perfeição monástica. Seus dons de caráter, saber e costumes, deviam ser muito relevantes, posto que os recoletos pediram-no, há poucos anos de incorporado em sua ordem, como diretor vitalício, e o geral da ordem na Espanha concordou com essa solicitação.

O novo prelado entregou-se desde logo ao instinto criador de seu gênio. A fazenda de Apoquindo, pertencente à comunidade, devia ser transformada numa sucursal do Retiro Dominicano e, para obter as licenças necessárias ou fazer o geral da ordem adotar os planos, fez uma viagem à Espanha, na Europa daqueles tempos, onde o surpreendeu a revolução da independência. Como Bolívar, como San Martín e todos os que se sentiam com força para agir, correu a incorporar-se aos seus, desembarcou em Buenos Aires, aplaudiu a revolução, viu de passagem a sua família, regressou ao Chile para o seu convento e, após haver prestado cooperação aos patriotas até 1814, emigrou às Províncias Unidas, no momento da restauração da dominação espanhola. Nomeado deputado no congresso de Tucumán pela província de San Juan, com o ilustre Laprida que foi eleito presidente, teve a glória de pôr sua assinatura na Ata da Declaração de Independência das Províncias Unidas, tomando parte em todos os audazes trabalhos daquele congresso, sendo sua a moção que o congresso adotou para aclamar Santa Rosa de Lima como padroeira da América e protetora da independência sul-americana.

A reconquista do Chile abria novamente à sua atividade o palco de suas primeiras honras, acrescentadas agora com o prestígio que dava a participação nas decisões do congresso de Tucumán, que à distância inspiravam uma espécie de estupor, à força de serem solenes e decisivas. Em 1818 conciliou uma das mais graves questões que embaraçavam a marcha dos negócios. As ordens religiosas divididas em realistas e patriotas dependiam do vigário-geral da ordem estabelecido na Espanha; e a influência popular do frade podia lançar-se através da marcha da revolução ainda não bem assegurada. O provincial frei Justo de Santa María declarou a independência da Província de San Lorenzo Mártir do Chile na ordem de predicadores, como os patriotas chilenos haviam declarado a independência civil e política da nação, como ele próprio havia

assinado a ata da emancipação das Províncias Unidas. Ao ler as atas capitulares do definitório da ordem de predicadores, reconhece-se que foram inspiradas pelo gênio do congresso de Tucumán.

> 'Fr. Justo de Santa María de Oro, dizem, Professor de Teologia Sagrada e humilde Prior e Provincial da mesma Província: Veneráveis pais e caríssimos irmãos conforme aos princípios imutáveis da razão e justiça natural, declarou o Chile sua liberdade dada pelo Criador do Universo, decretada pela ordem dos sucessos humanos, e confirmada pela graça do Evangelho. A despeito da ambição e do fanatismo do antigo trono espanhol, despedaçou os grilhões de sua escravidão, rompeu todos os vínculos que o ligavam à triste condição de uma colônia, e declarou ser, segundo os desígnios da Providência, um Estado soberano, independente de toda dominação estrangeira. Reivindicando sua liberdade e no exercício da própria, constituiu os altos poderes que hão de regular e dirigir a nação à sua felicidade.'
>
> 'A Igreja em todos os tempos seguiu os progressos da civilização e o engrandecimento dos impérios para apoiar e manter a independência nacional... Desde que um Estado recobra sua liberdade, prontamente caduca a respeito do clero secular e do regular toda a jurisdição que exerciam neles os prelados de outro território. Esta é devolvida ao Sumo Pontífice...'

Sobre tão sólida base declarou-se a independência da Província de Santiago, ficando resumidas as atribuições do vigário-geral da ordem no mesmo frei Justo, provincial do Retiro Dominicano.

O convento dera, pois, tudo o que podia em honras, trabalhos e títulos. O doutor frei Justo necessitava de um novo campo; uma mitra assentaria bem sobre a cabeça do prior, provincial e geral da ordem. Leão XII lutava então para reatar as relações interrompidas pela revolução entre a Sé Apostólica e as colônias americanas. Uma boa política aconselhava-o congraçar a América independente para coonestar a acusação que sobre a Sé Apostólica pesava de cumplicidade e conivência com os reis de Espanha. Ele, por tantos títulos, digno deputado de um dos congressos americanos, era, pois, um candidato para o episcopado, que acreditaria aquelas boas disposições da Santa Sé. O padre Oro sabia disso. Tinha seus agentes em Roma que lhe adiantavam a gestão de seus negócios. Em 1827 fui-lhe recomendado por seu irmão dom José, como um membro da família; acolheu-me com bondade, e na segunda entrevista iniciou-me em seus projetos, contando-me tudo o que fora feito, a fim de que pudesse, no meu regresso a San Juan, satisfazer plenamente a curiosidade de seus parentes. Suas bulas de bispo taumacense com efeito não tardaram em chegar. O senhor Cienfuegos consagrou-o em San Juan, em 1830, e pouco depois foi nomeado bispo de Cuyo por

Gregório XVI, que no ato segregou essa província do bispado de Córdoba.

Essa elevação de um novo bispado deu motivo a que Oro voltasse a tomar da pluma para desbaratar os obstáculos que a seus desígnios queriam-se opor. Era então vigário capitular na sede vaga da Catedral de Córdoba o doutor dom Pedro Ignacio de Castro Barros, antigo deputado do congresso de Tucumán e cura titular da matriz de San Juan, a mesma que seria elevada a Catedral. Desde 1821, em que fora nomeado cura, os governos sucessivos da província haviam-lhe proibido de entrar em funções, para livrarem-se das más artes daquele caudilho do fanatismo, desempenhando-o, como cura sufragâneo, o presbítero Sarmiento, hoje bispo de Cuyo, e para o qual vinham bulas que o elevavam à dignidade de deão da nova catedral. O doutor Castro Barros, fosse ambição, fosse pertinácia, negou-se a reconhecer as bulas pontifícias, reuniu o cabido de Córdoba e, por uma série de irregularidades, pondo ainda em dúvida a autenticidade dos diplomas, elevou uma representação à cúria, para que desistisse da segregação já ordenada e consumada. O bispo Oro mandou imprimir no Chile um folheto [14]. O doutor Castro Barros publicou seu recurso apoiado num panegírico de San Vicente Ferrer [15]. Nos documentos publicados pelo bispo Oro, nota-se esta frase do ofício do governador de San Juan, ditado pelo mesmo bispo:

> 'Pelo que o governo adverte o senhor dom Pedro Ignacio de Castro de que considera atentatória à religião, unidade da Igreja, obediência ao Pontífice Romano, e considerações devidas a este governo de San Juan, as pretensões que promove na nota de 15 de agosto, que lhe dirige de Córdoba, e deixa terminantemente respondida com a reserva no arquivo secreto desta administração'.

Barros, pela nota assim respondida, quisera sublevar a autoridade civil, como o conseguiu em Mendoza, a fim de opor-se à decisão da sede apostólica. O parágrafo 31 da impugnação do bispo Oro diz terminantemente:

> 'Pôs-se igualmente o reparo de faltar ao breve de que se trata, o plácito da autoridade temporal, e para isso diz-se que este é um assunto *essencialmente nacional, que exclusivamente pertence ao congresso geral*; incita-se os senhores governadores de Cuyo a protestarem contra a bula; toca-se a influência do Exmo de Córdoba, encarecendo a eminência do posto que ocupa; e recordando aos demais Ex.^{mos} senhores, acharem-se *constituídos* nos mesmos deveres'.

[14] Defesa do Vicariato Apostólico, etc... impugnada pelo provisor da sede vaga de Córdoba. Impresso em Santiago do Chile, ano 1831, Imprensa Nacional, por M. Peregrino. (N. do A.)

[15] Buenos Aires, 1836. Imprensa Argentina. (N. do A.)

Por fim, na nota (d) acrescenta:

> 'O senhor Castro Barros escreveu propondo uma transação entre aquela cúria e o vigário apostólico, sem que se fizesse coisa alguma de importante. Em 6 de agosto propõe ao cabido agenciar este negócio com os governos de Cuyo (esta não foi remetida em cópia); faz suspender a primeira sobre a obediência do cabido em 25 de julho; com seus ofícios de *agenciamento* alarma a ditos senhores governadores, provocando-os a uma desobediência à sede apostólica; dá ao público impresso seu ditame de resistência ao Santo Padre...'

Essas intrigas do doutor Castro Barros foram fatais à sua ambição. Um ano depois recebeu de Roma o aviso de estar seu nome inscrito nas notas negras da cúria romana, como sacerdote rebelde à autoridade pontifícia, e portanto inábil para desempenhar durante sua vida função alguma eclesiástica. Em vão Castro Barros enviou a *expensas suas* o clérigo Allende, seu amigo, a Roma, para inocentar sua conduta: todas as portas cerravam-se à aproximação de Allende, que teve de regressar à América sem uma palavra de consolo para seu amigo, fulminado pelos raios da Igreja. Desde então o doutor Castro Barros se lançou no ultramontanismo mais exagerado, gastou mais de cinco mil pesos para reimprimir quanto panfleto caiu em suas mãos, contra o patronato real, em defesa dos jesuítas, da extinta inquisição, e quanto absurdo pode soar o desejo de congraçar-se com a autoridade pontifícia a cujo reconhecimento ele quisera pôr atravancos, quando aquele reconhecimento não convinha aos seus interesses particulares. Em 1847, quando estive em Roma, perguntaram-me por Castro Barros pessoas que tinham ingerência na cúria romana, repetindo-me a proscrição irrevocável que pesava e pesaria sobre ele até sua morte. As principais obras expiatórias de Castro Barros são o *Triario literario o tres sabios dictámenes sobre los poderes del sacerdocio y del imperio, reimpreso en Buenos Aires, a expensas del doctor Castro Barros con el loable objeto de que se salve su recíproca independencia; Restablecimiento de la Compañía de Jesús en la Nueva Granada, reimpreso a solicitud del doctor Castro Barros, con notas suyas,* que dizem:

> 'Os Papas, Inquisição, Companhia de Jesus, e todos os institutos religiosos têm sido sempre impugnados e exprobados pelos hereges, ímpios e demais inimigos da religião católica.' 'Com mais razão os jesuítas serão os *granadeiros* do Papa na Nova Granada'.

Equívoco ridículo, ao que se pode acrescentar o verso de Beranger: *Les capucins son nos cosaques.* 'Nada disto agrada aos filósofos do dia,

porque dizem que não existe Deus, céu nem inferno. Ah, bestas!' Estes e outros desabafos do ambicioso condenado pela Igreja mereceram-lhe na sua morte no Chile as honras de santo, e um dos seus panegiristas exclamava no fim:

> 'Se não temesse antecipar-me às sentenças da Igreja, eu solicitaria a proteção de São Pedro Ignacio Castro'.

Mas como não se fazem santos sem a beatificação da Igreja, podemos estar seguros de não termos que dobrar o joelho ante um dos malucos que mais sangue fizeram derramar na República Argentina, por fanatismo, por ambição pessoal, por intolerância e por hipocrisia. Abandonei sua biografia por não contrariar os propósitos de seus adoradores, porém aqui me permito estampar a verdade em assuntos que são puramente domésticos e que tocam à minha família.

Depois de consagrado e reconhecido bispo, frei Justo entregou-se à multiplicidade de criações acessórias à catedral que havia levantado, e nessa tarefa de todos os instantes de sua vida mostrou a energia daquele caráter, e a pertinácia de desígnio que engendra as grandes coisas. Numa província obscura, destituída de recursos, devia-se estabelecer uma catedral, um seminário conciliar, um colégio para leigos, um mosteiro aberto à educação das mulheres, um coro de cônegos dotados de rendas suficientes; e tudo isso frei Justo empreendia simultaneamente, com tal segurança nos meios e tão clara expectativa do fim, que se lhe acreditaria possuidor de tesouros, não obstante às vezes, e, quase sempre, faltarem-lhe os meios de pagar o salário dos ajudantes. Queria construir um tabernáculo e faltava-lhe o modelo e o artista que devia executá-lo; porém ele tinha todo o mais, a idéia e a vontade que são o verdadeiro plano e o artista. Chamava então a mim, tido por ele e pela sua família como moço engenhoso; e tateando e com mal traçadas barras, tomando de um livro um capitel de coluna e ainda consultando Vitrúvio, chegamos afinal a traçar nosso tabernáculo sobre seis colunas dóricas e uma cúpula à guisa de lanterna de Diógenes, para que um carpinteiro menos idôneo ainda realizasse aquele imperfeito esboço. Mas ai! que o tabernáculo estava destinado para servir de dossel aos mais humildes objetos de veneração. Estreei-o eu no catafalco feito em suas exéquias, e no qual, simbolizando as duas grandes faces de sua vida, apoiavam-se na estátua da Liberdade com a Ata da Independência na mão e a da Religião com a Bula que constituía-o bispo, esforços de vontade mais que de arte, feitos em honra daquela vida tão plena, e não obstante interrompida tão inoportunamente. Todos os seus trabalhos estavam já a ponto de serem concluídos, quando surpreendeu-o a morte; e no momento de expirar: 'Depressa, dizia ao notário que lhe servia de escrevente, depressa que restam poucas horas e temos muito que escrever', e, com efeito, naquele momento supremo dava disposições para o término da igreja do mosteiro, a maneira como se devia emadeirar, os recursos e materiais que tinha acumulado, sobre sua correspondência com Roma, idéia de um adorno para a construção do coro, o destino de algumas somas de que lhe era devedor o Retiro Dominicano, detalhes de família, seu testamento, sua alma inteira e seu pensamento prolongando-se através da morte; e como dizia ao senhor deão que o acompanhava em seus últimos momentos:

> 'Meu coração está em Deus, porém necessito de meu pensamento aqui, para proceder a continuação e o término de minha obra'.

A morte interrompeu aquele ditado, deixando truncada uma frase!...

Sua instrução era vastíssima para seu tempo. Aprendera o francês, o italiano e o inglês; era profundo teólogo, isto é, filósofo, e de suas práticas freqüentes pode-se coligir que suas idéias iam mais adiante, sem ultrapassar os limites do lícito, daquilo que exigia seu estado. A qualidade dominante de seu espírito era a tenacidade tranqüila, ao mesmo tempo que persistente. Sabia esperar, agüentando naturalmente sem deslizes quando as dificuldades aumentavam. Se solicitava um concessão necessária, experimentava sua influência para obtê-la; desesperançado, pedia outra que conduzisse ao mesmo fim, e depois a primeira sob uma nova forma. Dez anos mais de vida teriam dado a San Juan, por intermédio do bispo Oro, progressos que todos os seus governos não propiciaram assegurar. Quiroga impediu-lhe de fundar um colégio, e a morte, de terminar seu mosteiro docente; e como ele devia toda a sua importância à extensão de suas luzes e à clareza de seu gênio, teria posto toda aquela força de vontade, que fazia o caudal de seus meios de ação, em generalizar a instrução. O bispo Oro morreu, pois, prematuramente aos 65 anos, havendo gastado toda a sua vida na penosa ascensão que de humilde frade de um convento o levava ao bispado; má estrela comum a muitos homens de mérito que têm que levantar um a um todos os andaimes de sua glória, criar o cenário, formar os espectadores, para em seguida poderem-se exibir. Quantas vezes é destruída a obra, que é necessário recomeçar! Quantos dias e anos passados em presença de um obstáculo que interrompe o passo!

O mosteiro que intentou fundar revelava a elevação de seus intuitos e os resultados de uma longa experiência auxiliados e bonificados pelo estudo das verdadeiras necessidades da época. Os votos das monjas não deviam ser obrigatórios a não ser por certo número de anos, concluídos os quais deviam voltar à vida civil, se assim o tinham por conveniente, ou renovar seus votos por outro período determinado. O mos-

teiro devia ser um asilo, e além disso uma casa de educação pública. Devia fundá-lo uma monja sua irmã que estava no mosteiro das Rosas em Córdoba e que hoje regressou a San Juan... louca.

Alguns anos depois, empreendi com dona Tránsito de Oro, irmã do bispo, e digno rebento dessa família tão altamente dotada de capacidade criadora, a realização de uma parte do vasto plano de frei Justo, aproveitando os claustros concluídos para fundar o colégio de Pensionistas de Santa Rosa, invocação patriótica dada por ele ao mosteiro e que nós cuidamos de perpetuar. Filha única de dona Tránsito e de um de meus mestres, era uma menina que desde sua mais tenra infância revelava altos dotes intelectuais. Frei Justo, tendo-me conhecido no Chile em 1827 e gostado muito por achar-me muito instruído em geografia e outras matérias de ensino, escreveu mais tarde à sua irmã para que me confiasse a educação de sua filha, e de minha aceitação e dos resultados obtidos saiu completo o programa de educação e o plano do colégio de pensionistas de Santa Rosa, que abrimos a 9 de julho de 1839, para comemorar a declaração da independência, em que frei Justo tomara parte, e fazer dos exames públicos do colégio uma festa cívica provincial, posto que Laprida, o presidente do congresso de Tucumán, era nosso compatriota e mesmo meu parente.

No discurso de abertura do colégio, que se registra no número um do *Zonda*, descrevendo o acontecimento o malogrado jovem Quiroga Rosas dizia:

> "A primeira voz que soou foi a do jovem diretor, dom Domingo Faustino Sarmiento, que lia a ata da independência, que o concurso escutou com místico silêncio. Ele mesmo, em seguida, pronunciou o seguinte discurso, modesto em sua forma, imenso no fundo: 'Senhores, um dia clássico para a pátria, um dia caro ao coração de todos os bons vem satisfazer as expectativas dos cidadãos amantes da civilização. A idéia de formar um estabelecimento de educação para senhoritas não é inteiramente minha. Um homem ilustre cuja imagem presencia esta cena (*o retrato do bispo estava colocado na sala*), e cujo nome pertence duplamente aos anais da República, deitara de antemão os alicerces para este importante melhoramento. Em seu ardente amor pelo país, concebeu este pensamento, grande como os que realizou e os que uma morte intempestiva deixou apenas no esboço. Por outro lado, tenho sido o intérprete dos desejos da parte pensante de meu país. Uma casa de educação era uma necessidade que urgia satisfazer, e eu indiquei os meios; julguei ter chegado o momento e ofereci-me para realizá-la. Enfim, senhores, o pensamento e o interesse geral os converti num pensamento e num interesse meus, e esta é a única honra que me cabe'.

O colégio, aquele cuja pedra fundamental lançamos então, viveu dois anos e chegou a dar frutos invejáveis. Oh, meu colégio, quanto te queria! Houvesse morrido nas tuas portas para guardar tua entrada! Houvesse renunciado a qualquer outra afeição para prolongar por mais anos tua existência! Era meu plano fazer passar uma geração de meninas através de suas salas, recebê-las na porta, plantas ternas formadas pela mão da natureza, e devolvê-las por meio do estudo e das idéias, esculpido em sua alma o tipo da matrona romana. Teríamos deixado passar as paixões febris da juventude, e no entardecer da vida voltado a nos reunir para traçar o caminho à geração nascente. Mães de família um dia, esposas, haveríeis dito à barbárie que sopra o governo: não entrareis em meus umbrais, porque apagaríeis com vosso hálito o fogo sagrado da civilização e da moral que há vinte anos nos confiaram. E um dia aquele depósito enriquecido e multiplicado pela família desbordaria e transpiraria até a rua, e deixaria escapar suas suaves exalações na atmosfera. É possível, meu Deus!, que tenhamos que fazer uma religião do propósito de conservar restos de cultura nos povos argentinos e que o desejo de instruir os outros assuma ares de uma vasta e meditada conspiração? Voltam-me nos anos maduros as cândidas ilusões da inteligência nas primeiras manifestações de sua força, e ainda creio em tudo aquilo que a juvenil inexperiência me fazia crer então, e espero ainda.

Nossa despedida foi solene e terna. Seis ou oito meninas de dezesseis anos, cândidas e suaves como os lírios brancos, graciosas como os gatinhos que traquinam em volta da mãe, foram dar-me lição no último refúgio que me ofereceu a pátria em 1839, o cárcere onde tinha-me preparado para arrojar-me de seu seio pela morte, a humilhação ou o desterro; e naquele calabouço infecto, desmantelado e cujas paredes estão cheias de figuras informes, de inscrições insípidas, traçadas pela mão inábil dos presos, seis meninas, a flor de San Juan, o orgulho de suas famílias, a promessa do amor, recitavam sob a luz de uma vela de cera, colocada sobre tijolos, suas lições de geografia, francês, aritmética, gramática, e expunham as experiências de desenho de duas semanas. De vez em quando uma ratazana disforme que atravessava o pavimento, tranqüila, segura de não ser incomodada, arrancava gritos comprimidos daqueles corações suscetíveis às impressões como o tremor sensível. As lágrimas da compaixão arrasaram no início aqueles olhos destinados a suscitar mais tarde tormentas de paixões; e terminada a lição, e despojada a gravidade do mestre, abandonaram-se sem reservas à charla interminável, precipitada, curiosa e desconexa, que torna santas e angelicais as efusões do coração da mulher. Algumas guloseimas enviadas ao preso pelas amigas fixaram o olho cobiçoso de alguma, e ao dizer-lhes que estavam

disponíveis, lançaram-se sobre elas como bando de avezinhas, charlando, comendo, rindo e estirando os brancos pescoços em torno do prato, de cujo centro saíam a cada segundo dedos de marfim, escapando com um bocado. Cantaram-me um quarteto do *Tancredo*, de que eu gostava imensamente, e despediram-se de mim sem pena, e animadas de nova ânsia para continuar seus estudos. Não voltamos a nos ver mais! Nem voltarei a vê-las nunca, assim como tenho em minha mente aquelas cândidas imagens da nubilidade abertas às castas emoções, como o cálice da flor que aspira o orvalho da noite. São hoje esposas, mães, e o áspero atrito da vida deve ter maltratado aquela cútis aveludada, qual maçã não tocada pela mão do homem, e a perdida inocência deve ter arrebatado às suas fisionomias a expansão curiosa e presumida que mostra pelo seu próprio desenfado às vezes, que nem mesmo desconfia que existem paixões em sua alma, às quais bastaria aproximar uma faísca para fazê-las estalar com estrépito!" [16]

O lar paterno

"A casa de minha mãe, a obra de sua indústria, cujos adobes e paredes puderam ser computados em varas de tecido confeccionadas por suas mãos para pagar a construção, recebeu do transcurso destes últimos anos alguns acréscimos que a confundem hoje com as demais casas de certa mediania. Sua forma original, contudo, é aquela a que se apega a poesia do coração, a imagem indelével que se manifesta porfiadamente em meu espírito, quando recordo os prazeres e passatempos infantis, as horas de recreio após a volta da escola, os lugares afastados onde passei horas inteiras e semanas sucessivas em inefável beatitude, fazendo santos de barro para em seguida render-lhes culto, ou exércitos de soldados da mesma massa para orgulhar-me de exercer tanto poder.

Para a parte sul do terreno de trinta varas de frente por quarenta de fundo, estava o único aposento da casa, dividido em duas partes: um servindo de dormitório para os nossos pais, e o maior, de sala de visitas com suas altas poltronas e coxins, resto das tradições do divã árabe que os povos espanhóis conservaram. Duas mesas de algarobeira indestrutíveis, que vêm passando de mão em mão desde os tempos em que não havia outra madeira em San Juan além das algarobeiras dos campos, e algumas cadeiras de estrutura desigual, flanqueavam a sala, adornando as lisas paredes dois grandes quadros a óleo de São Domingos e São Vicente Ferrer, de péssimo pincel, mas devotadíssimos e herdados em

[16] *Recuerdos de provincia*, p. 45-68.

consideração ao hábito dominicano. A pouca distância da porta de entrada, elevava sua copa verde-escura a patriarcal figueira que sombreava ainda em minha infância aquele tear de minha mãe, cujos golpes e vascolejar de fusos, pedais e lançadeira, despertavam-nos antes de sair o sol para anunciar-nos que um novo dia chegava, e com ele a necessidade de com o trabalho fazer frente às suas necessidades. Alguns ramos da figueira iam roçar contra as paredes da casa, e, aquecidos ali pela reverberação do sol, seus frutos antecipavam-se à estação, oferecendo para 23 de novembro, aniversário de minha mãe, sua contribuição de bêberas maduras para aumentar o regozijo da família.

Detenho-me com prazer nesses detalhes, porque santos e figueira foram mais tarde personagens de um drama de família em que as idéias coloniais lutaram porfiadamente com as novas.

No resto do terreno que ficava de vinte varas escassas de fundo, tinham lugar outros recursos industriais.

Três laranjeiras davam fruto no outono, sombra em todos os tempos; sob um pessegueiro corpulento, havia um pequeno poço de água para o deleite de três ou quatro patos que, multiplicando-se, davam sua contribuição ao complicado e diminuto sistema de rendas sobre o qual repousava a existência da família; e como todos esses meios eram ainda insuficientes, rodeado de cerca, para pô-lo a coberto da voracidade dos frangos, havia um jardim de hortaliças, do tamanho de um escapulário, e que produzia quantos legumes entram na cozinha americana, todo abrilhantado e iluminado com grupos de flores comuns, um roseiral amorado e vários outros arbustinhos florescentes. Assim se realizava numa casa das colônias espanholas a excelente economia de terreno e o inesgotável produto que dele tiram as gentes do campo na Europa. O esterco das galinhas e a bosta do cavalo que meu pai montava passavam diariamente para reanimar aquele pedaço de terra, que não se cansou nunca de dar variadas e viçosas plantas; e quando quis sugerir à minha mãe algumas idéias de economia rural, colhidas rapidamente nos livros, passei merecidamente por pedante, em presença daquela ciência da cultura que foi o prazer e a ocupação favorita de sua longa vida. Hoje, aos setenta e seis anos de idade, escapa-nos ainda de dentro de casa, e é certo que a encontraremos pondo terra em algumas alfaces, respondendo em seguida às nossas objeções com a violência que se faria em deixá-las, ao vê-las tão maltratadas.

Apesar de tudo, havia naquela arca de Noé algum cantinho em que se banhavam os tecidos em alume ou preparavam as cores para tingi-los, e um pilão de farinha de onde saía todas as semanas uma boa porção de excelente e branco amido. Nos tempos prósperos, somavam-se

uma fábrica de velas feitas a mão, alguma tentativa de amassilho que sempre terminava mal, e outros mil produtos que seria supérfluo enumerar. Ocupações tão variadas não impediam que houvesse ordem nas diversas tarefas, principiando a manhã com dar de comer aos frangos, carpir os canteiros de legumes antes que o sol esquentasse, e em seguida estabelecer-se em seu tear, que por longos anos constituiu a ocupação fundamental. Está em meu poder a lançadeira de algarobeira lustrosa e enegrecida pelos anos, que havia herdado de sua mãe, a qual a tinha de sua avó, abraçando essa humilde relíquia da vida colonial um período de cerca de dois séculos em que nobres mãos a agitaram quase sem descanso; e, embora uma de minhas irmãs tenha herdado o hábito e a necessidade de tecer de minha mãe, minha cobiça prevaleceu e sou eu o depositário dessa jóia de família. É uma lástima que não serei jamais rico e poderoso, para imitar aquele rei persa que se servia em seu palácio dos copos de barro que lhe haviam servido na infância, a fim de não ensoberbecer-se e desprezar a pobreza.

Para completar essa família devo mencionar duas personagens acessórias: à Toribia, uma zamba, criada na família, a inveja do bairro, a comadre de todas as comadres de minha mãe, a chave da casa, o braço direito de sua senhora, o aio que nos criou a todos, a cozinheira, o mandadeiro, a revendedora, a lavadeira, e o ajudante para todos os afazeres domésticos. Morreu jovem, sobrecarregada de filhos, espécie de vegetação natural de que não podia prescindir, não obstante a santidade de seus costumes; e sua falta deixou um vazio que ninguém preencheu depois, não só na economia doméstica, mas no coração de minha mãe; porque ama e criada eram duas amigas, duas companheiras de trabalho, que discorriam entre ambas sobre os meios de manter a família; renhiam, disputavam, dissentiam, e cada uma seguia seu parecer, ambos conducentes ao mesmo fim. Quantas vezes, na volta da escola, os meninos pensamos surpreender a cozinheira com nosso pedacinho de pão escondido, introduzindo-nos em via e forma de visita, para ensopá-lo no gordo caldo da panela! Quando se conseguia o golpe, era preciso ter as pernas rápidas e correr sem olhar para trás até a rua, sob pena de ser alcançado pelo mais formidável colherão de pau que jamais existiu, e que em minha infância se assentou pelo menos trinta vezes sobre minhas frágeis costas. A outra era Ña Cleme, o pobre da casa; porque minha mãe como a Rigoleta de Sue, que *não mesquinhava nada*, tinha também seus pobres que com seus desperdícios ajudava a viver. Porém o pobre da família era como a criada, um amigo, um igual e um mendigo. Sentavam-se minha mãe e Ña Cleme no sofá, conversavam de galinhas, tecidos e cebolas, e quando a infeliz queria pedir sua esmola, dizia invariavelmente: *bem, vou-me 'mbora*, frase que repetia até que algum farrapo caído em desuso, em consideração a seus muitos serviços, algum pão de farelo redondo e saboroso, uma vela, se havia algumas em casa, uns sapatos velhos, e lá pela morte de um bispo, um meio em prata, na falta de menores subdivisões da moeda, acudiam para fazer certo e imediato o sacramental *vou-me 'mbora*, que não era no princípio mais que uma voz preventiva.

Conforme pude sondar daquela Ña Cleme, índia pura, enegrecida pelos anos que contava em setenta, habitante dos confins do bairro de Puyuta, fora em sua mocidade querida de um de meus parentes maternos, cujas relações pecaminosas deixavam transluzir os olhos celestes e o nariz proeminente e afilado de suas filhas. O que havia de mais notável nessa velha é que era tida como bruxa, e ela mesma esforçava-se em suas conversas para assumir ares de tal bruxa, e confirmar a crença vulgar. Rara fraqueza do espírito humano, que depois o conhecimento da História me fez compreender! Mais de três mil dos bruxos de Logroño, que a inquisição queimou às centenas, e os de Maryland, na América do Norte, confessavam-se e ostentavam-se bruxos de profissão, e estavam contestes em suas declarações sobre o conciliábulo, o bode negro que os reunia, e a vassoura em que viajavam pelos ares, e isso em presença dos suplícios a que a imbecilidade dos juízes os condenava. Temos decididamente uma necessidade de chamar a atenção sobre nós mesmos, que faz com que os que não podem mais, de velhos, rudes e pobres, tornem-se bruxos; que os ousados, sem capacidade, transformem-se em cruéis tiranos; e que eu talvez, que Deus me perdoe, esteja escrevendo estas páginas. Ña Cleme contava suas histórias em casa, minha mãe escutava-a com indulgência e fingindo assentimento para não mortificá-la; nós observávamos suas misteriosas palavras, até que, quando se havia afastado, minha mãe fazia piadas dos contos da velha, e dissipava com seu bom senso os germes de superstição que possivelmente houvessem-se abrigado em nossas almas, para o que vinha, se fosse necessário, o texto favorito, as práticas do inolvidável cura Castro, que perseguira as bruxas e desacreditara-as em San Juan, a ponto de seu tratamento não causar inquietude alguma. Ña Cleme nunca foi perseguida por suas crenças religiosas a esse respeito, embora foram mais tarde e em épocas não muito remotas várias bruxas do bairro de Puyuta, famoso até hoje na crença do vulgo por servir de esconderijo a várias sectárias do maldito. Na verdade não faz doze a quatorze anos que a polícia, eram os federais os que mandavam, andou investigando um caso de bruxaria, trazendo à tona um enredo de contos que deixaram as autoridades perplexas. Falava-se muito no povoado de uma rapariga

bruxa e a polícia quis averiguar a verdade do caso. Com efeito, trouxeram a acusada e, na presença de numerosas testemunhas, confessou-se em relação ilícita com o diabo; e, como se preparassem para açoitá-la, não diz a história se por seu imprudente descaramento ou para corrigi-la de seus maus hábitos, disse chorando: 'É fácil castigar a mim que sou pobre! Certamente não hão de castigar a dona Teresa Funes (minha tia), a dona Bernarda Bustamante', e outras respeitáveis senhoras anciãs que foi nomeando, e que, conforme declarou, freqüentavam aos sábados o campo santo, onde se praticavam os ritos consabidos da bruxaria. Espantados e boquiabertos houveram de ficar ao ouvirem nomes tão respeitáveis, deixaram escapar a taimada, deixando em muito má fama, no conceito de muitos, a reputação daquelas matronas. Que sabemos, pois, de coisas tão escondidas!

Tal foi o lar em que me criei, e é impossível que, por não ter uma natureza rebelde, não haja deixado na alma de seus moradores indeléveis impressões de moral, de trabalho e de virtude, aprendidas naquela sublime escola em que a indústria mais laboriosa, a moralidade mais pura, a dignidade mantida em meio à pobreza, a constância, a resignação, se dividiam em todas as horas. Minhas irmãs gozaram da merecida reputação das mais laboriosas filhas que tinha a província inteira, e quanta fabricação feminil requeria habilidade consumada, foi sempre encomendada a esses supremos artífices de fazer tudo o que pede paciência e destreza, e deixa pouquíssimo dinheiro. A confessada intenção de denegrir-me de um escritor chileno deteve-se faz alguns anos em presença daquelas virtudes e pagou seu tributo de respeito à laboriosidade respeitável de minhas irmãs, não sem tirar partido disso, para fazer de mim um contraste.

Nossa habitação permaneceu tal como a descrevi, até o momento em que minhas duas irmãs maiores chegaram à idade núbil, quando então houve uma revolução interna que custou dois anos de debates e à minha mãe grossas lágrimas, ao deixar-se vencer por um mundo novo de idéias, hábitos e gostos que não eram aqueles da existência colonial de que ela era o último e mais acabado tipo.

São vulgaríssimos e passam despercebidos os primeiros sintomas com que as revoluções sociais, que a inteligência humana gera nos grandes focos de civilização, se estendem pelos povos de origem comum, insinuam-se nas idéias e se infiltram nos costumes. O século XVIII brilhara sobre a França e minara as antigas tradições, abrandando as crenças, e ainda suscitara ódio e desprezo pelas coisas até então veneradas; suas teorias políticas transtornaram os governos, desligaram a América da Espanha, e abriram suas colônias aos novos costumes e aos novos hábitos de vida. Chegaria o tempo em que se veria com maus olhos e com desdém a industriosa vida das senhoras americanas, propagar-se-ia a moda francesa, e entraria nas famílias o afã de ostentar fartura, pela abundância e distribuição dos aposentos, pela hora de comer atrasada das doze do dia em ponto às duas, e mesmo às quatro da tarde. Quem não encontrou alguns desses bons velhos de formação antiga, que viviam orgulhosos de sua opulência num quarto redondo com quatro cadeiras pulverulentas de balaústre, o assoalho coberto de charutos e a mesa toda adornada com um enorme tinteiro, eriçado de penas de pato, ou de condor, sobre cujos canaletes, de tão antigas, depositaram-se cristalizações de tinta endurecida? Esse foi, não obstante, o aspecto geral da colônia, o mobiliário da vida antiga. Encontra-se descrito nos romances de Walter Scott ou de Dumas, e vêem-se freqüentes amostras vivas mesmo na Espanha e na América do Sul, os últimos dentre os povos velhos que foram chamados para rejuvenescerem-se.

Essas idéias de regeneração e de melhoramento pessoal, aquela impiedade para com o século XVIII — quem acreditaria! — entraram na casa através das cabeças de minhas duas irmãs maiores. Mal se sentiram chegadas à idade em que a mulher sente que sua existência está vinculada à sociedade, que tem por objetivo e fim essa existência, começaram a aspirar as partículas de idéias novas, de beleza, de gosto, de conforto, que levava até elas a atmosfera que a revolução sacudira e renovara. As paredes do aposento comum foram asseadas e embranquecidas de novo, coisa a que não havia razão de se opor qualquer resistência. Ao encontro disso veio a mania de destruir a tarima que ocupava todo um canto da sala, com sua *chuse* [17] e seus coxins, divã que, como disse antes, nos veio dos árabes, lugar privilegiado em que só às mulheres era permitido sentar-se e em cujo espaçoso âmbito, reclinadas sobre almofadões (palavra árabe), tratavam visitas e donas de casa, aquela buliçosa charla que fazia delas um alfobre falante. Por que se consentiu em deixar desaparecer a tarima, aquele poético costume oriental, tão cômoda na maneira de se sentar, tão adequada ao repouso feminil, para substituírem-na as cadeiras em que uma a uma e em fileiras, como soldados em formação, o olho passa em revista nossas salas modernas? Porém aquela tarima revelava que os homens não podiam aproximar-se publicamente das jovens, conversar livremente e misturar-se com elas, como o autorizam nossos novos costumes, e foi sem incoveniente repudiado pelas mesmas que o haviam aceitado como um privilégio seu. A tarima cedeu, pois, seu lugar na casa às cadeiras, não obstante a débil resistên-

[17] Palavra quíchua que significa *alfombra*. (N. do A.)

cia de minha mãe, que gostava de sentar-se num extremo para tomar mate pelas manhãs, com seu braseiro e chaleira de água postos em frente no banquinho, ou para trançar suas madeixas, ou mesmo para encher suas canelas de noite para tecer no dia seguinte. Não podendo habituar-se a trabalhar sentada muito no baixo, teve de adotar o uso de uma alfombra, para suprir a irremediável falta da tarima, de que se lamentou longos anos.

O espírito de inovação de minhas irmãs atacou em seguida objetos sagrados. Protesto que eu não tive parte nesse sacrilégio que elas cometiam, as pobrezinhas, obedecendo ao espírito da época. Aqueles dois santos, tão grandes, tão velhos, São Domingos, São Vicente Ferrer, afeavam decididamente a parede. Se minha mãe consentisse em que os retirassem e fossem postos num dormitório, a casinha tomava um novo aspecto de modernidade e de elegância refinada, porque era sob a sedutora forma do bom gosto que se introduzia em casa a impiedade iconoclasta para com o século XVIII. Ah, quantos estragos aquele erro fez no seio da América espanhola! As colônias americanas foram estabelecidas na época em que as belas-artes espanholas expunham com orgulho à Europa os pincéis de Murillo, Velásquez, Zurbarán, a par das espadas do duque de Alba, do Grande Capitão e de Cortés. A possessão de Flandres acrescentava aos seus produtos os da gravura flamenga, que desenhava em toscos esboços e com cruas cores as cenas religiosas que constituíam o fundo da poesia nacional. Murillo, em seus primeiros anos, fazia obras de virgens e santos para exportar para a América; os pintores subalternos enviavam vidas de santos para conventos, a paixão de Jesus Cristo, em imensas galerias de quadros, e a gravura flamenga, como hoje a litografia francesa, punham, ao alcance das fortunas moderadas, quadros do filho pródigo, virgens e santos, tão variados quanto os tipos que o almanaque pode fornecer. Dessas imagens estavam forradas as paredes dos aposentos de nossos pais, e não poucas vezes, entre tanto mamarracho, o olho exercitado do artista podia descobrir alguma pintura sobre linho de mãos de mestre. Porém a revolução vinha-se assanhando contra os emblemas religiosos. Ignorante e cega em suas antipatias, havia-se aborrecido com a pintura, que sabia a Espanha, a colônia, a coisa antiga e inconciliável com as boas idéias. Famílias devotíssimas escondiam seus quadros de santos, paar não dar mostras de mau gosto em conservá-los, e houve em San Juan e em outras partes quem, empapando-os, fez seus linhos mal despintados servirem como calções para os escravos. Quantos tesouros de arte devem ter-se perdio nessas estúpidas profanações de que foi cúmplice a América inteira, porque houve um ano ou uma época pelo menos, em que, por toda parte, começou simultaneamente

o despojamento fatal daquela vegetação viçosa da passada glória artística da Espanha!

Os viajantes europeus que percorreram a América, de vinte anos para cá, resgataram, por preços ínfimos, obras inestimáveis dos melhores mestres, que encontravam entre trastes, cobertas de pó e teias de aranha; e quando o momento da ressurreição das artes chegou na América, quando a venda chamou a atenção, as igrejas, os nascentes museus e os raros aficionados, encontraram, de quando em quando, algum quadro de Murillo para expor à contemplação, pedindo-lhes perdão pelas injustiças de que foram vítimas, reabilitados já no conceito público e restabelecidos no alto posto que lhes correspondia. Não de outra maneira e pelas mesmas causas, uma geração próxima venerará o nome dos unitários em nossa pátria, vilipendiado hoje por uma política estúpida, e aceitado o vilipêndio por um desses erros vertiginosos que se apoderam dos povos. Porém quantos dos quadros daquela escola culta terão já desaparecido, e quão poucos, degradados pelas injúrias do tempo, merecerão as honras da apoteose, na ressurreição do bom senso e da justiça que lhes são devidos.

O melhor estudo que fiz das belas-artes durante minha viagem à Europa, aquele curso prático de um ano consecutivo, passando em resenha cem museus sucessivamente, sugeriu-me a idéia de escrever a Procesa, o artista capaz de traduzir meu pensamento, para que, tomando as precauções imagináveis a fim de que não transluzisse o objetivo, recolhesse pouco a pouco os quadros dispersos e formasse a base de um museu de pintura. Vão empenho! Nem bem manifestou interessar-se por algum quadro, quando os que os tinham abandonados em algum aposento obscuro acharam-nos interessantes, exatamente como o lavrador que não pôde desfazer-se de seus trigos, mas se lhe fazem propostas de compra, sobe o preço, suspeitando que o trigo vale, posto que o procuram. Trigo e quadros permanecem no celeiro.

Na capela da Concepção havia seis quadros de santos bispos, de bom pincel, que foram não há muito devorados pelas chamas. Na Desamparados, há uma virgem de pintura e vestes da Idade Média. Na São Clemente, existia um grande depósito de quadros sobre vários assuntos, entre os quais destacava-se um Jesus no Horto, antes da ressurreição. Procesa limpou-o, restaurou-o e, depois de envernizá-lo a expensas suas, a galantaria do doador achou-o digno adorno para a sua casa, e o reclamou. As senhoras Morales têm uma Madalena enviada de Roma pelo jesuíta Morales. Em casa dos Oro, há um São José de boa escola italiana; na casa dos Cortínez, um magnífico São João. Em matéria de retratos há pouquíssimos, porém seletos: o retrato romano do jesuíta

Godoy, companheiro do padre Morales; o de San Martín, feio mamarracho, não tanto como o que se conserva no museu de Lima, porém digno de memória por ser tomado do original; os retratos dos papas Leão XII e Gregório XVI, ambos obra do pincel de um pintor napolitano de bastante mérito; o de Pio IX, de mão inábil e que não pude evitar em Roma fosse enviado a San Juan; e os dos bispos Oro e Sarmiento, o primeiro de Graz e o segundo de Procesa.

Sobretudo o primeiro, e ainda outros quadros mais que omito, eu dava de Roma à minha irmã detalhes de posição e de assunto. Sobre os retratos de papas e bispos, sugeria ao meu tio bispo a boa idéia de formar uma galeria de papas, contemporâneos do bispado, e dos bispos de San Juan. Poucos anos teriam bastado para enriquecê-la com muitas personagens. Há em San Juan todavia algo que mereceria ser examinado. Um Michelangelo americano, se a comparação fosse permitida, deixou ali numerosas obras da universalidade de seu talento. Escultor, arquiteto, pintor, em toda parte pôs sua mão. *São Pedro o Pontífice*, a *Nossa Senhora do Rosário do Altar*, como a *Virgem Puríssima* do Sacrário e a *Visitação de Santa Isabel*, são dignas obras do cinzel ou da paleta que sucessivamente manejava; um altar de Santo Agostinho, vários da catedral, não sei se o maior, que é obra de gosto, é verdade, constituem as obras de Cabrera, saltenho, companheiro de Laval, Grande e outros naturais daquela cidade, artistas e ebanistas, não obstante sua excelente educação. O bispo de San Juan pode, contudo, reunir numa galeria todas aquelas obras de arte, cujo mérito principal estaria em formar uma coleção e fomentar a nascente arte da pintura que conta, entre aficionados, dois retratistas, Franklin Rawson e Procesa. Uma virgem do primeiro, para substituir a de Cabrera muito estropiada, e um Belisario da segunda, pedindo esmola, vítima dos zelos de um tirano, poderiam com o tempo serem acrescentados como experiências. Porém o mau espírito que reina ali, como em todas as partes, deixará expostos aos dentes dos ratos e às injúrias do tempo aqueles pobres restos do antigo gosto pela pintura que fez parte da nacionalidade espanhola e que nós temos repudiado por ignorância, e à maneira de maus espanhóis, como o são os que na Península se deixaram despojar de um de seus mais claros títulos de glória.

A luta se travou, pois, em casa entre minha pobre mãe, que amava seus dois santos dominicanos como a membros da família, e minhas irmãs jovens, que não compreendiam a santa origem dessas afeições e queriam sacrificar os lares da casa ao bom parecer e às preocupações da época. Todos os dias, a cada hora, com todo pretexto, o debate se renovava; algum olhar de ameaça ia aos santos, como se quisessem dizer-lhes que deviam ser postos para fora; enquanto que minha mãe, contemplando-os com ternura, exclamava: 'Pobres santos! que mal lhes fazem onde a ninguém incomodam.' Porém nesse contínuo embate os ouvidos se habituavam ao reproche, a resistência era mais débil a cada dia; porque, bem vista a coisa, como objetos de religião, não era indispensável que estivessem na sala, sendo muito mais adequado lugar de veneração o dormitório, próximo à cama, para encomendarem-se a eles; como legado de família, militavam as mesmas razões; como adorno, eram de péssimo gosto; e, de uma concessão a outra, o espírito de minha mãe foi-se abrandando pouco a pouco, e quando minhas irmãs creram que a resistência se prolongava não mais que por não darem seu braço a torcer, uma manhã, tendo o guardião daquela fortaleza ido à missa ou a uma diligência, ao voltar, seus olhos ficaram espantados ao ver completamente limpas as paredes onde havia deixado pouco antes dois grandes emplastros negros. Meus santos estavam já alojados no dormitório, e, a julgar pelas suas caras, não lhes havia causado qualquer impressão a afronta. Minha mãe ajoelhou-se chorando em presença deles, para pedir perdão com suas orações, permaneceu de mau humor e queixosa durante todo o dia, triste no seguinte, mais resignada no outro dia, até que ao fim o tempo e o hábito trouxeram o bálsamo que nos torna toleráveis as maiores desgraças.

Essa singular vitória deu novos brios ao espírito de reforma; e depois da tarima e dos santos, as olhadas caíram em má hora sobre aquela figueira vivendo no meio do pátio, descolorida e nodosa pela força da sequidão e dos anos. Vista por este lado a questão, a figueira estava perdida no conceito público; pecava contra todas as regras do decoro e da decência; mas, para minha mãe, era uma questão econômica, ao mesmo tempo que afetava seu coração profundamente. Ah! Se a prudência de meu coração houvesse podido antecipar-se em sua ajuda, como o egoísmo me fazia ou neutro ou inclinar-me debilmente em seu favor, por consideração às bêberas temporãs! Queriam separá-la daquela sua companheira no alvorecer da vida e na primeira experiência de suas forças. A idade madura nos associa a todos os objetos que nos rodeiam; o lar doméstico se anima e vivifica; uma árvore que vimos nascer, crescer e chegar à idade provecta, é um ser dotado de vida, que adquiriu direitos à existência, que lê em nossos corações, que nos acusa de ingratos e deixaria um remorso na consciência se o sacrificássemos sem motivo legítimo. A sentença da velha figueira foi discutida durante dois anos; e quando seu defensor, cansado da eterna luta, a abandonava à sua sorte, ao se aprestarem os preparativos da execução, os sentimentos comprimidos no coração de minha mãe estalavam com nova força

e se negava obstinadamente a permitir o desaparecimento daquele testemunho e daquela companheira de seus trabalhos. Um dia, contudo, quando as revocações da permissão dada haviam perdido todo o prestígio, ouviu-se o golpe mortal do machado no tronco anoso da árvore e o tremor das folhas sacudidas pelo choque, como os gemidos lastimosos da vítima. Foi um momento tristíssimo, uma cena de duelo e de arrependimento. Os golpes do machado figueiricida sacudiram também o coração de minha mãe, as lágrimas assomaram aos seus olhos, como a seiva da árvore que se derramava pela ferida e seus prantos responderam ao estremecimento das folhas; cada novo golpe trazia um novo estalido de dor, e minhas irmãs e eu, arrependidos de haver causado pena tão sentida, desfizemo-nos em pranto, única reparação possível pelo dano começado. Ordenou-se a suspensão da obra de destruição, enquanto a família se preparava para sair à rua e fazer cessarem aquelas dolorosas repercussões de golpe do machado no coração de minha mãe. Duas horas depois a figueira jazia por terra expondo sua copa esbranquiçada, à medida que as folhas, murchando, deixavam ver a amazona nodosa daquela estrutura que por tantos anos prestara sua parte de proteção à família!

Após essas grandes reformas, a nossa humilde habitação foi lenta e pobremente se ampliando. Tocou a mim a feliz sorte de introduzir uma reforma substancial. Aos pés de nosso solarzinho, estava um terreno espaçoso que meu pai comprara num momento de fartura. À idade de dezesseis anos, eu era empregado de uma pequena casa de comércio. Meu primeiro plano de operações e minhas primeiras economias tiveram por objetivo cercar de muros aquele terreno para torná-lo produtivo. Essa agregação de espaço pôs a família a coberto da indigência, sem fazê-la ultrapassar os limites da pobreza. Minha mãe teve à sua disposição cenário digno de sua alta ciência agrícola; à figueira sacrificada acrescentaram-se em sua afeição cem arvorezinhas que seu olho maternal animava em seu crescimento; mais horas de dia houveram de ser consagradas à criação daquele viveiro, daquela vinha de que ia depender doravante grande parte da subsistência da família.

Quando terminei essa obra, pude dizer, para regozijo meu, que produzi um bem: *et vidi quod esset bonum*, e aplaudir a mim mesmo." [18]

A fronteira

Invasões de índios

A parte do comandante Murga e as declarações dos prisioneiros

(*El Nacional*, 23 de julho de 1855.)

[18] *Recuerdos de provincia*, p. 138-51.

"O comandante Murga, em Bahía Blanca, repetia vinte dias depois a mesma operação militar que o coronel Mitre pusera em prática em Tapalquén contra os índios, com igual resultado feliz, e anunciando-o também com as mesmas palavras. Lá e aqui forças cristãs infinitamente inferiores às dos índios, não contentes em esperá-los, saíram à sua procura, oferecendo-lhes combate, matando um grande número deles, provando-lhes que trinta homens a pé e armados convenientemente valem mais que todas as hordas dos bárbaros juntas. A ciência militar, pois, é aqui, como em toda parte, uma ciência e é digna de riso qualquer pretensão de certos cabecilhas de possuírem certa capacidade para combater os índios, que em vinte anos de espoliações aqui, em San Luis, em Córdoba, não provaram senão que os índios e eles são os mais encarniçados inimigos do gado que fingem defender.

Os índios são as potências estrangeiras com que temos que combater, e como Guizot e seus sequazes, armaram meio milhão de homens, sob a aparência de *paz armada*, a pretexto de estarem em atitude de rechaçar a guerra, mas na realidade para dominarem as resistências às suas solapadas arbitrariedades, como entre nós os índios que motivam a criação de exércitos, dão mais cedo ou mais tarde seu fruto, sempre em favor dos caudilhos.

Hoje apresenta-se uma nova questão em matéria de índios. A indústria e o comércio chileno exploram esse ramo; e sabe-se de companhias de comércio no Río IV para comprar dos índios fazendas roubadas em Buenos Aires. Compra-se no Chile a trinta e cinco duros cabeça de gado de quatro arrobas de carne, e o comércio de Mendoza e San Juan provê cinqüenta mil cabeças para o consumo daquela praça. Em Nacimiento, povoado da província de Arauco, há casas de comércio estabelecidas para comprar gado dos índios, e fábricas de esporas de prata para a troca. Esse gado é comprado a dez e quatorze pesos, pelo que o comércio chileno explorará a diferença de preços. Não dizemos que o Governo do Chile favoreça esse negócio de gado que vai manchado de sangue cristão, porém sim diremos que o comércio dele tirará proveito e a partir daí estimulará os bárbaros.

Eis o que diremos ao Governo do Chile. Os povos cristãos ou bárbaros decaem ou se desenvolvem em proporção aos meios de vida que possuem. Os araucanos decuplicarão sua população, desde que tenham um grande artigo de exportação como é o gado; e o comércio pode provê-los de armas, de recursos e mesmo de militares para melhorar a indústria por meio da qual se obtém o produto, que é a guerra. Porém, o Chile, que é o vizinho desses selvagens, sofrerá as conseqüências daquele crescimento de população, de riqueza e de espírito de agressão e de roubo,

e pagará caro, caríssimo, os proveitosos contingentes de hoje. Mesmo no estado de submissão em que se encontram hoje os araucanos em relação ao Chile, seu estabelecimento militar custa a esse país um milhão e meio de duros anualmente; o que soma quarenta milhões de duros que o Chile malbaratou em trinta anos, para precaver-se contra o único inimigo que pode ameaçá-lo, e lhe custará mais ainda conter suas incursões.

Aos fazendeiros de Buenos Aires, por sua vez, diremos: existe em Buenos Aires uma indústria que cria moscas, que são as charqueadas; existe outra que cria índios, que é o gado. Que remédio para eliminar as moscas? O asseio. Que remédio para extinguir os índios? A povoação dos nossos campos, pois matar os índios é o mesmo que pretender matar as moscas. Quando a Espanha começou a transportar a prata e o ouro das minas da América em seus galeões, essa prata tão facilmente adquirida e não guardada pelo comércio e pela população suscitou um enxame de moscas atraídas pelo mel, de piratas, de flibusteiros de todos os países do mundo, que se reuniram nas Antilhas, e de maneiras diferentes desfrutaram dos tesouros, arrasaram povos, queimaram cidades e mantiveram dentro dos justos limites o poder naval da Espanha, então formidável, até que a povoação e o comércio espantaram as moscas, os piratas, os flibusteiros.

Toda a indústria guarda a si mesma. O comerciante tem um cofre de ferro para o seu dinheiro, não expõe sua mercadoria à vista, senão entre fortes paredes, e não a deixa senão sob dupla fechadura. Porém há uma indústria, como é a do gado, que consiste em tomar um território como um Estado soberano da Itália ou da Alemanha, e em lugar de rei pôr um capataz, e em lugar de povoação, uns quantos milhares de cabeças de gado. Nem cerca, nem curral, nem edifícios, nem seres humanos sequer entram como capital de fábrica, como obra morta dessa indústria. São onças de ouro derramadas num campo; mas onças de ouro visíveis a uma légua, e que caminham para onde as dirigirem. Uma hora de tempo e vinte ginetes bastam para reunir essas onças de ouro, e poucos dias para transportá-las a um mercado. Que haja um exército formidável, dizem, para impedir que sejam levadas as onças que temos espalhadas no campo! Provisoriamente, talvez; mas se tornais uma obrigação de existência para o país a permanência de exércitos, estes virão mais tarde pedir-vos as onças que tendes no bolso também. Rosas, em 1831, sabia disso por instinto. Não podendo coagir a população de Buenos Aires, então mudou de forma, e propôs aos índios irem assegurar a fronteira numa grande expedição. A fronteira foi interinamente

assegurada, e Buenos Aires permaneceu por mais de vinte anos atada de pés e mãos ao carro do Herói do Deserto.

Que faremos então? O que disse o ministro da Guerra: criai interesses que se defendam a si mesmos. O gado e o deserto não se defendem. Defende-o o homem, a povoação, a propriedade, a família. Quatorze bascos reunidos numa açotéia nos arredores de Rojas puderam mais que as tropas ali acantonadas. Índios quer dizer gado; o gado é uma indústria que ocupa terra e exclui povoação.

Estudemos as leis que presidem à repartição da terra baldia e a arte de povoá-la rapidamente, e então curaremos males que são conseqüência indispensável de erros econômicos, que farão mal enquanto existirem. A imigração é um desejo vão, ou fonte de dificuldades quando a previsão do legislador nada tem feito para preparar-lhe o terreno; porque a imigração, como o gado, requer terra, seguranças presentes e futuras.

Como é nossa intenção examinar todas essas questões, que são a base de toda intranqüilidade e de toda prosperidade, indicaremos aos senhores juízes de paz, cartulários e funcionários públicos a coleta de dados certos que podem ser muito ilustrativos. O Departamento Topográfico deveria publicar e litografar um mapa topográfico da província de Buenos Aires, com indicação em cores das terras de propriedade pública, as dadas em enfiteuse, as de particulares com títulos e as que não o têm.

Seria um fato muito ilustrativo ver em cores o número de léguas quadradas que passaram pelo confisco, pois este é um dado de economia política que serve para ilustrar essas questões. As autoridades do campo deveriam tomar conta da quantidade de cabeças de gado que são atribuídas aos habitantes como contribuição *de auxílios* para os exércitos. Sabemos de pessoa que dava cento e quarenta por mês. O Governo deveria pedir ao general Hornos, estacionado no Sul, para que faça constar o número de cabeças de gado que os índios levaram nas recentes invasões do Sul e do Norte. Os proprietários despojados pelos bárbaros de dentro ou de fora deveriam mandar ao Departamento de Estatística declarações assinadas dos gados perdidos de um ou outro modo.

Há um mistério singular nessas coisas tão vitais que convém reduzir a ações práticas, a verdades conhecidas de todos. Quantas vacas os índios levaram em 1852? Quantas em 53, em 55? Destas últimas dizem alguns que foram 200 000, outros que foram só 30 000. É possível que se ignore a verdade em assunto tão capital? Existe casa de comércio em Buenos Aires que ignore a quanto sobem suas perdas num incêndio, num

naufrágio ou numa bancarrota? Por que o Estado ignora o que perde, já que é tão pouco o que ganha diretamente?"

A questão de fronteira

(*El Nacional*, 18 de setembro de 1855.)

Grande ansiedade causaram até ontem as confusas notícias que se tinham do assalto realizado pelos índios na estância de San Antonio de Iraola; e espera-se continuamente saber o resultado do movimento das tropas da fronteira que se movimentaram em sua busca.

Nada podemos adiantar nem sobre a magnitude, nem sobre os resultados do avanço que os bárbaros fizeram. Porém estando em vésperas de se realizar a campanha que vai ser empreendida para assegurar definitivamente a fronteira, esse incidente pode servir, quão molesto é aos que sofrem diretamente suas conseqüências, de estímulo para despertar toda a energia do país e assegurar o resultado da expedição. Nossos países têm a deplorável propensão para repousar tranqüilos nas épocas de paz, e não caminhar senão sob o aguilhão do perigo iminente. É assim que, quando se pedem rendas, auxílios, recursos, encontram-se empecilhos, dilações e obstáculos que fazem malograr o tempo precioso que deveria ser empregado para preparar com método os elementos que mais tarde seriam necessários para assegurar os resultados. Chegado, contudo, o momento da ação, cada um traz seu contingente de idéias, de crítica e de novos embaraços, nascidos então da excitação dos ânimos, dos confusos rumores, e das versões que dão os diversos interesses tanto políticos como particulares.

Afortunadamente agora, o momento da ação chegou, e essa excitação pública causada pela recente incursão dos índios num local do campo na véspera de principiarem as operações do exército, longe de danificar, serve ao objetivo de estimular os zelos dos fazendeiros e reunir em torno do Governo, que é a mola que movimentará a grande máquina, elementos, conselhos e cooperação. Interessa a todos que a fronteira seja assegurada definitivamente e a todos toca emprestar a parte de ação que lhes cabe no esforço que deve ser comum.

Cada vez que há um motivo de alarma, por pequeno que seja, vemos levantar-se o espírito de crítica e de recriminação sobre atos passados e sobre pessoas, enquanto que o que a todos convém e interessa é agir em comum acordo para precaver males futuros. Desgraçadamente não se combatem os índios com palavras, senão com dinheiro, soldados, cavalos e armas. Sobre este assunto, pois, as discussões são inúteis e as

da imprensa, seguindo as emoções do público, estimulando-as, agitando-as, não fariam mais que acrescentar uma gravidade fictícia à que inevitavelmente têm as coisas, desmoralizando o mesmo elemento de onde sairá o remédio. Nas questões de partido, nos momentos de luta entre cristãos, para usar a linguagem de fronteira, a imprensa pode exercer uma poderosa influência reanimando o espírito público, desembuçando os enganos e desbaratando as intrigas. Não acontece o mesmo quando se trata de assuntos de fronteira, que, quando chamam a atenção aqui, é por sucessos que tiveram lugar lá, e nos quais nem antes nem depois pode a opinião exercer influência alguma. Debates dessa espécie, sobre acontecimentos incertos, sobre conjeturas que não têm por base senão o possível, surtem o efeito das notícias sobre a cólera, que a imprensa mundial conveio em não transmitir, ou em atenuar ou dissipar quando o mal aumenta. A razão é simples, sendo que à ação de forças brutas, cegas, nada pode opor a opinião, nem a nada de útil conduz a excitação pública. A opinião em matéria de índios são os exércitos no Sul e a comissão de fazendeiros ao lado do Governo, para organizar elementos de ação e prestar cooperação com suas luzes práticas na matéria especial de que se trata, e para pôr o seu interesse ao lado do interesse da sociedade, que neste caso é o mesmo.

A imprensa, quando se transforma em órgão das emoções do público a esse respeito, deve ser mais circunspecta quanto mais sendo ela o reflexo do país a distância, e, permanecendo seus assertos manifestos mesmo após ter passado a momentânea excitação, leva o alarma para longe, para excitar de um lado interesses hostis à tranqüilidade e para retrair os que acudiriam tão logo para assegurá-la. As questões de fronteira ligam-se imediatamente com a imigração, e a imprensa, registrando quanto rumor se corre, real ou falso relativamente a ela, não faz mais que levar à Europa a idéia exagerada dos inconvenientes a que estão sujeitos estes países, pois o europeu ignora onde é o Azul ou Tapalquén, não enxergando senão o Rio da Prata em tudo o que à distância ouve sobre bárbaros, aos quais reveste das espantáveis e aterradoras cores de seres dos quais não tem senão idéias fantásticas, e a imigração é o elemento antípoda dos índios. Diminuir a emigração pelo gosto de deixar consignado nos jornais quanto rumor nos agita, quanta vaca foi roubada, é aumentar o número dos índios e prolongar por anos e anos essa luta de fronteira por que passaram todos os países da América e que não terminou senão com o aumento da povoação.

Esses países gemem sob um açoite que lhes é orgânico e peculiar, e gemerão por longo tempo se não se voltarem sobre seus passos e estudarem tranqüilamente um novo sistema de ligar ao solo o gado, que

forma a base atual de sua indústria. No Peru e Bolívia os espanhóis encontraram índios abjetos e domesticados pelos incas; no Chile, embora mais indômitos que os nossos araucanos, a natureza deu à população cristã um baluarte no rio Bío-Bío para se entrincheirarem. Isto é tão certo que o governo espanhol abandonou as cidades de Villa Rica e a Imperial, cujas pias de bronze decoram ainda suas praças, por estarem do outro lado da fronteira que forma aquele rio navegável, que não foi várias vezes obstáculo para que os bárbaros incendiassem Concepción; e não obstante os araucanos reconheçam a soberania do Chile sobre o território onde estiveram a Imperial e Villa Rica, o Governo pátrio daquele país não tratou até hoje de ocupá-lo, embora tenha portos navegáveis. Há mais, e é que durante quinze anos absteve-se de invadir o território índio por temor de criar exércitos que tragam novamente dificuldades.

Nós não temos dos Andes ao Atlântico essas barreiras naturais, e, sendo a única arma do bárbaro a astúcia e sua tática a surpresa, temos que realizar o prodígio de guardar quatrocentas léguas de país aberto, em que graças às oscilações do terreno passam dois exércitos sem que um veja o outro, como presenciamos três vezes em quinze dias entre os cristãos.

Esse problema vai ser resolvido com a expedição que se prepara ao sul para buscar compensações à carência absoluta de rios e de montanhas, que são barreiras naturais, porém devemos desde agora ir pensando — e esta é a iniciativa que corresponde à imprensa — nos meios de limitar cada vez mais a necessidade de exércitos, impondo à população dos campos a única barreira que é duradoura, e que é o homem e os interesses que cria em torno de si. Se de três anos para cá houvessem sido consideradas as cem propostas que foram feitas de trazer emigrantes da Alemanha ou de outros pontos, já teríamos colocado uma população numerosa nesses pontos avançados; e essa população saberia estabelecer uma boa ordem na fronteira, da mesma forma como o fez nos Estados Unidos, onde não são os cristãos os que correm perigo, mas os índios, que recebem do Governo a proteção de que necessitam contra aqueles.

A parte do comandante das forças do Sul

(*El Nacional*, 26 de setembro de 1855.)

A impressão que produziu a publicação da parte oficial do coronel Mitre foi solene e triste, como a que deveu produzir na Europa a do assalto da torre de Malakoff, em que tantos milhares de vítimas foram

inutilmente sacrificadas. Uma divisão militar, cento e trinta cristãos e parentes, nove oficiais distinguidos, muitos deles companheiros de armas ou de padecimentos, foram exterminados até o último pelos bárbaros. Nenhuma atenuação do desastre usa a linguagem simples e lacônica da nota militar e quase telegráfica.

Cerremos o coração a todo sentimento humano, para não apreciar esses fatos senão sob a luz da política. A comissão investigadora já tem a peça convincente em suas mãos.

Já antes pôde proceder em virtude de rumores, de alarmes, embora seja pouco decoroso para os recrutados pais da Pátria, para os anciãos (*senatus*), cederam à emoção, como o faria o vulgo ante o anúncio de um desastre.

O material de processo está já em suas mãos. Cento e cinqüenta homens desapareceram, uma divisão foi exterminada. Vejamos agora as responsabilidades. Quem teve a culpa?

Duas notas recebe o general-em-chefe da fronteira no dia 8, em que lhe comunicam que os índios invadiram San Antonio. Uma força sai em proteção de um destacamento situado naquele lugar, e no dia 11 o chefe dessa força anuncia que os índios se retiraram. Essa força puramente de observação devia avisar o que ocorresse, pois o exército não tinha de mover-se em massa, senão em caso de se acharem confirmadas as primeiras notícias. O comandante Otamendi avisa que não há índios. O que até aqui importa para os objetivos da comissão investigadora é saber se o exército estava pronto para a ação. O desastre da divisão exploradora é isolado, é o efeito das mil peripécias da guerra, e para aquele que sucumbe não há direito nem justiça em perguntar-lhe por que sucumbiu. No dia 13 o exército esteve em movimento em virtude de novos avisos dos Juízes de Paz, em busca do inimigo, ao qual em diversas marchas e contramarchas não pôde encontrar.

Onde está a causa do mal? Nós a explicaremos a nosso modo, porque também temos nosso sistema militar de fronteira, que sem dúvida não se parece com aqueles que a comissão investigadora pode formar. Se se toma a fronteira de Buenos Aires desde o distrito de Flores ao Norte, até Tapalquén, ou mesmo Bahía Blanca ao Sul, pode-se ver como que a circunferência de um círculo de quatrocentas ou quinhentas léguas, cujo centro os índios ocupam. Ora, se os índios são dois mil homens e a força militar a mesma, Buenos Aires necessita em cada cinqüenta léguas de um exército de dois mil homens para cobrir a fronteira de todo ataque sério; pois aqueles dois mil bárbaros têm por deliberação cair sobre quaisquer dos pontos, antes que a distância por percorrer permita que um exército se translade de um ponto a outro, dado o tempo

para receber o aviso da invasão, embora saiba que ela exista premeditada. Nos países povoados, os exércitos avançam por estradas e por entre habitantes que denunciam a direção que as forças tomam. Nas nossas não há nem estradas nem testemunhos da marcha cautelosa dos bárbaros, cuja estratégia em todo o continente se resume a mover-se sem serem observados. O fato que nos ocupa vem em confirmação dessa verdade. Os índios invadiram numa direção suficientemente distante do ponto que o exército ocupa, e trinta léguas andadas em quarenta horas não serviram para tomar a pista daquele bando de lobos que fugiam com sua presa.

O que a comissão investigadora opõe a isso? Que tipo de força necessita conhecer para saber por que o sacrificado Otamendi não abandonou suas posições às doze da noite em que teve notícia da proximidade dos índios, ou o comandante do exército não deu com eles em trinta léguas de país que cruzou?

Agora vem nossa teoria. Não se retirou o primeiro porque, não havendo habitantes, não tinha à noite os meios de estimar a força real do inimigo, e a honra militar torna muito duras essas retiradas de precaução entre um inimigo que pode ser de força inferior; não deu com eles o outro, porque em país despovoado de habitantes, de árvores, aberto como a palma da mão, sem estradas, sem obstáculos, a menor variação nos rumos basta para que dois corpos não se encontrem jamais.

Agora vamos ver os estímulos que desenvolvem hoje a audácia dos bárbaros, e encontraremos nova matéria para a consideração da comissão investigadora. Durante vinte anos a população cristã esteve submetida aos selvagens, e estes foram educados para a guerra por nosso próprio governo e habituados ao desprezo dos cristãos. Em 1852 a liberdade [19] custou-nos uma invasão dos bárbaros e o incentivo à sua cobiça; o cerco nos custou outra incursão impunemente e novos estudos adquiridos; em 1855 os nossos partidos nos concitavam a recuperar seu antigo ofício de guardas pretorianos dos cristãos e já se recordam os resultados. Porém esses acontecimentos muito graves em si adquirem maior gravidade atendidas outras circunstâncias. Durante esses vinte anos que os índios nos guardaram aqui, Mendoza, San Luis, Córdoba, Santa Fé foram despovoadas pelos bárbaros, e essa despovoação de gado sentimo-la nós agora, acumulando-se sobre o território unicamente povoado de gado todas as invasões que deveriam ser repartidas numa linha de fronteiras até os Andes, de mais de quinhentas léguas.

Então o gado roubado era para prover à subsistência das hordas de selvagens; mas pela mesma razão que nos interessa hoje guardá-lo,

[19] Alusão à batalha de Caseros, que derrocou Juan Manuel de Rosas. (N. do Org.)

que é seu excessivo valor, os bárbaros têm duplo interesse em atacá-lo, pois encontram quem lhes pague dinheiro contado em outros mercados. A questão que se discute em Sebastopol influi nas determinações dos índios, como influi em nossa riqueza; a destruição impune do gado das províncias durante vinte anos pelos bárbaros e os caudilhos, a estamos pagando aqui e agora; pois é claro que se de San Luis a Tucumán houvesse milhões de cabeças de gado, não podendo exportá-las por esse litoral, proveriam o do Pacífico a preços que fariam pouco lucrativo o tráfico dos araucanos.

Tal é o caráter e a gravidade da questão dos índios. Toca ao Executivo medir os esforços à gravidade crescente do mal. Os bárbaros farão seu negócio a seu modo com nossos gados no mesmo que o fazem os charqueadistas com os que compram; e nós não paramos aí em nossas conjeturas, senão que vamos ainda mais longe. Supomos que, pelas mesmas causas e os mesmos estímulos, os bárbaros achem um mercado nas províncias. Supomos que por iguais motivos haja novos Pincheyra que entrem na especulação. Supomos mais, que barcos estrangeiros atraquem nas costas do Pacífico para carregar couros em lugar de guano.

Tudo isso e mais entra nos desenvolvimentos possíveis dessa gangrena. Deve-se, pois, formar um exército, equipar uma expedição formal para reter esses desenvolvimentos e garantir a fronteira. Esta é a incumbência do Executivo. A do Senado é outra, e mais alta ainda a dos estadistas da comissão que creram achar o remédio nos cochichos de ante-salas, em alvoroços de tribuna, ou em exames de papéis.

A questão para eles é buscar o meio de transformar o deserto em país povoado; a estância indefesa em povoações compactas; o gado selvagem em homem; o pampa aberto em propriedade cercada. Então se saberá por onde vêm os bárbaros e para onde se dirigem; então não se guarnecerão nossos valentes por detrás dos frágeis mourões de um curral. Um projeto de lei digno da comissão investigadora seria declarar revertido ao Estado todo território que seja despovoado pelos bárbaros, para ser repartido entre os colonos; e proibir a extensão da fronteira mais além dos limites possíveis da defesa. Seus olhares devem afastar-se da fronteira onde devem operar lanças e fuzis, para volvê-los à Europa em busca de homens, de braços, de sementes, de plantas e de população. O mais é preparar novos desastres, e talvez criar, além das dificuldades da fronteira, a desordem intestina, para que chegue um dia infausto em que tenhamos os selvagens no Salado, os restauradores em Barrancas, o motim nas ruas, a anarquia no Governo, a desmoralização e a ruína, o sangue e a desonra em toda parte." [20]

[20] *Obras completas*, t. XXVI, p. 285-96.

7. EDUCAR O POVO

A cultura do povo

O Diarismo [1]

(*El Nacional*, 15 e 29 de maio de 1841.)

"Se um daqueles grandes homens das antigas repúblicas grega e romana, se Demóstenes ou Cícero pudessem reaparecer sobre a Terra e lançar um olhar sobre estas sociedades modernas, sobre estas estranhas repúblicas e estas monarquias republicanas, em que não há praça pública para as arengas, nem povo ocioso que possa escutá-las; em que tudo é movível e transitório, idéias, instituições, formas, leis e opiniões; e em que uma miserável folha de papel impressa contém o pensamento do dia, o interesse do momento, e a alavanca poderosa, que abala a sociedade em seus alicerces faz tombarem os tronos e leva o mundo rapidamente para um porvir desconhecido; se eses homens raparecessem, dizemos, qual seria seu assombro ao verem as estranhas mudanças que o sistema social sofreu e os diversos móbiles que preparam, contrariam, ou dirigem os acontecimentos! O diário é para os povos modernos o que o foro era para os romanos. A imprensa substituiu a tribuna e o púlpito; a escritura, a palavra; e a oração que o orador ateniense acompanhava com a magia da gesticulação, para mover as paixões de alguns milhares de ouvintes, se pronuncia hoje ante milhares de povos que a vêem escrita, já que

[1] *Diarismo*: jornalismo diário. (N. do Org.)

devido às distâncias não podem escutá-la. Através do *diarismo* o gênio tem por pátria o mundo e por testemunhos a humanidade civilizada. Por meio do diarismo as grandes ações recebem palmas que as aplaudem em toda a Terra, e os delitos um signo de escândalo e reprovação que se levanta de todo lado; por meio do diarismo o segredo dos gabinetes é comunicado, não de ouvido em ouvido, mas de diário em diário, transmitindo-se aos extremos mais apartados do mundo; por meio do diarismo os povos mandam, a opinião se forma, e os governos a seguem mau grado seu. Como Lord Stanley, os jornais intimaram o poder com sua famosa ameaça:

> 'Nós vigiaremos cada um de vossos passos, cada uma de vossas medidas, cada uma de vossas faltas'.

Por meio do diarismo o mundo se identifica. As nações, como irmãs ausentes, comunicam suas prosperidades ou suas desgraças, para que sejam apreciadas ou sentidas por todos os seus membros; por meio do diarismo os indivíduos anunciam suas necessidades e chamam a quem pode satisfazê-las; por meio do diarismo o comércio se estende, as notícias e dados que às suas melhorias interessam se vulgarizam; e por meio do diarismo, enfim, o povo antes ignorante e privado de meios de cultura começa a se interessar pelos conhecimentos e gostar da leitura que os instrui e diverte, elevando todos ao gozo das vantagens sociais, e despertando talentos, gênios e indústrias que sem ele permaneceriam na obscuridade.

Os diários têm exercido uma influência poderosa na marcha da civilização e no movimento social que os povos modernos executam; e suas vantagens e o imenso desenvolvimento que dão à cultura, artes e comércio só podem ser comparados aos males que por outro lado causam, quando a efervescência das paixões, o rancor de partido e a irritação alimentam suas páginas.

As sociedades presentes personificaram-se no diário, e pode-se dizer que sua literatura, seus idiomas e sua eloqüência se ressentem da estreiteza das páginas do diário, de sua superficialidade e seu valor de circunstância. Na Antigüidade, a vida de um sábio bastava apenas para produzir um livro; hoje, algumas horas são suficientes para que *o artigo* chegue à imprensa, para corrigir os solecismos, os erros de ortografia e os descuidos nas provas.

A história do diário não vem de muito longe de nossa própria época, se bem pode-se dizer que seu domínio universal se estabeleceu recentemente, em nossos dias. A primeira *gazeta* conhecida é a de Ve-

neza, por volta de 1531, redigida pelo governo durante as grandes lutas daquela época. Em 1588, apareceu na Inglaterra o *Mercurio Inglés*, durante o ministério de Burleigh, quando a rainha Elisabeth se preparava para resistir à Grande Armada; e durante as grandes turbulências que precederam Cromwell em 1642, apareceu uma multidão de jornais adictos a diversos partidos, e cujos nomes eram tão extravagantes como estes: *El Jesuíta Azotado*, *La Lechuza Misteriosa*, *El Fumador Nocturno*, *El Pichón de Escocia*. No reinado de Ana apareceu o *Diário* e foi tomando dia a dia maior importância, à medida que as agitações políticas excitavam a curiosidade pública.

Em 1704, nas colônias inglesas que mais tarde se tornariam a pátria do diário, apareceu em Boston um impresso que tinha por título: *Cortas Noticias de Boston* [Breves Notícias de Boston], publicadas sob os auspícios de um chefe de correios chamado Campbell; porque o jornal da América do Norte nasceu nas casas de correios, nos estábulos das mulas, tornando esta circunstância de nascimento mais exato o nome de *messias* das novas sociedades que é atribuído hoje ao *diarismo*. *La Gaceta de Boston* [A Gazeta de Boston], em que se transformou essa publicação, continuada sem interrupção desde 1718 até nossos dias, e outros jornais criados sempre por mestres de postas, fundaram e radicaram o diarismo na América do Norte, até que em 1721 se publicou o jornal intitulado: *Noticias Corrientes de la Nueva Inglaterra* [Notícias Correntes da Nova Inglaterra], que gozou de uma grande popularidade; o ilustre Franklin, que mal se iniciava e ignorava ainda a si mesmo, tomou parte furtiva ou publicamente em sua redação. Este é o primeiro jornal que nas colônias inglesas atraiu a admoestação da autoridade real, devido ao espírito de liberdade que respiravam suas publicações, primeira manifestação da tendência revolucionária que a sociedade começava a assumir e que, robustecendo-se dia a dia, terminou na emancipação daquelas colônias.

Na França, em meados do século passado, existiam já *El Mercurio* e a *Gaceta de Francia*; jornais sem importância política e sem manifestação alguma do movimento social, que se fazia por outras vias, estando ainda o diarismo na infância, dirigido pelo governo e ocupado principalmente em discussões filosóficas, literárias ou científicas. Com a revolução o diarismo político tomou posição, anunciando, explicando e pondo ao alcance de todos as doutrinas filosóficas em que se apoiavam as diversas teorias que iam ser experimentadas para a formação do novo governo. Os Lamet, Barnave, e depois os Marat e Camile Desmoulins agitavam as paixões populares, até que o terror fez calar os projetistas e os furibundos; não reaparecendo o diarismo como uma verdadeira influência

até o Consulado, em que brilhou uns dias, para concluir extinguindo-se durante o Império. Com a Restauração e a Carta, o diarismo cobrou na França novos brios; e é desde então que se pode dizer que se erigiu num verdadeiro poder, que travou uma luta das mais porfiadas e terríveis com os Bourbon, aos quais no fim deitou por terra, nos gloriosos dias de julho. A imprensa jornalística brilhou na França desde essa época, com um esplendor jamais conhecido em outras partes. Não há gênio que não tenha provado sua louçania nas páginas de um diário, nem talento que nelas não se tenha anunciado, nem jovem que não lhe envie um artigo, nem imaginação que não lhe empreste seu brilhante colorido. Carrel, Mignet, Thiers, Benjamin Constant, Chateaubriand, Guizot, Villemain, Remusat, Duchatel, Salvandy, Dupin, e centenas de insignes políticos, historiadores, filósofos, sábios e literatos deram as primícias de seus talentos e de seu patriotismo à imprensa jornalística; e das salas de redação de um diário passaram aos bancos ministeriais ou aos liceus de ensino público. O diarismo reina hoje na França, embora comecem a ser percebidos alguns sinais de decadência, na corrupção a que se presta, devido à excessiva concorrência dos licitantes às vantagens sociais que ele reporta aos que, por seu intermédio, adquirem celebridade, antes que a fortuna, que não produz diretamente.

Muito avançadas a Europa e a América do Norte no uso dessa arma de civilização e progresso, mas as colônias espanholas, sem outro contato que o da pátria-mãe, mal tinham conhecimento dela, a não ser através da *Gaceta de Madrid*, que vinha de quando em quando. Sem imprensas, sem idéias, sem interesses para ventilar, sem direitos e em geral sem conhecimento deles, de que utilidade, ou de que interesse podiam ser as publicações jornalísticas, para umas populações que vegetavam na obscuridade mais vergonhosa, e na inanição de espírito, conseguintemente a um governo estranho aos interesses locais e que fazia da América do Sul um simples apêndice da monarquia espanhola? A primeira publicação jornalística que conhecemos na América foi a que com o título de *Estrella del Sud* se publicou em Montevidéu por volta de 1806, redigida por alguns emigrados de Buenos Aires. Após a invasão inglesa nas costas do Rio da Prata e do mau resultado que obteve graças ao valor que demonstraram os habitantes daquela cidade, despertou como que de sobressalto um espírito bem pronunciado de independência e liberdade. Haviam tateado suas próprias forças, cujo valor ignoravam até então, e o contato dos ingleses, o bom resultado da revolução norte-americana e as idéias novas que circulavam nos livros franceses fizeram com que alguns patriotas concebessem a idéia de organizar uma insur-

reição continental e, para este efeito, publicar aquele jornal para despertar o espírito público e arregimentar prosélitos.

A revolução do ano 10 foi introduzindo, à medida que as outras colônias sacudiam o jugo, imprensas nas capitais e jornais que expressassem as idéias dos homens que graças às suas luzes estavam na cabeça do movimento revolucionário. O primeiro jornal que abriu a carreira do diarismo entre nós foi o *Aurora de Chile*. A pena imortal de Camilo Henríquez alimentou suas páginas e os admiráveis conceitos desse escritor serviram a mais de uma pena posterior.

O diarismo de então devia, porém, necessariamente ressentir-se das idéias e necessidades da época. Improvisado para exaltar as paixões de uma sociedade meio morta pela sua anterior nulidade política, concitando o ódio contra nossos antigos dominadores e difundindo idéias que mais tendiam a destruir o passado do que a lançar os alicerces do novo edifício que seria levantado sobre suas ruínas, pois que esta última tarefa estava confiada à espada e aos campos de batalha, sua linguagem devia ser amarga, e a exaltada declamação do patriotismo, seu meio favorito. Havia, por outro lado, certa exageração utópica nos princípios que bebêramos das doutrinas francesas do século XVIII, que somente uma longa experiência podia retificar. As lutas de partido sucederam-se às lutas da independência, e entre as recriminações dos vencidos e os protestos dos vencedores, entre as queixas da oposição e as pretensões dos que exerciam o poder, o diarismo conservou até nós o caráter que manifestou desde os princípios.

Todos os governos americanos, quaisquer que por outro lado tenham sido as idéias dos que os compunham, tiveram que lutar com a imprensa, e se alguns manifestaram-se demasiado nobres e liberais para não intentar coarctá-la, tiveram ao fim que cair sob os golpes furibundos que as paixões dirigiram contra eles. Fato este que mereceria que nos ocupássemos um dia de examiná-lo com seriedade, a fim de encontrarmos remédios oportunos e livres de toda mira de partido, e no desejo de assegurar-nos as vantagens da imprensa. Ai das gerações, as primeiras das quais admitirem de improviso a liberdade de imprensa!, exclama um escritor contemporâneo, que crê, e crê porque é certo, que não pode haver liberdade civil sem absoluta liberdade de imprensa.

> 'A liberdade de escrever, assim como todas as demais, é tanto mais temível quanto nova, pois um povo que nunca ouviu ventilar em sua presença os negócios do Estado, dá crédito ao primeiro demagogo que se apresenta.'

Esta é ainda nossa posição, e continuará sendo-o por muito tempo.

Há dois fatos que merecem ser notados, e que servem para explicar alguns traços de nossos jornais. Primeiro, é que existem poucas, pouquíssimas pessoas com relação à população geral, que têm gosto e hábito de ler jornais. Segundo, é que só existem jornais quando, frente a uma crise social, é necessário despertar a apatia geral dos que com os seus sufrágios podem realizar uma mudança na marcha dos negócios públicos. A imprensa jornalística tem seus instintos peculiares que a tornam sempre impetuosa, ardente em seus reproches, e turbulenta em seus meios de ação; mas a esse traço geral reúne outros, aqui nascidos de circunstâncias que se ligam a nosso estado de civilização e de incúria. O jornal, improvisado com interesses acidentais, necessita irritar as paixões, sublevar temores e desconfianças e ainda ofender as pessoas que prejudicam seus interesses. Servindo um interesse político, os princípios mais sagrados são forçados a subscrever e apoiar os interesses de um partido ou de um candidato. A declaração mais exagerada e virulenta constitui o fundo desses escritos, e as palvras tirania e despotismo enchem cada matéria e formam o fundo de cada página, porque são necessários grandes estímulos para mover os ânimos indiferentes. Tristemente fecunda é a nossa História em fatos vituperáveis, dos quais os partidos se apoderam para aplicar a seus fins e excitar odiosidades.

Nunca ou muito transitoriamente vimos ser organizada uma oposição na imprensa, que em presença dos atos do governo fosse examinando-os sem rancor, sem paixão e sem declarações extremadas. Esse sistema de oposição que constitui o poder da imprensa jornalística ilustra os povos sem sublevá-los, e contém o poder sem amedrontá-lo e sem atrever-se a atacá-lo, porque não há nem se encontram, por mais que se busque, motivos ou pretextos legítimos para desembaraçar-se dele. Então que desculpa merecem aos olhos da razão aqueles que molham sua pena em fel e não só ameaçam a existência da ordem estabelecida, mas, através de suas declarações amargas, fazem diariamente temer aos que exercem o poder pela sua segurança e mesmo pela sua própria existência?

Tal é o caráter da maior parte dos escritos da época. Nossa imprensa jornalística percorreu no curto espaço de quatro meses todas as fases que pode apresentar seu espírito e tendências nos diversos períodos da civilização e da liberdade de um povo. Parece que, como uma semente caída em terreno fértil e sob um clima tórrido, desenvolveu-se com crescimento perceptível e elevou-se em pouco tempo a um amadurecimento muito temporão. As primeiras publicações que apareceram ressentiam-se de certa trivialidade grosseira, certo espírito amotinado e insultante, certa desvergonha de conceitos e linguagem que só poderiam

caracterizar uma época bárbara, de paixões soezes e de toda falta de razão e de princípios; porém fosse que o espírito nacional estivesse mais adiantado que esses miseráveis escritos, fosse que não houvesse fatos suficientemente chocantes para excitar a indignação pública, ou, enfim, que a grosseira exageração com que se exprobavam as pessoas, a moral ou a decência suscitasse uma reação do bom senso dos leitores, a verdade é que esse gênero de escritos malogrou muito cedo; e seus autores tiveram fama de torpes caluniadores aos olhos de todos os partidos e escaparam de uma desonrosa celebridade, tendo no final que confessarem-se incapazes de interessar nem as paixões nem a razão, nem os interesses de um público disposto favoravelmente para simpatizar com uma oposição ousada, porém racional; mordaz, mas sem indignidade nem indecência levada ao extremo, porque é de se notar que a *oposição* em toda parte, em qualquer forma de governo e qualquer que seja o partido que domina, tem um poderoso atrativo para o comum dos leitores. Há algo de ousado, de louvável, em atacar o poder material, manifestando-se tantos lampejos de patriotismo e decisão em encarar a admoestação dos que podem com tantos meios vingar-se, que o povo simpatiza facilmente com esses campeões que revelam o mal presente e oferecem remédios seguros e infalíveis. Todas as grandes reputações da imprensa jornalística se formam na oposição; os que se chamam ministeriais estão circunscritos na defesa, na arma fria do raciocínio e no esclarecimento dos fatos. A oposição, pelo contrário, ataca denodadamente, e quanto mais acalorada é a sua linguagem, quanto mais audazes são seus golpes, melhor desempenha sua tarefa, mais fascina os seus leitores.

Nossos jornais da época chegaram a se depurar o suficiente quanto à linguagem e às personalidades; mas não o bastante para chegarem ao convencimento, à acertada discussão dos princípios e dos interesses da República. Na maior parte dos escritos dessa época, percebe-se uma tendência revolucionária que alarmaria qualquer um que não conheça a realidade dos fatos e o verdadeiro estado da opinião. Um partido que não ameace com a completa subversão da ordem pública mal existe, se não consegue fazer triunfar nas eleições o candidato de sua predileção, porque ele representa a nação e não há nada de útil para ela, se não bebe de seu próprio círculo. Temos visto travar-se uma luta na imprensa destes dias, sem que se tenha avançado nada para fazer com que a oposição ocupe seu verdadeiro terreno e não queira apoderar-se da nação, à qual, contra toda verdade, e o que é mais, contra toda verossimilhança, supõe inimiga do general Bulnes, que só grandes serviços

fez para que pudesse merecer essa pretendida desafeição. Nos Estados em que se goza de um longo uso da imprensa, caíram no ridículo essas pretensões dos jornalistas em ser o órgão da opinião pública. Também como poderão pretendê-lo quando aparecem tantas publicações, com objetivos, princípios e modos de apreciar e ver os fatos tão diferentes entre si? A essa falta de medida, acrescenta-se a carência de princípios claros e seguros, que ao mesmo tempo que servem para favorecer os interesses de partido que defendem, formem a consciência pública e ilustrem a opinião dos demais.

Desse vício radical de nossa imprensa nasce outro não menos funesto para o progresso das luzes e da discussão comedida. Ocupados os jornais em recomendar ou atacar as personagens que favorecem ou contrariam seus objetivos, educaram por assim dizer os leitores dessa escola; e tudo o que sai do círculo das pessoas carece de interesse e não atinge a curiosidade. Leitura, fazenda, história, etc., são títulos fastidiosos que fazem um jornal cair das mãos; e embora isto deva ser atribuído em parte ao nosso estado de cultura, os escritores públicos têm como dever impulsionar o progresso, e não contribuir, como o fazem, para que permaneça estacionário. Mas, como poderão essas produções criadas às pressas e sem mais objetivo que favorecer um intento do momento, desempenhar tão alta missão? Pode o leitor sensato esperar boa fé, exame filosófico e verdade nos fatos que só lhe são apresentados para fazê-lo interessar-se em fins particulares?

Daí nascem os erros mais funestos e a corrupção de idéias mais prejudicial. Examinam-se nos momentos das eleições atos do governo que requereriam um longo estudo, e os fatos mais indiferentes são distorcidos e adquirem um interesse fictício segundo os apresenta o espírito de partido, ataviados de uma roupagem que os desfigura.

A rapidez das atuais publicações da imprensa impede o aparecimento de outras mais conscienciosas ou mais extensas. O diário não pode assumir grande extensão; e a *revista* tardará muito tempo em aparecer. Homens animados de verdadeiros sentimentos liberais são necessários para que, assumindo com firmeza o nobre empenho de propagar os *diários*, lutem longo tempo com as resistências que opõem a incúria geral e o pouco interesse com que se lê tudo àquilo que constitui a vida das sociedades modernas.

É honroso para nós que a liberdade de imprensa haja obtido triunfos tão notáveis e tenha conseguido manter-se ilesa, mesmo em circunstâncias espinhosas; mas para que isto seja um bem duradouro, é preciso que o *diarismo* desça aos costumes e seja uma necessidade ordinária da

vida, abraçando todas as ramificações da sociedade e formando um painel de todas as opiniões, de todos os interesses e de todas as necessidades do indivíduo.

Literatura negra

(*Progreso*, 8 de agosto de 1845.)

À cor negra vem afeita a idéia do sinistro, do mal, do vedado. Chamou-se necromancia, magia *negra*, àquela ciência cabalística que fazia o comércio com o espírito das trevas, como se chama negro pressentimento à agitação secreta da alma que nos pressagia crimes, mortes e desgraças. Não por outro motivo eu chamo *literatura negra* àquela parte de nossas publicações jornalísticas que sucedeu a antiga difamação verbal de corrilhos e salas de visita, gênero de literatura que tem sua voga nos alvoreceres da civilização e que conta com seus patriarcas e seus Rabelais.

A imprensa foi útil às ciências e ao desenvolvimento da inteligência nas sociedades que possuíam uma civilização antiga; porém nas novas, quem colheu suas primícias foi o espírito de detração que por séculos já vinha alimentado de exercício e de rotina. Imaginai o detrator de ofício naqueles tempos obscuros em que a imprensa não havia ainda emprestado seus mil ecos a todas as idéias, interesses e paixões da sociedade. As salas de visita, uma reunião de amigos, eram seu palco e seu auditório. Cita-se um comerciante? O detrator ouviu dizer na rua que está a ponto de quebrar. Enganaram uma senhorita formosa? O detrator pergunta se conhecem certo indivíduo; e a cada novo assunto insinua uma idéia que desperta uma suspeita injuriosa, um *quid pro quo* que lastima, um chiste que mata, uma alcunha que deixa uma marca indelével. Porém tanto sal, tanta malícia vai ser gasta num círculo; quanto mais as comadres, que repetem no dia seguinte algum dito picante, cochicham ao ouvido alguma referência injuriosa para o vizinho. Entretanto, a imprensa aparece e oferece suas mil páginas diárias, o anonimato e suas garantias e o detrator saúda a imprensa como a invenção maior, mais sublime que pôde engendrar o gênio humano. De hoje em diante, fora as salas de visita, fora a palavra; palco pequeno aquelas, arma já inútil e de pouco alcance esta. A imprensa levará a detração para todas as partes, imortalizá-la-á; a própria lei de imprensa favorecerá seus ataques, cercá-los-á de garantias, querendo coarctar seu vôo. O detrator, enfim, era uma planta que jazia à sombra e que, graças aos raios vivificadores

do novo sol, estenderá seus ramos em todas as direções, subirá até as eminências, descerá aos abismos, e da vida privada que era antes seu alimento passará à vida pública, para influir na sorte dos Estados.

Não creiam que descrevo uma personagem ideal; é uma literatura que tem também seus criadores. Seus Hugo, seus Byron, seus Cervantes.

O literato detrator é uma personagem eminente cujos talentos brilham nas repúblicas, sobretudo ao aproximarem-se as eleições, como as corujas fazem ouvir seus grasnidos noturnos quando a morte anda revoluteando ao redor de algum leito. Antes e depois dessa época está como que aletargada, e apenas de vez em quando se ouve respirar uma diatribe contra um particular, um escritor, ou um empregado subalterno. Porém mal se aproximam as eleições, um partido de oposição, o primeiro que procura, o primeiro que requer, é o detrator de ofício, o literato difamador. Onde está? Que o chamem! Que lhe digam que se oferece um assuntinho, que há matéria, que a coisa importa. O detrator estava na sua casa. Deixa seu afazer, veste-se, sai à rua, e aos saltos como o tigre, acaçapando-se como o gato, chega na conferência preparatória, e ouve a palavra *oposição*, que ele traduz por *detração*, *difamação*. Muito bem! bravo! O nosso candidato será... Não importa isso agora!, interrompe. Sobre quem irão os tiros? Sabe-o, e então sua fisionomia se torna radiante, os olhos brilham, a boca se contrai sardonicamente, aproxima sua cadeira, está agarrando o primeiro que encontra ao alcance das mãos. Ouve, e naquele momento traça seu plano, o expõe e se apraz de antemão com os ferimentos que vai provocar, com os ditos picantes que levarão o vitupério sobre o alvo que lhe indicaram, com as invenções diabólicas que lhe assaltam, com as histórias que forjará, com as sugestões e conjeturas que vai aventurar com meias-palavras, para que o público incauto complete a frase, a idéia, a calúnia enfim. Nessa noite não dorme. Seus criados o ouvem soltar o riso no silêncio da solidão. Tem febre, a noite é eterna, nunca acaba de amanhecer. Finalmente Febo se mostra radiante como se fosse para iluminar Austerlitz ou Maipú. Inocente Febo! Esse homem que vedes esfregando as mãos com o sorriso maligno nos lábios, que apaga uma palavra, que solta o riso ao pôr outra mais pungente, está escrevendo *La Guerra a la Tiranía!* O que o fazia rebentar de riso era o pseudônimo abraham Asnul, que ultrapassava em graça e malignidade Bulke-Borrachei. Deixai-o que escreva e vereis vomitar sarcasmos, calúnias, difamações e embustes; é um Etna de detrações que cada semana fará uma erupção que cobrirá a sociedade de lava e cinzas.

O difamador público não tem partido, pertence ao que primeiro o solicita, e oferece-lhe seus serviços. Contra o que atacava não tem no fundo nem afeição nem ódio; mas cumpre como o veterano seu ofício, fazer fogo. É uma arma de oposição. Não saberia defender ninguém, não nasceu para isso; tanto é que nunca diz uma palavra em prol daqueles a cujo favor combate. Se querem que desacredite a eles mesmos, para isso sim é que está pronto, e mesmo que não lhe seja permitido fazê-lo por escrito, o faz com palavras quando algum dos seus volta as costas, ou quando se encontra com alguém do partido contrário; porque, em meio a esses hábitos profissionais, é bom rapaz e agradável companheiro de tertúlias. Um momento de sua mordacidade vale mais que uma ópera de Donizetti ou um drama de Dumas. Ali sim é que qualquer um ri, e se passam bons momentos, sobretudo se nesse dia teve um desgosto com alguém, uma rixa com um credor!

Ele é, pois, o que quiserem. Por ora ele mesmo não sabe o que é; mas sabe sim o que não é, que é não ser partidário do governo, porque o governo é uma coisa que existe, e tudo o que existe pode ser destruído, e sente-se unicamente com vocação para destruir. Não falta quem o tome pelo braço na rua, e lhe diga ao ouvido: há oposição!... Oposição?... Então se detém, põe-se diante de seu interlocutor, encurta-lhe o passo, e no peito, nos botões do fraque, nas casas dos botões, começa a traçar-lhe o plano. Nada de Bulke-Borrachei agora! Outros são os que convém desacreditar desta vez. As circunstâncias mudaram. Ocorreu-me justamente não há muito uma grande calúnia; mas esta guardo-a para o momento decisivo, ainda não é tempo, tenho afortunadamente outras mil. É um tirano abominável, mais temível que Borrachei, que Asnul, que Portales. Que digo de Portales? Quem disse que Portales fosse um tirano? Calúnia horrenda! Portales, por mais que os inexperientes o neguem, era um Péricles, um Washington!

Credes que, na verdade, se pensa bem de Portales? Não; senão que necessita deprimir através da comparação aquele que lhe apontaram que deve morder. Também a este mesmo o fará o mais célebre ministro de Estado da América, desde que lhe convenha deprimir outro inferior a ele. São golpes de pena, diz a seus amigos, que desaprovam essas mentiras que a necessidade do momento recomenda, e que ele se encarrega de dissipar logo com as mais grosseiras invectivas.

Um lado descobriu que, segundo ele garante, vai triunfar em seu negócio. Um enviado veio para tratar de assuntos internacionais, e aí entra o talento! Ele se encarrega de exasperar os ânimos, de comprometer o ministro, de enredá-lo, de envolvê-lo, de fazê-lo proscrever seus próprios defensores, a fim de que não creia que o ministro tem parte nos ataques da imprensa. Visita o enviado, sugere-lhe os meios de fazer valerem suas pretensões, o instrui a respeito de tudo o que pode contribuir para prejudicar o governo. Em seguida vai à imprensa e lamenta a pouca consideração que se tem para com o enviado; culpa por isso o ministro que lhe encarregaram de atacar; prova-o com uma xícara de chá; no fim, levanta as mãos ao céu pedindo que se faça justiça ao enviado, que se destrua o Governo de seu país.

Desgraçadamente, não obstante sua habilidade e seu descaro, tem uma mão infelicíssima. Partido que defende, está perdido; causa que abraça, malogra. *La Guerra a la Tiranía* bastou para dissolver o partido que defendia. Todos os homens de bem, que sem afeições pessoais haviam aderido a ele, separaram-se para que não fossem tidos como cúmplices nas negras calúnias da *Guerra a la Tiranía*. O *Desenmascarado* reconciliou muitos com o alvo de seus tiros. Ao ver tratado tão vilanescamente um homem, creram, mesmo seus inimigos pessoais, que era preciso deixar de sê-lo para não estarem vinculados à detração tão infame. Hoje é o *Rebujón*, e a oposição já está sentindo seus efeitos. Desde que sabem quem é que o escreve, centenas de liberais não quiseram vincular-se à oposição, e o ministro atacado se vê rodeado de novos defensores. Não faz muito tempo, o *Rebujón* pelejou com o *Siglo*, que, embora tivesse a consciência muito aberta, horrorizou-se com um *rebujón* que ia sair em suas colunas. Os do partido do governo, ao saberem dessa desavença, julgaram-se perdidos, e mil intrigas puseram em jogo para conciliá-los, não conseguindo tranqüilizar-se senão quando viram aparecer um *rebujón nuevo*. Graças a Deus!, disseram, já estamos seguros!

Uma questão de patronato se apresenta. É leigo, voltaireano por educação, irreligioso pelo caráter e por relaxamento. Mas convém, diz, fazer-se dissimulado e devoto, e se persigna e se santigúa, para difamar em nome do sacerdócio, de Deus e de seus santos. Alguns piedosos acreditam nele, e ele ri às gargalhadas de sua imbecilidade. Só trata de sublevar preocupações, interesses e paixões mesquinhos.

Ultimamente, tem seus adeptos, seus discípulos muito amados; a eles escreve epístolas, dando-lhes conselhos e dirigindo-os.

> 'Difame você a N., que eu me encarrego de fazê-lo com F. Insista, ataque sem piedade; bem combinado, nosso plano terá um êxito feliz, o público já está acreditando. O ódio começa a se manifestar; não ande com consideração. Seis artigos mais, e o teremos desacreditado... Escreva com fel... Sobretudo, finja-se de devoto; adule os padres, isto é importante. Chame-o de herege, isto surte muito efeito aqui. As elei-

ções são nossas, se seguirmos com firmeza. O candidato... disso falaremos depois.'

Não obstante sua má estrela, ele tem uma fé cega no poder de sua arte; crê na calúnia, como outros na infalibilidade do papa, como outros na eficácia do clister de Blest. Se com a *Guerra a la Tiranía* não ganhou as eleições passadas, foi porque não lhe deixaram pôr mais carga em seu canhão; se o *Desenmascarado* não surtiu todo o seu efeito, foi porque reagiram intempestivamente; se esta vez perde e desonra a oposição, a culpa será dos néscios que não souberam seguir seus conselhos em tudo.

Estas ligeiras notas vão servir de causa para descarregar alguma sangrenta diatribe, não sobre o autor, embora o conheça, mas sobre aquele a quem convém exprobrar; porque esta é sua tática, seu segredo; não desperdiçar a pólvora, não perder tiro: no alvo, sempre no objetivo. É uma desgraça que não tenha sempre muito boa pontaria. É falto de visão, e não vê bem aonde aponta.

Aponta ao ar, e às vezes mata. Que seria se tivesse bons olhos!

As obras de Larra

(*Mercurio*, 31 de agosto de 1841.)

A revolução que à nossa vista se efetua na península espanhola, adormecida por tantos séculos sob a influência letárgica do despotismo que vigiava seu sono, despertou a atividade do pensamento de seus moradores e improvisou gênios que, a par de seus guerreiros, lidando para destruir as forças materiais que se alçavam em apoio do obscurantismo, travaram descomunal batalha contra os costumes indolentes, os antigos preconceitos e os arraigados abusos que, mais que as próprias leis e instituições bárbaras e arbitrárias, prestam poderoso e permanente auxílio aos déspotas, tornando ilusórias todas as tentativas de melhora que os povos ou seus representantes intentam para transformar a condição de uma nação. Sem a melhora dos costumes, as consituições democráticas são uma burla; sem amor pela liberdade, as garantias são um nome vão; sem interesse pela coisa pública, a imprensa se converte em instrumento de opressão e o voto universal em sanção do despotismo. Por isso é que, nos países que acabam de conquistar sua liberdade, é necessário, segundo Madame de Staël, que a sátira, ridicularizando erros envelhecidos, afaste deles os jovens, e que o desengano produzido pela convicção retifique as idéias da idade madura.

Os povos que entram improvisadamente nos caminhos que conduzem à liberdade têm mais apego aos seus preconceitos e aos seus antigos hábitos, que verdadeiro e entranhável amor à liberdade mesma; semelhantes nisso ao entusiasta que inveja as ilusões e os encantos da pintura, mas que deixa cair o lápis da mão quando se quer ensinar-lhe o meio de executá-lo. Fazer os russos cortarem as longas barbas custou a Pedro o Grande mais atos de tirania e de vigilância que os que foram necessários para estabelecer a inquisição na Espanha; e mais fadigas e contrariedades indiretas custará estabelecer entre nós um vasto plano de educação primária, que o que se teria requerido em outro tempo para anular a representação nacional.

Necessita-se, pois, de Quixotes, que, buscando aventuras e travando onde quer que seja cavalheirescas pendências, extingam esses últimos restos de uma época decrépita, mesmo que os novos paladinos tenham de ser moídos e assaz maltratados da contenda; e a Espanha já produziu alguns que desempenharam com farta glória a grande missão de sua época. O jovem dom Mariano J. de Larra, de tão cara memória, é um desses espadachins de tinta e papel que acometendo energicamente contra os costumes rotineiros de sua pátria, contra um orgulho nacional mesquinho e mal alimentado, contra hábitos de preguiça e abandono, soube abrir passagem por entre a inimizade e o ódio de seus contemporâneos, aos quais feriu de morte em seus preconceitos lavrando para si uma reputação que sobreviverá por longo tempo, e que hoje é uma das raras e gloriosas insígnias do círculo literário da Espanha moderna.

O justamente pranteado Larra não escreveu um livro, como Cervantes; atento às necessidades de sua época, escreveu *artigos* nos jornais. Sabia muito bem que o diário é a voz que ressoa sempre, a palavra viva e mordaz, o pregão alto e sonoro com que o escritor denuncia o mal e decide *incontinenti* sobre cada problema, com facilidade e acerto convenientes. Sábio sem ostentação, profundo sem pedantismo e eloqüente sem ênfase. Larra, lançando diariamente sobre a sociedade os dardos de sua sátira pungente, enérgica e corretiva, irritado de coração contra os males da sociedade, rindo-se de raiva e vergonha ao contemplar seu país subjugado pelos preconceitos, cujo peso não consegue sacudir, embora haja tido valor suficiente para arrostar nos campos de batalha, nas brenhas dos cerros e nas emboscadas dos caminhos, a raivosa sede de sangue dos partidários do despotismo; Larra, enfim, realizando o tipo de Fígaro, ao qual Beaumarchais faz dizer,

'cansado de mim mesmo, degostoso com os outros, superior aos sucessos, elogiado por uns, vituperado por outros, aproveitando o bom

tempo, suportando o mau, zombando dos tolos, desafiando os malvados... Você me vê, enfim...'

Larra, finalmente, presente em toda parte, vituperando tudo, combatendo os ministérios que se sucedem, mais para fazer com que nasça a oposição e opor atravancos aos prestígios do poder num povo acostumado ao depotismo, que por verdadeira malevolência; arrojando seu nome aos inimigos como uma ameaça, quando mais irritados se mostram com seu Fígaro; Larra, dizemos, introduziu em seu país e criou ao mesmo tempo um gênero de literatura que em toda parte se esforçam em imitar, e que faz de seus escritos um legado e um patrimônio para os povos que falam a língua castelhana, a cujos costumes e necessidades se adaptam maravilhosamente. Os sais com que tempera sua crítica não são o maior mérito desses escritos de circunstâncias; além disso, há neles uma tendência tão pronunciada, tão sustentada, de referir tudo à política, ao descrédito das idéias velhas, à difusão e valimento das liberais, que dela se pode dizer que é a *crítica aplicada aos interesses sociais*; e onde quer que haja governo para ser estabelecido, costumes antiquados que combater, pruridos de nacionalidade que moderar, e idéias novas que introduzir, Larra será o livro ameno, útil e instrutivo.

Nós somos uma segunda, terceira ou quarta edição da Espanha; não à maneira dos livros que se corrigem e aumentam nas reimpressões, mas como as más gravuras, cujas últimas estampas saem carregadas de tinta e apenas inteligíveis. Seus vícios são os mesmos de que adoecemos nós, filhos de tal mãe, e nossos costumes não são inferiores aos seus; assim é que o que se escreveu lá nos virá sempre perfeitamente.

Não é menos importante no que respeita ao teatro e à literatura moderna. Poeta dramático a par de judicioso crítico, analisou muitíssimas das peças originais espanholas que se representam em nosso teatro e não poucas das traduções francesas com que nos favorecem amiúde bons tradutores ou detestáveis copistas; de maneira que suas críticas do teatro são tão práticas ou tão convenientes aqui como lá, dando-nos exemplos de bom gosto, sem pretensões clássicas, sem desenfreio romântico, não sendo menos importante a pureza, gala e harmonia do idioma, do qual seus escritos podem ser reputados como um modelo digno de imitação, em países como os nossos em que a língua necessita purificar-se dos vícios que a cada passo encontramos nas assalariadas traduções francesas. É inútil dizer que os outros gêneros de poesia que em seu tempo viram a luz não escaparam ao exame severo desse implacável e imparcial aristarco.

A coleção dos artigos de Larra — que, sob o pseudônimo de Fígaro, apareceram no *Pobrecito Hablador*, na *Revista Española*, no *Observador*, na *Revista*, no *Mensajero* e no *Español* — forma hoje o livro mais popular que se possa oferecer aos leitores que falam a língua castelhana, e mesmo para os estrangeiros não carece de interesse, senão como um modelo de idioma, como a crítica mais picante e mais característica da época e dos costumes espanhóis.

Das biografias

(*Mercurio*, 20 de março de 1842.)

A biografia de um homem que desempenhou um grande papel numa época e país determinados é o resumo da História contemporânea, iluminada com as animadas cores que refletem os costumes e hábitos nacionais, as idéias dominantes, as tendências da civilização, e a direção especial que o gênio dos grandes homens pode imprimir à sociedade. César, Pompeu e Bruto, apesar de serem contemporâneos, representaram cada qual um dos grandes interesses da sociedade romana, então em pugna entre si e fixando o último combate que devia fazer prevalecer o mais forte; e em sua vida privada, em seu caráter especial e nas doutrinas em que foram educados, encontra-se mais clara a explicação de seus feitos públicos que nas narrações simplesmente históricas. Quando se estudou atentamente a vida de Washington, e nela suas opiniões, sua simplicidade, sua religiosidade e suas convicções profundas, seu amor à liberdade, seu respeito aos cidadãos e sua confiança na Providência, nada resta por conhecer daquele período histórico, nem quanto ao caráter e disposições da sociedade, nem quanto aos seus hábitos, crenças e modo peculiar de ser. Não sem fundamentos e sem poderosas forças de impulsão se apresentam os homens eminentes no cimo das sociedades humanas. Um grande talento ou um grande gênio permaneceria sempre enredado no dédalo dos assuntos subalternos da vida, se, aproveitando-se da mirada penetrante que o mesmo gênio lhe comunica, não soubesse descobrir os interesses que comovem a sociedade e se não se pusesse à cabeça daquele que mais se enquadra com sua posição, seus instintos e sua capacidade especial.

A biografia é, pois, o compêndio dos fatos históricos mais ao alcance do povo e de uma instrução mais direta e mais clara. Muito trabalho custa compreender o enlace da multidão de acontecimentos que se desenvolvem a um mesmo tempo; porém nada é mais fácil, nem há coisa que excite maior interesse e mova simpatias mais ardentes, que a história

particular de um homem a cujo nascimento assistimos, seguindo-o depois em seus jogos infantis, em seus estudos ou em suas ocupações na vida doméstica, até que com a idade adequada vemo-la escolher a porta por onde se mostrará ao mundo e anunciar-se com timidez aos circunstantes; espectador primeiro dos sucessos contemporâneos até que começa a inferir o que eles significam, instrumento em seguida das influências móbiles da sociedade até que tem a revelação completa de sua auto-importância, e ator principal depois, quando conseguiu livrar-se das peias que lhe impunham ambições rivais e prestígios e influências anteriores. Então vemo-lo parar no lugar mais adequado e lançar olhares contemplativos e inteligentes sobre a sociedade, sobre cujos destinos sente-se evocado a exercer uma poderosa e duradoura influência, e logo lançar-se no cenário da atividade, nas lutas e nos trabalhos que as revoluções sociais e o progresso da humanidade preparam e produzem com os grandes acontecimentos.

Ninguém ignora a influência que sobre dois grandes gênios da época moderna, Franklin na América e Rousseau na Europa, exerceu a precoce leitura das vidas comparadas de Plutarco. Nelas, um e outro se empaparam daquele espírito público que constituía a existência das sociedades grega e romana, do amor pelo grande e pelo belo, do elevado sentimento da liberdade e da dignidade do homem; e preparados com a contemplação das grandes ações que aprenderam desde cedo a admirar, puseram-se, cada um a seu modo e segundo as necessidades da sociedade em que viviam, a trabalhar na coisa pública: o primeiro, a resistir às demasias de um parlamento estrangeiro e preparar os ânimos para a emancipação de seu país, lançando as bases da nova sociedade independente; o segundo, a esquadrinhar com mão audaz as bases do poder, enterradas na grossa capa de abusos que haviam depositado séculos de barbárie e de violência, a expor o tronco carcomido e decrépito que os prestígios do poder ocultavam, e a revelar aos povos seus direitos tanto tempo ultrajados, e prepará-los para a grande revolução social, cujas evoluções e novas fases presenciamos ainda, não sem tomar parte ativa nela.

Estamos tão convencidos dessa poderosa influência que no ânimo dos homens exerce a narração dos fatos que constituem a vida de um varão ilustre, que por longo tempo temos meditado sobre a necessidade de tornar popular entre nossos povos americanos a vida de um homem célebre nos fastos da humanidade, que em condições análogas às de nossa sociedade, saindo da classe comum do povo e sem outra preparação que a de um forte e decidido amor a seu país, lançou-se na vida

pública, purificando os costumes, erradicando os preconceitos e promovendo com todas as suas forças a civilização, a independência e a liberdade de seus concidadãos. Esse homem é Franklin.

Agindo nesse sentido, propomo-nos inserir em nossas páginas algumas biografias de contemporâneos célebres, persuadidos de que elas explicarão a nossos leitores, melhor que o poderiam fazer longos discursos, as diversas fases da vida política européia e as pretensões e idéias que sustentam os partidos em que aquelas sociedades se mostram divididas. A cada dia a imprensa jornalística anuncia entre nós os movimentos políticos da Europa, a queda de um partido e a exaltação de outro e com eles a direção dos negócios públicos confiada a tal qual homem que está colocado pelo sentimento de seus partidários à cabeça de uma tendência política. Sem o conhecimento dos interesses e idéias que esses homens representam, sem conhecê-los *pessoalmente*, se é permitido dizê-lo, através de seus antecedentes e sua história particular, o leitor americano não encontra interesse na mudança de um ministério *whig* por um ministério *tory* na Inglaterra, entre Thiers e Guizot na França, entre Cristina e Espartero na Espanha; porque não conhece os grandes interesses que eles agitam e a marcha provável pelos fins conhecidos de cada partido, nem os progressos que o poder ou o povo, a liberdade ou o trono fazem com eles." [2]

---

[2] *Polémica literaria*, p. 13-33.

ÍNDICE ANALÍTICO E ONOMÁSTICO

Alba, duque de, 172
Albarracín, Antonia, 46
Albarracín, Bernardino, 147
Albarracín, Elena, 148
Albarracín, família dos, 46, 143
Albarracín, frei Miguel, 143, 147, 148
Albarracín, José Tomás, 157
Albarracín, Juan Pascual, 143
Alberdi, Juan Bautista, 15, 16, 32, 54
Aldao, José Felix, 31
aldeia, centro da vida política, 89, 90
  norte-americana, 89-92
Aquino, São Tomás de, 147
Argentina, 8-14, 17, 18, 20-7, 30, 36, 40, 50, 54, 57, 64, 65, 68, 69, 72, 82, 85, 102, 104, 109, 116, 118, 119, 122-4, 127, 128, 146
  país despovoado, 65
Artigas, J. G., 14, 136, 146
Asnul, Abraham, 195, 196
Astorga, 152, 153
Átila, 127
Avellaneda, Nicolás, 29, 99

balança, comercial, 78, 104
  de pagamentos, 27
barbárie, 12, 14, 23, 24, 28, 38, 50, 83, 135, 137, 141, 165, 202
bárbaro(s), 50, 53, 68, 69, 75, 82, 135, 152, 177, 179, 180, 182-5
Barros, dom Pedro Ignácio de Castro, 44, 46, 160-2, 169
Barrot, Odilon, 134
Baylies, 118
Beaumarchais, P. A. Caron de, 199
Belgrano, Manuel, 57
Belzu, I., 101
Bentham, J., 43, 58
Beranger, J. P., 161
biografia, 201
Boileau, C., 61
Bolívar, S., 57, 100, 110, 158
Bossuet, J., 60
Bourbon, 189
Brasil, 10, 14, 24-6, 30, 39, 69, 96, 107, 114, 118, 119, 122-8, 130, 154
  escravidão no, 105, 106, 109
brasileiro, 108, 109
Buenos Aires, 9-11, 13, 14, 23-5, 29, 31, 39, 43, 44, 52, 56-9, 64, 67, 68, 71, 79, 80, 119, 135, 158, 178, 179, 183
  desespanholização e europeização de, 57
Bulke-Borrachei, 195, 196
Bulnes, general, 192
Bunkley, Allison William, 33
Burleigh, 188
Bustamante, Bernarda, 48, 170
Byron, 60, 195

café, 107, 109
Camargo, família dos, 155
Campbell, 188
Campero, Diego de Hesles, 145
Canning, G., 117, 118
capataz, 37
capital(is), 28, 70, 78, 87, 90, 94, 99, 121
  europeu, 28, 79
  estrangeiro, 26, 27, 78
  ingleses, 78
Carbajal, Fermín de, 145
Carbone, María del Piño de, 33
Carlos IV, 135
Carranza, Ángela, 144
Carrera, família dos, 152

Carril, Pedro del, 153
Carril, Salvador María del, 152-4
Casacuberta, Juan Antonio, 46
catolicismo, 101
caudilho(s), 8, 12, 14, 17, 19, 21, 24, 25, 28, 31, 32, 37, 38, 40, 63, 64, 66, 109, 160, 177, 185
Celman, Juarez Miguel, 103
Cervantes, Miguel de, 195, 199
César, 201
Chacho, El; ver Peñaloza, general Angel Vicente
Chateaubriand, F. R., 60, 189
Chincha, ilhas de, 114, 115
  tomada das, 112, 113
  hipotecadas, 113
Cícero, 147, 186
cidade(s), 10, 14, 37, 43, 44, 51, 52, 57, 64, 66, 68, 74, 79, 82, 83, 86, 87, 90, 92, 154, 178
  argentinas, 43, 100
  do interior, 9
  papel civilizador das, 13
  portuárias, 9
Cienfuegos, 159
civilização, 12, 13, 28, 38, 43, 49, 50, 52, 53, 58, 62, 64, 68, 76, 81-4, 90, 91, 106, 109, 127, 132, 159, 164, 165, 170, 187, 189, 191, 194, 201, 203
  cristã, 49
  e barbárie, 12, 16
Cobden, Richard, 23, 77, 78, 132
colônia argentina em Paris, 102
colonização, 40, 48, 49, 51, 70, 72, 85, 86, 115, 143
  militar do Paraguai, 119
  sistema de, 72
Confederação Argentina, 39, 41, 42, 65, 70, 71, 119
Congresso Americano, 110-2
Constant, Benjamin, 58, 189
Constituições, das massas populares e das classes educadas, 51
Cooper, Fenimoore, 16
Cortés, 172
costumes, 37, 38, 67, 82, 89, 145, 170, 171, 193, 198-201, 203
  crítica dos, 59
  nacionais, 60
Cousin, Victor, 16, 53
crioulo(s), 29, 72, 87
Cromwell, O., 188
Davison, capitão, 116
Delavigne, C., 60
Del Moral, família dos, 19, 20
democracia, 15, 17, 23, 24, 54, 80, 126, 133
Demóstenes, 186
Derqui, Santiago, 25
deserto(s), 13, 19, 20, 36, 42, 43, 59, 68, 87, 88, 120, 136, 179, 185
Desmoulins, Camile, 188
Díaz, Porfírio, 102
direito(s), 54, 69, 71, 73, 75, 76, 81, 89, 93-6, 117, 119, 124, 128, 134, 183, 189, 202
  de prelação, 86
  internacional, 110-2, 115
Donizetti, 196
Doria, família dos, 20
Doutrina Monroe, 117
Dumas, 17, 60, 106, 171, 196
Duncan, comandante, 116
Duportal, Emilio, 85

Echeverría, Esteban, 15
educação, 17, 28, 48, 53, 57, 67, 68, 81, 82, 84, 91, 101, 133, 164, 199
  das mulheres, 82, 162, 165
  geral, ódio das gentes cultas à, 101
  nos Estados Unidos, 91
  política, 55, 67
Elisabeth, rainha, 188
escravidão, 93, 105, 106, 109, 153
escravo(s), 11, 46, 47, 105-8, 153, 159
escritor americano, 60
Espartero, Baldomero, 203
Estado(s), americano, 59, 76, 111, 112, 116
  da língua castelhana, 122
  do Prata, fusão dos, 64
  funções normais do, 69
  guardião da propriedade, 87
estância(s), 75, 85-7, 185
  da pátria, 23
  do Estado, 120
estancieiros, 29, 38
estrada de ferro, ver ferrovia(s)
Estrella del Sud, primeira publicação jornalística da América, 189
exército(s), democrático, 97
  e vadios, 21
  governo do, 97
  organização dos, 51

família cristã, 51
fanatismo(s), 15, 44, 46, 152, 159, 160, 162
do crime político, 55
Febo, 195
federação, 64
federal(is), 47, 52, 66, 152, 153, 169
Felipe, 126
Fernando VII, 135
Ferrer, São Vicente, 143, 166, 172
ferrovia(s), 18, 22, 26, 62, 66, 69, 70, 78, 79, 80, 91, 92, 126
Flores, general Venâncio, 127
Forbes, 117
Fourier, F. M. C., 16, 132
Francia, José Gaspar Rodríguez de, 23, 24, 119-21, 146
Franklin, B., 188, 202, 203
fronteira(s), 67, 176, 178, 180-3, 185
Funes, deão, 153
Funes, Teresa, 48, 170
gado(s), 10, 14, 17, 21, 27, 38, 39, 75, 79, 85, 87, 101, 177-9, 181, 184, 185
criação de, 10-3, 21, 28, 39, 72, 75, 86, 87
roubado, 13, 177, 179, 184

Galvez, Manuel, 32
García Mellid, Atilio, 33
Garcilaso, 61
Gatica, Maximiliano, 155
gaúcho(s), 38, 40, 41, 67, 107, 142, 139, 149
mau, 41, 42
Gautier, T., 16
geração de 1837, 15, 18
Godoy, jesuíta, 174
governo(s) americano(s), 51, 65, 70, 82, 103, 110-2
Graz, 174
Gregório VI, papa, 160, 174
guerra(s) civil(is), 12, 21, 24, 29, 66, 70, 73, 87, 96, 97, 111, 114, 125
guerra do Paraguai, 23-6, 28, 97, 118, 121, 122, 124, 125, 128-31
Guizot, 16, 53, 58, 60, 134, 177, 189, 203
Gutierrez, Juan María, 15

Henríquez, Camilo, 190
Herder, J. G., 15, 60
Heredia, J. M., 106
homem(ns), armado(s), 94, 95
do campo, 36, 43
Hornos, general, 179
Huarpe, 137-41
cidades dos, 138
nação dos, 137
indústria dos, 140
Hugo, Victor, 16, 60, 195

Ibarra, Felipe, 63
idioma, 37, 60, 61, 63, 200, 201
imigração, 12, 68, 72, 86, 103, 108, 181
povoamento e colonização pela, 12, 18, 21
imprensa, 25, 52, 53, 59, 60, 68, 84, 89, 90, 97, 106, 135, 149, 154, 181, 182, 186, 189-94, 197, 198, 203
Independência, americana, 109, 110
argentina, 53, 56, 63, 64, 82, 100
guerra da, 10, 11, 21, 63
proclamação da, 14
indígena(s), 14, 19-21, 42, 50, 56, 76-8, 180-5
mão-de-obra, 11
escravizados, 49
indústria(s), 48, 59, 67, 68, 70, 71, 73, 75, 76, 99, 104, 105, 120, 132, 133, 177-9, 187
direitos protetores da, 75-8
européia, 71, 79
nacional(is), 20, 22, 28, 39, 76, 78
inquisição, 143, 144, 146, 147, 161, 199
Irarrázabal, Antonia, 147, 148
Irarrázabal, José de la Cruz, 147

jesuítas, 67, 150, 161
Jordán, general Ricardo López, 26, 27, 29, 31
Jouffroy, T. S., 53
justiça, 22, 23, 37, 38, 41, 42, 55, 69, 89, 95, 96, 98, 107, 111, 116, 122, 124-6, 159, 183, 197

La Bruyère, Jean, 146
Lacunza, 143, 147
Lamartine, A., 16, 60
Lamennais, H. R., 60
Laprida, N., 154, 158, 164
Larra, Mariano José de, 15, 16, 198-201
Las Heras, Juan Gregorio, 57, 59
Lastarría, José Victoriano, 8
Laval, 174
Lavalle, J., 154
Leão XII, papa, 159, 174
lei(s), 57, 66, 71, 79, 84-6, 88, 94, 95,

97, 98, 106, 186
civis, 95
colonial, 85
comercial, 75, 76
de imprensa, 194
militar(es), 95, 96
Lerminier, J. L. E., 53
liberdade(s), 52, 55, 59, 61, 62, 67, 71, 74, 75, 77, 89, 92-5, 102, 103, 135, 148, 153, 159, 184, 189-91, 193, 198, 199, 201-3
Lima, Santa Rosa de, 158
literatura, espanhola, tardio renascimento da, 61
negra, 194
livre navegação, 66, 68, 71, 73, 109, 118, 130, 131
do Amazonas, 25
López, Carlos Antonio, 24, 119, 124, 126-8, 130, 131
López, Francisco Solano, 24, 119, 126
López, Vicente Fidel, 15
Loyola, Santo Ignácio de, 144
Lugones, Leopoldo, 32

Mably, G. B. de, 57, 58
Malvinas, ilhas, 111, 115, 116, 118
e os Estados Unidos, 116
Mantovani, Juan, 32
Marat, J. P., 188
massas, incultas e elite intelectual, 15
populares, no poder, 51
Mazarredo, 113
mazorca, 146
Melgarejo, M., 101
mestiços, 14
Michelet, J., 16, 58
militarismo, 94, 99-101
Mitre, Bartolomé, 19, 24-6, 99, 127, 177, 182
Molina, Juan de Loyola Haro de, 145
Montesquieu, 14, 44, 58
montonera(s), 12, 18-21
Montt, Manuel, 114
Morales, família, 173, 174
Morgenstern, Wisner de, 126
mulato, 17, 106, 108
mulher(es), 46, 82, 108, 126, 128, 139, 162
posição social das, 82
Murga, comandante, 176, 177
Murillo, 172, 173
nações, 65, 66
cristãs, 50
riqueza das, 74
nacionalidades, 63, 64, 115, 174
Napoleão, 14, 77, 97
Nebrija, E. A., 150, 151
Nepos, Cornélio, 150
Nerval, G. de, 16

Ocampo, família dos, 20
O'Gorman, Camila, 146
Orleans, Gastão de, 26
Oro, família dos, 148, 158, 173
Oro, frei Justo de Santa Maria de, 143, 157-9, 162-4, 174
Oro, José Antonio de, 45
Oro, José de, 31, 148, 149, 151-5, 157, 159
Oro, Miguel de, 148, 157
Otamendi, comandante, 183, 184
Ovalle, Alonso de, 140, 141, 142
Ovídio, 150

Palcos, Alberto, 32
partido(s), 38, 44, 58, 63, 70, 71, 87, 100, 101, 127, 153, 181, 184, 187, 188, 190-3, 195-7, 203
pastoreio, 72, 87
Pastoriza, Benita Martínez, 31
Paunero, general Wenceslao, 127
pedras pintadas, 138
Pedro, o Grande, 199
Peel, Robert, 76, 80
Peña, David, 32
Peñaloza, general Angel Vicente, 18, 19, 32
Peña, Milcíades, 32, 33, 102, 103
Peregrino, M., 160
Pérez, Santos, 42
Péricles, 196
Pétion, A. S., 106
Pinzón, almirante, 112, 113
Pio VI, papa, 158
Pio IX, papa, 174
Plutarco, 202
política européia na América, 103
Pompeu, 201
Ponce, Anibal, 32
Portales, D., 196
Posse, José, 20, 29, 101, 103
Pradt, M. de, 110
Procesa, 174
propriedade, títulos de, 86, 88

Quiroga, Juan Facundo, 8, 20, 31, 39, 40, 42, 44, 66, 157, 163
Quiroga, Manuel Gregorio, 45

Rabelais, 194
raça(s), 48-51, 58, 63, 64, 92, 102, 105, 106, 108, 127, 135
Ramirez, coronel, 147
rancho, 83, 86
rastreador, 40, 41, 140
Rauch, Federico, 42
Rawson, Franklin, 174
Raynal, A., 57, 58
Recalde, Luciano, 121
religião, 60, 94, 153, 160, 165, 175
regime paraguaio, crítica ao, 118
Remusat, Charles de, 184
Renan, E., 29
repúblicas americanas, vínculos das, 115
revolta do Chacho, 20
Rivadavia, Bernardino, 44-6, 52, 53, 57-9, 66, 82, 153, 154
Robespierre, 57
Roca, general Julio Argentino, 31, 102, 103
Rodríguez, Ignácio, 31
Rodríguez, Martín, 57
Rojas, Ricardo, 32
Rondeau, J., 57
Rosa, Ignácio de la, 152
Rosas, Juan Manuel de, 13, 14, 17, 28-31, 39, 52-5, 66, 67, 69, 73, 89, 109, 120, 134, 136, 146, 149, 178, 184
Rosas, Quiroga, 164
Rousseau, 14, 44, 45, 58, 202

Saint-Simon, 16
Salvandy, 189
Sand, George, 17
San Martín, J. de, 57, 152, 158, 174
Santa Cruz, general, 101
Sarmiento, Domingo Faustino, 7-10, 12-33, 39, 54, 58, 62, 64, 87, 102, 107, 110, 112, 117, 119, 131, 146, 148, 149, 151, 156, 164, 166
Sarmiento, Ignácio, 148
Say, J. B., 58
Sayavedra, 141
Schlegel, A. W. von, 60
Scott, Walter, 147, 171
Scribe, 17, 60
selvagem(ns), 36, 49, 50, 68, 83, 113, 177, 184, 185
Sismondi, 53, 58
Smith, Adam, 58, 77
socialismo, 17, 53, 134
sociedade(s), 10-3, 15, 30, 38, 43, 48, 52, 63, 81-3, 87, 93, 94, 108, 132, 133, 135, 141, 171, 181, 186-8, 190, 193-5, 199, 201-3
  argentina, 13, 40, 55, 57, 59, 60, 61
  cristãs, 50
  dissolução da, 38
  espanhola, 15, 16
  européias, 18
  norte-americana, 13, 16, 27
  paraguaia, 23, 24
  romana, 201
Staël, madame de, 198
Stanley, lord, 187
Stewart, 126
Sue, Eugène, 17, 168
superstição, 46, 169

Tácito, 147
Tamagno, Roberto, 33, 54, 136
terra(s), distribuição de, 51, 72, 84, 85
Thierry, A., 16, 58, 189
Thiers, M., 16, 60, 134, 150, 203
Tibério, 146
Tocqueville, A. de, 13, 16, 18, 53, 58
Tratado de Aliança, 129, 131
Tribuna, La, 96, 97, 101, 134

unitário(s), 46, 52, 66, 67, 71, 143, 146, 147, 156, 173
Urquiza, general Justo José de, 17, 24, 26, 27, 29, 31, 39

vadiagem, 12, 13
vadios, 20, 21, 28
vaqueano, 39, 41
Varnhagen, 123
Velásquez, 172
Vernet, Miguel, 116, 117
vestuário, 91
viajantes europeus, 173
Vico, J. B., 60
Videla, 100
Villemais, 60, 189
Vitrúvio, 162
Voltaire, 10, 58

Washington, George, 97, 196, 201
Weelright, 80

Zapata, J. Eusebio del Llano, 146
Zurbarán, F. de, 172

Impresso por W. Roth & Cia. Ltda.

2195

24. **MALTHUS**
Tamás Szmrecsányi

25. **MANNHEIM**
Marialice M. Foracchi

26. **CAIO PRADO Jr.**
Francisco Iglésias

27. **MARIÁTEGUI**
Manoel L. Bellotto e Anna Maria M. Corrêa

28. **DEUTSCHER**
Juarez Brandão Lopes

29. **STALIN**
José Paulo Netto

30. **MAO TSE-TUNG**
Eder Sader

31. **MARX** (Economia)
Paul Singer

32. **MELANIE KLEIN**
Fábio A. Herrmann e Amazonas A. Lima

33. **CELSO FURTADO**
Francisco de Oliveira

34. **SIMMEL**
Evaristo de Moraes Filho

35. **SARMIENTO**
León Pomer

36. **MARX-ENGELS**
Florestan Fernandes